

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MATO GROSSO DO SUL
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

YASMIN OLIVEIRA CABRAL

A criação cinematográfica na educação estético-humanista do(a) professor(a)

CORUMBÁ

2022

YASMIN OLIVEIRA CABRAL

A criação cinematográfica na educação estético-humanista do(a) professor(a)

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação/CPAN da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Linha de pesquisa: Práticas educativas, formação de professores(as)/educadores(as) em espaços escolares e não escolares.

Orientadora: Prof^a Dr^a. Erika Natacha Fernandes de Andrade

CORUMBÁ

2022

Nome: CABRAL, Yasmin Oliveira.

Título: A criação cinematográfica na educação estético-humanista do(a) professor(a).

Dissertação apresentada à Universidade Federal do Mato Grosso do Sul para obtenção do título de Mestre em Educação.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

AGRADECIMENTO

Há mais de cem anos atrás Vigotski (2009, p. 56) afirmou: “Através dos outros, nos tornamos nós mesmos”. Em todos os meus anos estudando a teoria Histórico-cultural, essa afirmação nunca foi tão concreta como agora, que escrevo esses agradecimentos. Devo dizer, gratidão é um dos sentimentos que mais senti no decorrer desse caótico processo de mestrado. Desde o momento que entrei até essa etapa final, em meus momentos de angústia, frustração e também de alegria e orgulho, havia esse coletivo de pessoas ao meu redor, dando-me apoio e carinho. Crescer, evoluir, desenvolver são palavras que me ocorrem quando penso em vocês, que me deram a mão, um empurrãozinho ou até mesmo me carregaram na escada da vida durante o mestrado. A essas pessoas, quero deixar aqui registrado a minha eterna gratidão.

Primeiramente, a minha família que me aguentou em cada estágio, vitória e derrota da vida. Obrigada pelas risadas, pelos abraços, pelas palavras de consolo e conselhos, por me aguentarem e por limparem minhas lágrimas: mãe (Maria Franciane), pai (Nilson), irmã (Laura) e meu fiel parceiro canino, Barackinho. Passamos cada bocado, não é? Contudo, perseveramos e sobrevivemos, estamos todos aqui firmes, fortes e com saúde.

Agradeço a minha segunda família, minhas amigas, amigos, amigues e *my darlings*. Vocês me acolheram, ouviram-me, lembraram-me de que tudo ficaria bem quando mais precisiei. A pandemia ao mesmo que nos deixou longe, também nos aproximou um do outro e, de alguma forma, fortalecemos nossos vínculos. Obrigada às fabulosas psicoamigas Talita, Estefany e Inês. Obrigada às maravilhosas dorameiras Angelica, Fernanda, Tânia e Adrieli. Obrigada aos extraordinários Fofuquers Aly, Baby, Biah, Cat, Cami, Milah, Dami, Gabs, Gabi, Gege, Lari, Matheus, Mari, Nath e Ste. E grande obrigada e abraço à perspicaz Elise. Vocês foram luz nesses últimos três anos e trouxeram a doçura que eu precisava em momentos de ansiedade, desespero e também comemorações em minhas vitórias e alegrias.

Quero agradecer à minha psicóloga, Ariane, que começou a me atender no início do mestrado e acompanhou toda a minha jornada até aqui. Você me ajudou a evoluir como ser humano e a aprender a abraçar a Yasmin por inteiro; serei eternamente grata a cada risada e lágrima dentro das nossas sessões. E falando em terapia, gratidão aos meus colegas de turma de mestrado, em especial à Tatiana – minha colega de orientação e confidente, guerreira que enfrentou este processo de mestrado com força e coragem – embora a pandemia tenha nos roubado tanto, nossos momentos de companheirismo em sala de aula, discutindo tudo menos a matéria, enquanto compartilhávamos sorvete ou café; são memórias que guardarei em meu coração.

Minha eterna gratidão aos personagens desta pesquisa, além de mim, a narradora, os protagonistas de “Tramas Poéticas”: Ana, Carlos, Catarina, Drakonarius, Fernanda, Izabella e Maria Helena (irei utilizar seus nomes fictícios por razões éticas). Obrigada por toparem o desafio, não só de fazer a formação *online*, mas também participar da pesquisa. Saibam que são profissionais fenomenais e tenham certeza de que, parafraseando Catarina, vocês escreveram na minha alma. Nossas vivências estéticas foram uma indescritível aventura poética; obrigada.

Agradeço também à minha orientadora, Erika, por aceitar me orientar, por ter a paciência de uma santa e me impulsionara crescer como pesquisadora. Enfrentamos diversas adversidades, a pandemia, a distância, a internet ruim, contudo, como dizia Jorge Amado (2008, p. 9) “Mas eu o tentarei, como ele próprio aconselhava, pois o importante é tentar, mesmo o impossível.”. O que criamos e nos propomos nesta pesquisa foi realizar quase o impossível no meio da pandemia; eu lhe agradeço por ter topado e me incentivado a fazer e viver comigo a aventura “Tramas Poéticas”. Obrigada pelo suporte, pelas críticas e pelas novas percepções poéticas do mundo.

Por fim, uma grande obrigada às integrantes da minha banca: Prof^a Dra. Constantina Xavier Filha, Prof.^a Dra. Elaine Sampaio Araujo e Prof.^a Dra. Marcia Regina do Nascimento Sambugari. Para mim, é uma honra inenarrável ter em minha banca pesquisadoras tão competentes e respeitadas no campo da educação brasileira. Tenho uma enorme admiração pelo trabalho de cada uma de vocês e espero um dia ser um décimo das profissionais que vocês são. Obrigada pelas sugestões, pelas críticas e indicações de leituras; assim como minha orientadora, vocês também foram personagens importantes nesta minha jornada como pesquisadora.

Diga quem é você, diga a verdade em sua vida e em seu trabalho. Diga a alguém lá fora que está perdido, para alguém que ainda não nasceu, para alguém que só vai nascer daqui a 500 anos. Sua escrita é um registro do seu presente. Não tem como ser outra coisa. Porém, o mais importante, é se você é honesto sobre quem você é, irá ajudar uma pessoa a ser menos sozinha no mundo deles porque essa pessoa irá reconhecer a si mesmo em você e isso os dará esperança. (Charlie Kaufman, 2011, tradução nossa.)

RESUMO

CABRAL, Yasmin Oliveira. **A criação cinematográfica na educação estético-humanista do(a) professor(a)**. 2022. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campus do Pantanal. Corumbá, 2022

Esta pesquisa vincula-se à Linha de Pesquisa *Práticas educativas, formação de professores(as)/educadores(as) em espaços escolares e não escolares* do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Campus do Pantanal (PPGE UFMS/CPAN) e ao grupo de pesquisa *Discursos e Práticas Poéticas na Educação* (UFMS-CPAN/CNPq). O estudo tem como pressuposto teórico o ideário de Lev Vigotski (1896-1934), em especial a centralidade da vivência (*perejivânie*), organizada de modo a respeitar os seus princípios estéticos, para promover o engrandecimento expressivo e poético dos indivíduos, tornando-os cada vez mais capazes de imaginar e criar mundos diferentes, com relações e ações humanizadas. Também são considerados estudos teóricos sobre a arte cinematográfica, que apresenta como área de conhecimento com potencial para impulsionar a educação estética e humanista do (a) professor(a). Tendo em vista tal arcabouço teórico, o objetivo geral desta pesquisa é analisar o potencial da arte cinematográfica para a educação estética e porquanto humanista do professor(a); também foram vislumbradas as seguintes ações de pesquisa: compreender, teoricamente, as relações entre vivência estética, criação cinematográfica e formação de professores (as); vivenciar a criação de um curta-metragem com professores(as); analisar o discurso dos(as) professores(as) sobre o potencial formativo da vivência com arte, em específico com a criação cinematográfica, inclusive considerando o cenário de pandemia. A metodologia da pesquisa abarcou duas etapas; a primeira consistiu em um estudo bibliográfico, para desenvolver as discussões teóricas pretendidas na relação com as proposições de Vigotski sobre estética, arte e formação humanista; a segunda diz respeito a um estudo empírico, uma pesquisa participante, com processo que abarcou debates sobre a criação cinematográfica e a produção de dois curtas-metragens com um grupo de sete professores(as); foram realizados registros acerca das vivências com os(as) professores(as) e duas entrevistas semiestruturadas com cada participante da práxis, no início e no término do processo de trabalho empírico e coletivo. Os dados mostram que a arte cinematográfica tem potencial para envolver os indivíduos em um processo coletivo que potencializa *perejivânie*, especialmente mediante a possibilidade de deslocamentos dos sujeitos e de conhecimentos de realidades/noções diferentes das vivências pessoais. A arte no desenvolvimento profissional dos docentes também impulsiona a voluntariedade, inclusive a vontade de criar – uma criação que pode ser de sentidos, de narrativas, de tempos e espaços, de currículo e de propostas pedagógicas. A arte se torna poderosa, ainda, para mediar o desenvolvimento da sensibilidade dos(as) professores(as), tensionando as suas formas de pensar e de agir, abrindo brechas para mais conscientizações; em meio a programas de formação com as artes, os(as) professores(as) também se sentem impelidos a expressar temas/assuntos necessários de serem tratados, inclusive teoricamente e com mais profundidade, em formações posteriores. No que tange à arte cinematográfica, em específico, o seu potencial para a formação de professores(as) remete à possibilidade de representar e recriar a realidade por meio da própria realidade; o cinema fortalece a possibilidade de leitura histórica e social dos fenômenos vividos e também de criação poética dos mesmos, pois as suas composições envolverão pessoas, seres, cenários, temas, movimentos, iluminações, sonoridades, que são próximos à vida, apresentando mais potencial persuasivo, ou seja, convencendo de que é preciso analisar situações e criar arranjos de vida poéticos, que fortaleçam o desenvolvimento omnilateral do ser humano.

Palavras-chave: Cinema. Educação estética. Teoria histórico-cultural. Profissão docente.

ABSTRACT

CABRAL, Yasmin Oliveira. **The cinematographic creation in the aesthetic-humanist education of the teacher.** 2022. Dissertation (Master's degree in Education). Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campus do Pantanal. Corumbá, 2022.

This research is linked to the Research Line Educational practices, training of teachers/educators in school and non-school spaces of the Graduate Program in Education of the Federal University of Mato Grosso do Sul – Campus do Pantanal (PPGE UFMS/CPAN) and the research group Discourses and Poetic Practices in Education (UFMS-CPAN/CNPq). The study is theoretically based on the ideas of Lev Vygotsky (1896-1934), especially the centrality of experience (*perezhivanie*), organized in order to respect its aesthetic principles, to promote the expressive and poetic aggrandizement of individuals, making them increasingly capable of imagining and creating different worlds, with humanized relationships and actions. Theoretical studies on cinematographic art are also considered, which it presents as an area of knowledge with the potential to increasing the teacher's aesthetic and humanist education. Considering the theoretical branch, this research's main objective is to analyze the potential of cinematographic art for the aesthetic education, and therefore humanist, of the teacher; the following research actions were also envisioned: theoretically understanding the relationships between aesthetic experience, cinematographic creation and teacher training; experience the creation of a short film with teachers; to analyze the teachers' discourse on the formative potential of living with art, specifically with cinematographic creation considering the pandemic scenario. The research methodology covered two stages; the first consisted of a bibliographic study to develop the theoretical discussions intended in relation to Vygotsky's propositions on aesthetics, art and humanist training; the second is about an empirical study, a participant observation., that included debates on cinematographic creation and the production of two short films with a group of seven teachers; records were made about the experiences with the teachers and two semi-structured interviews with each praxis participant, at the beginning and end of the empirical process. The data show that cinematographic art has the potential to involve individuals in a collective process that enhances *perezhivanie*, especially through the possibility of move the subjects and your knowledge of realities/notions different from personal experiences. Art in the teacher's' professional development can also encourages voluntarism, which includes the will to create – a creation that can be meaningful within narratives, and perception of time and space, curriculum, and pedagogical proposals. Art also becomes powerful way to mediate the development of teachers' sensitivity, straining their ways of thinking and acting, opening gaps for more awareness; in the midst of training programs with the arts, teachers also felt compelled to express themes/subjects that needed to be addressed, theoretically and in more depth, in future training programs. About cinematographic art, in particular, and its potential for teacher training refers to the possibility of representing and recreating reality through reality itself; cinema strengthens the possibility of historical and social reading of the world, besides the poetic creation of them, because its compositions will involve people, beings, scenarios, themes, movements, lighting, sounds, which are close to life itself, presenting more persuasive potential, that is, convincing that it is necessary to analyze situations and create poetic ways of living that will strengthen the omnilateral development of the human being.

Keywords: Cinema. Aesthetic education. Cultural-historical theory. Teaching profession.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Levantamento de produções científicas sobre a criação cinematográfica dentro do espaço educacional brasileiro entre 2009 a 2020.....	21
Tabela 2 - Levantamento de produções científicas sobre a criação cinematográfica dentro do espaço educacional internacional entre 2009 a 2020.....	22
Tabela 3 - Levantamento de produções científicas sobre a criação cinematográfica na formação de professores(as) no espaço educacional brasileiro entre 2009 a 2020.....	25
Tabela 4 - Levantamento de produções científicas sobre a criação cinematográfica na formação de professores(as) no espaço educacional internacional entre 2009 a 2020.....	26
Tabela 5 – Relação dos encontros da formação “Tramas Poéticas – Criação Cinematográfica com Professores(as)”.....	32
Tabela 6 – Relação dos professores(as) participantes da formação “Tramas Poéticas – Criação Cinematográfica com Professores(as)”.....	47

Sumário

CENA I - A PRÉ-PRODUÇÃO.....	11
PRIMEIRAS LINHAS DA TESSITURA DE “TRAMAS POÉTICAS”	11
1.1 Prelúdio: inquietações de uma narradora.....	12
1.2 Exploração do campo temático.....	17
1.2.1 Elaborando o enredo: Arte, vivência estética e desenvolvimento humano.	17
1.2.2 Enquadramento teórico: arte cinematográfica e formação humana.....	20
1.2.3 Panorama de pesquisa: a produção científica sobre a arte cinematográfica no contexto escolar e na formação do professor(a).....	24
1.3 <i>Mise-en-scène</i> : delineamentos metodológicos.	33
CENA II – ENUNCIÇÃO: A FORMAÇÃO HUMANISTA, EDUCAÇÃO ESTÉTICA E CRIAÇÃO CINEMATOGRAFICA	42
2.1. Formação humanista e educação estética do(a) professor(as).....	42
2.2. Arte cinematográfica e a garantia do direito à educação estética.	47
CENA III – A PRODUÇÃO: DISCURSO DOS(AS) PROFESSORES(AS) SOBRE O POTENCIAL FORMATIVO DA ARTE CINEMATOGRAFICA	52
3.1 Protagonistas do projeto “Tramas Poéticas – Criação Cinematográfica com Professores(as)”.....	52
3.2 Arte e coletividade.....	54
3.3 A vontade de criar.....	59
3.4 Arte, cinema e humanização.....	68
3.5 Arte e consciência crítica: infância, docência e escola.....	75
3.6 Potencial da arte cinematográfica para a educação estética e para o desenvolvimento profissional do(a) professor(a).....	80
CENA IV – PÓS-PRODUÇÃO: CONCLUSÕES	87
4.1. Epílogo: “Tramas Poéticas – Criação Cinematográfica com Professores(as)”	87
REFERÊNCIAS	90
VIDEOGRAFIA	100
ANEXOS	101
APÊNDICE	107

CENA I - A PRÉ-PRODUÇÃO

PRIMEIRAS LINHAS DA TESSITURA DE “TRAMAS POÉTICAS”

O impulso, no começo, é copiar. E isso não é ruim. Muitos de nós só encontraram a própria voz depois de soar como várias pessoas. Mas a única coisa que só você e mais ninguém tem é *você*. Sua voz, sua mente, sua história, sua visão. Então escreva e desenhe e construa e toque e dance e viva como só você pode (GAIMAN, Neil, 2014, p. 54).

Antes de iniciar a leitura deste trabalho, esclarece-se ao(a) leitor(a) a proposta da autora em estruturar o corpo textual inspirada na temática do cinema. Tal configuração alinha-se ao arcabouço teórico da pesquisa, no sentido de que Vigotski (1999a) rejeita o estudo da arte sob uma ótica dicotomizada, defendendo que conteúdo – o material da obra – e a forma – a estruturação da obra de arte – são elementos indissociáveis e intrinsecamente relacionados na obra artística. Seguindo essa proposição de análise da obra como unidade, o fio condutor narrativo da dissertação traça paralelo com as fases de produção fílmica: pré-produção, que se refere à etapa inicial preparatória para a gravação; produção, quando a preparação é colocada em prática e se realiza a filmagem; e pós-produção, estágio final do processo fílmico, no qual ocorre a edição e inserção de efeitos especiais, sonoros e visuais.

Indo além, emprestando-se de termos cinematográficos, cada seção será denominada de cena, palavra definida no mundo cinematográfico como a unidade de ação no roteiro (AUMONT, MARIE, 2003). A dissertação estruturou-se em quatro cenas, cada segmento referindo a uma etapa de ação feita durante a pesquisa. Inicia-se com Cena I – Pré-produção: primeiras linhas para a tessitura de “Tramas Poéticas”, seção introdutória, com apontamentos iniciais sobre a arte, o cinema e a educação com a arte cinematográfica; consideramos que os estudos iniciais configuram uma etapa de pré-produção na arte e na pesquisa. A segunda seção, Cena II – Enunciação: a formação humanista, a educação estética e a criação cinematográfica convidam o leitor a percorrer caminhos de discussões teóricas, especialmente sobre a educação estética e a formação humanística e omnilateral do ser humano; são enunciações necessárias – acordos teóricos importantes de serem engendrados – para produções em quaisquer áreas do conhecimento. Já na terceira seção, Cena III – A produção: discurso dos(as) professores(as) sobre o potencial formativo da arte cinematográfica, vislumbra-se o tão esperado feitiço de conhecimentos, tecidos a partir dos dados coletados, dos processos de investigação vivenciados; no cinema essa é a etapa da produção fílmica realizada,

também, a partir do material organizado, coletado e editado. Por fim, na quarta seção Cena IV – Pós-produção, o objetivo é compartilhar conclusões sobre o processo vivenciado; considerações que buscam unir, ou amarrar linhas soltas (pelo menos algumas linhas, a fim de alcançarmos tramas mais trabalhadas), é um momento importante nas artes, no cinema e, igualmente, em pesquisas nas áreas das Humanidades.

1.1 Prelúdio: inquietações de uma narradora.

Primeiramente, peço ao(à) leitor(a) licença para utilizar a primeira pessoa em ordem de relatar a minha jornada pessoal com a arte cinematográfica. Justifico essa escolha de quebrar as regras da escrita científica por se alinhar à proposta poética da minha pesquisa; contudo, ressalto que essa transgressão será exclusiva desta subseção, o restante das seções, ou melhor, as demais Cenas seguirão o rigor gramatical dissertativo estabelecido pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

A temática do cinema que ancora o meu trabalho de pesquisa na educação é resultado de toda minha jornada, não só como pesquisadora, mas também pessoal. Cresci em uma família que nutre um profundo amor pela sétima arte; então mesmo com o fechamento do único estabelecimento de cinema na minha cidade natal, no começo dos anos 2000 – e acrescento que até os dias atuais o município permanece sem cinema – os filmes sempre estiveram presentes na minha vida. Entre minhas memórias de infância estão as idas às locadoras no final de semana e uma modesta coleção de mais de duzentos *DVDs*. Por conta dos gostos variados dos meus pais, e postura de compartilharem seus interesses com a família, minha irmã e eu assistíamos a diversos gêneros fílmicos enquanto crescíamos, apesar de termos uma preferência inicial por animações.

Além de potencializarem a espectadora cinéfila em mim, meus pais também foram responsáveis pelo meu interesse inicial no processo de fazer vídeos. Compramos nossa primeira câmera digital em 2007 – uma *Samsung* com modestos 12 *megapixels*, tecnologia considerada revolucionária em uma época em que celulares começavam a se tornar *smartphones*; com a câmera, eu brincava de gravar vídeos com minha irmã ou de tirar fotos. Infelizmente essas gravações foram perdidas, pois apenas fui aprender o que era um *Hard Disk* de computador e sua importância em 2012 – uma lição, caro leitor, à qual fui lembrada no decorrer desta pesquisa.

Esses gostos por filmes e câmeras permearam também minha adolescência, apesar de perderem certo espaço para a literatura e para a escrita. Tal fato, entretanto, não

diminuiu minha paixão por cinema; apenas ampliou meus interesses para outras formas de narrativas. É partir dos filmes e dos livros que tomei um interesse inicial pelo campo da psicologia e acabei por escolhê-la como profissão, iniciando a minha graduação na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – Campus do Pantanal (UFMS/CPAN) em 2013. Neste ponto da minha jornada, é inevitável não pensar em Vigotski (2003b), que disserta sobre o potencial do ser humano, com potenciais ilimitados, construindo-os e desenvolvendo-os a partir do movimento dialético com o seu meio cultural.

Diante do meu leque de vivências, percebo como meu interesse por artes foi potencializado, refinado e se integrou à minha jornada como pesquisadora em 2014, durante meu segundo ano de faculdade, quando surgiu a oportunidade de integrar ao Grupo de Estudo e Pesquisa em Cultura, Psicologia, Educação e Trabalho (CPET). A [Professora Doutora Beatriz Rosália Gomes Xavier Flandoli – personagem importante durante o período da minha graduação – coordenava o referido grupo e o projeto “Um novo olhar sobre a minha cidade”, cujo objetivo era pesquisar o impacto da produção de imagens e da escrita no desenvolvimento cognitivo e de processos psicológicos superiores, em estudantes do fundamental. Esse meu primeiro contato com o universo da pesquisa rendeu, no ano seguinte, o meu trabalho de Iniciação Científica “A imagem e escrita: uma busca da criatividade na linguagem”, apresentado e posteriormente publicado nos Anais do VI Seminário Internacional América Platina e I Colóquio Unbral de Estudos Fronteiriços (CABRAL; FLANDOLI, 2016). A experiência também proporcionou o meu primeiro contato com a teoria vigotskiana. Conheci Lev Vigotski (1896-1934) e alguns de seus pressupostos teóricos em disciplinas do curso; a leitura de “A criação teatral na idade escolar”, que compõe a obra “Imaginação e criação na infância” (VIGOTSKI, 2018a) foi um divisor de água em minha jornada. Em retrospecto, reflito que a leitura desse livro traçou minha rota teórica em direção à Teoria Histórico-Cultural.

Tal reação sensibilizadora à leitura ocorreu, talvez, devido ao fato de que em paralelo com minha vida de estudante de graduação comecei a realizar trabalhos *freelance* de edição de vídeo e de criação de arte para eventos. Em uma poética coincidência, meu primeiro contato com edição de vídeo ocorreu por intermédio de um trabalho da disciplina de Desenvolvimento Humano, que compunha o corpo curricular da Psicologia. Minha mãe, professora concursada no município, atuando em escolas de educação infantil e dos anos iniciais do ensino fundamental, vendo esse meu novo interesse, ofereceu-me meu primeiro serviço de gravação em sala de aula: filmar o teatro “A menina do laço de fita”,

com uma turma de 1º ano (isto é, com crianças de 6 anos). Essa memória só posso definir como maravilhosamente caótica; eu não tinha noções de fundamentos cinematográficos; o trabalho foi alicerçado, apenas, na crença no potencial das crianças, na criatividade e na vontade de criar.

Essa primeira experiência com gravação e edição junto à turma de crianças é o capítulo inicial da minha trajetória em estudar a arte cinematográfica na relação com a educação e, ainda, sob o viés da Teoria Histórico-Cultural. No ano seguinte, quando minha mãe me propôs repetir a gravação teatral (a mesma história, mas com outra turma de crianças), eu fiz uma contraproposta: transformar o serviço *freelance* em um projeto de extensão, no qual eu estudaria e integraria o aporte teórico vigotskiano no processo de gravação. Como uma entusiasta de Vigotski, ela aceitou entusiasmadamente, então apresentei a ideia para a minha orientadora de Iniciação Científica e coordenadora do meu grupo de pesquisa, a Profª Drª Beatriz, que aceitou me orientar no novo projeto. Nasceu, então, o projeto “Contar e recriar: a engenhosidade infantil”, projeto vinculado à Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Assuntos Estudantis (PREAE), cujos resultados finais foram apresentados na Associação Brasileira de Psicologia Social (CABRAL, 2017a). A proposta objetivou promover vivências que possibilitavam o desenvolvimento infantil de uma turma do Pré II B de uma escola municipal (crianças de 5 anos). Os pressupostos vigotskianos me levaram à integração completa da criança ao processo de criação teatral; eu entendi que, sem prescindir da mediação do(a) professor(a), o teatro deve ocorrer “[...] pelas mãos e pela imaginação das crianças e somente assim a criação dramática adquire para elas todo o seu significado e toda a sua força.” (VIGOTSKI, 2018a, p.100).

Para dar um breve contexto, caro leitor, é necessário apontar dois fatos importantes sobre este trabalho de extensão mencionado: primeiramente, ele ocorreu durante o segundo semestre de 2016, período em que a universidade encontrava-se em greve; por conta dessa circunstância tive a oportunidade de ir quase todos os dias realizar o projeto e criar um vínculo mais rápido com a turma de crianças. O segundo fato se refere à proposta da professora, que indicou a adaptação de um trecho do livro *O Pequeno Príncipe* de Antoine de Saint-Exupéry (1943). A história tinha sido trabalhada e discutida com os(as) alunos(as) no decorrer do ano letivo; portanto, a turma havia se apropriado da narrativa e a tornado, em certo nível, sua.

Seguindo essa linha de raciocínio, desde o início busquei potencializar esse senso de escolha e de autoria com os(as) pequenos(as); eu apresentei a proposta de gravação e perguntei às crianças se gostariam de participar; eu também organizei o processo de

“audição” de atores para os papéis – a professora questionou se essa dinâmica levaria a uma competição entre os(as) pequenos(as), porém minha ideia era que a criança escolhesse o papel que quisesse fazer e, assim, não o fizesse porque um adulto achou mais apropriado. A produção também incluiu o trabalho da turma com produção de cenários, figurinos, adereços de cena e efeitos sonoros, além da apresentação de dança e a atuação. O produto final, o curta-metragem “O Pequeno Príncipe: Cativar” (CABRAL, 2016) foi publicado no *Youtube* e apresentado às famílias no final do ano.

Essa vivência suscitou em mim novos anseios e reflexões. Vigotski (2018a, p. 100) explica:

Na realidade, a criação teatral infantil, quando objetiva reproduzir diretamente as formas de teatro adulto, é uma atividade pouco conveniente para as crianças. Iniciar por um texto literário, decorar as falas, como fazem os atores profissionais, com palavras que nem sempre são entendidas e sentidas pela criança, engessa a criação infantil e transforma a criança no transmissor de palavras alheias encadeadas num texto. Eis porque estão bem mais próximas da compreensão infantil as peças compostas pelas próprias crianças ou produzidas e improvisadas por elas ao longo do processo de criação.

E se os(as) alunos(as) criassem suas histórias em vez de adaptar de algo? Ou, se fossem adaptar, poderiam fazer sua própria versão? Por que não inserir o(a) aluno(a) no processo de gravação também? E se eles fossem diretores? Essas inquietações serviram de norte da pesquisa “Reinventando o enredo: a cinematografia como instrumento de criação artística no contexto escolar” (CABRAL, 2017d), meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), para a graduação em Psicologia, orientado pela Prof^a Dr^a Beatriz Flandoli. Nessa nova empreitada, incorporei pela primeira vez o aspecto audiovisual ao processo de criação artística, deixando o fazer teatral para me envolver, especificamente, com o fazer cinematográfico.

Quase como o fechamento de um ciclo, retornei para a escola municipal em que realizei minha primeira pesquisa na Iniciação Científica e propus um projeto de criação cinematográfica para uma professora de português e para seus estudantes do nono ano. Felizmente, os(as) alunos(as) toparam o desafio e realizamos o curta-metragem e a pesquisa.

Nessa nova experiência, busquei dar maior liberdade de criação artística aos estudantes; então, durante um primeiro encontro ele(a)s elegeram de forma coletiva que o curta-metragem teria um roteiro original com a junção de dois temas: lendas urbanas e lenda folclóricas brasileiras. A prática deste TCC se diferenciou dos projetos anteriores, no sentido de que eu o organizei inspirada no processo de produção fílmica; assim,

estruturei grupos responsáveis por diferentes aspectos do fazer cinema – sendo dado aos(as) alunos(as) a opção de fazer parte de mais de um grupo de trabalho – como criação de roteiro, *cameraman*, diretor, diretor de som, diretor de arte, figurinos e atores. A experiência objetivou apresentar o fazer filmes, como possibilidade de promover o desenvolvimento da criação artística dentro do ambiente escolar. Os resultados foram dois vídeos publicados no *Youtube*: um se refere ao curta-metragem “Dia de terror: o mistério entre as lendas” (CABRAL, 2017c) e o outro consiste em uma edição dos bastidores, intitulado “Dia de Terror: erros de gravação” (CABRAL, 2017b)

Essas vivências passadas são diametralmente paralelas ao meu anseio de pesquisar e fomentar vivências sensíveis, imaginativas e criativas no indivíduo em espaço escolar. Meu trabalho de conclusão de curso, em particular, elencou e provocou novos questionamentos como a articulação teórica e a prática, os desafios de uma imaginação engessada pelo sistema atual de educação, a dinâmica escolar sob uma lógica mercadológica e a necessidade das vivências estéticas para os(as) alunos(as) e também para os(as) professores(as).

Minhas experiências com a produção de expressões artísticas audiovisuais, em sala de aula, também ultrapassaram o campo da pesquisa. Durante minha graduação até a atualidade, realizo serviços de filmagem e edição de forma profissional; nos últimos anos trabalhei para outras escolas, professores(as), para eventos e também produzi vídeos para o meu curso de graduação, durante eventos científicos. Recentemente trabalhei na produção de “Molongo, o ET” (OLIVEIRA; CABRAL; OLIVEIRA, 2021), um vídeo *lyrics* de animação para uma pesquisa de mestrado; editei o vídeo “A viagem da Formiguinha Sucupira” (CABRAL; 2021) em parceria com as alunas do 6^a ano do Curso de Pedagogia da UFMS-CPAN; e com a pandemia, surgiu uma demanda crescente de serviços de filmagem e edição de vídeos para professores(as).

No mestrado escolhi me voltar para outro sujeito dentro da dinâmica escolar, o(a) professor(a); mais especificamente, passo a me interessar pela vivência estética do docente em contextos de formação. A pesquisa que proponho é elaborada em meio ao projeto “Tramas Poéticas – Criação Cinematográfica com Professores(as)”, promovido por mim durante a pandemia de 2020.

Em relação ao meu papel dentro da pesquisa, reflito ser o mais apropriado me escalar no papel de narradora-personagem. Justifico essa nomenclatura considerando que no decorrer do processo da *práxis* assumi múltiplos papéis, entre eles, professora, pesquisadora, produtora executiva, diretora, organizadora, colaboradora e editora. Pinna

(2006, p.161) define o termo narradora-personagem como uma “[...] personagem da narrativa, sendo normalmente o protagonista, um dos protagonistas [...] ou ainda um auxiliar do protagonista, um adjuvante cujo papel, apesar de não ser o principal, possui destaque no enredo”. Sou protagonista nesta pesquisa, assim como o são os(as) professores(as) colaboradores(as), que participaram do Projeto “Tramas Poéticas”, os quais trazem dados riquíssimos para pensarmos a formação estética, humanística e omnilateral do ser humano. Penso que o termo narradora-personagem reflete a complexidade do meu papel, sem diminuir o protagonismo dos(as) professores(as) participantes da pesquisa.

1.2 Exploração do campo temático.

Observam-se semelhanças e paralelos entre a fase inicial dos processos de produção cinematográfica e a realização de uma pesquisa científica. Embora a pré-produção de um filme se caracterize a partir do momento que o estúdio assina o contrato, o desenvolvimento de um filme ocorre *a priori*. Os(as) idealizadores(as) – diretor, produtor e roteirista – de uma obra cinematográfica usualmente realizam pesquisas iniciais para elaborarem uma proposta de filme para o estúdio para, então, quando – e se – for aprovada, iniciar-se a fase de preparação – ou pré-produção – com ainda mais pesquisas e levantamentos de dados.

De forma similar, o processo de concretizar pesquisa se inicia com um levantamento teórico e elaboração de proposta para ser aprovada por Comitê de Ética Plataforma Brasil. Após o aval aceitação, a pesquisa pode, de fato, iniciar o movimento de execução. À vista dessas aproximações conceituais, as próximas subseções expõem o levantamento teórico inicial da temática desta dissertação.

1.2.1 Elaborando o enredo: Arte, vivência estética e desenvolvimento humano.

Conforme a teoria vigotskiana, o desenvolvimento do ser humano é promovido em meio à relação dialética entre o mundo externo (cultura, sociedade e o outro) e os modos singulares da pessoa sentir, perceber e significar o que é vivenciado (YASNITSKY, 2011). Assim sendo, a interação social e os acessos culturais são elementos centrais para auxiliar o indivíduo nesse contínuo ciclo de desenvolvimento da unidade significado social/sentido, inferindo constantemente em seus modos singulares

de perceber, pensar e agir. Contraria-se, portanto, a noção de que o sujeito nasce com um aparato biológico dotado de habilidades inatas e que o seu desenvolvimento psíquico ocorre naturalmente.

Todo o histórico do desenvolvimento mental da criança nos ensina que dos primeiros dias, a adaptação dela ao ambiente é alcançada por meio da interação social com as pessoas ao redor dela. O caminho da coisa para criança e da criança para coisa está no outro. A transição do biológico para o caminho do social do desenvolvimento é *link* central do desenvolvimento, um ponto cardinal na história do comportamento da criança (VIGOTSKI, 1999b, p.20, tradução nossa).

Estabelece-se então que o ser humano é uma criatura social; através da relação com o meio e o outro, o indivíduo se humaniza, transcendendo suas necessidades e possibilidades biológicas – ou funções elementares – para desenvolver variadas funções psicológicas superiores, como as que o possibilita significar, expressar, usar as linguagens, imaginar e criar. Tal desenvolvimento ontogênico do indivíduo é impulsionado por meio da mediação cultural; para Vigotski (1984), portanto, o indivíduo se apropria de seu contexto histórico-cultural pela mediação, valendo-se dos instrumentos e dos signos. Trata-se assim de uma dinâmica movida constantemente pela elaboração e reelaboração de significados sociais e sentidos pessoais, a partir das vivências próprias e alheias interiorizadas pelo sujeito.

Diferentemente dos outros animais na natureza, a humanidade possui a habilidade de usar a consciência para modificar o mundo ao seu redor, acumular conhecimentos através de suas gerações e criar a cultura (MELLO, 2004). A arte é um produto humano e cultural criado como um instrumento que medeia a relação dos indivíduos e dos coletivos com o mundo; a arte também é meio de propagação dos saberes histórico-culturais, linguísticos e expressivos elaborados pela humanidade. A criação, que é processo vital da arte, está presente em várias dimensões da vida do sujeito: em suas elaborações cotidianas ou nas ideias mais complexas, em suas produções culturais, artísticas, tecnológicas e científicas (VIGOTSKI, 2018a).

Retomando a história da humanidade, verificam-se que as produções culturais (inclusive as manufaturas que atualmente denominamos como arte pré-histórica) são criadas e manifestadas sob a dimensão coletivista social, sendo fundamental para a manutenção da vida comunitária. De acordo com Bock (2007), a partir do Renascimento, com a ruptura da supremacia religiosa e o surgimento do individualismo, o sujeito se vê em novo mundo, em uma encruzilhada de possibilidades e, conseqüentemente, em uma crise de identidade. A arte, nesse contexto, é ressignificada e passa a ser, também, uma

expressão subjetiva individual ou, em outras palavras, uma ferramenta subjetiva de expressão dos anseios do mundo interno da pessoa. Desse modo, para além de um mecanismo de expressão humana coletiva, a arte se torna um instrumento que possibilita ao sujeito se apropriar e tomar consciência do seu eu interno e do mundo ao seu redor.

A despeito de a arte assumir essa função de expressão individual, de manifestação estética do mundo interno do sujeito – ideia bastante acentuada com a comercialização das obras de arte no contexto capitalista – o entendimento de que a arte é, principalmente, uma ferramenta sociocultural que se manteve. Fischer (2002) explica a relação dialética entre sujeito, arte e meio cultural; segundo o pesquisador, uma plateia não se identifica de forma passiva com uma obra de arte; a audiência terá empatia e/ou repulsas pelos personagens e sua história e, a partir dessas paixões, refletirá e se apropriará da experiência proporcionada; esse conhecimento se manifestará externamente de forma reelaborada. Ou seja, os sentidos produzidos pelos sujeitos retornam para o meio cultural, onde podem se transformar em novos significados dentro da dimensão social.

O processo dialético por meio do qual o sujeito se apropria das vivências culturais e devolve para o meio uma resposta dos sentidos singulares elaborados, é nomeado por Vigotski (1999a, 2018b) como *pereživánie*. Para o psicólogo russo, o conceito de *pereživánie* é central para explicar o desenvolvimento da psique humana; este é um conceito que aborda o impacto singular das vivências, os sentidos particulares elaborados pelos indivíduos, assim como a responsabilidade do meio em possibilitar vivências com potencial para impulsionar a contínua recriação dos sentidos e significados humanos, auxiliando, assim, na promoção de próximos desenvolvimentos (VIGOTSKI, 2018b).

Andrade e Cunha (2020) mostram que o conceito vigotskiano *pereživánie* pode assumir a conotação de vivência estética, compreendida como processo com imenso potencial educativo, capaz de afetar a pessoa profundamente, de mobilizar interesses e ações, de provocar a apreensão dos saberes e dos afetos humanos, de propulsionar a construção de sentidos sobre o que é vivido e conhecido e, conseqüentemente, de impulsionar o desenvolvimento das pessoas. Contudo, não é qualquer fazer que pode ser considerado estético, educativo e com potencial para provocar a humanização. As atividades promotoras da vivência pautada em fundamentos que possuem qualidade estética são as que possibilitam às pessoas coordenar e elaborar os conteúdos da vida objetiva por meio de uma forma “lírica”, envolvendo “a sensibilização, a imaginação, a expressão e a criação” (ANDRADE; CUNHA, 2020, p. 14).

A arte é a linguagem principal na promoção das experiências estéticas, é o fio condutor do processo de catarse¹ conforme o ideário vigotskiano. A vivência fundamentada por princípios estéticos é consumada quando o produto artístico – ou o processo artístico – é expressivo a tal ponto de afetar emocionalmente a pessoa, que é mobilizada interna e externamente e cujos discursos internos provocam a criação de sentidos; estes, embora intraduzíveis, podem ser reelaborados pela palavra ou por outras linguagens. O sentido exposto e tornado consciente tem poder para transformar a pessoa e o meio. Ademais, quando o sentido é compartilhado, também pode ser utilizado para balizar outras mediações, em prol de novas aprendizagens e próximos desenvolvimentos (ANDRADE; CUNHA, 2020; OLIVEIRA; ANDRADE, 2020).

Considerando o aporte vigotskiano, é crível defender a centralidade da arte para impulsionar a vivência (*pereživánie*), para garantir as suas bases estéticas, para incentivar relações mais intensas com o mundo – com os saberes, os afetos e as interações – e para viabilizar a expressão de sentidos, fomentando a formação e o desenvolvimento humano. Mello (2004) e Machado e Stoltz (2017) corroboram que por meio das vivências e expressões artísticas, a pessoa em formação – seja a criança, o jovem ou o adulto – agrega sentido aos elementos do mundo externo e assim se apropria dos conteúdos apresentados, recriando-os através do processo de catarse que proporcionará a ressignificação de sua própria existência e da coletividade.

A próxima subseção é dedicada à apresentação do potencial estético, humanizador e educativo da arte cinematográfica; defendemos o desenvolvimento de trabalhos com a arte cinematográfica nos processos de formação humana.

1.2.2 Enquadramento teórico: arte cinematográfica e formação humana.

No mundo da sétima arte, um dos conceitos mais básicos de direção é o enquadramento da imagem. É através da posição que o (a) diretor (a) e o *cameraman* ou *camerawoman* delimitam e enfocam a visão da audiência. Partindo deste princípio de enfoque do público, esta subseção busca posicionar as possíveis relações teóricas entre a formação humana, sob a ótica da teoria histórico-cultural e a arte cinematográfica.

¹ De acordo com Faria, Dias e Camargo (2019) “Vigotski (1965/1999b) concebe a catarse como a característica principal da reação estética. Toda obra de arte se estrutura através de processos nos quais emoções angustiantes são opostamente transformadas e destruídas, descartadas; essa transformação complexa dos sentimentos é a catarse, que gera a reação estética. É a catarse que suscita o prazer na arte.”

O sujeito é um ser repleto de potencialidades e sempre está em um processo dinâmico de criação, expansão e reinvenção. O cinema surge como manifestação artística capaz de auxiliar o ser humano no processo de criar consciência de si mesmo e dar significado aos elementos do meio em que vive. A relação do indivíduo com o cinema apresenta-se como uma experiência lúdica que sensibiliza o aparato de percepções sensorial, emocional e intelectual do indivíduo (FANTIN, 2013).

O cinema – assim como outras manifestações artísticas – é ao mesmo tempo um produto do indivíduo e do coletivo, mantendo-se por meio de um ciclo dialético entre a pessoa e a humanidade. O sujeito apresenta um anseio interno de externalizar suas ideias e inspirações, encontrando a saída em uma forma artística – no caso a arte cinematográfica; as inspirações do artista não são inatas e independentes, mas mantêm relações com os saberes e com as vivências a que tem acesso; por sua vez, a forma artística nomeada cinema também advém do conhecimento histórico acumulado e elaborado continuamente pela humanidade. A obra cinematográfica, quando finalizada e compartilhada, agrega-se ao coletivo cultural, podendo ser fonte de inspiração – e de diálogo – para outros sujeitos ou grupos.

A ação humana de utilizar a encenação como recurso de narração é milenar, surgindo primeiramente na forma do teatro. Junior (1980) discorre que embora muitas pessoas considerem a Grécia Antiga como o berço do teatro, essa modalidade artística foi importada da civilização egípcia, onde se utilizavam encenações públicas como ritual religioso. O autor acrescenta que a arte teatral não foi exclusividade do contexto grego, considerando os indícios de que as encenações foram manifestadas em diversas culturas, paralelamente, como instrumento do anseio educativo dos coletivos de transmitir seus conhecimentos produzidos e acumulados.

Concomitante com os avanços tecnológicos da sociedade capitalista, a arte de encenação de histórias se reconfigurou do teatro para o cinema, a partir do final do século XIX. O cinema é concebido como uma manifestação artística, que recompõe a forma de narrativa encenada. Inicialmente, o cinema não tinha uma codificação própria e nesse sentido, cabe salientar, a qualidade multicultural de seu processo de construção que misturava o uso das lanternas mágicas – que originou-se na Holanda no século XVII; o teatro popular, presente em diversas civilizações como a egípcia, grega, indiana e chinesa; os cartuns e revistas ilustradas, populares na Inglaterra; e os cartões-postais, cuja origem datam da China, mas se popularizaram pelos britânicos (COSTA, 2006; TRUSZ, 2010; JUNIOR, 1980).

A arte cinematográfica abarca em sua produção múltiplas linguagens artísticas; pode-se dizer que, para além das linguagens usadas na narrativa teatral, o cinema faz um uso profundo da linguagem tecnológica, como a fotografia, a trilha de efeitos sonoros, a edição, a angulação das filmadoras etc. Assim, apesar da modalidade cinematográfica se originar da arte teatral, os processos de criação das duas são distintos; os seus produtos finais – a peça de teatro e o filme – também influenciam a audiência de maneiras diferentes, pois enquanto o teatro é ao vivo com o ator podendo interagir com plateia, o cinema precisa ser capaz de usar a linguagem para levar o espectador a uma experiência imersiva, mobilizando seus sentidos de forma mais acentuada.

No decorrer do século XX até os dias atuais, o cinema – também nomeado como a sétima arte – tornou-se um produto cultural de mais fácil acesso para as minorias do que as peças teatrais, caindo no gosto popular como forma relativamente barata de entretenimento. Nesse mesmo período, o filme – enquanto produto cinematográfico – foi adaptado para ser veiculado em dois formatos: (i) filmes em estabelecimentos; (ii) filmes em casa, com o advento da televisão, disponibilizados de forma gratuita e com veiculação para a população inteira. Houve também uma expansão nas estruturas narrativas da arte cinematográfica que, para além dos filmes, passou a elaborar seriados de televisão, novelas, videoclipes, programas de variedades, documentários, curta metragem entre outros. As diversas ramificações da arte cinematográfica possibilitaram firmar, na sociedade atual, o campo do conhecimento relativo à linguagem audiovisual, a qual também se torna parte da vida cotidiana da maioria da população. (BERGALA, 2008).

No Brasil, de acordo com Fonseca (2016), a partir dos idos de 1930, ocorrem tentativas de utilizar o cinema como instrumento de ensino nas escolas. O principal objetivo do uso do cinema nas escolas no decorrer do século XX – ainda prevalecendo no século XXI – foi o uso do filme-produto², por meio de cineclubes e debates. Fonseca (2016, p. 38) disserta que “As primeiras iniciativas de inclusão do cinema na educação tinham por objetivo civilizar e educar as massas, numa perspectiva que via o público como receptor passivo e carente de cultura”. Esse histórico não quer dizer que a aplicação do filme-produto em sala de aula seja um demérito; pelo contrário, é uma vivência que pode proporcionar experiências estéticas, viabilizando a formulação de sentidos que extrapolam os usuais, contribuindo para que os(as) alunos(as) analisem um assunto, ou um conteúdo, por meio de diferentes perspectivas (BEGARLA, 2008).

² Nomenclatura utilizada por Bergala (2008) para se referir a obra cinematográfica pronta, isto é, o produto final do processo de produção cinematográfica.

Abordando mudanças na relação entre educação e a cinematografia, Fonseca (2016, p. 38) diz que muitos dos projetos atuais “que levam cinema para a escola buscam a formação de pensamento crítico, criação de repertório” e “formação de gosto”; também há trabalhos voltados para a “produção”, isto é, “para a autoria e criticidade dos(as) alunos(as) que não são apenas espectadores dos filmes antes escolhidos por outrem”, mas também se tornam “curadores e organizadores de cineclubes nas escolas, roteiristas de vídeos, criadores de animações, entre outros”.

Bergala (2008) explica que com o salto tecnológico do final dos anos 90 para os anos 2000, e o boom do aparelho celular, câmeras digitais e utilização das redes sociais, os sujeitos ganham uma facilidade maior para criar suas próprias produções audiovisuais. Isso provoca uma mudança substancial, abrindo novas perspectivas e possibilidades para o trabalho com a arte cinematográfica na educação, que transcende a exibição do filme-produto como ferramenta expositiva de conteúdo.

O trabalho cinematográfico voltado para a formação estética e humanizada também se beneficia do desenvolvimento de concepções renovadas sobre o sujeito da educação. O educando – seja a criança, o adolescente, ou até o mesmo o jovem e o adulto – não mais é visto como um ser passivo, mas compreendido como um sujeito subjetivo e agente de transformações (RODRIGUES; BORGES; SILVA, 2014). Entende-se que nos processos de formação humana – escolar ou outros – a atividade, a singularidade e o protagonismo do indivíduo devem ser considerados em prol do desenvolvimento do ser humano crítico, consciente e criativo. Desse modo, é necessário ampliar as possibilidades de vivências estéticas do sujeito em formação, que utilizará variadas linguagens, inclusive as artísticas, para criar e expressar, alcançando novos patamares do desenvolvimento de funções superiores psíquicas.

A integração do sujeito no processo de fazer cinema pode potencializar a riqueza e a amplitude das experiências capazes de incitar o seu desenvolvimento imaginativo e criativo. A criação cinematográfica promove a participação do sujeito em explorações, apreciações e atividades de construção; também envolve a garantia do acesso a instrumentos, materiais, signos e modos de operação relativos à linguagem audiovisual e a outros novos pontos de vistas que o cinema pode proporcionar para a audiência; estrutura-se um ambiente favorável para a apropriação dos conhecimentos relativos ao mundo externo, aos papéis sociais, aos afetos e às relações humanas.

Para além da apropriação, o fazer cinema também leva o educando a participar de um processo de construção e desconstrução lírica do material apreendido, o que

viabilizam ligações imaginárias inéditas e o fazer poético – isto é, o alcance de uma produção que traz algo novo ou autêntico para o eu e para o coletivo. Isso é possível porque o processo de criação cinematográfica, facultando o encontro da pessoa com outros saberes e outras possibilidades afetivas, provoca mais emoções e paixões, de modo que o indivíduo passa a desejar e a fantasiar mediante forma e intensidade que não seriam possíveis na realidade concreta e cotidiana.

O cinema – enquanto experiência estética e processo criativo que possibilita o enriquecimento cultural e a produção artística – pode e deve ser levado para as escolas, para os processos de formação humana, inclusive para as formações iniciais e continuadas dos profissionais da educação. Para Bergala (2008, p. 171), “há algo de insubstituível” na experiência de criação cinematográfica na formação humana; é uma experiência “vivida tanto no corpo quanto no cérebro, um saber de outra ordem, que não se pode adquirir apenas pela análise dos filmes, por melhor que sejam conduzidos”.

Pelos motivos apresentados, defendemos nesta pesquisa a centralidade da arte/criação cinematográfica nos processos de formação humana, visando o desenvolvimento cultural, expressivo, linguístico, imaginativo, criativo e poético dos indivíduos. Na subseção a seguir, apresentamos um levantamento bibliográfico em relação às pesquisas envolvendo cinema no contexto da educação.

1.2.3 Panorama de pesquisa: a produção científica sobre a arte cinematográfica no contexto escolar e na formação do professor(a).

Para compreender como tem sido articulada a presença da arte cinematográfica nas escolas, foi realizado um levantamento bibliográfico relativo ao trabalho com cinema na educação brasileira e internacional nas plataformas Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e Google Acadêmico, entre o período de 2009 a 2020.³

Os descritores utilizados no levantamento de dados foram: arte cinematográfica e escola; arte cinematográfica e educação; linguagem cinematografia e educação; fazer cinema na escola; arte cinematográfica e educação infantil, cinema na educação infantil.

³ No que tange à produção internacional foram considerados os trabalhos redigidos em espanhol, português de Portugal e em inglês.

Houve a intencionalidade de entender, também, a presença da arte cinematográfica (ou do cinema) nas instituições durante a primeira fase da educação básica. Mediante a leitura dos resumos, foram selecionadas somente as pesquisas que se voltavam para a criação cinematográfica com os(as) alunos(as), em vez do uso do filme-produto na dinâmica pedagógica.

No que diz respeito à realidade brasileira foram encontradas catorze (14) produções conforme consta na Tabela 1. Verificou-se dentro dessa estatística que nove (9) trabalhos foram realizados no ensino fundamental; três (3) ocorreram com turmas do ensino médio e duas (2) pesquisas foram desenvolvidas na educação infantil.

Tabela 1 – Levantamento de produções científicas sobre a criação cinematográfica dentro do espaço educacional brasileiro entre 2009 a 2020.

Título	Autor	Ano	Fonte	Nível escolar	Link
Fazer cinema na educação – uma utopia em construção	MIRANDA, C. E. A.	2010	CAPES	Ensino Fundamental	https://revistas.ufrj.br/index.php/rce/article/view/1599/1447
O cinema e as narrativas de crianças e jovens: reflexões iniciais	FERNANDES, A. H.	2010	CAPES	Ensino Fundamental	https://revistas.ufrj.br/index.php/rce/article/view/1615/1463
A escola infantil e o cinema	PEREIRA, T. R.	2012	CAPES	Educação Infantil	https://doi.org/10.5007/1980-4512.2012n26p108
As Bruxas no Divã: o desafio de ser criativo e ousar no ensino de artes.	BESS, M. L.; ROSSA, M. L.; VANZIN, T.	2012	CAPES	Educação Infantil	https://doi.org/10.5007/2175-795X.2012v30n2p531
Educação e cinema – Uma experiência de emancipação com a prática do stop motion nas aulas de ciências	ERNST, P; SILVEIRA, R. M.C.F.; LIMA, S. A. de	2014	Google acadêmico	Ensino Fundamental	http://sinect.com.br/anais2014/anais2014/artigos/linguagem-e-cognicao-no-ensino-de-ciencia-e-tecnologia/01409351947.pdf
Linguagem cinematográfica na educação: aproximação do cinema como arte no ensino fundamental	DEUS, A. I. S. DE PEREIRA, C. R.	2014	Google acadêmico	Ensino Fundamental	http://coral.ufsm.br/gepeis/images/Livros/LINGUAGEM_CINEMATOGRAFICA%20C3%81FICA.pdf
Produção de filme de animação com e para crianças: os pensamentos podem virar arte	XAVIER FILHA, C.	2015	CAPES	Ensino Fundamental	https://doi.org/10.5007/2175-795X.2015v33n3p1091
Da língua portuguesa à linguagem cinematográfica: do roteiro ao vídeo	CAPRECCI, D. S.	2016	Google acadêmico	Ensino Médio	http://bibliotecatede.uninove.br/handle/tede/1211

Luz, câmera e educação: o cinema em contextos Educacionais	TRINDADE, L. L.; REZENDE, P. C. M.	2016	CAPES	Ensino Fundamental	http://dx.doi.org/10.5902/1984644417378
Infâncias, olhares e montagens: experiências e pesquisas com crianças e educação	LEITE, C. D. P.; LEITE, A. R. I. P.; CHRISTOFOLETI, R.	2017	CAPES	Educação Infantil e Ensino Fundamental	https://doi.org/10.20396/etd.v19i2.8647544
O uso do stop-motion como prática pedagógica no ensino de geografia no contexto do EM	PAULA, J. L. de; PAULA, J. L. de; HENRIQUE, A. L. S.	2017	CAPES	Ensino Médio	https://doi.org/10.15628/holos.2017.5774
Cinema no contexto escolar: por uma pedagogia da criação	BARBOSA, D. J. de M. L.	2018	Google acadêmico	Ensino Fundamental	https://www.udesc.br/arquivos/ceart/id_cpmenu/6635/DIOGO_BARBOSA_PROFARTES_UFPB_15561141856324_6635.pdf
Produção de curtas-metragens em contextos de sala de aula: leitura e fruição da linguagem cinematográfica	SANTOS, A. de S.	2018	CAPES	Ensino Médio	https://doi.org/10.21723/riaee.nesp1.v13.2018.11441
Brincar de fazer cinema com crianças: pensar em si e no mundo, fazer cinema brincando e o exercício do pensamento	XAVIER FILHA, C	2019	Google acadêmico	Ensino Fundamental	https://periodicos.upe.br/index.php/ocar/article/view/2347

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados levantados nas Plataformas CAPES e Google Acadêmico

Na Tabela 2 constam os dados internacionais; foram encontrados treze (13) produções científicas; verificou-se que dez (10) trabalhos foram realizados com crianças e adolescentes em uma etapa de ensino equivalente ao ensino fundamental brasileiro, duas (2) produções ocorreram na etapa de ensino equivalente ao ensino médio brasileiro e uma (1) pesquisa foi desenvolvida com crianças do jardim da infância, correspondendo à pré-escola brasileira.

Tabela 2 - Levantamento de produções científicas sobre a criação cinematográfica dentro do espaço educacional internacional entre 2009 a 2020

Título	Autor	Ano	Fonte	Nível escolar	Link
“Filming in Progress”: New spaces for multimodal designing	MILLS, K. A.	2010	CAPES	Equivalente ao Ensino Fundamental	https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0898589809000862
Lights, camera, action research: The effects of didactic digital movie making on students' twenty-first century learning skills and science	OCHSNER, K.	2010	Google acadêmico	Equivalente ao Ensino Fundamental	https://search.proquest.com/openview/695b4167f36b862648ba4bce91054aa6/1?pq-origsite=gscholar&cbl=18750&diss=y

content in the middle school classroom					
Students creating digital video in the primary classroom: student autonomy, learning outcomes, and professional learning communities	HENDERSON, M. et al	2010	Google acadêmico	Equivalente ao Ensino Fundamental	http://dro.deakin.edu.au/eserv/DU:30048318/henderson-studentscreating-2010.pdf
Acquiring learning skills by making movies – DV production in mother tongue education	PALMGREN-NEUVONEN, L.; KUMPULAINEN, K.	2011	Google acadêmico	Equivalente ao Ensino Fundamental	https://www.learntechlib.org/primary/p/36448/
The Space Movie Project: Digital Movie Making for Innovative, Real World Thinking	ROSE, T.	2012	Google acadêmico	Equivalente ao Ensino Médio	https://digitalcommons.murraystate.edu/postersatthecapitol/2012/Morehead/13/
Productive Participation - Children as Active Media Producers in Kindergarten	LEINONEN, J.; SINTONEN, S.	2014	Google acadêmico	Equivalente à Educação Infantil	https://www.idunn.no/file/pdf/66722073/productive_participation_%20children_as_active_media_produce.pdf
O prazer em estar na escola: a gala de cinema na aula	MARTINS, T. P. G. P.	2015	Google acadêmico	Equivalente ao Ensino Fundamental	https://core.ac.uk/download/pdf/43589367.pdf
Developing Digital Literacy in the Middle School Classroom	KIMBELL-LOPEZ, K.	2016	Google acadêmico	Equivalente ao Ensino Fundamental	https://doi.org/10.1080/07380569.2016.1249731
Engaging students and their publics through making sociological films	WALLER, V.e	2017	Google acadêmico	Equivalente ao Ensino Fundamental	https://doi.org/10.1177/1440783316688343
"Take one" - exploring the art of filmmaking in a CLIL approach to art education	STÜRMER, M.	2018	Google acadêmico	Equivalente ao Ensino Medio	https://othes.univie.ac.at/52609/
A Seed for Future Adoption: Mobile-Filmmaking in The Secondary Science Classroom	MARTIN, K.; DAVIS, L.; SANDRETTO, S.	2019	Google acadêmico	Equivalente ao Ensino Fundamental	https://www.learntechlib.org/p/210601/
Students as storytellers: mobile-filmmaking to improve student engagement in school science	MARTIN, K.; DAVIS, L.; SANDRETTO, S.	2019	Google acadêmico	Equivalente ao Ensino Fundamental	https://doi.org/10.2232/3/2.18050204
Reading, Writing, Cheetahs, Oh My!: Literacy, Collaborative Learning, and Making Movies	REAVES, M.; KAMBERELIS, G.	2019	Google acadêmico	Equivalente ao Ensino Fundamental	http://www.literacyandtechnology.org/uploads/1/3/6/8/136889/jlt_v20_1_reaves_kamberlis.pdf

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados levantados nas Plataformas CAPES e Google Acadêmico

A partir do levantamento bibliográfico sobre o cinema na escola, fica evidente que são poucas as publicações que tratam o processo de criação e produção com os(as) educandos(as). A esse respeito, Neves (2013, p.74) afirma que as dificuldades dos(as) professores(as)/pesquisadores(as) se devem ao fato do trabalho com a criação cinematográfica implicar uma metodologia que não contém uma “carta de princípios”;

pelo contrário, é um processo de constante problematização, ruptura e descontinuidades. Embora haja muitos interessados no assunto, os(as) profissionais, por receio, optam por não se aventurar no fazer cinema.

Mills (2010), Ochsner, (2010), Henderson (2010), Trindade e Rezende (2016) debatem a expectativa dos(as) professores(as) de terem que apresentar um produto-final perfeito e com nível de produção profissional; a hierarquização do produto em detrimento do processo e o imaginário de ter que alcançar a perfeição, também afasta o fazer cinema da escola e dos projetos desenvolvidos junto aos educandos. Sob essa ótica, os trabalhos mostram a importância de formações docentes em que o fazer cinema – assim como qualquer produto artístico produzido em âmbito educacional - seja valorizado não só pelo produto, mas, principalmente, pelas vivências estéticas propiciadas durante a criação.

Por outro lado, Bess, Rossa e Vanzin (2012, p.543) expõem um outro fator que contribui para esse cenário: a falta de equipamento e experiência técnica para se realizar as filmagens. Contudo, tal dificuldade pode ser superada mediante a readaptação com tecnologias similares; os(as) autores(as) afirmam que há uma variedade de formas de se aplicar a criação cinematográfica na escola, assim como em outros contextos de formação, pois os obstáculos podem ser superados com criatividade e imaginação, qualidades fundamentais no cinema. As pesquisas ainda mostram que o fazer cinema na escola tem envolvido diferentes temáticas, variados gêneros artísticos e uma amplitude de modalidades de filmagens, com câmeras digitais, celulares, técnicas de *stop-motion*, encenação corporal, etc. (XAVIER FILHA, 2015; TRINDADE; REZENDE, 2016; PAULA; PAULA; HENRIQUE, 2017; CAPRECCI, 2016).

Dentre os estudos, destaca-se o trabalho de produção cinematográfica na escola de Xavier Filha (2015), uma pesquisa que teve duração de quatro anos e a produção de seis curtas de animação com crianças do ensino fundamental. A autora aborda como a prática cinematográfica em sala de aula pode promover a integração de múltiplas manifestações da linguagem artística e, também, o progressivo domínio do fator técnico, que é um meio a mais para os(as) educandos(as) acessarem a dimensão emocional-criativa. Miranda (2010) e Fernandes (2010) corroboram com essa perspectiva, enfatizando a importância de envolver nesse processo de criação a linguagem das artes, as emoções e as ideias subjetivas, bem como a experiência técnica com os recursos audiovisuais para que se obtenha sucesso na prática.

A seguir constam os dados do levantamento bibliográfico relativo ao trabalho de criação cinematográfica na formação de professores(as); novamente, foram utilizadas as

plataformas Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e Google Acadêmico, considerando publicações durante o período de 2009 a 2020. Os descritores selecionados para a busca de dados nacionais foram: Arte cinematográfica + Formação Docente; Cinema + Formação Docente; Produção Audiovisual + Formação Docente; Fazer cinema + Formação Docente. Para as produções internacionais readaptaram-se os descritores para nomenclaturas equivalentes em inglês. O critério de filtro foi a identificar se utilizaram o processo de criação cinematográfica na formação de professores(as), ao invés da exibição e debate do produto-final filme nos resumos dos trabalhos.

Na Tabela 3 constam onze (11) produções de pesquisa que envolvem a criação cinematográfica no processo de formação docente. Desse número, nove (9) trabalhos foram realizados na formação inicial pedagógica, enquanto dois (2) aconteceram na formação continuada.

Tabela 3 - Levantamento de produções científicas sobre a criação cinematográfica na formação de professores(as) no espaço educacional brasileiro entre 2009 a 2020.

Título	Autor	Ano	Fonte	Tipo de formação	Link
Encontro com Pierre: educação, cinema e narrativa na formação docente	BARCELOS P.; COUTINHO L. M.	2010	CAPES	Formação Inicial	https://revistas.ufrj.br/index.php/rce/article/view/1605/1453
Mídias Digitais, Redes Sociais e Cinema: Um Caminho para a Formação Docente	GUIMARÃES, A. et al	2014	CAPES	Formação Inicial	http://www.iiisci.org/journal/CV\$/risci/pdfs/CB550CL14.pdf
Cinema e educação: experiências estéticas de formação mediadas pela sétima arte	OLIVEIRA, V. F. de et al	2015	CAPES	Formação Continuada	https://revformacaodocente.com.br/index.php/rbfpf/article/view/116
Cinema, prática de ensino de história e geografia e formação docente: Produção de curtas-metragens - experiências e estudos de caso	PERINELLI NETO, H.; PAZIANI, R.	2015	CAPES	Formação Inicial	https://doi.org/10.1590/0102-4698136609
A linguagem cinematográfica na formação docente: cinema e educação na ação pedagógica cinema	DEUS, A. I. S. de	2016	Google acadêmico	Formação Inicial	https://core.ac.uk/reader/229768050
Formação e autonomia docente: reflexões sobre a experiência cinematográfica nos ensinamentos de história e Geografia	PERINELLI NETO, H. et al	2016	CAPES	Formação Inicial	https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/20027/14812
Isso aqui está virando Brasil... Cinema e produções audiovisuais no espaço da formação de professores	OLIVEIRA, V. F. de	2017	Google acadêmico	Formação Inicial	https://www.redalyc.org/pdf/3370/337052479007.pdf

Produção audiovisual na formação de professores-pesquisadores: olhares compartilhados sobre o Parque Nacional da Restinga de Jurubatiba	COSTA, R. N.; BRANQUINHO, F. T. B.; PEREIRA, C. S.	2018	CAPES	Formação Inicial	https://revistas.ufpr.br/made/article/view/53591/35278
Metodologia audiovisual (participativa na formação de Professores: Produção de videoaulas	MALLMANN, E. M.; JORGE, L. K. C.	2019		Formação Inicial	https://periodicos.ufpe.br/revistas/emteia/article/view/240017/pdf
Celular, Sala de Aula e Produção de Vídeos: MOOC para Formação Audiovisual de Professores	LIAO, T.; PROENÇA, A. R. da C.	2020	Google acadêmico	Formação Contínua	https://eademfoco.cecierj.edu.br/index.php/Revista/article/view/923/515
Exibir e produzir cinema na escola: considerações sobre a prática na formação de professores	RECHE, B. D.; SILVA, M. C. da R. F. da	2020	Google acadêmico	Formação Inicial	https://revistas.unicentro.br/index.php/aproximacao/article/view/6366/4335

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados levantados nas Plataformas CAPES e Google Acadêmico

A Tabela 4 refere-se aos dados internacionais; seguindo o mesmo critério de filtro de resumos da produção nacional, foram encontradas seis (6) publicações científicas. A partir desse levantamento, verificou-se que cinco (5) trabalhos ocorreram durante a formação inicial docente, enquanto uma (1) pesquisa foi desenvolvida durante uma formação docente continuada.

Tabela 4 - Levantamento de produções científicas sobre a criação cinematográfica na formação de professores(as) no espaço educacional internacional entre 2009 a 2020

Título	Autor	Ano	Fonte	Tipo de formação	Link
Impacting Academic Achievement with Student Learners Teaching Digital Storytelling to Others: The ATTCSE Digital Video Project	FIGG, C.; MCCARTNEY, R.; GONSOULIN, W.	2010	Google acadêmico	Formação Continuada	https://www.learntechlib.org/primary/p/29373/.
Promoting Creative Thinking and Expression of Science Concepts Among Elementary Teacher Candidates Through Science Content Movie Creation and Showcasing.	HECHTER, R.; GUY, M.	2010	Google acadêmico	Formação Inicial	https://www.learntechlib.org/primary/p/32337/.
Let's make a movie: Investigating pre-service teachers' reflections on using video-recorded role playing cases in Turkey	KOC, M.	2011	Google acadêmico	Formação Inicial	https://doi.org/10.1016/j.tate.2010.07.006

Rethinking the use of video in teacher education: A holistic approach	MASATS, D.; DOOLY, M.	2011	Google acadêmico	Formação Inicial	https://doi.org/10.1016/j.tate.2011.04.004
Pre-service teachers' behavioral intention to make educational animated movies and their experiences	YILMAZ, R. M.; BAYDAS, O.	2016	Google acadêmico	Formação Inicial	https://doi.org/10.1016/j.chb.2016.05.015
Towards more efficiency in tutorials: Active teaching with modular classroom furniture and movie-making project	ABSI, R.; LAVARDE, M.; JEANNIN, L.	2018	Google acadêmico	Formação Inicial	https://ieeexplore.ieee.org/document/8363309

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados levantados nas Plataformas CAPES e Google Acadêmico

Entre os trabalhos, observa-se que Oliveira (2017, p.95) traz a crítica do estudo de filmes em sala de aula sob o “[...] o famoso pretexto de desenvolver o senso crítico”; segundo a autora, ao invés do desenvolvimento de um debate complexo e significativo, perpetua-se uma concepção de “[...] “pedagogismo”, ou seja, assistir filmes com caráter apenas pedagógico e moralizador”. Como mencionado, a exibição e discussão de filmes não é um exercício sem mérito no ambiente educacional. Entre os trabalhos publicados, muitos autores (DEUS, 2016; GUIMARÃES et al, 2014; OLIVEIRA et al, 2015; RECHE; SILVA, 2020) buscam aliar o uso do filme-produto junto ao processo de criação cinematográfica, vislumbrando a potencialização da vivência estética e da reflexão. Essa é uma postura de metodologia defendida por Bergala (2008), que defende o uso de filmes em sala de aula sob o conceito de análise de criação, proposta que consiste envolver os alunos e professor em uma discussão sobre o filme na perspectiva de compreender o processo de criação, levando em consideração o conteúdo do filme e as técnicas artísticas utilizada; tal estilo de análise objetiva levar a audiência à elaboração de sentidos, opondo-se, portanto, à análise cinematográfica clássica realizada em um processo de leitura e decodificação do conteúdo do filme.

Aprender a “gramática” cinematográfica e, desaprender uma série de conceitos e concepções, provocados por outras imagens, depoimentos, repertórios ainda não conhecidos é, segundo Migliorin (2015, p. 28), levar o cinema para a escola “não como texto ou como tema, mas como ato e criação. Não se trata de colocar o cinema na sala de aula porque ele pode dizer melhor o que já sabemos, mas porque ele tem uma forma sensível singular” (OLIVEIRA, 2017, p.100).

Tanto nos artigos brasileiros quanto nos internacionais, identifica-se que a pesquisa envolvendo a criação fílmica na formação docente vem seguindo dois caminhos; o primeiro se refere à criação cinematográfica com vistas a proporcionar vivências estéticas e artísticas, potencializando a formação cultural e a identidade do sujeito

(BARCELOS, COUTINHO, 2010; DEUS, 2016; GUIMARÃES et al, 2014; KOC, 2011; MASATS; DOOLY, 2011; OLIVEIRA, 2017; OLIVEIRA et al, 2015; RECHE, SILVA, 2020). Nessa linha da educação estética, o trabalho de Koc (2011) buscou debater a identidade profissional de licenciatura mediante a análise de conteúdo de vídeos produzidos pelo grupo, promovendo a sensibilização dos(as) futuros(as) professores(as). Já Masats e Dooly (2011) relatam a integração do processo de fazer vídeos no âmbito escolar com o objetivo de mediar a ressignificação dos papéis de professor(a) e de estudante, assim como as concepções sobre ensinar e ser ensinado.

Por outro lado, o segundo caminho percorrido pelas pesquisas que buscaram relacionar a criação cinematográfica e a formação docente diz respeito ao uso da linguagem audiovisual para o ensino de conteúdos pedagógicos (ABSI; LAVARDE; JEANNIN, 2018; COSTA; BRANQUINHO; PEREIRA, 2018; FIGG, MCCARTNEY, GONSOULIN, 2010; HECHTER; GUY, 2010; LIAO, PROENÇA, 2020; MALLMANN; JORGE, 2019; OLIVEIRA, 2017; PERINELLI NETO; PAZIANI, 2015; YILMAZ, BAYDAS, 2016). Esse dado, expõe que as pesquisas envolvendo o fazer cinema e seu aparato de sensibilização da docência para, além da lógica da didatização, é inferior ao uso do cinema como ferramenta de transmissão de conhecimento, em outras palavras, utilizam o cinema como meio para apreender outras áreas do conhecimento, ao invés de explorar o impacto que o processo em si tem.

Todavia, há caminhos sendo percorridos para a inserção da criação com a linguagem audiovisual na dinâmica formativa e educacional, é campo com possibilidades abertas tanto na pesquisa científica quanto nos relatos de experiência. De modo geral, o levantamento da produção jogou luz sobre o crescente espaço para a criação cinematográfica na escola, inclusive no âmbito da formação de professores(as), especialmente quando se almeja proporcionar aos sujeitos um caleidoscópio de experiências estéticas, artísticas, técnicas e expressivas com potencial para engrandecer os seus processos de desenvolvimento psíquico e de humanização.

Na próxima subseção buscamos expor os objetivos deste trabalho, assim como a metodologia utilizada. Apresentamos, ainda, uma contextualização da realidade pandêmica vivenciada durante a etapa de execução prática da pesquisa e suas implicações para a metodologia do trabalho.

1.3 *Mise-en-scène*: delineamentos metodológicos.

O termo *Mise-en-scène* dentro do mundo cinematográfico (e, também, no contexto de outras linguagens artísticas, como a dança) se refere à disposição dos elementos em cena, isto é, o cenário, os atores, as atrizes, o figurino, os objetos, a iluminação etc. Emprestando-se desse termo, a presente subseção apresenta o *mise-en-scène* da pesquisa; inicialmente, contextualiza-se o contexto singular em que ocorreu o trabalho, a pandemia; em seguida, explana-se o movimento teórico-metodológico e a estrutura da *práxis* investigativa, isto é, o processo do projeto “Tramas Poéticas”, que representa a etapa empírica da investigação.

Estudos, como os de Figueiredo e Santi (2006) e Kahhale (2002) ressaltam que em momentos e/ou contextos de crise a noção de subjetividade é mais sentida e percebida, ou seja, em momentos de conflito o sujeito tende a desencadear um movimento de transformações internas. Dentro dessas conjunturas, os indivíduos põem-se a pensar sobre o que fazem, sentem e pensam sobre eles mesmos; passam a questionar a sua relação com o coletivo, as causas das ações humanas e buscam ressignificar o eu, o meio e o futuro pessoal e comunitário.

O ano de 2020 se configurou como um cenário de crise mundial⁴, impactando fortemente não só contexto brasileiro, mas a esfera global. Com a identificação da Síndrome Respiratória Aguda Grave por Coronavírus 2 (SARS-CoV-2), causando a doença COVID-19, ao final de 2019 e a rápida disseminação desta enfermidade pelos países dos seis continentes, em março de 2020 a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou o planeta em estado de pandemia.

A hercúlea batalha contra a pandemia da COVID-19 mudou a estrutura política, social, econômica, científica, religiosa, educacional e cultural do mundo inteiro. Embora seja a maior onda contaminatória do século XXI, o Estado brasileiro infelizmente tem padecido como sendo o atual (25.05.20) epicentro da pandemia na América, ao lado dos Estados Unidos, sob a bandeira do negacionismo de boa parte dos representantes do governo federal (SILVA, 2020, p. 71).

Devido ao fato da COVID-19 ser uma doença que pode levar qualquer pessoa a quadros de gravidade extremos, a medida emergencial instaurada pelos governos estaduais, municipais e federais – especialmente devido à pressão de coletivos sanitários,

⁴ No dia da defesa final desta dissertação, 27 de maio de 2022, de acordo com o site *Worldometers* o Brasil contava com mais de 3,113,74 óbitos, e no mundo registrou-se 6,331,097 de óbitos decorrentes da COVID-19.

de grupos profissionais e dos sindicatos – foi o isolamento social; compreendeu-se que, nessa conjuntura, a sala de aula – local fechado que usualmente aglomera mais de vinte pessoas – seria um ambiente de risco à saúde pública. Portanto, como forma de enfrentamento do quadro de crise sanitária, decretou-se, em Mato Grosso do Sul, a suspensão temporária das aulas em março de 2020; com o crescimento exorbitante de casos de COVID-19 no Brasil – que conforme Pasini, Paula e Demenech (2021) passaram-se de 50 casos confirmados em março de 2020 para 500 mil casos em maio de 2021 – a medida de suspensão das aulas presenciais perdurou os anos de 2020 e 2021.

Nesse contexto de curva de crescimento avassalador da contaminação da COVID-19, a Secretaria Municipal de Educação (SEMED) de Corumbá, município no qual realizou-se esta pesquisa, determinou que todas as propostas educacionais ocorreriam mediante o regime de atividades remotas (CABRAL, 2020). A SEMED organizou a continuação do ano letivo por meio de plataforma *online* e atividades domiciliares – como roteiros de estudo, orientações e sugestões de leitura. Outra medida instaurada foi a implementação de canal de comunicação entre os(as) professores(as), as famílias e os(as) estudantes(as) por meio do aplicativo de mensagens *WhatsApp*; em alguns momentos, as escolas permaneceram abertas para receber famílias sem acesso à internet, com profissionais entregando as atividades domiciliares que as crianças teriam que realizar em casa (CARNEIRO, 2020).

Essa conjuntura do município e do país tensionou a vida dos sujeitos que, sofrendo interna e externamente, passaram a questionar as condições e os propósitos relativos à vida privada, ao trabalho e às relações sociais. No que diz respeito ao campo educacional, o contexto de crise pandêmica desencadeou um movimento de questionamentos, inclusive com posicionamentos de crítica sanitária e político-social, por parte dos(as) professores(as), educandos(as) e familiares; ao mesmo tempo, famílias, professores(as) e estudantes buscaram formas de articulação, mesmo em meio a sentimentos contraditórios e a emaranhados de emoções, inseguranças e esperanças.

Considerando este cenário singular, esta pesquisa foi readaptada e delineada para o contexto de crise pandêmica. Assim sendo, o estudo proposto em nível de mestrado buscou responder à seguinte questão: a arte cinematográfica é uma possibilidade concreta para proporcionar uma formação humanista, estética e omnilateral ao(a) professor(a)? Em outras palavras, qual o potencial das vivências artísticas para promover a educação estética e omnilateral dos(as) professores(as)? O objetivo geral da pesquisa foi, portanto, compreender o potencial da arte cinematográfica para a educação estética e, porquanto,

para a formação humanista do(a) professor(a); também foram vislumbradas as seguintes ações de pesquisa: (i) analisar, teoricamente, as relações entre vivência estética, criação cinematográfica e formação de professores(as) (ii) vivenciar a criação de um curta-metragem com professores(as); (iii) analisar o discurso dos(as) professores(as) sobre o potencial formativo da vivência com arte, em específico com a criação cinematográfica, inclusive considerando o cenário de pandemia.

Em termos metodológicos, a primeira etapa da pesquisa abarcou estudos bibliográficos para o desenvolvimento de discussões sobre arte, criação e formação estética na relação com as proposições da teoria histórico-cultural de Vigotski. Também foi realizado um estudo empírico, que consistiu na pesquisa participante envolvendo um processo de criação de curta-metragem com professores(as) no projeto “Tramas Poéticas – Criação Cinematográfica com Professores(as)”. Conforme Schmidt (2008, p.395), a pesquisa participante define-se “[...] como processo de construção de conhecimento e, também, como processo de questionamento e elaboração do sentido da própria pesquisa em seu contexto singular, situado”.

Durante esta etapa empírica, vislumbrou-se promover situações envolvendo debates coletivos, problematizações, criação de roteiro e de produto cinematográfico, além de algumas explorações com sonoridades, com a literatura, com a fotografia, com a gravação, de maneiras que nos foram possíveis tendo em vista todas as limitações das interações pela via remota. Mesmo tendo consciência de que os processos não seriam vivenciados em suas plenitudes, refletimos que poderíamos estar ao lado dos(as) professores(as), minimizando de alguma maneira o sentimento de estarmos sós, compartilhando e criando sentidos pessoais e significados coletivos a partir de conversas e fazeres envolvendo a arte cinematográfica.

Assim, durante a *práxis* do trabalho empírico, foram realizados encontros com professores(as) do Educação Básica, atuantes na educação infantil, nos anos iniciais do ensino fundamental e na Educação de Jovens e Adultos (EJA), durante o período de setembro de 2020 até abril de 2021. Os encontros foram organizados no âmbito do projeto “Tramas Poéticas – Criação Cinematográfica com Professores(as)” – ministrado pela narradora desta pesquisa. Para a consecução do referido projeto, tivemos aprovação da Prefeitura Municipal de Corumbá, que consta no ANEXO I; a aceitação da pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, através da Plataforma Brasil, que pode ser verificada no ANEXO II; no APÊNDICE A consta o modelo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que foi

assinado pelos(as) participantes. Por conta do cenário pandêmico, realizamos os encontros com os(as) professores(as), prioritariamente, pela via remota; contudo, atendendo à demanda do grupo também foi realizado um encontro presencial; neste momento foram respeitadas todas as normas e medidas sanitárias indicadas pela Organização Mundial de Saúde (OMS) e pelo Decreto Municipal de Biossegurança N° 2.411 (BRASIL, 2020).

Ao todo foram feitas trinta e uma (31) inscrições para participação nos encontros, porém, deste número foram excluídas dezoito (18) inscrições, totalizando em treze (13) participantes no início do processo. Foram utilizados os seguintes fatores de corte nas inscrições: não ser professor(as) formado; não trabalhar em escola pública; não residir na região corumbaense; não ter disponibilidade de dia para os encontros; não responder ao contato inicial para realização de uma entrevista inicial. No final do processo houve seis (6) desistências, de modo que os encontros foram finalizados com o total de sete (7) integrantes, cinco (5) participantes da turma de quinta-feira, nomeada de Quinteira e duas (2) na turma de sexta-feira, denominada Floral. Os(as) professores(as) participantes pertenciam a contextos escolares diversificados, havendo profissionais das escolas da cidade e, também, profissionais das escolas do campo, tanto ribeirinhas como de assentamentos rurais.

Antes do início dos encontros foi realizada uma entrevista semiestruturada (APÊNDICE B) com cada professor(a), por meio de uma videochamada no aplicativo de mensagem virtual *WhatsApp*. Além de esclarecer dúvidas, a entrevista semiestruturada objetivou levantar dados do perfil profissional dos(as) professores(as), as ideias que possuíam sobre a relação entre educação, infância, arte e criação, seus conhecimentos no campo do cinema e, ainda, as expectativas em relação ao curso.

Após as entrevistas iniciais, foram realizados onze (11) encontros – dez (10) encontros virtuais e um (1) presencial – com os(as) professores(as). Os cinco primeiros encontros foram planejados para abordar as dimensões artísticas da produção do cinema. As temáticas abordadas nesta fase, foram: a história do cinema e do cinema da cidade de Corumbá; arte literária na produção cinematográfica; arte visual no cinema; arte sonora na produção cinematográfica; criatividade no cinema. Na medida em que se fomentaram conversas sobre cinema e linguagens artísticas, também foi sugerido que o grupo estabelecesse algumas relações entre os debates sobre arte e temáticas educacionais, como: infância, criança, escola e docência.

A partir do sexto até o décimo primeiro encontro focamos na produção de um produto audiovisual; foram realizados dois (2) encontros de pré-produção, dois (2) de produção e um (1) de pós-produção; os(as) professores(as) ainda desenvolveram atividades de produção em outros dias e horários para além dos destinados aos encontros. Com a finalização do processo, e mediante a conclusão do curta metragem, foi realizada outra entrevista semiestruturada com cada participante (APÊNDICE C); o objetivo principal desta entrevista foi averiguar quaisquer modificações sobre o discurso dos(as) professores(as) em relação ao potencial da arte – em específico, da arte cinematográfica – para a educação estética na docência e para a formação humanista do professor(as).

A seguir consta uma tabela com um resumo acerca das propostas vividas com os(as) professores(as) no projeto “Tramas Poéticas”:

Tabela 5 – Relação dos encontros da formação “Tramas Poéticas – Criação Cinematográfica com Professores(as)”

Encontros	Tema	Conteúdo	Proposta de vivência
Encontro 1	História do cinema	Apresentação da pesquisadora e do projeto. Breve sobre a História do Cinema, incluindo a relação histórica entre o cinema e Corumbá.	Coletivo: Discussão de filmes favoritos da infância
Encontro 2	A arte literária na produção cinematográfica	O que é um roteiro? Como se estrutura esse gênero textual? As possibilidades da escrita dentro do cinema	Coletivo: Criar coletivamente uma história através do livro de ilustração “O Bárbaro” de Renato Moriconi (2013)
Encontro 3	A arte visual na produção cinematográfica	Discussão das diferentes possibilidades de artes visuais: como são trazidas no cinema e como podemos vivê-la tanto dia a dia quanto nos espaços educacionais.	Coletivo: Discutir sobre trazer um novo olhar para o cotidiano. Utilizaram-se fotos das estatuas na praça da cidade.
Encontro 4	A arte musical na produção cinematográfica	Discussão sobre as artes sonoras que envolvem música, efeitos especiais, a própria fala dos personagens.	Coletivo: Apreciação e debate sobre áudios escolhidos. Individual: O integrante terá que escolher uma música que o remete a um sentimento ou disposição sorteado e enviar para a pesquisadora no decorrer da semana.
Encontro 5	Feedback do curso	Debate sobre a reestruturação do curso	Coletivo: Dinâmica: jogos de papéis. Individual: Ver um filme para falar sobre no próximo encontro.

Encontro 6	Trocas de Experiências	Trocas sobre suas experiências docentes, dentro e fora da escola.	Coletivo: Exibição de curtas realizados por crianças. “A princesa Pantaneira” e “Pequeno Príncipe: Cativar” Individual: Assistir a um filme e responder ao questionário enviado.
Encontro 7	Pré-produção do filme	Noções técnicas de filmagem: fotografia, angulações, cenário, caracterização do personagem, paleta de cores. Discussão sobre a obra a ser produzida	Coletivo: Discussão de como foram construídas cenas de filmes. Exemplo utilizado: Matilda, O ditador, Psicose. Individual: Gravação de seu espaço escolar, lugares que estiveram na infância. Vídeos para serem utilizados nas produções dos curtas.
Encontro 8	Pré-produção do filme	Decisão final sobre o produto cinematográfico a ser criado	Coletivo: Criação coletiva do planejamento do curta-metragem. Individual: Gravação do curta-metragem
Encontro 9	Produção do filme (Encontro presencial)	Introdução à gravação de áudio e filmagem por meio de celular.	Coletivo: Criação do roteiro do curta pelo coletivo. Individual: Gravação do curta-metragem
Encontro 10	Produção do filme	Debates sobre o processo de criação	Coletivo: Trocas dialógicas sobre a gravação Individual: Escolha três palavras para definir a formação para integrar o início do curta-documentário.
Encontro 11	Encerramento	Feedback do curso: dinâmica, conteúdo, estruturação, atividades individuais e tema da produção cinematográfica a ser produzida.	Coletivo: Discussão sobre a formação e análise do curta produzido Individual: Sugestão de título do curta-metragem

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados da prática da presente pesquisa.

A tabela ajuda a esclarecer que a função desenvolvida pela narradora-personagem (pesquisadora) na dinâmica dos encontros envolveu: (i) a mediação e a organização (nos debates, sínteses, dúvidas, etc.); (ii) o compartilhamento de conteúdos cinematográficos básicos; (iii) a proposição e a coordenação das vivências com diferentes manifestações da linguagem; (iv) a edição (e a coordenação de processos de edição, pois um dos

produtos foi editado pelas próprias professoras colaboradoras); e a (v) direção, considerando problematizações levadas para as propostas, que ajudavam no redirecionamento coletivo das ações. Destaque-se que “Tramas Poéticas – Criação Cinematográfica com Professores(as)” – foi um projeto desenvolvido com intuito específico de realizar a presente pesquisa de mestrado.

Outro ponto a ressaltar é que embora ambas as turmas de professores(as) participantes do projeto “Tramas Poéticas” tenham começado ao mesmo tempo, houve o adiamento de encontros da turma Floral, por conta da falha na conexão de internet local e adoecimentos/falecimento na família de um(a) dos(as) participantes. A turma Quinteira encerrou os encontros em janeiro de 2021, enquanto a turma Floral encerrou em abril de 2021.

Quanto às dificuldades para a realização do projeto “Tramas Poéticas – Criação Cinematográfica com Professores(as)” – salienta-se, primeiramente, o fato de a pesquisadora ministrante dos encontros ter sentido a necessidade de alterações na didática das propostas em curso; no quarto dia de atividades com a turma Quinteira, identificou-se que a dinâmica dos encontros virtuais – por mais que levássemos propostas que buscavam colocar o sujeito adulto/profissional em atividade – estavam ainda muito próximas de modelos pedagógicos expositivos, com ênfase no conhecimento técnico e, ainda, pouca troca de experiências e debates tímidos em relação às temáticas apresentadas. Como solução foi marcado um encontro extra com ambas as turmas, com a proposta de abrir o diálogo entre a pesquisadora e todos os(as) participantes em relação à qualidade das vivências; o intuito foi o de reconstruir o planejamento e os modos de trabalhar, considerando a perspectiva do coletivo.

As alterações realizadas nos encontros foram: (i) a necessidade de os grupos terem, pelo menos, um encontro presencial (conforme mencionado); (ii) retirada da obrigatoriedade de realização de atividades individuais – feitas nos domicílios – com fotografia, desenho, música, etc., devido à rotina atribulada dos(as) professores(as) no que tange ao trabalho na pandemia; (iii) fortalecimento de mais oportunidades para vivências conjuntas no momento coletivo, por exemplo, as leituras/apreciações de imagens e de cenas de filmes, a construção de história coletiva, a significação conjunta de sonoridades etc.; e (iv) mais tempo para o debate no grupo. Consta-se que, dentro da nova proposta, os encontros que tinham a duração de duas horas chegaram, em algumas ocasiões, a ter três horas.

As entrevistas e os vinte encontros virtuais foram gravados; todavia, em dado momento ocorreu a danificação do *Hard Disk* (HD) do *notebook* utilizado, havendo a perda da gravação de sete (7) encontros virtuais; no que tange à análise destes sete encontros estão sendo utilizados os registros escritos, feitos logo após o momento virtual, bem como os diários em vídeos gravados pela pesquisadora. Todas as entrevistas iniciais e finais foram transcritas; houve, igualmente, a degravação de trechos dos encontros virtuais.

No que diz respeito aos curtas produzidos, a turma Quinteira decidiu, primeiramente, que a produção seria sobre a perspectiva do(a) aluno(a) em relação a pandemia; desse modo, a proposta inicial era realizar entrevistas com os(as) alunos(as) das escolas da cidade, que fossem presencialmente às escolas devido as demandas específicas e com crianças das escolas do campo que fossem visitadas pelos(as) professores(as) em suas residências, para a entrega de atividades domiciliares. Contudo, com o adiantamento de férias de fim do ano, um dos participantes da turma Quinteira não conseguiu entrevistar os(as) alunos(as) e, como solução do problema, propôs expandir o público de entrevistados para englobar professores(as). O coletivo concordou e todo o processo vivenciado – envolvendo a criação do roteiro, de textos, a produção de fotos, a realização de gravações e a escolha de recursos musicais e de outros elementos estéticos – culminou no curta-metragem documentário “Desafios da educação em tempos de pandemia”, que focou nas diferentes realidades pandêmicas dos sujeitos que vivem a escola, seja na cidade ou no campo; o referido curta-metragem está disponível em: <https://youtu.be/kkJVDu0XnuM> (CABRAL, 2021a).

A turma Floral, que ao final (após as desistências) envolveu uma dupla de professoras, propôs a criação de uma sátira da vida do(a) professor(a) durante a pandemia no ano de 2020. A ideia inicial era realizar quatro vídeos curtos, de 2 a 4 minutos, ilustrando cada bimestre do ano letivo. Entretanto, por razões de adoecimentos/falecimento na família de uma das participantes, os encontros tiveram que ser suspensos temporariamente, retornando em fevereiro de 2021, o que levou as professoras à produção de um único vídeo contemplando as ideias de roteiro inicial que criaram. Ao final, a turma Floral produziu o curta-metragem “Professora Cida e os desafios do ensino remoto”, que narra de forma satírica a rotina de Cida, uma professora de uma escola pública do interior brasileiro, cuja realidade se torna mais complexa e difícil com a implementação da educação remota; as professoras participaram da criação do roteiro, do texto, das gravações, da escolha de recursos musicais e de outros elementos

estéticos e, também, da edição; é possível acessar o curta-metragem em: <https://youtu.be/VH8jA9zgj4> (CABRAL, 2021b).

A presente dissertação, além desta introdução, conta com uma segunda seção cujo objetivo foi abordar teoricamente a educação estética e humanista do(a) professor(a), bem como as possibilidades de vivências significativas que a arte cinematográfica pode oferecer para o(a) professor(a), tendo como aporte a teoria histórico-cultural, em específico as produções de Lev Vigotski e diálogos com os pressupostos do cineasta e arte-educador Alain Bergala.

CENA II – ENUNCIÇÃO: A FORMAÇÃO HUMANISTA, EDUCAÇÃO ESTÉTICA E CRIAÇÃO CINEMATOGRAFICA

A criação de um único mundo vem de um enorme número de fragmentos e caos. (MIYAZAKI, 19--?)

2.1. Formação humanista e educação estética do professor(as).

Para a composição desta seção, busca-se abordar a formação humanista e a educação estética do(a) professor(a) a partir das teorizações de Vigotski. Primeiramente, cabe esclarecer que a formação humanista é compreendida aqui como processo que se opõe aos valores mercadológicos que têm permeado a educação contemporânea, os quais postulam o sucesso educacional de forma quantitativa e gerencial, isto é, por meio de avaliações, estatísticas e classificações, articulando contextos que se voltam para a meritocracia, para o individualismo e para a competição (CHARLOT, 2020; ANDRADE; CUNHA, 2020; MORETTI; MOURA, 2010).

Como Muller (2018) acertadamente aponta, existem vários setores da vida social que podem ser medidos, comportamento que beneficia a sociedade ao favorecer a transparência dos investimentos feitos pela coletividade – em suma, a prestação de contas. No entanto, existem inúmeras atividades que são, por natureza, inacessíveis para medir, e outras em que a fixação da métrica causa mais danos do que benefícios – a é um desses casos. Sob a tirania das métricas, professores e alunos passam por um treinamento intenso para responder aos processos de avaliação, mas treinamento não é o mesmo que educação (ANDRADE; CUNHA, 2020, p. 86).

Nas lógicas economicistas e mercadológicas predominantes atualmente, o fim das práticas pedagógicas é o treinamento e, subsequentemente, a qualificação no sentido de levar as pessoas a possuírem determinada escolaridade para assumirem funções trabalhistas, que perpetuam o *status quo* das estruturas sociais (CHARLOT, 2020). O que está em primeiro plano nas propostas de formação mercadológicas, individualistas é a valorização da força do trabalho, sempre em prol do capital e do enriquecimento dos capitalistas, ao invés da formação omnilateral humana, isto é, uma formação que não fragmenta o ser humano, mas impulsiona a apropriação da humanidade construída historicamente em sua plenitude e profundidade, garantindo o desenvolvimento das pessoas em todas as suas possibilidades (DELLA FONTE, 2020). Há um século atrás,

Vigotski (2003b, p.191) já identificava e apontava que os modelos educacionais fragmentadores possuíam “um certo obscurantismo medieval”.

Na dinâmica escolar como palco, pode-se identificar dois atores principais: o estudante (criança, jovem ou adulto) e o (a) professor(a). Se por um lado existe pressão unilateral no que tange ao desempenho quantitativo dos estudantes nas instituições educacionais formais, por outro essas mesmas pressões pautadas em lógicas de desempenho e de concorrência impactam os(as) professores(as) (CHARLOT, 2020). Não é aleatório que Charlot (2020, p. 88) nomeia os(as) docentes como “trabalhadores da contradição”, pois a instituição escolar, vista como meio emancipador do sujeito, pode promover a manutenção das desigualdades sociais e das formas capitalistas hegemônicas.

Acontece que, como Vigotski (1930, p.4) afirma, ao mesmo tempo em que dado cenário educacional se volta para o individualismo, promovendo a defasagem educacional, é dentro dessa mesma estrutura que se encontram as “[...] sementes de um sistema educacional futuro que pode vir a se constituir na forma superior de criação de um novo tipo de ser humano.” A teoria histórico-cultural vigotskiana nos coloca no centro do debate da educação como potência formadora de um ser humano crítico, sensível, criativo, poético, assertivo e membro ativo da sociedade; podemos dizer que essa educação se configura como uma das maiores problemáticas atuais.

A partir da abordagem vigotskiana, podemos compreender a formação humanista como aquela que se volta para a humanização dos sujeitos; em outras palavras, referimo-nos a uma educação capaz de afetar e mobilizar a pessoa interna e externamente, de modo que passe a criar motivos para agir, para pensar, para socializar, para aprender e para transformar a si mesmo e o meio em que vive (VIGOTSKI, 2003b). A formação humanista é uma formação omnilateral, que possibilita ao sujeito ver, sentir, cheirar, perceber, sentir, intuir, querer, indagar, problematizar, desejar, conhecer, atuar, significar etc., compreendendo conscientemente que o seu modo de ser e estar no mundo se mantém em relação com as maneiras comunitárias de construir a humanidade (DELLA FONTE, 2020).

De acordo com Moretti e Moura (2010, p.353) “[...]o saber tem valor enquanto formador do homem [...]”. Isto é, a educação precisa ser humanizadora; por meio da educação é necessário ocorrer o processo de apropriação dos conteúdos historicamente constituídos, que fomentarão o desenvolvimento integral do ser humano, de modo que a pessoa tenha autonomia para desenvolver a consciência da sua relação com o meio, e seja capaz de criar sentidos e significados sobre a vida a partir de prismas diversos, ampliando

as possibilidades humanas de ação e de transformação da realidade. É sob essa perspectiva que os autores Andrade e Cunha (2020), Charlot (2020), Della Fonte (2020) e Moretti e Moura (2010) se voltam para a formação de professores(as) como possibilidade de enfrentamento da realidade capitalista, das propostas pedagógicas pautadas em visões mercadológicas do mundo e do ser humano.

Moretti e Moura (2010, p.357) descrevem a formação docente, em específico a formação humanista do(a) professor(a), como um espaço coletivo que produz conhecimentos e colabora “[...] para superação da primazia da competência individual dos sujeitos como referência para a aprendizagem e, conseqüentemente, para a formação docente”. A formação humanista do(a) professor(a), de característica omnilateral, é gestada em contextos que possibilitam a participação dos sujeitos em vivências (*pereživânie*) que os mobilizam interna e externamente, bem como pessoal e coletivamente; almeja-se, assim, “[...] um modo de criar e resolver coletivamente questões teóricas que poderão contribuir para o entendimento da educação escolar e da pesquisa como uma atividade” (MORETTI; MOURA, 2010, p. 357). Na coletividade, que trabalha dialogicamente com vistas à investigação, à compreensão e à conscientização dos fenômenos em suas totalidades, os(as) docentes compõem significados e sentidos que os(as) unem e que lhes fornecem bases sólidas para agir política e eticamente.

Para Vigotski (2003b; 2018b), o trabalho de pensar e agir coletivamente não remete a um mero diálogo, mas a uma vivência (*pereživânie*) que possibilita que os sujeitos retomem, imaginativamente, as vivências passadas e presentes, projetando situações futuras, provocando movimentos que tocam cada sujeito singularmente, despertando “[...] no organismo um tipo de reação diferente da habitual” (VIGOTSKI, 2003b, p. 229). “Dar atenção às vivências durante a cooperação dialógica é a melhor forma de desenvolver a subjetividade da personalidade, de buscar a autorrealização das potências criativas”, pois, desse modo, “a pessoa se sente autêntica, se aceita e pode de modo responsável e sem medo controlar seu comportamento e contar consigo mesma” (JEREBSOV, 2014, p.23).

Ao analisarem o ideário de Vigotski, Andrade e Cunha (2020), assim como Oliveira e Andrade (2020) mostram que o conceito de vivência (*pereživânie*) conota a participação da pessoa em atividades dialógicas que a levam à produção de sentidos diferentes e novos sobre a vida, modificando o psiquismo pessoal; os(as) pesquisadores(as) identificam similaridades nas qualidades que fundamentam *pereživânie*

e nas bases da noção vigotskiana de apreciação/reação estética. Conforme a teoria vigotskiana, “nas atividades de reação (ou apreciação) estética, assim como nas vivências que perpassam a formação humanista, há a afecção e a reação lírica”, ou seja, ocorre a criação de compreensões mais ampliadas sobre o mundo e sobre as relações humanas; os conteúdos vividos em diferentes situações são “incorporados, reinventados e reelaborados” pelo sujeito, o qual traz em suas criações a voz de posicionamentos, ou de questionamentos coletivos; por sua vez, os sentidos elaborados pela pessoa, devido ao seu encontro com o mundo (com outras pessoas), podem ser expressos pelas variadas manifestações da linguagem, “impulsionando a criação de mais conhecimentos” e o compartilhamento de “elaborações criativas – sobre o mundo e o eu” (OLIVEIRA; ANDRADE, 2020, p. 144).

O objetivo e os processos de *pereživânie* – e suas semelhanças com o fim e os meios da ação/reação estética – ficam claros quando Vigotski (2003b, p. 236) explica que os educandos podem perceber o mundo de forma muito peculiar, e, por isso, é preciso ajudar cada um/uma a “dominar o sistema de suas vivências”: a se elevarem, a vencê-las e superá-las. Conforme Vigotski (2003b, p. 238), a “estrutura comum da educação social está orientada para ampliar ao máximo os limites da experiência pessoal restrita”, organizando o “contato da psique” do sujeito “com as esferas mais amplas possíveis da experiência social já acumulada”, inserindo-o “na rede da vida com a maior amplitude possível” (OLIVEIRA; ANDRADE, 2020, p. 144).

Segundo Oliveira e Andrade (2020, p. 145), “é possível falar, portanto, da qualidade estética dos fins e meios da vivência que impulsiona a formação humanista”, os quais abarcam “mediações dialógicas, para o uso da linguagem com vistas ao domínio e à problematização da realidade, e, principalmente, para o ‘desenvolvimento’ da ‘imaginação’”; o sujeito – seja o educando ou o(a) professor(a) em formação – “obtem a possibilidade de se libertar do poder das impressões imediatas, extrapolando os seus limites”, desenvolvendo-se “com extraordinária liberdade” (VIGOTSKI, 2003b, p. 122). Quando se garante as bases (ou as qualidades) estéticas de *pereživânie*, os indivíduos participam de processos que lhes possibilitam enxergar as coisas sob outros prismas; “na realidade, mais do que apreender outros pontos de vista, a vivência humanizadora, erigida mediante princípios estéticos, encoraja a reorganização intencional, autoral e criativa do comportamento pessoal e coletivo” (OLIVEIRA; ANDRADE, 2020, p. 145).

“A teoria histórico-cultural de Vigotski apresenta a estética como eixo central” do conceito de vivência, da formação humanista e, enfim, “da formação da personalidade”, justamente porque “o que é distinto no campo do estético é o valer-se do domínio do real,

em profundidade e em suas múltiplas facetas, para fantasiar (poetizar) – imaginar e criar – bens próximos para a vida pessoal e coletiva”. Assim, a consolidação de uma formação humanista e omnilateral é mais provável de ocorrer quando as qualidades estéticas da vivência são garantidas (OLIVEIRA, 2021, p. 81).

[...] a qualidade estética das vivências costura todo o processo pedagógico, pois os profissionais e os educandos investem continuamente no complexo mecanismo psíquico humano, buscando a conscientização das condições pessoais e/ou sociais, a imaginação e, enfim, a criação – artística – de vias para o alcance das superações e das vitórias (OLIVEIRA; ANDRADE, 2020, p. 139).

A arte configura-se como uma possibilidade real para a vivência comprometida com a formação estética e humanista, isto inclusive no espaço da educação escolar. Historicamente, a estética (enquanto dimensão da sensibilidade, da apreciação, da criação de sentidos e de significados líricos) e arte (como fazer humano que transforma a natureza e a cultura, despregado de uma utilidade prática) são temáticas que andam de mãos dadas, embora não sejam sinônimos (TALON-HUGON, 2008). Para além das produções artísticas (seja a arte institucionalizada, ou mesmo a arte da rua, periférica, que não está vinculada aos circuitos dos museus e galerias), outros encontros do ser humano com o mundo (por exemplo, a relação com a natureza, a participação em uma situação de acolhimento e gentileza etc.) podem provocar a sensibilização, a reação estética. Todavia, para abordagem histórico-cultural a arte apresenta-se como o instrumento com mais potencial para o desencadeamento de estímulos estéticos, que viabilizam o deslocamento, a problematização e o uso poético da imaginação (VIGOTSKI, 1999a, 2003b).

Nas palavras de Vigotski (2003b, p.235) “a arte sempre é portadora desse comportamento dialético que reconstrói a emoção e, por isso, sempre envolve a mais complexa atividade de uma luta interna que é resolvida pela catarse.” A arte estabelece-se como um dos fios condutores para a vivência em contextos formativos humanistas. Toassa (2013, p. 502-503) acrescenta que, sob o ponto de vista vigotskiano, “[...] o trabalho pedagógico orienta-se não em função da imitação, mas sim da criação coletiva de uma vida humana ‘supranatural’, cujo objetivo seria refundar o homem”. Assim, o trabalho formativo, além de não prescindir da arte, “assemelha-se” à “arte” e à “guerra”, pois não é simples e “harmônico”; em suma, “o criador” – quer formador ou formando – “sempre pertence à raça dos desconformes”.

Ao defender uma educação omnilateral, humanista, pode-se dizer que Vigotski (2003b, p. 238) também defende a “educação estética” do ser humano conduzida,

especialmente, pela arte; o objetivo é que “a vida do homem” se transforme “em uma criação ininterrupta, em um ritual estético, que não surgirá da aspiração de satisfazer algumas pequenas necessidades, mas de um ímpeto criador consciente e luminoso” (VIGOTSKI, 2003b, p. 304). A educação estética envolve a “excitação”, ou seja, a emoção, a sensibilização, a contradição, o conhecimento dos sentimentos – próprios e alheios – e, ainda, a “elaboração [processamento]” e a “resposta” (VIGOTSKI, 2003b, p. 229). Pensando na educação estética do(a) professor(a) a partir de Vigotski, é preciso refletir em que medida as vivências propostas junto aos profissionais possibilitam esses processos dialéticos descritos, levando o coletivo – e cada sujeito – a elaborar a realidade conscientemente, com todas as suas forças para, subsequentemente, elevar-se à concretude, à materialidade, mediante a catarse, isto é, pela criação de significados e sentidos diferentes e poéticos.

Freire e Shor (2013, p. p. 69) defendem que o processo educativo é um exercício estético e artístico e o fato de os(as) professores(as) não terem essa consciência os levará a tornarem-se “maus artistas, mas, não obstante, artistas de algum tipo”. A educação estética do(as) professor(as) torna-se imprescindível para a formação humanista, por alargar e aprofundar os encontros coletivos dialógicos, em meio aos quais a vida é criada em sua infinita diversidade. Mediante uma lógica que é interna aos processos de sensibilização, percepção, problematização, reflexão e conscientização são elaboradas sínteses criativas que, por sua vez, podem mediar os posicionamentos dos profissionais acerca do que é justo ou injusto, democrático ou fascista, adequado ou inadequado, belo ou apático, enfim, qual é a qualidade da ação e/ou da concepção verdadeiramente promotora do desenvolvimento integral do ser humano, contribuindo para a transformação da vida social.

2.2.Arte cinematográfica e a garantia do direito à educação estética.

Loponte (2017, p.431) explana que “[...] a palavra estética, ao longo do tempo, inscreveu-se em diferentes cumplicidades, vestiu metáforas novas, atualizou-se e redefiniu-se, mantendo, no entanto, a sua complexa relação com o sensível”. A utilização do termo estética como um campo disciplinar da filosofia ocorre no século XVIII, com Alexander Baumgarten. A estética é definida, nesse período histórico, como uma disciplina cujos objetos de estudo seriam: o sentir, o belo, a arte, o gosto, a experiência sensível, a imaginação. Baumgarten inovou ao atribuir status de ciência à sensibilidade,

que passa a ser vista como uma dimensão humana relevante e passível de investigações. Todavia, a estética ainda é contraposta à lógica que viabiliza o conhecimento cognitivo (TALON-HUGON, 2008).

A formalização da estética como uma disciplina da filosofia não significa que a dimensão do sensível não tenha sido estudada anteriormente; antes de Baumgarten e mesmo após a formalização da estética como uma disciplina, o sensível foi tratado por diversos pensadores com ou sem a menção direta ao termo estética (TALON-HUGON, 2008). Na sofística, Górgias aborda a percepção sensória (*aesthesis*), considerando que nas artes – especialmente na arte retórica – o elemento lírico, isto é, a afeição estética impulsionada pela métrica, pela poesia, pelo estilo, pela composição entusiasmada etc., mobiliza as disposições afetivas e intelectuais das pessoas, convencendo-as de que é preciso debater, deliberar e projetar, imaginativamente, bens públicos (CRICK, 2015).

Se na Sofística – e até para Aristóteles – a *aesthesis* é compreendida como dimensão *sine qua non* da vida humana, sendo, inclusive, necessário estudá-la e estimulá-la nas artes (seja nas artes retóricas, educacionais, legislativas, médicas, esportivas, artesanais, etc.); com Platão, a dimensão da sensibilidade passa a ser vista com desconfiança, pois compreende-se que o sensível pode desviar as pessoas dos Ideais Verdadeiros, situados em um plano metafísico. No medievo, com as proposições da escolástica, a sensibilidade passa a ser debatida como campo que, por um lado, inspira cuidados para não desvirtuar o ser humano e, por outro, como dimensão utilitária, pois algo é belo e artístico, na medida em que serve para moralizar e difundir as palavras divinas (TALON-HUGON, 2008).

O campo da estética (com temas que também buscam entender o que é a arte, o que é o belo, o que é a experiência sensível, o que é a sensibilidade, qual a centralidade da sensibilidade para o desenvolvimento humano, etc.) amadureceu ao longo dos séculos XVIII e século XIX. A experiência sensível passa a compor o centro das discussões filosóficas, com posicionamentos, na grande maioria, intelectualistas em que a norma para o belo - ou para o gosto - sempre acaba subordinada a um movimento da cognição, do saber, da identificação do bem maior etc. (TALON-HUGON, 2008). Contudo, a partir da Modernidade também foram elaborados posicionamentos que tentam abordar a existência de um saber próprio da estética, importante e necessário para a humanização, que não opõe o sentimento ao conhecimento, retomando, em alguma medida, pressupostos de defesa da *aesthesis* presentes na Sofística.

Podemos dizer que a teoria de Vigotski se aproxima – ou ao menos dialoga com aspectos – de movimentos filosóficos que não dicotomizam os domínios das sensibilidades e dos afetos e o campo da cognição. Como mencionado na subseção anterior, compreendemos que a estética, conforme os pressupostos vigotskianos, refere-se a processos que se ligam à *aesthesis* (e não a ideais de beleza metafísicos), referindo-se, assim, ao campo da mobilização das sensibilidades, que adquirem qualidades humanas e cada vez mais complexas em meio às interações e às mediações culturais, viabilizando, ainda, a catarse enquanto reação que leva a pessoa à elaboração de sentidos e significados mais alargados sobre o que é vivido (VIGOTSKI, 1999a).

Conforme a perspectiva vigotskiana, a educação estética – ou a educação do senso estético – perpassa toda a formação da personalidade e é um direito humano; a formação estética humana está intimamente ligada à qualidade das vivências (*pereživânie*) que a pessoa tem acesso e que participa, as quais podem ser dialeticamente potencializadas pela atividade de apreciação, contextualização e fazer artísticos (OLIVEIRA; ANDRADE, 2020). Corroborando a imprescindibilidade da estética para a formação humana, Loponte (2017) defende uma formação humanista de professores(as) mediante a educação estética; a autora afirma que a arte é um meio catalizador em potencial para uma formação docente qualificada, sempre que os(as) profissionais conhecem e dialogam sobre as artes, sobre as histórias ou sobre as escolhas poéticas e estéticas dos artistas, sobre os sentidos e os significados que a arte traz para a vida.

Perissé (2009) também aborda a necessidade da educação estética do(a) professor(a); o autor alega que a formação estética, especialmente em meio às artes, impulsionando o desenvolvimento da capacidade imaginativa do(a) professor(a), que passa a poetizar fins melhores, lugares mais adequados e propostas mais significativas para os(as) estudantes. “Um professor esteticamente mais bem formado cultivará (eis um pressuposto somado à esperança) um comportamento especial no cotidiano escolar, porque olhará de modo especial os(as) alunos(as)”, vendo-os como “artistas em potencial” – ou seja, como criadores, em qualquer área do conhecimento –, “respeitando essa possibilidade, acreditando nela como realidade alcançável” (PERISSÉ, 2009, localização 815).

Ensino e sentimento. Não o sentimento sentimentalóide, perversão da sensibilidade. Há sentimento numa sala de aula arejada, em móveis minimamente confortáveis, numa escola cuidada (num bairro cuidado, numa cidade cuidada, num país cuidado...), nos banheiros limpos [...], há sentimento nas formas respeitadas de conversar, há sentimento numa biblioteca organizada, há sentimento

num refeitório agradável, numa alimentação preparada com esmero, há sentimento numa sala de computação iluminada, nas máquinas em bom estado de conservação, há sentimento em cada aspecto do espaço educacional (PERISSÉ, 2009, localização 833).

De acordo com Araújo, Araújo e Silva (2015), as formações continuadas de professores(as) têm sido consideradas uma temática central a partir dos anos de 1990; é compreendido, de forma geral, que a formação inicial não irá dar subsídios permanentes para garantir um(a) professor(a) bem desenvolvido em um nível profissional. Por conta disso, em 1999 foi instituído o documento “Referenciais para a Formação de Professores”, que torna política pública a inserção de uma formação permanente para profissionais de educação. Nesse documento, estabelece que:

A formação continuada deve propiciar atualizações, aprofundamento das temáticas educacionais e apóia-se numa reflexão sobre a prática educativa, promovendo um processo constante de auto-avaliação que oriente a construção contínua de competências profissionais. Porém, um processo reflexivo exige predisposição a um questionamento crítico da intervenção educativa e uma análise da prática na perspectiva de seus pressupostos. Isso supõe que a formação continuada estenda-se às capacidades e atitudes e problematize os valores e as concepções de cada professor e da equipe. (BRASIL, 1999, p. 70).

Defendemos, nesta pesquisa, que a formação permanente do(a) professor(a) é um direito do profissional e implica esforços – especialmente do poder público – para a sua educação estética; logo, a educação estética do(a) professor(a) também é um direito que precisa ser garantido institucionalmente. O que se busca, pela educação estética do(a) professor(a), é um sujeito com uma perspectiva humanizada sobre o(a) aluno(a), sobre si e sobre o meio social. A formação estética torna-se primordial para a constituição de um profissional crítico-reflexivo, criativo e transformador.

O cinema, nessa conjuntura, apresenta-se como arte audiovisual que pode ser vivenciada pelos(as) professores(as), impulsionando a educação estética docente. Uma característica peculiar da arte cinematográfica é a mobilização dos sentidos – físicos e psicológicos – do indivíduo de modo holístico, integral; por envolver variadas manifestações artísticas (música, dramatização, dança, expressão corporal, artes plásticas, etc.); toda vez que um sujeito assistir a um filme, haverá mobilização sensível em algum nível (mesmo que o processo não chegue à catarse). Consideramos, então, que devido ao poder sensibilizador do cinema – especialmente no que tange à arte cinematográfica, que vai além do filme-produto – podem ser amplas as possibilidades para mediar a participação dos sujeitos em vivências fundamentais em qualidades estéticas, ajudando-

os a viver a catarse e, ainda, a usar os sentidos elaborados no processo estético como mediadores de novas vivências no meio.

Conforme Dias (2012), um docente já atravessou o caminho da maturidade imposta socialmente e, em meio às suas trajetórias, é provável que tenha se afastado do hábito de olhar a vida e as pessoas poeticamente. Compreendemos, assim, que a arte cinematográfica é um caminho preñado de possibilidades para a educação estética, para que os(as) profissionais da educação “[...] possam resgatar em si o ser da poesia, o olhar sensível, a expressividade, o potencial criador” (DIAS, 2012, p. 178). Em outras palavras, a arte cinematográfica pode ser meio para a garantia do direito do(a) professor(a) à educação estética.

Em suma, a educação estética por meio da criação cinematográfica – e amparada pela teoria histórico-cultural de Vigotski – não tem por objetivo formar um(a) professor(a) cineasta, ou técnico em mídias audiovisuais; pelo contrário, almeja-se o desenvolvimento omnilateral do docente; busca-se inserir o(a) professor(a) em vivências coletivas sustentadas por qualidades estéticas, contribuir para o desenvolvimento da capacidade do profissional, vivenciar significações sociais e atribuir sentidos pessoais – especialmente sobre o futuro dos estudantes – encorajar os(as) professores(as) a serem autores de lutas, de currículos, de relações interpessoais e de propostas que potencializam o ensino e, ainda, impulsionar a elaboração lírica dos profissionais sobre si mesmo e sobre o trabalho docente.

Contribuir para a formação estética e artística do educador não significa colocar professores e demais educadores para desenhar e pintar; tampouco é querer transformá-los em artista. É, antes de tudo, reconciliá-los com a própria expressão, resgatar-lhes a palavra, o gesto, o traço, as ideias, a autoria (DIAS, 2012, p. 179).

Na próxima seção, apresentaremos e analisaremos as falas dos(as) professores(as) que participaram do projeto “Tramas Poéticas – Criação Cinematográfica com Professores(as)”, chegando à criação de um curta-metragem, com vistas a mais compreensões sobre o potencial do trabalho com a arte, em especial com a criação cinematográfica, para a educação estética e, porquanto, humanista do(a) professor(a). Buscamos entender se os objetivos almejados pelo trabalho com a criação cinematográfica para a educação estética do(a) professor(a), tal como apresentados na presente seção, são plausíveis e, também, quais outras potencialidades podem ser discutidas e refletidas.

CENA III – A PRODUÇÃO: DISCURSO DOS(AS) PROFESSORES(AS) SOBRE O POTENCIAL FORMATIVO DA ARTE CINEMATOGRAFICA

A única forma de chegar ao impossível é acreditar que é possível (CARROL, Lewis, 2019, p. 80).

3.1 Protagonistas do projeto “Tramas Poéticas – Criação Cinematográfica com Professores(as)”.

A tabela, a seguir, traz dados acerca da trajetória docente dos sete (7) professores (as) participantes do Projeto “Tramas Poéticas”. O coletivo foi formado por quatro (4) mulheres e dois (2) homens, com diferentes tempos de experiência na docência. Entre eles, três (3) se encontram nos primeiros cinco anos de trabalho como professores; três (3) estão exercendo a profissão de docente entre seis a dez anos; e uma (1) integrante trabalha como professora há mais de vinte anos.

Todos os(as) profissionais trabalharam, ou ainda trabalham com a educação infantil e/ou com os primeiros anos do ensino fundamental, em instituições públicas, porém nem todos professores(as) têm formação em pedagogia; desse modo, o coletivo contou com quatro (4) pedagogos e três (3) professores graduados em licenciatura específica: um (1) em história, um (1) em geografia e um (1) em matemática. Ainda em relação à formação dos sujeitos, dois (2) possuem mais de uma graduação; quatro (4) realizam pós-graduação, sendo todas especializações no campo educacional; e um (1) possui mestrado.

O coletivo de profissionais atuava – no período do projeto – em diferentes etapas da educação básica: havia quatro (4) professores pedagogos atuantes em turmas da pré-escola e/ou anos iniciais do ensino fundamental, dois (2) professores de tecnologia atuantes na educação infantil, no ensino fundamental e, inclusive, na modalidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA), e uma (1) coordenadora pedagógica atuante no ensino fundamental. Outro dado relevante se refere às diferentes realidades escolares em que os sujeitos se encontravam inseridos: a escola da cidade, sendo uma localizada perto da fronteira Brasil-Bolívia, atendendo também o público estrangeiro; a unidade escolar prisional masculina municipal; e a escola do campo, havendo duas (2) professoras locadas em escolas ribeirinhas (ou escolas das águas), e uma (1) professora atuante em uma intuição de ensino de assentamento rural.

Dentre os(as) sete (7) professores(as) participantes, dois tiveram algum tipo de contato com aspectos da arte audiovisual; o primeiro é um professor de tecnologia, que mencionou ter experiência com edição de vídeos, especialmente edição de vídeos abordando projetos pedagógicos desenvolvidos pelos(as) professores(as) na escola em que trabalha; outra participante relatou ter integrado um projeto de teatro gravado em vídeo na escola em que trabalhou anteriormente. No que se refere aos demais participantes, houve relatos de já terem trabalhado com diferentes manifestações da arte em sala de aula: desenho, pintura, colagem, etc.

Os nomes dos participantes do projeto “Tramas Poéticas”, apresentados no decorrer desta pesquisa são fictícios e foram escolhidos pelos(as) próprios(as) participantes, de modo que possam se reconhecer em publicações decorrentes.

Tabela 6 – Relação dos(as) professores(as) participantes da formação “Tramas Poéticas – Criação Cinematográfica com Professores(as)”

Participante	Formação	Escola	Nível escolar atuante	Experiência
Ana	Pedagogia (2016); pós-graduação em letramento e alfabetização (2020)	Escola do Campo-Ribeirinha	Ensino Fundamental I (turmas multisseriadas)	Formada no antigo magistério, começou a trabalhar em 2015 como auxiliar na educação infantil. Desde 2017 atua como professora pedagoga no ensino fundamental I, com turmas multisseriadas.
Carlos	História (2003); pós-graduação em Tecnologia na Educação (2020); pós-graduação em Análise do sistema (2020)	Escola da Cidade	Educação Infantil	Trabalhou no Estado como professor de Ensino Médio. Há três anos de experiência está atuando na Educação Infantil como professor de tecnologia.
Catarina	Geografia (1996); pós-graduação em Psicopedagogia (2003); pós-graduação em Educação do Campo (2020) Mestrado em Geografia (2015)	Escola do Campo – Assentamento	Educação Infantil/ Ensino Fundamental I	Começou a atuar como professora formada no magistério. Já atuou como professora de educação infantil, ensino fundamental, ensino médio e faculdade. Atualmente coordenadora do ensino fundamental I.
Drakonarius	Matemática (2004); Agroecologia (2010); Ciências contábeis (2020); pós-graduação em Gestão e Educação ambiental (2005)	Escola da Cidade	Educação Infantil/ Ensino Fundamental I	Começou a atuar em 2006, desde o início da vida profissional trabalhou como professor de informática. Atualmente atua em todos os níveis (educação infantil até o EJA) como professor de tecnologia, Trabalha com edição de vídeo na instituição de ensino que atua.
Fernanda	Pedagogia (2011); pós-graduação em Educação Especial (2014)	Escola do Campo-Ribeirinha	Educação Infantil	Começou a atuar na educação infantil em 2012. Também atuou por um ano com o ensino fundamental I. Em 2020, começou a atuar como professora em uma escola

				ribeirinha, anteriormente trabalhou apenas na escola da cidade. Participou de um processo de produção audiovisual teatral, anteriormente.
Izabella	Pedagogia (2015); Turismo (2011)	Escola da Cidade	Ensino Fundamental I - EJA	Começou a atuar na creche em 2018 e após um semestre passou a trabalhar com alunos do fundamental I. Em 2019 atuou com uma turma do quarto ano em uma escola do campo, no assentamento. Desde 2020, é professora do EJA no presídio masculino municipal.
Maria Helena	Pedagogia (2015)	Escola da Cidade	Educação Infantil	Começou a atuar como auxiliar de educação infantil, após se formar trabalhou com ensino fundamental I. Desde 2020, começou a atuar com turma da pré-escola. Com a pandemia, passou a trabalhar com produção edição de vídeo para fazer as atividades virtuais aos seus alunos.

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados levantados ao decorrer das entrevistas individuais com os sujeitos.

3.2 Arte e coletividade.

O elemento coletivo é uma das bases da *práxis* desta pesquisa, considerando as discussões feitas na seção anterior com base nos pressupostos vigotskiano; desde o início do projeto a proposta feita aos(as) participantes já incluía a criação conjunta. Esclareceu-se que todos os elementos da produção audiovisual seriam decididos de maneira coletiva; partimos de conversas sobre a temática da infância e da escola, para que pudéssemos analisar filmes, imagens, paisagens, cenários, efeitos sonoros, vestuários, contextos históricos e inclusive conceitos (sobre o ser humano, a criança, as relações, a sociedade etc.), presentes em produções cinematográficas, fundamentando-as e conclamando os(as) espectadores(as) para a criação de significações e de sentidos; em todos os encontros com os(as) professores(as) ficou claro que embora falássemos de infância e de escola (enquanto temas geradores de discussões), o coletivo escolheria o tema, o gênero, o estilo de filmagem, dentre outros aspectos da produção que realizariam.

Conforme Jerebtsov (2014, p.24), pensador da teoria histórico-cultural, o diálogo “[...] permite criar: co-presença, a-con-tecimento, co-ação, co-laboração, com-paixão, con-vivência, [...]”. As relações dialógicas remetem a vivências transformadoras, que desequilibram e reequilibram internamente o sujeito, permitindo-o a novas percepções, indagações e inspirações; na conversa com o outro, que suscita problematizações, investigações, hipóteses e sínteses ocorre “uma espécie de mensagem (primeiramente,

para o outro e, depois, para si como um outro)” (JEREBSOV 2014, p.23). Corroborando a centralidade da dialogia e das sínteses coletivas, Loponte (2013, p.9) reflete que “a partir do olhar do outro posso produzir a diferença em mim mesmo, me multiplico, me transformo. É a partir daí que o tema de uma “estética da docência” ou arte da docência se mostra pertinente”.

Os(as) professores(as) mostram que compreendem a importância da troca coletiva para a “(re)organização coletiva de suas ações” e para a criação de “novos sentidos” relativos “às próprias ações, à mediação e à escolha de instrumentos”, possibilitando-lhes a apropriação “das formas de realização colaborativa da atividade de ensino” (MORETTI E MOURA, 2010, p.357). Nos excertos a seguir, Fernanda e Maria Helena evidenciam o apreço pelo trabalho coletivo e Catarina expressa que o processo artístico foi importante para propiciar o encontro com outras pessoas e a comunicação, que são aspectos que reavivam a humanidade. Drakonarius menciona que o processo vivido propiciou a formação de vínculos; a fala do professor também sugere que, em meio aos estudos envolvendo a arte cinematográfica, houve liberdade para – e vontade de – tratarem as vivências e as dificuldades de seus próprios trabalhos.

[...] Eu acredito muito na troca, eu acho que de repente tem aquele colega que já fez uma coisa maior que a minha, pode me ajudar, me ensinar, me inspirar. (Entrevista Inicial, Fernanda, 2020).

Na verdade, o professor precisa disso né? Precisa desse contato com outras pessoas, comunicação, sabe? (Encontro 4 – Artes Visuais, Maria Helena, 2020).

[...] Estava [nesse período de pandemia] faltando esse lado humano, de ver, de conversa, de colocar as fofocas pedagógicas em dia. [...] Participei de livre e espontânea vontade e com aquela vontade de querer aprender mais (Encontro 11 – Encerramento, Catarina, 2020).

As pessoas que ficaram no grupo, eu não sei bem, pode ser porque eu conhecia alguns, e ficou assim, uma química bem legal, né? Então eu acho que quando a gente se encontrava, fica entrosado, porque ali a gente falava das nossas dificuldades, dos nossos problemas de uma maneira... Assim, sabe? (Entrevista Final – Drakonarius, 2020).

Conforme os pressupostos vigotskianos, verifica-se que a voluntariedade – envolvendo a criação de motivos para falar, interagir, refletir, agir, etc. – não é natural, mas, sim, uma disposição que é tecida em meio às vivências sociais envolvendo a linguagem, que impactam o sujeito singularmente, interna e externamente e cujas qualidades decorrem de fundamentos estéticos, os quais implicam a unidade afeto e cognição, a identificação de necessidade, a dialogia, a coletividade e a construção de

significados sociais e/ou de sentidos pessoais (OLIVEIRA; ANDRADE, 2020; OLIVEIRA, 2021). Os discursos dos(as) professores(as) indicam que os encontros – engendrados em meio à arte e à criação artística – para além de lhes propiciar dialogia e liberdade para tratar suas próprias vivências, possibilitaram-lhes, ainda, o encontro com outras realidades; o contexto de trabalho de outros(as) professores(as), abordados coletivamente foram sentidos como pertencentes a todos, a uma sociedade em comum (e não como algo alheio), impulsionando a sensibilidade, a voluntariedade, a vontade de continuarem no projeto, de conhecerem as especificidades das realidades, de debaterem, de se envolverem nas atividades propostas.

Mas a escola que eu trabalho não é a mesma que o Carlos trabalha, tampouco que os demais trabalham. Às vezes há sucesso em uma escola com duzentos alunos, mas em uma escola com mil e quinhentos alunos a realidade é totalmente diferente. E o que isso causa nos alunos? (Encontro 7 - Pré-produção, Drakonarius, 2020).

Eu me baseio mais nelas [Fernanda e Ana, professoras da escola das águas] pelas dificuldades que elas falaram [...]. Tantos problemas que elas falaram e eu ficava só escutando. Pensei: "Nós aqui na cidade não temos esses problemas, assim", mas elas... Até para descer da lancha há dificuldade. (Entrevista Final – Carlos, 2021).

Eu acho que falta esse olhar para o professor, ver seus anseios, suas dificuldades, enxergar o colega e ajudar, né? E quando ela [Catarina] fala que preza para o acolhimento, é bem assim mesmo (Encontro 6 – Trocas de experiências, Fernanda, 2020).

As conversas em meio aos processos artísticos suscitaram, nos(as) participantes, reflexões sobre a realidade do trabalho do(a) professor(a); aliás, o trabalho docente foi tema escolhido por ambos os grupos para a elaboração dos curta-metragem. Um aspecto abordado pelos profissionais foi a estruturação mercadológica educacional, presente na atualidade, que impõe uma constante pressão avaliativa e de produção de resultados quantitativos em cima dos profissionais da docência. Os(as) professores(as) consideraram que quando essa perspectiva mercadológica é acirrada, são mais fortes as ações que buscam dirimir a autonomia docente e há, inclusive, mais pressão por parte de equipes gestoras (especialmente quando nestas não há profissionais que compreendem a subversão do sistema como algo que pode nos levar às situações humanistas). Os excertos abaixo evidenciam sínteses reflexivas tecidas pelos(as) professores(as).

Às vezes a gente só precisa de alguém que olhe para a gente que converse e que entenda. Porque às vezes a pessoa vai pra direção ou coordenação e parece que esquece que já foi professora, ela age de uma de outra forma, não são todos, mas muitos são assim. Parece que esquece que já foi da sala de aula e aí como ela [Ana] falou só sabe

cobrar, cobra e cobra, muitas vezes a gente escuta “Se vira”; cansei de escutar também “Ai o sistema funciona bem de madrugada”, tipo assim, como se eu fosse obrigada a entrar no sistema de madrugada para fazer, só para cobrir um prazo louco que ficou atrasado não por culpa minha. Então, o que eu acho que falta... Eles fazem muita formação, formação disso e formação daquilo, mas na realidade não tenho nada de novo e é difícil esse olhar para o professor. Para saber as angústias, os anseios, o que a gente tá passando, se a gente tá conseguindo dar conta, se tá conseguindo fazer (Encontro 6 – Trocas de experiências, Fernanda, 2020).

Isso eu que entrei no ano passado, ano passado não teve [formação continuada], e isso é uma coisa que a gente cobrou. Porque às vezes eles cobram algo da gente, que não sabemos. E é aquilo que eu falei para você que pedem coisas que às vezes a gente não entende, mas mesmo com a formação que a gente teve em fevereiro... Ela não foi específica para a gente, ela foi de modo geral. (Entrevista Final – Izabella, 2021)

O modelo pedagógico que a gente tem está ultrapassado. Esse modelo pedagógico que temos precisa de mudanças, desde da formação. [...]nosso ensino é uma barca furada, tá? Só que isso ninguém vê, porque é mais cômodo você continuar com o sistema do jeito que tá. Dá trabalho mudança... Muito trabalho. (Entrevista final – Catarina, 2021)

Tipo, ou secretário ou a subsecretária chegar em cada escola e falar "Não, essa escola precisa disso". Eu gostaria de uma visita deles em cada escola [Y: Hum... entendi] porque eles só conhecem as escolas de papel e, assim... A vivência ali não conhece. Então já não é uma coisa com professores e sim do administrativo. (Entrevista Final – Ana, 2021)

Com base na teoria histórico-cultural, Tunes, Tacca e Bartholo Júnior (2005, p.690) afirmam que “no convívio social, a experiência interpessoal possibilita o processo de elaboração e reelaboração de sentidos que organizam e integram a atividade psíquica dos(as) participantes da relação.” Seguindo a mesma linha de arguição, Silva e Nunes (2020, p.15) exaltam a importância de uma formação continuada qualificada, capaz de superar a “visão fragmentada da realidade” e o modelo neoliberal individualista imbricado na realidade social contemporânea em prol da formação de sujeitos críticos e envolvidos na “(re)construção dos conhecimentos adquiridos”, bem como na produção de novos conhecimentos”. A narrativa de Carlos, abaixo, exemplifica a importância da participação dos docentes em meios que viabilizam a trama dialógica, fomentando novas vivências que, enfim, propiciam o conhecimento, o desenvolvimento da consciência e sínteses conceituais, impulsionando o sujeito para um caminho poético e de reinvenção. Pode-se dizer que em meio aos debates sobre cinema, em meio às vivências (mesmo que pela via remota) com música, expressão corporal, literatura e apreciação audiovisual,

foram trabalhados/elaborados conteúdos – sínteses reflexivas – relacionados não apenas ao universo do cinema, mas também à vida humana.

A perspectiva foi do conteúdo que eu gostei, e pensei: “não, vou continuar, sim”. E eu encontrei dificuldade porque tinha que sair esse horário, que eu tinha que levar meu neto, aí falava “Não, espera um pouco, eu vou assistir à aula e depois te levo”. Então foi o conteúdo que me prendeu na verdade. Depois que eu vi, falei: “não, o assunto é bom, o curso é bom, vou terminar sim”. Poderia ter desistido, poderia ter outra opinião, mas não desisti. E o que me prendeu foi o conteúdo. Achei riquíssimo mesmo. (Entrevista Final – Carlos, 2021).

A coletividade, os atritos dialéticos e os processos sensíveis foram potencializadores de *pereživánie*. Conforme Jerebtsov (2014, p.20), na “[...] atividade conjunta, na cooperação, na coexistência, em convivência, nasce o novo Eu. E esse novo Eu exige vivências para a elaboração de determinações, adaptações para o Eu renovado”. Essa renovação das disposições, dos modos de pensar e significar a realidade é que nos permite transcender o trivial, como menciona a teoria vigotskiana, afetando-nos, afetando o outro e conferindo algo de completamente novo no mundo.

Na pesquisa, a arte cinematográfica compôs um cenário que desencadeou, nos sujeitos participantes do projeto, um processo coletivo e pessoal. Os(as) professores(as) foram convidados a sair de um papel contemplativo em prol ao ato de criação, evocando sensações, reflexões, imaginações e conceituações coletivas, as quais também influenciam as reelaborações no plano individual; é o que Bergala (2008) define como fagulha inicial da pedagogia de criação. As dinâmicas coletivas, propiciadas pela arte cinematográfica, intensificaram o caráter metamórfico, paradoxal e dialético da vivência. O choque de múltiplas personas, realidades e concepções dos(as) participantes e, como isso foi articulado em todo o processo, ilustra o potencial formativo da arte cinematográfica.

Segundo Neitzel e Carvalho (2013, p.1032), “[...] a formação cultural, artística e estética precisa ser contemplada no projeto pedagógico da escola.” A formação docente precisa ir, muitas vezes, na contramão das palestras pontuais e meramente informativas, da busca por métodos e técnicas salvadores, de respostas imediatistas, geralmente atreladas a fins mercadológicos, competitivos e meritocráticos. Bergala (2008, p.204) afirma que “poucas práticas artísticas abrem tantas portas novas para aquele que, na escola, já fechou muitas”. Embora sua fala se redirecione aos(as) alunos(as), ela pode ser reaplicada também em um ambiente formativo com professores(as). No coletivo, com a

arte da criação cinematográfica como fio condutor, os(as) professores(as) viveram momentos de dialogia e de construção de vivências pautadas em princípios estéticos.

3.3 A vontade de criar.

Os discursos dos(as) professores(as) mostram que o processo vivido com a arte cinematográfica os levou a abordar a necessidade (e o desejo) que têm de vivenciar a criação no trabalho pedagógico; muitas vezes, a criação é impedida por ditames burocráticos. Mencionando que as vivências com foto, luz, natureza, música, criação de roteiro, etc; encantaram-lhes e lhes encorajaram, os(as) professores(as) também afirmaram que necessitam de mais acesso às formações continuadas, que os coloquem em situação ativa, de problematização e de criação.

Conforme a teoria vigotskiana, o processo de criação artística envolve a superação de um processo de conflito, que se manifesta tanto no seu conteúdo como também na forma; é um exercício mental que se alimenta da realidade, que impulsiona o trabalho imaginativo e que pode se voltar novamente para a realidade, transformando-a (VIGOTSKI 1999a, 2003b). Em outras palavras, o mecanismo da imaginação é descrito pelo pensador russo como tendo sua gênese nas vivências anteriormente apropriadas pelo sujeito, sejam elas próprias ou alheias; é a partir de elementos presentes nessas vivências que se realiza um processo combinatório e de reelaboração denominado imaginação. Assim, quanto mais a pessoa vir, ouvir, sentir, e fazer, maior será seu arcabouço de possibilidades para imaginar e criar (VIGOTSKI, 2018a).

Há quatro tipos de relações entre a imaginação e a realidade, vislumbradas por Vigotski (2018a); essas relações se manifestam na complexa teia da psique humana de forma não-cronológica e potencializam as funções psicológicas superiores, de modo que possam atingir patamares mais sofisticados. A primeira relação se trata do ato imaginativo, originado na combinação de elementos do mundo externo e de experiências anteriores do sujeito; o autor estabelece o princípio de que não há criação a partir do nada; conforme Vigotski (2018a, p. 22), “seria um milagre se a imaginação inventasse do nada ou tivesse outras fontes para suas criações que não a experiência anterior”.

A segunda relação constitui-se da relação entre o produto final da fantasia com a realidade. Embora tenha o mesmo princípio combinatório da relação anterior, essa articulação é mais complexa, pois exige que a pessoa tenha uma certa bagagem de

experiências específicas acumuladas. No terceiro tipo de relação, Vigotski (2018a) caracteriza o fator da dimensão emocional como intrinsecamente integrado à imaginação. Nesta relação ainda há duas formas de manifestações: a primeira é a imagem externa invocando os sentimentos ou emoções; há signos universais imprimindo no sujeito certo direcionamento emocional, como sorriso, ou expressão de tristeza; por outro lado, também há o movimento contrário em que a imaginação causará um movimento emocional interno, que dará sentido a uma imagem. No cinema se tem essa eterna brincadeira com a dimensão emocional e no caso de Hitchcock (1899-1980), em *Psicose* (1960), utilizam-se as técnicas cinematográficas para maximizar a experiência da audiência através de seus sentidos; assim, não é apenas a construção do roteiro, ou iluminação da cena em preto e branco que torna o filme aterrorizante, é também a música, a câmera no ponto de vista do assassino, o chacoalhar da imagem para dar a impressão do quão rápido e repentino é o ataque, etc. A dimensão emocional provocada na cena é bem sucedida devido ao estímulo dessa dinâmica entre a imagem e a capacidade imaginativa da audiência.

Por fim, Vigotski detalha a quarta relação entre realidade e imaginação, que se refere ao potencial de criar algo completamente novo; as experiências anteriores movimentam a imaginação que, quando concretizada, pode trazer a novidade, o diferente, o inexistente; ao se tornarem concretos, os objetos imaginados podem inferir e influenciar o mundo externo, modificando-o. Essa categoria se refere, por exemplo, ao processo de criação de qualquer máquina ou instrumento, como câmera filmadora ou o holofote. Nas palavras do autor russo, “esses dispositivos técnicos são criados pela imaginação combinatória do homem e não correspondem a qualquer modelo existente na natureza. Entretanto, [...] tornam-se tão reais quanto as demais coisas e passam a influir no mundo real que os cerca.” (VIGOTSKI, 2018a, p.31).

Os discursos dos(as) professores(as) participantes - e também protagonistas – do projeto “Tramas Poéticas” evidenciam a necessidade sentida pelos(as) professores(as) de participarem de momentos, de movimentos, que envolvam a criação, o acesso à arte. À luz das teorizações vigotskianas sobre o processo de criação, é crível dizer que os(as) professores(as), por um lado, desejam e necessitam mais acesso à cultura para alimentarem suas vivências imaginativas e por outro afirmam o poder mobilizador, de afetamento, de encantamento, de incitação da voluntariedade, das propostas que envolvem a tessitura autoral, a imaginação, a criação. Lidar com materiais, conteúdos, instrumentos, realidades etc., de modo a mobilizar a imaginação até à colocação de

produções genuínas e criativas no mundo objetivo, foi ação descrita como surpreendente por professoras. Podemos iniciar, em alguma medida, a defesa de que professores(as) precisam e querem criar; professores(as) desejam a criação, refutando práticas mecanicistas que interpelam suas práticas na atualidade.

Eu não vou mentir para você, eu sinto falta disso, eu sinto falta na nossa cidade teatro, cinema, dança, música [...] (Entrevista Inicial – Catarina, 2020)

Eu acho que a melhor parte foi quando eu gravei, porque... Eu fiz aquilo ali, foi uma realidade que eu vivi ali entende? Eu acho que foi a minha melhor parte. Aonde eu pude viver a realidade do curso, do que tinha que ser feito. Eu fiz aquilo ali e eu acho que foi a melhor parte: gravar. (Entrevista Final – Izabella, 2021).

Eu achei que ia ser uma gravação qualquer, íamos mandar, e pronto. Eu não achei que ia me preocupar, que eu ia me pegar virando o celular, angulando... [Risada de Fernanda] (Entrevista Final – Fernanda, 2021).

[...] eu não estava com muita expectativa, achei que ia ser mais falação. Assim, eu não acreditei que ia ter mão na massa, sendo bem sincera. Eu achei que você ia dar o curso, você iria produzir alguma coisa lá, e mostrar pra gente. Sendo bem sincera, foi o que passou pela minha cabeça, porque é o que eu já estou acostumada, sabe? É só falação e já entrega tudo pronto [...]. O bom foi que me surpreendi (Entrevista Final – Fernanda, 2021).

Em *Psicologia da Arte*, Vigotski (1999a) relaciona os conceitos de criação da arte e de reação estética; o pensador mostra como os conteúdos da obra de arte – isto é, seus conceitos, representações, ideias etc. – entram em atrito antagônico com a forma: a forma interna, a operação mental que o artista usa para compor a ideia e a forma externa, que é a estrutura artística geral construída no decorrer de séculos pela humanidade. Esses movimentos antagônicos e dialéticos dos elementos – formas e conteúdos – desencadeiam uma reação catártica, pois “a oposição que encontramos entre a estrutura da forma artística e o conteúdo é o fundamento do efeito catártico da reação estética” (VIGOTSKI, 1999a, p.271-272).

Nas falas a seguir os(as) professores (as) refletem sobre o desafio em fazer a criação cinematográfica, os relatos se alinharam no sentido de que à primeira vista parecia uma tarefa dificultosa e ao final do processo os(as) professores(as) encontraram a satisfação estética de terem realizado o curta-metragem:

Olha, foi um “desafio” [...]. E foi “reinvenção (Entrevista Final – Ana, 2021).

Foi uma superação para todos nós ali nesse momento de pandemia. (Entrevista Final - Carlos, 2021).

[...] você tem que fazer todo um trabalho por de trás para conseguir fazer 1 ou 2 minutos. E eu vejo o tempo que gasta para editar o vídeo. É um trabalho... Vamos dizer que é um trabalho que dá trabalho, mas o resultado fica muito bom. (Encontro 7 - Pré-produção, Catarina, 2020).

Mas as gravações trouxeram muito isso para mim de vencer essa barreira, de perder esse medo, de poder gravar. [...] Vencer essa barreira, esse medo que eu tinha. Acho que eu consegui [Risada]. (Entrevista Final - Izabella,, 2021).

Vigotski (1999a, 2003b) defende a necessidade de ter conhecimento da forma artística, para assimilar e expressar a totalidade de seu conteúdo. Assim, para se produzir um produto audiovisual, é preciso entender a estruturação da produção de um filme e como as manifestações artísticas se articulam na teia fílmica. As falas dos (as) participantes revelam como os conteúdos técnicos, históricos, literários, assim como as vivências de interpretação, de análises de trechos de filmes, de dialogia, de expressão etc., que também possibilitavam mais relação com a realidade, afetaram os(as) professores(as) e os(as) incentivaram dentro do processo de criação cinematográfica. Entender a forma, no sentido vigotskiano, da obra de arte, ou de um processo criativo, é o primeiro passo para se concretizar o conteúdo idealizado na dimensão psíquica. O acesso à arte cinematográfica, mesmo que limitado pelo tempo e pelas condições do contexto de pandemia, levou os(as) professores(as) a outros (e até novos) campos de conhecimentos, propiciou vivências diferentes, envolvendo a atividade como processo ativo, intencional e dialógico de pensamento e de ação; os discursos dos(as) professores(as) evidenciam a importância de processos formativos com qualidades que envolvem a democratização dos saberes e vivências, que impulsionam a imaginação/criação para a formação humana em geral; os(as) participantes passam a narrar uma nova percepção no que tange à audiência de filmes (ver/ouvir/perceber detalhes dos filmes que antes não eram objetos de atenção); os discursos também mostram empolgação quanto à criação, isto é, quanto à atividade que envolve esforço de coleta de dados, de observação, de imaginação, de conscientização, de problematização, de gravação, de edição etc., abordando, ainda (e principalmente), o desenvolvimento da voluntariedade no que diz respeito ao interesse no envolvimento com processo de criação, os quais se afastam dos modelos mecanicistas e reprodutores de formação, inclusive no contexto escolar com os(as) estudantes.

Quem sabe lá na frente [eu possa] envolver os alunos nessa “trama de cinematografia” (Encontro 1 – Introdução, Maria Helena, 2020)

[...] eu pude ver com outros olhos um curta. Isso foi... Não só trouxe para a parte de escola, mas também contribuiu para a minha parte pessoal. (Entrevista Final – Catarina, 2021).

Uma realização, sabe? Porque a gente não tinha noção de que isso [o curta] ia acontecer, de que poderíamos fazer filmes... Que poderíamos fazer um trabalho desse nível. (Entrevista Final – Drakonarius, 2021)

Por mais que você ache que sabe fazer as coisas. A questão de luzes, como fazer correta a posição da câmera, passar a emoção certa. Apesar de que não conseguir fazer tudo que você quer fazer, eu diria que houve 50 a 100% a mais de aprendizado. Pode ter certeza de que quando eu entrei no curso, eu saí outra pessoa. Houve uma mudança. (Entrevista Final – Drakonarius, 2021)

“Foi algo que eu aprendi muito. Aonde que eu ia pensar que eu ia gravar? [Risada] Que eu iria ser a protagonista do curta é um lado onde a gente vai deixando os nossos medos de lado, vai usando a imaginação, usando a criatividade, e eu acho que valeu a pena sim, entendeu?” (Entrevista Final – Izabella, 2021)

Por isso que eu falei "A ideia é essa para quando começar as aulas, eu colocar também, quem sabe lá na frente, quem sabe fazer um curta também com as crianças e também com professores". Quero trabalhar essa ideia também. (Entrevista Final – Carlos, 2021)

[Foi positivo] Pegar os conteúdos, e quem sabe lá no final fazer um... Um longa, também, com eles, dependendo de como vai estar funcionando a escola [...]. (Entrevista Final – Carlos, 2021).

As falas de Fernanda e Drakonarius, em particular, remetem a velhas concepções de estruturação mercadológica presentes no sistema educacional atual, que repercutem tanto na vida do(a) aluno(a) quanto na do(a) professor(a). Nesse cenário, muitas vezes, a criação, principalmente a artística, é tolhida por ditames burocráticos dentro dos ambientes de formação, tanto a docente quanto a discente. Um dos maiores pontos elogiados na avaliação final se refere ao fato de que a formação era aberta a professores(as) gerais e não especificamente para o público de professores da arte.

Eles falaram que ia ter formação, sabe qual foi a formação? Liga o computador ai e vai mexendo. Essa foi a nossa formação. [...]Que adianta assistir? Não é para gente, não é nossa realidade. (Encontro 6 – Trocas de Experiências, Ana, 2020)

Às vezes [as formações continuadas envolvendo arte], ocorrem somente para os profissionais de arte. Não é aberto, é específico [...]. A nossa formação [de professor de tecnologia] geralmente quando tinha, era uma formação mandada pela prefeitura, mas com todos os professores numa sala e falando vários assuntos da Educação [...]. Então, para professor de arte é específico, geralmente, até para ter no seu currículo também, mas ele [esse processo de formação envolvendo

a arte] não é aberto assim para todo mundo. (Entrevista Final – Carlos, 2021).

[Nas formações continuadas], geralmente os palestrantes buscam passar o máximo do que eles sabem para nós, daquele determinado assunto. No seu caso foi filmagem... Nossa, amei, gostei muito, melhorou muito. Ou seja, são coisas assim que eu vou levar para sala de aula. (Entrevista Final – Ana, 2021).

Percebe-se, nas falas apresentadas, que o projeto “Tramas Poéticas”, realizado com os(as) professores(as), impulsionou diálogos envolvendo conscientização crítica em relação ao próprio trabalho, às formações de forma geral e às falhas do sistema escolar. Retomando o pensamento de Vigotski (2018a), criar é uma tarefa dolorosamente prazerosa que envolve novas formas de sentir, perceber, ver, considerar etc., e que retoma sentimentos, emoções nem sempre positivos, alegres, podendo nos remeter a situações dolorosas, ou que causam incômodo; também pode ocorrer de a vivência estética nos levar a querer problematizar situações vividas, especialmente situações que são compartilhadas pelo senso comum e, muitas vezes, naturalizadas sem questionamentos. Para Vigotski (1999a; 2018a), o clímax da vivência estética é justamente alcançar outros patamares em termos de análises, de pensamentos, de formação de sentidos, de conduta; nem “Tramas Poéticas, a vivência com a arte cinematográfica, a vivência com a imaginação e com a criação, levou o grupo a querer falar da mecanicidade, do silenciamento, da reprodutividade, dos mecanismos de vigia e de cerceamento e, inclusive, das formações continuadas com docentes sem sentido, pois mais remetem a um conjunto de informações deslocados, que não envolvem os sujeitos em processos de conscientização, de apropriação cultural e de saberes, de imaginação e de criação, de tessitura autoral da docência.

Sim, por isso que a gente fala que formação é só no papel, só teoria, e a prática é outra. Já você não; [com essa formação] você nos deu a oportunidade de pôr em prática o vídeo. Você pediu que nós gravássemos. (Entrevista Final – Ana, 2021).

Olha sendo sincera a única escola que eu trabalhei que eu tive formação da própria escola foi uma escola na qual a diretora sempre promovia. [...] E aí nessa escola [em que agora atuo] junta todo mundo na sala de tecnologia e soca filme na gente e aí 15 minutos do lanche e volta.” (Entrevista Final – Fernanda, 2021)

Porque, infelizmente é assim; [...]às vezes quando você quer fazer alguma coisa, você é muito criticado. Por exemplo, todo mundo decidiu fazer um projetinho de caixa de leitura; [...] e aí você quer fazer um projeto diferente e todo mundo fica te olhando torto. E aí já começa nos próprios colegas, entende? Tem muitos que apoiam, que ajudam, que

trabalham junto com você; mas tem uns que não, tem uns que criticam e aí você fica com aquele medo: “E se não der certo? E se der errado?”; vai todo mundo ficar falando; então temos muita essa trava.” (Entrevista Inicial – Fernanda, 2020)

Tipo, ou secretário ou a subsecretária chegar em cada escola e falar "Não, essa escola precisa disso". Eu gostaria de uma visita deles em cada escola, porque eles só conhecem as escolas de papel e, assim, a vivência ali [da escola] eles não conhecem. Então [a ideia] já não é uma coisa com professores e sim do administrativo. (Entrevista Final – Ana, 2021)

[...] teve uma escola que eu trabalhei que teve formações bem interessantes [...]. Foi a última escola que trabalhei antes da atual, mas eu acredito que isso tenha ocorrido por causa da coordenadora. Ela já trabalhou com o sindicato e ela é especialista em educação especial. Então ela passava muita formação sobre educação especial, maravilhosa. [...] E com questionário e brincadeira no meio; de repente você está lendo e de repente você está em pé fazendo uma dinâmica.” (Entrevista Final – Fernanda, 2021)

[...] a gente faz muito curso da prefeitura, muita formação chata, sabe? Que é só falação, falação, não aprendemos nada; inclusive, você acompanhou o nosso desespero com esse sistema educacional virtual novo, no qual eles só jogaram pra gente sem explicação, sem ajudar, sem nada, sabe? E depois temos que nos virar, tem um prazo para cumprir e se vira! E na maioria dos cursos deles é assim; ninguém gosta, é a mesmice, sempre uma mesmice, uma falação e você não abstrai nada dali, você não tira nada de bom. E daí você nem quer fazer, quando vê um curso que nem é obrigatório fazer. (Entrevista Final – Fernanda, 2021)

Corroborando as investigações de Monteiro e Schütz-Foerste (2021), entendemos que o desenvolvimento profissional docente em meio à arte promove leituras críticas de obras artísticas e também da natureza, da cultura e das relações sociais; “são processos que possibilitam ao sujeito compreender-se como parte de um processo de criação e como produtor de uma nova realidade” MONTEIRO; SCHÜTZ-FOERSTE (2021, p. 8). Nos excertos abaixo, os(as) professores(as) discursam, mesmo que embrionariamente, sobre outras possibilidades de formação continuada, com estudos e vivências que promovam mais dialogia, problematizações, reflexões sobre o trabalho da escola em que atuam... Vivências que promovam, inclusive, o olhar para a materialidade do mundo: luz, foco, cor, brilho, sonoridades, arranjos... Materialidades que impulsionam o desenvolvimento da sensibilidade, que facultam a mobilização interna de novas combinações imaginárias e que impactam, certamente, a disposição sensível e de pensamento da pessoa acerca do mundo e das relações humanas.

As formações... Como eu posso dizer? A que vale mesmo é a que nós professores fazemos depois [risada], que é a troca de experiências.” (Entrevista Final – Ana, 2021)

Não quer dizer que eu achei que o curta não seria uma coisa boa, só que foi muito melhor do que imaginei. É como se tivesse com uma venda nos olhos e de repente me clareasse a visão. (Entrevista Final – Drakonarius, 2021).

“E o lado bom é que a formação foi boa, sabe? É claro, como eu falei, não deixou a gente profissional da área, mas abriu nosso olhar para uma perspectiva diferente. Um modo de enxergar, por exemplo, a questão da luz, o foco, a questão dos efeitos sonoros entre outros.” (Entrevista Final – Maria Helena, 2021).

Potencializar as vivências estéticas com foto, luz, natureza, música, histórias, criação de roteiro, filmagem, etc, trouxe, enfim, não só novas apropriações e percepções aos (as) participantes, como também trouxe confrontos de senso crítico consigo mesmo. Uma fala marcante durante os encontros foi a de Catarina, na discussão sobre o dia a dia de trabalho; a professora revelou estar se redescobrando como uma pessoa criativa e a formação em “Tramas Poéticas” só reforçou esse novo *insight* acerca de si mesma.

[...] eu acho que eu cresci muito nessa parte, sabe? Em termos dos meus pensamentos e a forma de agir [...]. Eu falo “Eu quero ter essa oportunidade de gravar novamente”. Eu aprendi e agora eu tenho que executar né? Eu só fiz um curta, então, quero fazer mais. (Entrevista Final – Izabella, 2021)

Até quando eu coloquei [o nosso produto final] na TV, o meu marido falou “O que é essa reportagem?” e eu falei “É do curso, querido” (Entrevista Final – Fernanda, 2021).

Olha, eu quero gravar de novo. Eu quero mesmo gravar de novo. (Entrevista Final – Izabella, 2021)

Eu me senti protagonista do curta e de tudo [Risada] (Entrevista Final – Izabella, 2021)

[Sobre o documentário produzido] olha, rolou lágrimas eu fiquei emocionada [risada]. Foi muito, muito, assim... Eu acho que é o título que define que aquele curta tem realmente a ver com emoções e reinvenções [...]. Assim, você vê o pouquinho de cada um [...]. É claro que eu mostrei para o povo aqui de casa [risada]. Ficou muito bonito, lindo, lindo, lindo mesmo. Assim, o que mais emociona é aquela parte, que acho que foi Catarina que gravou, dos meninos sentadinhos falando da pandemia. No caso das alunas [das outras crianças] também; e é claro que são realidades diferentes. Nossa... Mas... Eu gostei muito. (Entrevista Final – Ana, 2021)

Embora o processo de gravação tenha sido complexo e repleto de obstáculos – não só devido àqueles problemas que normalmente ocorreriam em uma gravação e em

processos de investigação, mas também os empecilhos decorrentes da situação pandêmica – o coletivo comentou como cada um (uma) ficou surpreso (a) consigo mesmo (a) quando assistiram ao produto final pela primeira vez. Os comentários consistiram em orgulho e incredulidade no que se descobriram capazes e do maravilhamento pelo conteúdo que traduziram para o cinema. Apropriando-nos de Vigotski (1999a) é crível afirmar que esse curto-circuito catártico nos sujeitos é característica do fazer cinema e é a base para impulsionar a reação estética do sujeito criador. É nesse sentido que um dos maiores desafios de toda essa *práxis* se referiu a proporcionar aos sujeitos uma vivência estética e verdadeiramente autoral. Nesse sentido, verifica-se o impacto do senso de autoria da obra de arte presente nos(as) participantes.

[...] como eu te falei, só de ter gravado aqueles pedacinhos com a Ana... Só que, de pedacinho meu, e de pedacinho de Catarina, acabou formando um vídeo lindo. Na hora que eu recebi, mandei para as meninas que trabalham com a gente na escola das águas; elas também acharam lindo! Mande para minha mãe, para minha irmã e eu ia explicando “Eu gravei essa parte aí! Eu e a Ana” [risada] (Entrevista Final – Fernanda, 2021).

O que ele [curta produzido] representa? Uma vitória [gargalhada]. De alguma forma, eu venci uma barreira. (Entrevista Final – Ana, 2021)

Eu me senti mãe, por que foi o filho que nasceu, né? Por mais que seja filho de todo mundo. Foi um filho compartilhado. (Entrevista Final – Catarina, 2021).

Com certeza me sinto autor, é aquilo que eu te falei, você sente que participou daquilo. Você participou do curso, você fez, você estava ali (Entrevista Final – Fernanda, 2021).

Sim, eu me senti [autora]; por isso falei “Ah, pode colocar meu nome, para eu poder falar que eu contribuí para esse vídeo, entendeu?” [risada]. Não tem como a gente não ficar orgulhosa da produção (Entrevista Final – Maria Helena, 2021).

Em formação continuada visando ao desenvolvimento profissional da docência, o cinema, ou qualquer modalidade da linguagem artística e *poiética* tendem a propiciar vivências que não se alinham à arcaica receita mercadológica dos sistemas educacionais atuais. Nesta conjuntura, pode-se observar como a realização de uma formação continuada humanista e estética contribuiu para desconstrução de infundadas concepções sobre o ato criador artístico como uma tarefa longínqua da vida, inata, ou deveras metafísica, para ser inserida em um ambiente formativo; os(as) participantes desta pesquisa compreenderam que não só eram capazes de realizar a criação (o fazer cinema),

como também tinham a demanda de que o ato criativo fosse incluído em mais atividades formativas da escola.

3.4 Arte, cinema e humanização.

O processo de vivência com a criação cinematográfica impulsionou a publicização de conceitos que os(as) professores(as) têm sobre a arte, bem como sobre as percepções que têm acerca das relações da arte com a humanização; em outras palavras, o processo forneceu indícios de estudos que precisam ser propiciados em formações continuadas, em processos de desenvolvimento profissional do (a) professor (a).

Pensar a didática e a formação docente fora do campo da prescrição vai, muitas vezes, na contramão das expectativas de docentes e alunos de licenciaturas que buscam ansiosamente respostas salvadoras ou métodos eficazes relacionados a “como dar aulas” em palestras, aulas e manuais, (LOPONTE, 2013, p.7).

Teóricos como Bondía (2002), Freire e Shor (2013), Neitzel e Carvalho (2013) defendem a integração da educação estética em prol da “formação cognitiva, ética, estética e política” do (a) profissional da educação, em específico do (a) professor (a); os pensadores citados entendem que a educação estética impulsiona “o pensamento reflexivo e especulativo” (NEITZEL; CARVALHO, 2013, p. 1035); em outras palavras, a educação estética possibilita movimentos de conscientização e de metaforização da realidade, levando os sujeitos a comporem cenários inexistentes, mas passíveis de existirem pela ação humana criadora. Todavia, a realidade vivida por muitos profissionais da educação se distancia da educação estética. Na presente pesquisa, os(as) participantes demonstraram, em certas passagens discursivas, visões que, em alguma medida, dicotomizavam a arte das suas possíveis articulações com ambientes formativos e mais humanizados, com a formação geral (das crianças e dos próprios docentes); há, ainda, indícios de que a arte precisa ser mais bem compreendida tanto em si (o que é a arte, como as pessoas se desenvolvem artisticamente, qual a função da arte na humanidade etc.) quanto nas suas relações com a educação.

Vou falar a verdade para você, atualmente, assim quando a gente trabalha com educação infantil, a gente trabalha com livros, com desenhos, e o desenho é uma arte também né? Dessa maneira, [temos] desenho, pinturas, atividades, assim, que eles [as crianças] possam se expressar. Há um pouco disso aí [na prática pedagógica], mas não vou falar aqui que é totalmente. Porque você sabe que nós temos os conteúdos que também têm que ser seguidos, né? Mas da maneira que é possível seguir esses conteúdos, aí a gente incluiu alguma coisa de

pintura, de desenho, de filmagem, de apresentações. Eu acho que isso é a arte também (Entrevista Inicial – Carlos, 2020).

Às vezes, [na escola] se pensa que arte é desenhar uma data comemorativa no quadro e mandar pintar, ou é só decorar a escola [risada] [...]. Ou é ensaiar uma dança, ou coisa assim, e não é isso. (Entrevista Inicial – Fernanda, 2020).

[...] eu fiquei pensando “Será que eu vou ter que ler livro de poesia?” Eu não sou de poesia, não sou poeta, então o que é que eu vou fazer? Mas vamos lá. Mas aí você começou a falar de filmagem, de gravação de vídeo, aí eu pensei “Ah eu vou participar!”. E esse foi o diferencial, eu acredito que se você tivesse fechado só para professores de arte seria meio monótono, porque quando você fala só do seu umbigo, você esquece do corpo todo. (Entrevista Final – Drakonarius, 2021).

Nas entrevistas realizadas antes do desenvolvimento do projeto “Tramas Poéticas”, os(as) participantes disseram que se interessaram na proposta de aprender a realizar a filmagem, não com a finalidade de impulsionar a própria formação sensível, imaginativa, criativa e humana, mas, sim, para poder produzir vídeos para estudantes naquele período de pandemia. Tal fato não significa que os(as) participantes se inscreveram com um objetivo totalmente despido de caráter artístico; todavia, encontra-se no discurso dos(as) professores(as) resquícios de proposições tecnicistas tão veiculadas nas formações mercadológicas da atualidade. A quebra dessas concepções tecnicistas foi um fato constantemente trabalhado no decorrer da *práxis*, no processo de criação cinematográfica. Foi objeto de discussão a formação artística e estética que vai além de uma qualificação tecnicista e que se volta, prioritariamente, para a formação omnilateral do ser humano.

No que tange às relações entre cinema e educação, em específico, percebeu-se que assim como ocorre com a arte em geral, os(as) professores(as) participantes tinham uma perspectiva fragmentada e deveras imbricada no senso comum, pois enxergavam as possibilidades de atividade dos educandos e dos(as) professores(as) com o cinema somente pela via do produto-filme, em detrimento do fazer fílmico e, às vezes, em detrimento de debates mais aprofundados que geram mais investigações, mais problematizações, mais participações, mais criações de sentidos e de posicionamentos perante a vida. Muitas vezes, as opiniões giraram entre utilizar o filme como apoio de conteúdos científicos, como mediador de valores morais, ou como metodologia em sala de aula.

[...] eu desenvolvi um projeto para escola, no qual os filmes me ajudaram a passar para os alunos a mensagem que eu queria. Basicamente, não é assistir o filme por assistir, mas fazer a interpretação

e análise desse filme. É porque algumas pessoas costumam cortar, e utilizar só determinada parte do filme que os interessa; eu gosto de passar o filme [inteiro] porque bem ou mal, no filme tem todo o enredo que se conta; então é até mais fácil para você vivenciar e entender a história e ligá-la à sua realidade. (Entrevista Inicial – Drakonarius, 2020).

Tem que ser bem trabalhado [o conteúdo dos filmes], porque o cinema modifica muita coisa, sabe? Até mesmo o mesmo fato histórico, às vezes, para enaltecer o ator ou a atriz, eles modificam muito. Então o cinema tem que ser bem trabalhado, tem que ser bem explicado. Não é aquele cinema de passar para o aluno e pronto. (Entrevista Inicial – Carlos, 2020).

Então é assim, [o cinema na escola] era um filmezinho que era para a gente se identificar se o que a gente está vivendo era de acordo com aquilo [passado no filme], ou identificar se aquilo ali [visto no filme] era o correto, ou se o aquele outro momento dentro do filme era correto ou não, ou o que faltava para melhorar aquilo ali. (Entrevista Final – Izabella, 2021).

Bom, eu falo com visão de professor das águas [...], professor de zona rural que vê necessidade de cultura nos alunos. Aí a cada vez tem uma sessão de filminho; nós buscamos aqueles filminhos bem antigos para passar. Geralmente com alguma mensagem; geralmente não, pois todo filme passa uma mensagem. E tem um filme que eu amo, adoro passar para os meus alunos que é o “Pássaro Azul”. Muito antigo mesmo porque ali ensina valores. Isso, “Pássaro Azul”. Ensina valores de amizade, de respeito aos pais. Olha, é muito lindo o filme.” (Entrevista Inicial – Ana, 2020).

Conforme mencionado anteriormente, não é incorreto o uso de filmes em ambientes formativos, ainda mais se são trabalhados em sua total complexidade, provocando a atividade crítica, cônica, autoral, imaginativa e criativa dos estudantes. No decorrer de “Tramas Poéticas” se fez uso de mídias audiovisuais para se abrir discussões e propiciar vivências estéticas; entendemos que a relação com o produto fílmico é o primeiro passo para o fazer fílmico, ou como Bergala (2008) denomina, para a instauração da pedagogia de criação. Chisté e Sgarbi (2015, p. 282) reforça que “[...] para o indivíduo se constituir como ser humano, é preciso que internalize as produções humanas que foram sistematizadas na trajetória da humanidade (a arte é um exemplo dessas produções)”. Assim, as vivências em “Tramas Poéticas” não consistiram só no fazer cinema sem preparo; os conteúdos técnicos foram apresentados por meio de diferentes manifestações da linguagem artística, mediante elementos audiovisuais, dinâmicas grupais, jogos de atores, além das discussões temáticas.

O movimento de apropriação cultural e de fazer cinema no ambiente formativo de “Tramas Poéticas” trouxe à tona contemplações, não só sobre as experiências dos(as)

participantes em sala de aula, mas também fora delas; contemplações (apreciações) que possibilitaram discussões sobre a arte na relação com a vida, na relação com a forma de ver e narrar as pessoas, as possibilidades humanas, as condições sociais e econômicas etc., e que viabilizaram, enfim, o ato de transver a realidade (o que é característico da reação estética).

Perissé (2009) enfatiza a importância de uma formação estética do(a) professor(a), não só para preparar o (a) docente para enxergar e ouvir o(a) aluno(a) em suas demandas, mas também para que o (a) profissional seja sensível às necessidades das crianças, dos estudantes, de suas famílias. Para Vigotski (2018b, p. 78), “[...] a vivência auxilia a destacar as peculiaridades que desempenharam um papel na definição da relação com uma dada situação”; de certa forma, as vivências em “Tramas Poéticas” facultaram discussões, investigações, criticidades, levando os sujeitos a produzir, reivindicar e ressignificar o papel da formação continuada, da prática pedagógica com crianças e demais educandos, reelaborando, igualmente, concepções acerca do potencial da arte e do cinema na educação.

A esse respeito, salienta-se que esse movimento de inclusão do sujeito como agente criador impulsionou *pereživânie*, que por sua vez promoveu uma reelaboração na forma com o indivíduo enxerga a si e o seu entorno. Esse processo de vivência estética da criação é por vezes despercebido, pois, segundo Vigotski (2018a), há uma banalização e desqualificação dos pequenos atos de criação do cotidiano, partindo da concepção falsa de que ato de criação é atrelado a gênios e talentos inatos.

No cotidiano, designa-se como imaginação ou fantasia tudo o que não é real, que não corresponde à realidade e, portanto, não pode ter qualquer significado prático sério. Na verdade, a imaginação, base de toda atividade criadora manifesta-se, sem dúvida, em todos os campos da vida cultural, tornando igualmente possível a criação artística, a científica e a técnica. (VIGOTSKI, 2018a, p.16).

No que tange ao processo de criação do curta-metragem, em específico, os(as) professores(as) mostram uma preferência por trabalhar com temas que lhes eram urgentes no momento; as dinâmicas trouxeram para discussão elementos da realidade dos sujeitos (pandemia, infância, escola, trabalho docente, classes sociais etc.), e os curtas-metragens produzidos trilham o mesmo caminho, isto é, buscaram tratar a realidade, mas de modo mais investigativo, superando os dados imediatos (na medida permitida pelo tempo disponível para o desenvolvimento do projeto). Pode-se dizer que o fazer cinema foi uma possibilidade para os(as) participantes compreenderem e refletirem, por meio de

diferentes prismas, situações do(as) trabalho docente que eram difíceis. Sobre essa trama entre emoção, imaginação e arte, Vigotski (2003b, p.243) discorre:

Assim, resulta compreensível a importância emocional da imaginação. As emoções não realizadas na vida se exprimem por meio da arbitrária combinação dos elementos da realidade e, sobretudo, da arte. Devemos recordar ao mesmo tempo que a arte não só exprime as emoções, mas sempre as resolve, livrando a psique de sua obscura influência.

A esse respeito, Loponte (2013, p.15) refletindo sobre a importância da arte em uma formação docente, explana: “Nem tudo é arte, mas qualquer material, sentimento, objeto ou vontade pode materializar-se em uma produção artística”. Os elementos que consolidam e objetivam o universo artístico estão entrelaçados com o universo simbólico do sujeito, contudo, enquanto a dimensão afetiva é importante no processo de cristalização da obra de arte, ela não é o único elemento necessário. Fischer (2002, p.14) indica que por si só a emoção não é o suficiente para um artista, é necessário “também saber tratá-la, transmiti-la”; é preciso “conhecer todas as regras, técnicas, recursos, formas e convenções com que a natureza - esta provocadora - pode ser dominada e sujeitada à concentração da arte”. Assim, para que haja a produção artística é preciso assimilar esses símbolos e materiais consolidados por meio de ferramentas, métodos, procedimentos e comportamentos construídos pelos humanos e objetivados culturalmente.

A produção dos curtas-metragens desencadeou, portanto, emoções, paixões, curiosidades, necessidades ligadas às realidades; todavia, o processo também possibilitou sobre novas visões sobre as realidades; por exemplo, os sujeitos se viram em um choque de realidades escolares múltiplas e distintas (escola urbana, escola rural e escola das águas), refletindo que não só as suas próprias vivências eram singulares, mas que as condições e as necessidades dos demais sujeitos – especialmente dos educandos – estavam ligadas a estruturas sociais, culturais e escolares que também precisariam ser pensadas dialeticamente, isto é, em suas especificidades e em suas relações com dinâmicas macros que impõem certas condições objetivas. Dentro desta conjuntura, o aporte vigotskiano aponta como arte é um reflexo das “vivências sociais culturais e históricas do artista no momento de sua produção” (FARIA; DIAS; CAMARGO, 2019, p.157). A arte cinematográfica, nesse cenário, serviu de meio catalisador para desencadear nos sujeitos processos de conscientização, de crítica, de criação de significados coletivos e de sentidos pessoais.

Então, o curta para mim, é o resultado de tudo aquilo que a gente vivenciou. Foi tudo diferente esse ano, você não tocar na pessoa, não poder falar de frente... Então, o curta passa uma mensagem de quê... Assim, por mais que estivéssemos separados e cada um tivesse feito uma parte, o resultado foi esse, o resultado de superação. É isso que o vídeo mostra, foi uma superação, de você se reinventar novamente, de você fazer as coisas diferente. (Entrevista Final – Catarina, 2021).

A formação humanista e estética proposta intensificou esse caráter metamórfico, paradoxal, dialético e artístico dos indivíduos. Esse espaço de vivências estéticas os levou a pensar, refletir e reelaborar questões educacionais do atual momento e sobre sua docência, criando novas possibilidades e paradigmas para o enfrentamento em prol do desenvolvimento de um(a) professor(a) poético e consciente. As narrativas dos(as) professores(as) destacam o impacto de uma formação humanista, no sentido que se buscou propiciar uma experiência estética para além de conteúdos técnicos, isto é, o sentimento de autoria, de satisfação pela obra produzida e o senso de identidade profissional fortalecido. É nesse sentido que todo processo apresentado nessa subseção ilustra o potencial formativo da arte cinematográfica como catalizadora de múltiplas vivências estéticas, coletivas e individuais.

Quando eu fiz a inscrição eu fiz assim bem assim: - Ah, eu vou fazer, porque a gente precisa fazer alguma coisa na pandemia, para não ficar parado. [...] Depois que eu comecei a participar [...], sabe quando você se empolga? Quando você gosta da coisa? (Entrevista Final – Carlos, 2021).

E eu achei que ia ser chato sinceramente, até então nunca teve nada parecido, assim de formação para aprendermos a fazer vídeo, sobre filmagem, essas coisas assim nunca tiveram. É a primeira vez. Por isso que quando eu vi o nome, me inscrevi, falei pra Ana “Vou testar! Se for chato eu saio”, mas não foi chato, foi ótimo, me surpreendeu nessa questão. E foi totalmente diferente, você usou as suas dinâmicas nas aulas, que foram totalmente diferentes das formações que estamos acostumados a ter. (Entrevista Final – Fernanda, 2021)

Sim, de fato foi um processo de aprendizagem para todas nós. Foi pra você, pra mim, pra Iza, para os outros do grupo, pois cada uma absorveu um pouco do conhecimento compartilhado e é isso. (Entrevista Final – Maria Helena, 2021).

A proposta dessa práxis convidou os(as) professores(as) a sair de um papel contemplativo em prol do ato de criação, evocando elaborações coletivas e individuais. Ao final do processo, “Tramas Poéticas” não se tornou uma formação diferenciada só por sua temática de cinema e educação, mas também pela dinâmica dialógica em prol de uma formação omnilateral do (a) docente. Sobre o processo artístico que viabilizou

conscientizações acerca de dados da realidade, assim como a superação da realidade e a construção de sentidos e reflexões, pode-se dizer que *Professora Cida e os desafios do ensino remoto* é um curta-metragem, com quatro minutos, em que as pedagogas Ariane de A. Assad e Wilsane de O. C. Guimarães narram, satiricamente, os sentimentos da personagem Cida, professora de uma escola pública do interior brasileiro, que lida com sonhos, com o cansaço das jornadas do magistério e cuja realidade se torna mais complexa e difícil na rotina da educação remota. A sátira dialoga com as condições do trabalho docente, com a sensibilidade do(a) professor(a) que busca, incessantemente, estabelecer formas de contato com o(a) educando(a) e com a esperança advinda da ação humana que produz ciência e arte.

No curta-documentário *Desafios da educação em tempos de pandemia*, a turma Floral – Ana, Carlos, Catarina, Drakonarius e Fernanda – trouxeram a realidade escolar de cada um (a) durante o turbulento período pandêmico. As entrevistas com alunos(as) e colegas de trabalho, o curta-documentário, que tem duração de quase 10 minutos, trazem os encontros de cada professor(a) com dissonantes realidades escolares: escola da cidade, escola do assentamento e escola ribeirinha; aborda-se, ainda, como a COVID-19 impactou cada um desses contextos/sujeitos. No que diz respeito à profissão docente, o curta expressa a clareza que os(as) professores(as) têm acerca da importância da função social de seus trabalhos e a dor de não poderem cumprir com os fins da docência plenamente, especialmente por não terem como tecer mediações singulares junto aos estudantes; de forma sensível, o curta mostra a dura realidade das crianças que retomam atividades de trabalho no contexto pandêmico, por não terem a escola. É emblemático como a produção, ao mesmo tempo que foi criada de forma coletiva, expressando os anseios acordados coletivamente nas trocas dialógicas, também mantém a assinatura poética distinta de cada participante, seja no estilo de filmar, na escolha de cenário, nas perguntas do roteiro, ou nas filmagens extras.

Professora Cida e os desafios do ensino remoto e *Desafios da educação em tempos de pandemia* são, enfim, produções que representam o potencial de formações continuadas preocupadas com a educação estética do(a) professor(a), impulsionando a elaboração de sentidos alargados sobre as realidades e relações vividas, provocando, igualmente, o desenvolvimento de identidades que se reconhecem com capacidade de autoria.

3.5 Arte e consciência crítica: infância, docência e escola.

Em “Tramas Poéticas”, o processo da vivência com a criação cinematográfica impulsionou debates entre os(as) professores(as) não apenas sobre a arte, como também sobre infância, trabalho docente e escola. Esse dado nos leva a pensar o potencial da arte cinematográfica como meio de promover o alargamento da relação da pessoa com o meio e com a cultura, a conscientização, bem como uma formação humanista e estética, visando o desenvolvimento omnilateral humano. Nas subseções anteriores defende-se que a produção cinematográfica produzida pelos coletivos é reflexo do processo catártico, vivenciado na formação e no contexto em que se encontravam. A presente subseção se propõe a averiguar em que medida a atividade de criação cinematográfica dialoga com o desenvolvimento da consciência crítica dos sujeitos que a vivenciam.

Iniciamos a discussão apresentando os dados referentes ao tema gerador infância, para que pudéssemos analisar filmes, imagens, paisagens, cenários, efeitos sonoros, vestuários, contextos históricos e inclusive conceitos presentes em produções cinematográficas, incentivando os(as) participantes à criação de significações e de sentidos. As narrativas dos(as) professores(as) sobre a infância, conforme constante na entrevista inicial e nos primeiros encontros iniciais, aproximaram os conceitos de infância e de criança, apresentando-os como sinônimos, ou como termos complementares; a ideia de criança aparece atrelada à de idade e o termo infância a uma fase do desenvolvimento; as opiniões, em várias narrativas, convergiram no sentido de apresentar uma visão romantizada e passiva dos pequenos – crianças puras, boas, inocentes, dependentes, abertas ao recebimento, receptáculos etc.; – a qual às vezes contrastava com percepções que tinham de crianças que não correspondiam à visão idealizada.

Então, uma caixinha de surpresa [sobre definição de criança]. Porque temos crianças e crianças. Olha, eu, desde que entrei para este ramo da educação, eu já me surpreendi muito, muito, muito, muito. Desde a educação infantil, porque quando eu comecei, trabalhava com aluninhos de um ano e meio a dois (Entrevista Inicial – Ana, 2020)

Assim, o pouco que eu leio, eu não sou experiente, nem nada, mas o pouco que eu leio e vejo, eu acho que as crianças da educação infantil têm um potencial gigantesco para coisas novas, não precisa ser só caderno, letra cursiva. (Entrevista Inicial – Fernanda, 2020)

[...]criança é pureza, criança é... [pausa] Que o adulto tá ali para proteger a criança, mas a criança é expressão de.... [pausa]. Algo puro.” (Entrevista Inicial – Carlos, 2020)

Então, hoje em dia você tem que analisar bem essa criança e como ela vive sua infância e se ela realmente tem sua infância, né? Por exemplo, a minha infância foi totalmente diferenciada da infância que se vive hoje. (Entrevista Inicial – Drakonarius, 2020)

A criança é... Ela... como posso dizer? Ixi Jesus [risada], a criança eu acho que é um aprendizado constante. Porque quando a criança vem pra gente, ela vem só com aquela bagagem de casa.” (Entrevista Inicial – Izabella, 2020)

Tem certas coisas que a gente vê a criança e fica “Ah, mas ele não vai saber”. Se você não ensinar, ele não vai saber! Tem criança que não precisa nem ensinar, ele só de ficar olhando você fazendo ali consegue aprender, tem facilidade para aprender certas coisas. Eu acho que as crianças são capazes sim. É claro que é como eu falei, é uma questão de evolução. (Entrevista Inicial – Maria Helena, 2020).

Eu vejo a criança, assim, sei lá como um ser especial na escola. Minha definição seria isso: um ser especial. Trabalhar com criança é prazeroso, vou falar a verdade. Eles estão naquela transformação de aprender, de querer ver, de fazer, entende? (Entrevista Inicial – Carlos, 2020).

Compreende-se as afirmações como o resultado de elementos do senso comum, embasados em experiências pessoais. Essa idealização em relação à criança e à infância está intrinsecamente enraizada em perspectivas ideológicas conservadoras da sociedade contemporânea. Embora relativamente novo, a partir do século XX, há um movimento de ressignificar a forma de conceituar a criança. A esse respeito, Peloso (2013) explana que ambos conceitos de infância e de criança têm a sua gênese nos acordos sociais históricos, ao invés de advir de planos biológicos, apriorísticos e independentes das condições ideológicas e paradigmáticas dos diferentes períodos da humanidade. Consequentemente, os referidos conceitos passaram por grandes transformações ao longo dos milênios; desde a infância sendo compreendida como período de inferioridade ou imaturidade na Grécia Antiga, para se tornar inexistente na Idade Média e, por fim, ser resgatada no decorrer do século XVII com o racionalismo científico, cunhando a noção moderna romântica da infância.

É a partir desse período de desenvolvimento das tendências filosóficas modernas que, segundo Peloso (2013, p.24954), surgiu a perspectiva de criança “[...] como uma folha em branco, que precisava ser preenchida, isto é, preparada para a vida adulta, pois nesse momento uma criança indisciplinada representava o fracasso do ‘ser’ enquanto adulto.” É nesse contexto que se torna presente, até a atualidade, a idealização da criança a-histórica, universal, destituída de sua classe social e sua cultura, e, igualmente, da infância romantizada como fase de pureza e inocência (KRAMER, 2011).

Debates questionando tais conceituações ganham espaço no século XX, nas esferas da psicologia e da educação. Vigotski (2003b, 2018a) que dedicou boa parte de seus estudos para o campo da pedagogia, criticou concepções como as descritas, indicando o quanto eram ferinas para a educação e, conseqüentemente, para o desenvolvimento psíquico da criança. Corroborando com a crítica, diversos autores (FRIGOTTO, 2006; KRAMER, 2011; KULHMANN JR, 2000) acrescentam à discussão evidenciando como a escola assumiu um papel de manutenção social e contribuiu para perpetuar esse ciclo estereotipado com ideia do “aluno ideal”.

Nas palavras de Mello e Farias (2010, p.55), a quebra dessa concepção advém do entendimento de que a criança é um sujeito histórico e cultural e seu desenvolvimento “[...]é resultado e não condição do processo de aprendizagem”. As suas múltiplas realidades que irão levá-la a interiorizar e a apropriar as suas vivências, possibilitando-lhe o compartilhamento de significados que são sociais e a tessitura de sentidos que mantêm colorações singulares e própria de si (VIGOTSKI, 2018b). Assim, a criança não é previamente e universalmente pura, aberta, dócil ou turbulenta etc.; a criança é um sujeito ativo, competente e cujos interesses, necessidades, gostos, desenvolvimentos etc., relacionam-se com as suas possibilidades concretas e objetivas de vida; uma vida que também é afetada por condicionantes econômicos, políticos, geracionais, estruturais, culturais e sociais.

No decorrer dos encontros do projeto “Tramas Poéticas”, devido as discussões promovidas em meio à arte cinematográfica, é possível identificar alguns tensionamentos (mesmo que ainda embrionários) no modo de conceber a infância e as crianças; percebem-se nas discussões a aparição de argumentações sobre a existência de múltiplas infâncias, de condicionantes econômicos, mercadológicos, de classes sociais, de negação de direitos etc, que impactam os modos das crianças de viverem as suas infâncias; surgem mais falas que mostram as crianças como sujeitos ativos, complexos, com histórias diferentes e com desenvolvimentos afetivos e cognitivos que são singulares e que, conseqüentemente, irão trazer especificidades múltiplas – alegrias, turbulências, necessidades, expressividades, desejos – para o mundo.

Quando a gente fala na infância, nem toda criança tem uma infância de brincar. Nem todas as crianças têm uma infância de infância realmente. Às vezes a infância da criança é ser um mini adulto (Encontro 6 – Trocas de experiências, Catarina, 2020).

Poxa... [Na escola] Teve uma certa atividade de montar [pausa reflexiva]. Eu me coloquei no lugar do aluno, me coloquei no lugar dos

pais dos meus alunos, porque a secretaria [Secretaria de Educação] mandou: vai fazer isso. Só que, poxa, eu não ia estar na casa do aluno para explicar aquele conteúdo. (Entrevista Final – Ana, 2021).

[...] Nós [escola] matamos esse lado criativo da criança. Quando chega na alfabetização... E eu falo isso porque já cometi essas gafes. Chega na alfabetização e diz “Acabou a hora da brincadeira, vocês estão aqui para ler e escrever”; e sendo que tudo fica melhor quando você tem a brincadeira” (Encontro 7 – Pré-produção, Catarina, 2020).

Os debates sobre infância e crianças suscitaram, ainda, proposições em relação à escola e à identidade docente. Segundo Loponte (2013, p. 7-8), a identidade docente se constitui, muitas vezes, “a partir da diferença de certos modelos e padrões”; em outras palavras, “a partir de um olhar para outras experiências docentes produz-se a diferença”, de modo que “identifico-me (ou não) com o outro e me vejo diferente aos meus próprios olhos”; todo esse material que surge da dialogia e possibilita pensar a diferença pode ser debatido à luz da teoria, da arte, da história etc., possibilitando significações coletivas sobre o mundo, sobre as relações, sobre as crenças, viabilizando também a revisão dos sentidos pessoais.

Então, o vídeo mostrou aquilo que faz falta em uma escola que são os alunos, são as crianças. Eu acho que a escola sem eles é uma escola sem vida. Não existe nada além de tijolos, cimento, uma estrutura apenas, porque os alunos que dão vida a escola. (Entrevista Final – Carlos, 2021)

Meus pensamentos eram arcaicos, e hoje eles estão mudando. (Encontro 6 – Trocas de experiências, Catarina, 2020).

. No processo de fazer cinema, os(as) participantes vivenciaram – mediante conversas, apreciações, leituras, histórias – choques de realidades tão singulares e, ao mesmo tempo, com nuances semelhantes que, em alguma medida, mobilizaram significações e sentidos. Tal observação se alinha à afirmação de Chisté e Sgarbi (2015, p. 282) da arte como “[...] o elemento mediador que permite a explicitação e o reconhecimento coletivo da relação dialética estabelecida entre o homem e a realidade”. Nesse sentido, é crível dizer que a criação artística, mesmo que despregada de uma funcionalidade imediata, apresenta-se como mediadora na quebra da alienação e como potencializadora do desenvolvimento omnilateral dos (as) docentes. O processo vivido em “Tramas Poéticas” não se tratou apenas de apropriação de conteúdos cinematográficos, mas, também, de reconstrução de concepções e, ainda, de elaboração dos conflitos vivenciados naquele período; foi um processo com qualidades catárticas e, porquanto, estéticas.

[...] realmente foi um aprendizado, coisa que achávamos que sabíamos, podemos fazer melhor e coisas que não sabíamos, aprendemos. [...] Gostei muito da experiência, achei que ia ser uma coisa chata, mas foi bem motivante. (Encontro 11 – Encerramento, Drakonarius, 2021).

A Cida ficou louca, entendeu? A Cida ficou muito doida durante o ano passado e eu não fiquei tanto assim, mas a gente teve os momentos cabeludos, sabe? Porque tudo era muito novo e isso tudo foi muito difícil, mas eu acho que a gente venceu isso aí e tá vencendo (Entrevista Final – Izabella, 2021).

O curta [Professora Cida e os desafios do ensino remoto] representa... Representa... A insanidade do professor em tempos de pandemia; eu acho que foi isso, porque foi o que a gente passou. Nós, como professores, não éramos nós. Professor sempre foi aquele que tem paciência, é aquele que aguenta tudo “Não, tudo bem, da próxima vez vai ser melhor”, a gente dá um jeitinho, então de modo geral, e acho que não só eu, porque eu também dei uns surtos, mas acho que representou bastante a vida do professor, as expectativas as frustrações, aquela vontade de largar tudo, largar a profissão, viver pedindo esmola na rua. As vezes parece ser a melhor opção do que passar por uma situação desgastante emocionalmente, não só profissionalmente, mas emocionalmente (acredito que ela quis dizer pessoalmente).” (Entrevista Final – Maria Helena, 2021).

A formação humanista e estética, nesse cenário de incertezas, criou um espaço de trocas, suporte, conforto e vivências sensíveis com o coletivo. As vivências suscitaram necessidades de os(as) professores(as) debaterem as suas realidades – escola urbana, escola rural e escola das águas – com suas similaridades e diferenças, percalços e alegrias, condições, realidade de vida dos(as) alunos(as) etc., as quais tomaram uma nova forma; podemos dizer que foram formas mais tratadas, menos pautadas no senso comum, com nuances mais refinadas, com mais ligações com as reflexões suscitadas no decorrer dos encontros.

São [outras realidades] ... Catarina falou que os alunos dela [do assentamento] antes de irem para escola já molharam a roça, já não sei o quê e... [pausa]. Para você ver, são realidades diferentes, são.” (Entrevista Final, Ana, 2021).

A: [estamos] no mesmo rio, mas em barcos diferentes [referindo-se às diferentes realidades escolares e de vida dos educandos].

Y: É?

A: Alguns barcos tinham camarote, no meu estava entrando água [Ana cai na risada] infelizmente... É porque eu ouvi essa frase e falaram assim “Ai estamos no mesmo barco” foi até numa *Live* do [Evento] “Ser professor no Pantanal”, e a professora levantou essa questão; ela falou: “Não, estamos no mesmo Rio, porém em barcos diferentes”. E, realmente, a realidade de um [professor ou aluno] não é a mesma que a do outro. (Entrevista Final – Ana, 2021)

A demanda de novos espaços para discutir a docência, sua identidade e as interlocuções entre teoria e prática na escola não é nova. Conforme Araújo e Moura (2005, p. 3), as formações docentes são, muitas vezes, pautadas em uma “concepção empírica de que basta saber fazer, atribuindo ao(a) formador(a) o papel de transmissor de técnicas eficientes de ensino”; são programas que se limitam “à perspectiva de uma racionalidade técnica, na qual o desempenho docente desejável dar-se-á por meio da correta utilização de teorias e técnicas científicas”. Talvez possamos conjecturar, junto aos processos de reflexão desencadeados em “Tramas poéticas”, que as propostas de formação docente que envolvem a criação artística com vistas à provocação da reação estética – desvinculadas, portanto, de mecanicismos e de tecnicismos – impulsionam atividades que, em um plano coletivo, remontam às necessidades humanas e a formas de resolução que mobilizam as emoções mas, também, impulsionam autocombustões que levam os sujeitos a mais conscientizações, à vivência da imaginação e à criação de prismas que fogem ao imediato.

3.6 Potencial da arte cinematográfica para a educação estética e para o desenvolvimento profissional do(a) professor(a).

Nesta subseção sistematizam-se as contribuições da arte cinematográfica para a educação estética e para o desenvolvimento profissional dos(as) professores(as), considerando dados das subseções anteriores. Será retomada a importância da dimensão estética, como ela vem sendo reduzida na educação atual e sua centralidade para a educação estético-humanista nos programas de desenvolvimento profissional docente.

No modelo curricular da sociedade neoliberal, a educação não trata da formação omnilateral humana, buscando, tão somente, a qualificação para trabalhos cabíveis para uma massa de mão de obra que, na maior parte, obedece ou concretiza ideais prévios articulados por agências multilaterais, empresas e grupos oligárquicos. Em sua defesa à educação estética, Vigotski (2003b) mostra que, mesmo quando se inclui a arte como disciplina, o sistema tende a redirecionar o foco para técnica e não para a vivência do processo criativo. A proposta da educação estética vigotskiana não é, apenas, sobre a inclusão da arte no currículo escolar, mas, principalmente, de modificar o modo como as artes e outros campos do conhecimento são articulados no espaço educacional em prol da formação completa do ser humano.

Portanto, vemos que a pedagogia tradicional se deparou com um beco sem saída com relação aos problemas da educação estética, ao tentar lhe impor fins completamente alheios e impróprios; assim, primeiro perdeu de vista sua própria importância e depois encontrou resultados opostos aos que esperava. (VIGOTSKI, 2003b, p. 229).

Similarmente às conceituações vigotskianas, Bergala (2008) apresenta o conceito de pedagogia de criação, propondo a inclusão do cinema em espaço escolar sob o ângulo da criação cinematográfica. Assim, a pedagogia de criação refere-se à arte cinematográfica no sentido de propor vivências em meio às quais os sujeitos viverão a coletividade, a problematização, a investigação, a apropriação de técnicas e saberes, o tensionamentos entre paixões e reflexão, a conscientização, assim como a imaginação e a criação; para Bergala (2008), a pedagogia da criação busca trabalhar a força criativa do educando e, nesse sentido, a criação cinematográfica apresenta mais poder educativo quando comparada à utilização dos filmes como produtos prontos. Com base em ambos os autores, é factível pensar no protagonismo criativo das crianças e demais estudantes e, também, nos processos de desenvolvimento profissional dos(as) professores(as).

No início de “Tramas Poéticas” os(as) professores(as) participantes afirmaram acreditar nas vantagens da arte cinematográfica nos contextos educacionais, porém também evidenciaram receios quanto à realização de processos tão trabalhosos como o de filmagem. Tal perspectiva em relação às dificuldades não foram desconstruídas, pois a tessitura da arte e igualmente do cinema, não remete a processos simplificados, rápidos e fáceis; o que se modificou no processo coletivo foi a noção da capacidade de todos os sujeitos, sejam professores(as) ou estudantes de realizar a árdua tarefa de filmar, de se envolver em processos de imaginação e de criação, sempre que condições objetivas de ensino com qualidades significativas são garantidas; também houve interesse crescente em debater as possibilidades que a arte – e que a vivência estética – podem suscitar nos ambientes formativos escolares e extraescolares. Ao final do curso, percebe-se uma empolgação e anseio de repetir experiências de criação como a vivida em “Tramas Poéticas”.

O processo de criação cinematográfica reforça o poder da arte como um ato político e ético, que permite ao sujeito a elaboração e reelaboração reflexiva dos conteúdos apropriados sobre o mundo externo. Monteiro e Schütz-Foerste (2021, p. 8) corroboram com tal percepção afirmando que a arte “[...] é expressão dos sujeitos datados e localizados historicamente. Isso possibilita o reconhecimento de nossa humanidade.” Vigotski (1999a) defende que o movimento instigado pela arte, em específico pela criação

artística, tem como papel a transformação catártica, impulsionando não só questionamentos sobre arte, mas também a vida, as relações, o próprio trabalho. No meio pandêmico vivenciado no decorrer desta pesquisa, os(as) participantes se viram jogados em um redemoinho caótico de questionamentos sobre sua identidade, sua docência e sobre a educação atual. As duas obras artísticas produzidas pelos grupos de professores(as) ilustram a dinâmica dialética da criação artística, na medida em que ambas remetem ao movimento intrínseco, imaginativo, dos coletivos, mas também ao momento histórico, cultural, social e político vivenciado, que é ainda mais bem apreendido, colocado em discussão para a elaboração de mais – e não menos – consciência.

Assim, os produtos cinematográficos não remetem apenas a um processo de elaboração emocional; observa-se a reflexão crítica social e política tanto no curta-documentário quanto na sátira. Ambas as obras retratam o sofrimento, angústias e frustrações do(a) aluno(a) e do(a) professor(a), causados pela pandemia; para além do produto fílmico, o próprio processo criativo – como os dados analisados anteriormente ilustram – viabilizaram trocas dialógicas, necessidade de revisão de ideias e a elaboração de percepções críticas a exemplo dos posicionamentos evidenciados com relação ao sistema educacional, ao desenvolvimento profissional de professores(as), a quase que inexistência da arte na escola, ao apartamento do docente das manifestações artísticas e culturais, às formações mecanicistas ofertadas pelas diretorias públicas de ensino, ao modo de conceber a criança. Podemos dizer que os dados da pesquisa mostram que o desenvolvimento profissional do(a) professor(a) precisa, também, ser tecido em meio à arte, garantindo acessos às manifestações artísticas, estéticas e culturais, bem como as suas relações com a história e com necessidades humanas de diferentes épocas; quando os(as) professores(as) desenvolvem capacidades de apreciação das artes e da cultura, desenvolvem sensibilidades e desenvolvem, até mesmo, as suas possibilidades de imaginação e de atividade criativa, caminham em direção contrária à expropriação que caracteriza as sociedades capitalistas e os tempos neoliberais.

A expropriação determina o não desenvolvimento do homem em sua integralidade e a sua alienação. Essa alienação torna os homens estranhos a si mesmos, empobrecidos, convertidos em mercadorias desvalorizadas, já que alimentam o capital de uma minoria que detém a propriedade em detrimento de si próprios (BRITO; ARAÚJO, 2018, p. 593).

Para as autoras, o docente alienado encontra-se em uma situação ainda mais complexa, pois “[...]um professor alienado pode comprometer a vida dos sujeitos e do

desenvolvimento de personalidades e da sociedade” (BRITO; ARAUJO, 2018, p.593). O que identificamos em “Tramas poéticas” é que os processos de desenvolvimento profissional com a arte suscitam e explicitam necessidades que podem, inclusive, serem trabalhadas de modo mais específico em outras formações. Nos excertos a seguir, as falas dos(as) professores(as) expõem necessidades relativas a conteúdos para formações continuadas, como a necessidade de estudarem mais a fundo os currículos das escolas de campo e a necessidade de debaterem mais as propostas pedagógicas prontas, mecanicistas e tecnicistas.

[Sobre as dificuldades das colaboradoras professoras da escola ribeirinha] “[...] Desculpa falar, mas mostra bem a falta de poder público presente nessas comunidades” (Encontro 7 – Pré-produção, Carlos, 2020).

Eu sempre lutei por essa parte da importância de colocar a história da nossa região, nossa cidade também, na parte do currículo. Mesmo que não tenha lá. Porque o que tem lá é em geral, Mato Grosso do Sul, mas não tem específico da cidade. Então, eu sempre batalhei por essa parte, principalmente como historiador. (Entrevista Final – Carlos, 2021).

[...] o nosso ensino não quer mudar, ainda mais escolas do campo Yasmin. Toda aprendizagem que você passa não é significativa para o aluno, porque para ele, tudo que você ensina tem que estar vinculado com a realidade que ele vive [realidade histórica e social]. Isso é bonito, na prática também. Só que fica ali no discurso, pelo discurso feito só, apenas pela fala. (Entrevista Final – Catarina, 2021).

A novidade, aquele hall de possibilidades é muito melhor do que algo que vem pronto, como se você fosse somar dois mais dois ou multiplicar 2 vezes 2. Esses cursos são mais rígidos assim, e muitos professores seguem o que eles aprendem e aplicam em sala de aula, muitas vezes sem mudar ou adequar à sua realidade. (Entrevista Final - Drakonarius, 2021).

A abordagem teórica histórico-cultural compreende o ser humano em contínuo ciclo de desenvolvimento psíquico e é esse movimento dialético que pode ser percebido no coletivo que imagina e que cria. A arte nesse contexto desencadeia novas elaborações e sentidos; sobre o assunto, Faria, Dias e Camargo (2019, p. 169) argumentam:

Se a arte "é um meio de equilibrar o homem com o mundo nos momentos mais críticos e responsáveis da vida" (Vygotski, 1965/1999b, p. 329) urge, nos tempos atuais, realizar uma reaproximação com a arte. É preciso criar e fortalecer espaços para a vivência estética, possibilitando ao indivíduo um reencontro com as próprias emoções, reconectando-se com seus aspectos de sensibilidade e criatividade (FARIA; DIAS; CAMARGO, 2019, p. 169).

Monteiro e Schütz-Foerste (2021) explanam que há limitações do criar artísticos dentro da sala de aula, pois há concepções sobre o fazer artístico que precisam de revisão, e, ainda, há “recursos tecnológicos e/ou produções” (p.12) atípicas podem encontrar empecilhos para a sua existência na escola tradicional. Com Vigotski (2003b, p. 239) aprendemos sobre a importância da arte ser integrada no ambiente de formação como fim em si mesma, pois o objetivo primordial da educação estética é “[...] inserir as reações estéticas na própria vida. A arte transforma a realidade não só em construções da fantasia, mas também na elaboração real das coisas, dos objetos e das situações.” Bergala (2008, p. 175) acrescenta à discussão ao escrever que “a preocupação com o medo de fracassar não deve conduzir ao adestramento, à submissão a regras pseudo-estéticas ou de linguagem que regem a comunicação”. Em outras palavras, os autores e comentaristas propõem a necessidade de repensar a integração da arte - em sua complexa totalidade criativa, cultural, social e subjetiva - nos ambientes formativos da educação estético-humanista. Em nossa *práxis*, por meio da arte cinematográfica, buscou-se essa integração da arte à vida; compreendemos que é possível e desejável fomentar vivências estéticas, em prol do desenvolvimento profissional dos(as) professores(as).

[...]cada grupo teve uma situação totalmente diferente para fazer o vídeo. Mas que, e é o que eu acho, quando juntou em um todo, ficou muito lindo! Aquela parte que o Carlos gravou a escola dele vazia, e aquela escola normalmente é lotada de criança. Ali normalmente fica cheio de criança correndo... e deu uma angústia, sabe? E a parte que o outro professor gravou... todas [professoras] emocionadas, falando da situação delas (Entrevista Final – Fernanda, 2021).

Então eu estava fazendo o curso, e eles [colegas] falaram muito sobre infância; você falou sobre infância para a atividade... e deu um piripaque na minha cabeça. O que eu vou mostrar de infância? Mostrar a infância que eu tive? Hum... Aí mexeu com a cabeça, mas, graças a Deus eu consegui superar; enfrentei o problema de frente (Entrevista Final – Catarina, 2021).

Na vivência com criação cinematográfica, os(as) participantes se viram impelidos a saírem de suas zonas de conforto, seja no processo de apreciações e de gravações, nas discussões do coletivo, ou analisando o impacto que a obra artística criada teve sobre si. E, conforme Bergala (2008, p. 39), os(as) professores(as) foram convidados, sistematicamente, pelas propostas com qualidades estéticas a saírem de um “linguagismo”, isto é, a despirem-se do uso de expressões vazias e/ou de senso comum, tão presente nas práticas tecnicistas e ditas inovadoras, para mergulharem em uma das

dimensões essenciais do cinema, que o distingue das outras artes, que é a de “representar a realidade através da realidade”.

No que tange ao objetivo geral desta dissertação, pode-se arguir que a arte cinematográfica tem potencial para envolver os indivíduos em processos coletivos que potencializam *pereživânie*, especialmente mediante a possibilidade de deslocamentos dos sujeitos e de conhecimentos de realidades/noções diferentes das vivências pessoais. A arte no desenvolvimento profissional dos docentes também impulsiona a voluntariedade, inclusive a vontade de criar: uma criação que pode ser de sentidos, de narrativas, de tempos e espaços, de currículo, e de propostas pedagógicas. A voluntariedade como ato da função psíquica superior é, essencialmente, toda a atividade dirigida pelo sujeito, sendo concretizada em prol de um objetivo; desencadeia-se um processo de fomentação de significação e de sentidos (RUDNIOVA, 2018). Conforme Vigotski (2003a), ao mesmo tempo que a voluntariedade será base para ações conscientes e significativas do sujeito, também é criada a partir da relação mediada. Essa relação dialética da voluntariedade do sujeito pode assumir “o caráter de complicadas formações estruturais mediatizantes, que adotam um estado dinâmico nos casos em que dois pontos não podem estabelecer conexão direta entre si.” (VIGOTSKI, 2003a, p. 144).

As análises dos discursos mostram, ainda, que a arte – e em específico a arte cinematográfica – se torna poderosa para mediar o desenvolvimento da sensibilidade dos(as) professores(as), tensionando as suas formas de pensar e de agir, abrindo brechas para mais conscientizações. Reitera-se, assim, o papel da unidade afeto-cognição como contribuinte para impulsionar a sensibilidade e, conseqüentemente, as atividades voluntárias que levam o sujeito a dominar a realidade, a tomar consciência do que ocorre no meio, a imaginar e a criar.

A unidade afetivo-cognitiva é, portanto, expressão da relação entre atividade e consciência, ou melhor, expressão consciente da atividade do sujeito, que regula ao mesmo tempo essa mesma atividade, de modo que o vínculo sujeito-objeto se constitua como imagem psíquica, como signo, como conceito, o qual funde objetividade e subjetividade. (MONTEIRO E ROSSLER, 2020, p. 320).

Tramas poéticas, por meio do cinema, almejam promover vivências estéticas junto aos docentes, impulsionando não só a capacidade dos sujeitos de imaginação e de criação, mas também a capacidade de refletir-criticamente e questionar a realidade vivenciada. Como defende a teoria Histórico-cultural, o processo estético não é indolor, tão pouco individual, pelo contrário, é coletivo - entre os(as) alunos(as), entre o(a)

professor(a) e aluno(a), e entre a turma com o docente – e repleto de tensões dialógicas, sensibilizadoras e catárticas. A este processo, Vigotski (2003b, p. 79) compreende e defende como educação:

O processo educativo, portanto, é trilateralmente ativo: o aluno, o professor e o meio existente entre eles são ativos. Por isso, é incorreto conceber o processo educativo como um processo placidamente pacífico e sem altos e baixos. Pelo contrário, sua natureza psicológica descobre que se trata de uma luta muito complexa, na qual estão envolvidos milhares das mais complicadas e heterogêneas forças, que ele constitui um processo dinâmico, ativo e dialético, semelhante ao processo evolutivo do crescimento. Nada lento, é um processo que ocorre a saltos e revolucionário, de incessantes combates entre o ser humano e o mundo.

Considerando o processo estético como processo de educação, verificamos, ainda, que em meio a programas de formação com as artes, os(as) professores(as) se sentem impelidos a expressar temas/assuntos necessários de serem tratados, inclusive teoricamente e com mais profundidade, em formações posteriores. No que tange ao potencial formativo da arte cinematográfica, em específico, é crível mencionar a possibilidade do cinema de representar e recriar a realidade por meio da própria realidade. Em outras palavras, a arte cinematográfica, em sua complexa representação da realidade e ao mesmo tempo da fantasia, compele tanto a audiência quanto os(as) criadores(as) a mergulharem em múltiplas realidades; é uma arte que gera confrontos e consolos, elaborações e reelaborações de preceitos sociais, culturais e históricos do ser humano. O cinema, enfim, fortalece a possibilidade de leitura histórica e social dos fenômenos vividos e também de criação poética dos mesmos, pois as suas composições envolverão pessoas, seres, cenários, temas, movimentos, iluminações, sonoridades, que são próximos à vida (ou a uma vida sonhada/criticada), apresentando mais potencial persuasivo, ou seja, convencendo-nos de que é preciso – e que conseguiremos – analisar situações reais e criar arranjos de vida poéticos, que fortaleçam o desenvolvimento omnilateral do ser humano.

CENA IV – PÓS-PRODUÇÃO: CONCLUSÕES

4.1. Epílogo: “Tramas Poéticas – Criação Cinematográfica com Professores(as)”

Epílogo é definido no dicionário *Oxford Languages Online* (2020, n.p.) como “Remate de uma peça literária em que se faz a recapitulação e o resumo da ação; desfecho, fecho, final.”; o epílogo em uma situação de criação cinematográfica pode ser considerado sinônimo de conclusão. Nesse sentido, a palavra é condizente ao objetivo dessa seção final: apresentar para o leitor as considerações finais decorrentes do processo de pesquisa.

As vivências em “Tramas Poéticas” foram influenciadas por fatores que decorreram de escolhas cômicas, a exemplo de algumas das propostas planejadas para/com o coletivo, mas também de determinantes externos, como o contexto pandêmico e a necessidade de desenvolver o projeto quase que completamente por meio virtual. Enquanto pesquisadora e também narradora-personagem, explícito que a primeira grande dúvida deste trabalho foi: seria possível conceber uma proposta de educação estético-humanista virtualmente? A resposta mais adequada (e, talvez, mais direta), considerando os pressupostos da teoria histórico-cultural, é que não temos formação omnilateral – em seu sentido mais profundo e completo – se não estamos convivendo (ou convivendo/vivendo com), lado a lado, usando a palavra, o corpo, a expressão, criando trocas dialógicas e mediações mais refinadas; por outro lado, a resposta também nos parece complexa, pois em um contexto pandêmico, em que os(as) professores(as) (e também nós, pesquisadores(as)) estávamos em muitos sentidos sozinhos – inclusive tendo que trabalhar no espaço domiciliar – o encontro virtual, mesmo com as suas limitações, parecia-nos uma possibilidade para promover vivências, em alguma medida, com qualidades estéticas por meio da arte cinematográfica; podemos dizer que o processo foi bem sucedido até certo ponto; durante as entrevistas finais, ao serem questionados sobre sugestões e melhorias para a formação com a arte cinematográfica, todos os(as) participantes elencaram que preferiam se tivesse sido realizada de forma presencial.

Embora o planejamento de “Tramas poéticas” tenha sido realizado com o modelo remoto em mente, houve diversos imprevistos, entre eles: a internet da cidade não estar funcionando, o microfone de alguns participantes não estar funcionando, o áudio travando, a apresentação não estar aparecendo ou o som do vídeo apresentado não estar aparecendo. Essas eventualidades e a dificuldade inicial do grupo de se envolver em

trocas mais dialógicas, colaborativas e construtivas fez com que alguns encontros trouxessem características de modelos pedagógicos expositivos. Ao perceber como a dinâmica estava inibindo a fala dos(as) professores(as), buscamos um movimento de reelaboração dos encontros. A solução encontrada foi a de propor uma reestruturação do projeto durante o encontro de *feedback*, em conjunto com os(as) professores(as) colaboradores(as).

Normalmente, você vem com o roteiro pronto, certo? E ao decorrer desse processo todo ele foi se adequando a realidade que estávamos vivenciando. E isso ocorreu justamente a partir do diálogo, da conversa, da realidade de cada um. É isso aí, que tira daquele modelo que estamos acostumados a cursar, dando uma outra visão para a gente poder ver outras formas de trabalhar. (Entrevista Final – Drakonarius, 2021).

Defendemos, neste trabalho, que o desenvolvimento omnilateral humano, em contextos de formação não implica a finalidade de se ter um sujeito capaz de produzir a perfeição, mas, sim, a existência de sujeitos que, em meio ao trabalho coletivo, tornam-se cada vez mais conscientes, ativos, críticos e criativos. A pesquisa concluída reforça a necessidade de retirarmos as lentes tecnicistas impostas sobre a educação – e sobre a formação de professores(as) – no mundo capitalista e neoliberal (até para que possamos combater as estruturas e os ideologias do sistema). Os projetos de desenvolvimento profissional precisam, então, propiciar um ambiente de vivências sensíveis, mobilizadores, de *pereživánie*, capazes de provocar nos sujeitos a reação estética; na medida em que professores(as) vivem a catarse têm mais possibilidade de transver a escola, de criar outras escolas, outras narrativas sobre a escola e sobre os(as) estudantes, de criar projetos pedagógicos que garantam o desenvolvimento omnilateral.

Nas palavras de Vigotski (2003, p. 239):

A regra a ser seguida aqui não deve ser o embelezamento da vida, mas a reelaboração criativa da realidade, isto é, uma elaboração das coisas e do próprio movimento das coisas que iluminará e elevará as vivências cotidianas ao nível das criativas.

Explorar e tecer sentidos sobre as ramificações de sensibilização da realidade foi objetivo das trocas dialógicas coletivas e do processo de criação cinematográfica. “Tramas poéticas”, em contexto pandêmico, proporcionou momentos de trocas, de reflexões, de imaginação e de criação; foi uma vivência que possibilitou investigar o potencial da criação cinematográfica em prol da educação estético-humanista; mesmo com as dificuldades do relacionamento, da mediação, em ambiente virtual, o processo vivido nos apresenta dados reais de que o cinema – ou, generalizando, que a arte – é

indispensável nos programas de formação de professores(as), impulsionando o trabalho coletivo, o desenvolvimento da sensibilidade e da voluntariedade, o desenvolvimento do pensamento inventivo e criativo, a conscientização, a expressão de fatos/fenômenos que precisam ser debatidos e mais bem compreendidos, a produção de bens – pessoais e coletivos – poéticos e, enfim, o tratamento da realidade em meio às composições que a tensionam e que, ao mesmo tempo, levam-nos a imaginar outros prismas e outras possibilidades para o real.

REFERÊNCIAS

ABSI, Rafik; LAVARDE, Marc.; JEANNIN, Lauren. **Towards more efficiency in tutorials:** Active teaching with modular classroom furniture and movie-making project. Conference: IEEE Global Engineering Education Conference (EDUCON), [S. l.], 2018. Disponível em: <https://ieeexplore.ieee.org/document/8363309>. Acesso em 6 set 2021

AMADO, Jorge. **A morte e a morte de Quincas berro D'água**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ANDRADE, Erika Natacha Fernandes de., CUNHA, Marcus Vinicius da. Sophistry in Vygotsky: Contributions to the Rhetorical and Poetic Pedagogy. **Stud Philos Educ**, n. 39, p. 85–99, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1007/s11217-019-09683-y>

ARAÚJO, Clarissa Martins de; ARAÚJO, Everson Melquíades; SILVA, Rejane Dias da. Para pensar sobre a formação continuada de professores. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 35, n. 95, p. 57-73, jan-abr, 2015.

ARAÚJO, Elaine Sampaio; MOURA, Manoel Oriosvaldo de. A aprendizagem docente na perspectiva Histórico-cultural. **28ª Reunião Anual da Anped**, GT08 - Formação de Professores. Caxambu, 2005. Disponível em: <https://www.anped.org.br/biblioteca/item/aprendizagem-docente-na-perspectiva-historico-cultural>. Acesso em 6 jan 2022.

AUMONT, Jacques; MARIE, Michel. **Dicionário teórico e crítico de cinema**. Tradução Eloisa Araújo Ribeiro. - Campinas, SP: Papirus, 2003

BARCELOS, Patrícia.; COUTINHO, Laura Maria. Encontro com Pierre: educação, cinema e narrativa na formação docente. **Revista Contemporânea de Educação**, Rio de Janeiro, 2012. DOI: <https://doi.org/10.20500/rce.v5i9.1605>. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rce/article/view/1605>. Acesso em 6 set 2021.

BESS, Márcio Luiz.; ROSSA, Marcelo Luis.; VANZIN, Tarcísio Vanzin. As Bruxas no Divã: o desafio de ser criativo e ousar no ensino de artes. **Perspectiva**, Santa Catarina, p. 531-551, 2012.

BERGALA, Alain. **A hipótese-cinema**: pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola. Rio de Janeiro: Booklink; CINEADLISE-FE/UFRJ, 2008.

BOCK, Ana Mercês Bahia. Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia. In: BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. da G. M.; FURTADO, O. (orgs.). **Psicologia sócio-histórica**: uma perspectiva crítica em psicologia. São Paulo: Cortez, p. 15-36, 2007.

BRASIL. **Referenciais para a Formação de Professores**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: SEF/ MEC, 1999.

BRITO, Karina Daniela Mazzaro de; ARAUJO, Elaine Sampaio. Princípios e possibilidades da formação docente na perspectiva do trabalho coletivo. **Obutchénie**: R. de Didat. e Psic. Pedag. Uberlândia, v.2, n.3, p.591-617, set./dez. 2018. DOI:

<http://dx.doi.org/10.14393/OBv2n3.a2018-47434>. Disponível em:
<https://seer.ufu.br/index.php/Obutchenie/article/download/47434/25644/196417>. Acesso em 19 fev 2021.

CABRAL, Leonardo. Reme de Corumbá mantém aulas presenciais suspensas até 30 de junho. **Diário Corumbaense**, 18 de mai. 2020. Disponível em:
<https://diarionline.com.br/?s=noticia&id=117362>. Acesso em 6 set 2021

CABRAL, Yasmin Oliveira. **Contar e Recriar: A engenhosidade infantil**. XIX Encontro nacional (ABRAPSO). 2017a. Disponível em:
http://www.encontro2017.abrapso.org.br/trabalho/view?ID_TRABALHO=1078

CABRAL, Yasmin Oliveira. **Reinventando o enredo: A cinematografia como instrumento de criação artística no contexto escolar**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Psicologia) - Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campus Pantanal. 2017d

CABRAL, Yasmin Oliveira; FLANDOLI, Beatriz Rosália Gomes Xavier. **A imagem e escrita: uma busca da criatividade na linguagem**. Anais -VI Seminário Internacional América Platina - I Colóquio Unbral de Estudos Fronteiriços, 2016. Disponível em:
https://eventos.uems.br/assets/uploads/eventos/88a59795508e69486b5c940014affe2c/anais/2_2016-11-13_21-31-52.pdf

CAPRECCI, Denise Sorpioni. **Da língua portuguesa à linguagem cinematográfica: do roteiro ao vídeo**. Orientador: Adriano Salmar Nogueira e Taveira. Dissertação (Mestrado em PROGEPE-mestrado profissional). Universidade Nove de Julho, São Paulo, 2016

CARNEIRO, Renê Marcio. **Rede Municipal de Educação disponibiliza plataforma online de atividades e sugestões**. Prefeitura de Corumbá, 9 de abr. 2020. Disponível em: <https://www.corumba.ms.gov.br/rede-municipal-de-educacao-disponibiliza-plataforma-online-com-atividades-e-sugestoes/> Acesso em 6 set 2021.

CARROL, Lewis, 2019. **Alice no país das maravilhas**. Porto Alegre: TAG, 2019.

CHARLOT, Bernard. **Educação ou Barbárie?** Uma escolha para a sociedade contemporânea. Tradução Sandra Pina. São Paulo: Cortez, 2020

CHISTÉ, Priscila de Souza; SGARBI, Antonio Donizetti. Cidade educativa: reflexões sobre educação, cidadania, escola e formação humana. **Revista Eletrônica Debates em Educação Científica e Tecnológica**, ISSN 2236-2150, v. 05, n. 04, p. 84-114, dez 2015.

COSTA, Fábio. **Símbolo da relação da TV com o público, Sessão da Tarde completa 45 anos**. 2019. Disponível em: <https://observatoriodatv.uol.com.br/critica-de-tv/simbolo-da-relacao-da-tv-com-o-publico-sessao-da-tarde-completa-45-anos>

COSTA, Flávia Cesarino. Primeiro Cinema. In: MASCARELLO, F. (org.). **História do cinema mundial**. Campinas, SP: Papyrus, p. 17-56, 2006.

COSTA, Rafael Nogueira; BRANQUINHO, Fátima Teresa Braga; PEREIRA, Celso Sánchez. Produção audiovisual na formação de professores-pesquisadores: olhares compartilhados sobre o Parque Nacional da Restinga de Jurubatiba. **Desenvolv. Meio Ambiente**, v. 45, p. 258-273, abr. 2018.

CRICK, Nathan. **Rhetoric and Power: The Drama of Classical Greece**. University of South Carolina Press Columbia, South Carolina, 2015.

DELLA FONTE, Sandra Soares. **Formação omnilateral e a dimensão estética em Marx**. Curitiba: Appris, 2020.

DEUS, Ana Iara Silva de. **A linguagem cinematográfica na formação docente: cinema e educação na ação pedagógica cinema**. GT: Alfabetização audiovisual para educadores. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2016.
http://coral.ufsm.br/gepeis/images/Livros/A_LINGUAGEM_CINEMATOGRAFICA.pdf

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Capítulo 3 - Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta. *In*: DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Souza (organizadora). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ : Vozes, p. 74-96, 2013.

DIAS, Karina Sperle. Formação Estética: Em busca do olhar sensível. *In*: KRAMER, Sonia et al (org.). **Infância e educação infantil**. Campinas: Papyrus, 2012.

EPÍLOGO. *In*.: **Oxford Languages Online**, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em:
https://www.google.com/search?q=ep%C3%ADlogo&sxsrf=APq-WBtfYdqpjynf3YZQREUixmpR0eoo9g%3A1650553793642&ei=wXNhYtfnJvH11sQPwKy8mAM&ved=0ahUKEwiXzLWEuKX3AhXxspUCHUAWDzMQ4dUDCA4&uact=5&oq=ep%C3%ADlogo&gs_lcp=Cgdnd3Mtd2l6EAMyDQgAEIAEELEDEEYQ-QEyCAgAEIAEELEDmGUiABCABDIFCAAQgAQyBQgAEIAEMgUiABCABDIFCAAQgAQyBQgAEIAEMgUiABCABDIFCC4QgARKBAhBGABKBAhGGABQAFgAYLYFaABwAXgAgAHbAYgB2wGSAQMylTGyAQcGgAQHAAQE&scient=gws-wiz. Acesso em 14 mar. 2022.

FANTIN, Monica. Cinema e Memória: a experiência do cinema que habita em nós. *In*: GUIMARÃES, L. B. (Org.); GUIDO, L. E. (Org.); SCARELI, G. (Org.). **Cinema, Educação e Ambiente**. Uberlândia: EDUFU, p. 23-40, 2013.

FARIA, Paula Maria Ferreira de; DIAS, Maria Sara de Lima; CAMARGO, Denise de. Arte e catarse para Vigotski em Psicologia da Arte. **Arq. bras. psicol.**, Rio de Janeiro , v. 71, n. 3, p. 152-165, dez. 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.36482/1809-5267.ARBp2019v71i3p.152-165> Disponível em:
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672019000300012. Acesso em: 10 fev. 2022.

FERNANDES, Adriana Hoffmann. O cinema e as narrativas de crianças e jovens: Reflexões Iniciais. **Revista Contemporânea de Educação**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10,

2010. DOI: <https://doi.org/10.20500/rce.v5i10.1615>. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rce/article/view/1615>. Acesso em: 5 jan. 2022.

FIGUEIREDO, Luis Claudio M.; SANTI, Pedro Luiz Ribeiro. **Psicologia: uma (nova) introdução**. São Paulo: EDUC, 2006.

FIGG, Candace.; MCCARTNEY, Robin. Impacting Academic Achievement with Student Learners Teaching Digital Storytelling to Others: The ATTCSE Digital Video Project. **Contemporary Issues in Technology and Teacher Education** (CITE Journal), v.10, n.1, p. 38-79, 2010. Disponível em: <https://eric.ed.gov/?id=EJ904604>. Acesso em: 3 jan. 2022.

FISCHER, Ernst. A função da Arte. In: FISCHER, Ernst. **A necessidade da arte**. Tradução de Leandro Konder. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, p. 11-20, 2002.

FONSECA, Mirna Juliana Santos. Cinema na escola para quê?. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 31, 2016. DOI: 10.5935/2238-1279.20160021. Disponível em: <http://revistaadmmade.estacio.br/index.php/reeduc/article/viewArticle/1526>. Acesso em 24 jan. 2022.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. O que é “método dialógico” de ensino? O que é uma “pedagogia situada” e o empowerment? In: FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e ousadia: o cotidiano o professor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **A produtividade da escola improdutiva: um (re)exame das relações entre educação e estrutura econômico-social capitalista**. São Paulo: Editora Cortez, ed. 8, 2006.

GAIMAN, Neil. **Faça Boa Arte**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

GUIMARÃES, A. *et al.* Mídias Digitais, Redes Sociais e Cinema: Um Caminho para a Formação Docente. **Revista Iberoamericana de Sistemas, Cibernética e Informática**, [S. l.], v. 11, p. 44-50, 2014. Disponível em: https://www.iiis.org/CDs2014/CD2014IMC/CICIC_2014/PapersPdf/CB550CL.pdf. Acesso em 23 jan. 2022.

HECHTER, Richard ; GUY, Mark. Promoting Creative Thinking and Expression of Science Concepts Among Elementary Teacher Candidates Through Science Content Movie Creation and Showcasing. **Contemporary Issues in Technology and Teacher Education** (CITE Journal), [S. l.], v. 10, n.4, p. 411-431, 2010. Disponível em: <https://citejournal.org/volume-10/issue-4-10/science/promoting-creative-thinking-and-expression-of-science-concepts-among-elementary-teacher-candidates-through-science-content-movie-creation-and-showcasing>. Acesso em: 3 jan. 2022.

HENDERSON, Michael *et al.* Students creating digital video in the primary classroom: student autonomy, learning outcomes, and professional learning communities. **Australian Educational Computing**, [S. l.], n. 24, ed. 2, p. 12-20, fev. 2010. Disponível em: <https://eric.ed.gov/?id=EJ898061>. Acesso em: 3 jan. 2022.

JEREBTISOV, Serguei. Gomel. A cidade de L.S. Vigotski - pesquisas científicas contemporâneas sobre instrução no âmbito da teoria histórico-cultural de L.S. Vigotski. *In: Veresk - Cadernos Acadêmicos Internacionais: Estudos sobre a perspectiva histórico-cultural de Vigotski*, Brasília: UniCEUB, v. 1, p.7-27, 2014.

JUNIOR, Raymundo Magalhães . **Teatro I** - Volume 6. Biblioteca educação é cultura, Rio de Janeiro, 1980

KAHHALE, Edna Maria Peters (org.). **A diversidade da psicologia: uma construção teórica**. São Paulo: Cortez, 2002.

KOC, Mustafa. Let's make a movie: Investigating pre-service teachers' reflections on using video-recorded role playing cases in Turkey . **Teaching and Teacher Education: An International Journal of Research and Studies**, v. 27, n. 1, p. 95-106, jan. 2011. Disponível em: <https://eric.ed.gov/?id=EJ906393>. Acesso em: 3 jan. 2022.

KRAMER, Sonia. **A política do pré-escolar no Brasil: a arte do disfarce**. São Paulo: Cortez, 2011.

KAUFMAN, Charlie. **Screenwriters' Lecture: Charlie Kaufman**. 30 September 2011. Disponível em: <https://www.bafta.org/media-centre/transcripts/screenwriters-lecture-charlie-kaufman>

KULHMANN JR. Moysés. Histórias da educação infantil brasileira. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, 2000. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782000000200002>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/CNXbjFdfdk9DNwWT5JCHVsJ/abstract/?lang=pt>. Acesso em 15 fev. 2022.

LIAO, Tarliz.; PROENÇA, Ana Raquel da Cruz. Celular, Sala de Aula e Produção de Vídeos: MOOC para Formação Audiovisual de Professores. **EaD Em Foco**, v. 10, n.1, 2020. DOI: <https://doi.org/10.18264/eadf.v10i1.923>. Disponível em: <https://eademfoco.cecierj.edu.br/index.php/Revista/article/view/923>. Acesso em 12 mar. 2022.

LOPONTE, Luciana Gruppelli. Arte para a docência: estética e criação na formação docente. **Education Policy Analysis Archives**, [S. l.], v. 21, p. 25, 2013. DOI: 10.14507/epaa.v21n25.2013. Disponível em: <https://epaa.asu.edu/ojs/index.php/epaa/article/view/1145>. Acesso em: 21 fev. 2022.

LOPONTE, Luciana Gruppelli. Tudo isso que chamamos de formação estética: ressonâncias para a docência. **Revista Brasileira de Educação**, v. 22, n. 69, p. 429-452, abr.-jun., 2017.

MACHADO, Cristiana Lopes.; STOLTZ, Tania. Arte, criatividade e desenvolvimento socioemocional de alunos com altas habilidades/ superdotação (AH/SD): considerações a partir de Vigotski. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, maio/ago. p. 441-454, 2017.

MALLMANN, Elena Maria.; JORGE, Lóren Kellen Carvalho. Metodologia audiovisual (particip)ativa na formação de Professores: Produção de videoaulas. **EM TEIA – Revista de Educação Matemática e Tecnológica Iberoamericana**, [S. l.], v. 10, n.1, 2019. DOI: <https://doi.org/10.36397/emteia.v10i1.240017>. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/emteia/article/view/240017>. Acesso em 12 mar. 2022.

MASATS, Dolors.; DOOLY, Melinda.. Rethinking the use of video in teacher education: A holistic approach. **Teaching and Teacher Education**, [S. l.], v. 7, n. 27, p.1151-1162, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.tate.2011.04.004>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0742051X11000497>. Acesso em: 3 jan. 2022.

MELLO, Suely Amaral. A Escola de Vygotsky. *In*: CARRARA, K. (Org.) **Introdução à psicologia da educação**: seis abordagens. São Paulo: Avercamp, p. 135-155, 2004.

MELLO, Suely Amaral; Farias, MARIA Auxiliadora. A escola como lugar da cultura mais elaborada. **Educação**, Santa Maria, v. 35, n. 1, p. 53-68, jan./abr. 2010. Disponível em: <http://www.ufsm.br/revistaeducacao>. Acesso em: 15 nov. 2021.

MILLS, Kathy Ann. Filming in Progress: New spaces for multimodal designing. **Linguistics and Education**, v. 21, n.1, p. 14–28, 2010. DOI: 10.1016/j.linged.2009.12.003. Disponível em: <https://eprints.qut.edu.au/32021/> Acesso em: 3 jan. 2022.

MIRANDA, Carlos Eduardo Albuquerque. Fazer cinema na educação - uma utopia em construção. **Revista Contemporânea de Educação**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 9. 2010. DOI: <https://doi.org/10.20500/rce.v5i9.1599>. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rce/article/view/1599>. Acesso em: 3 jan. 2022.

MIYAZAKI, Hayao. **Quote by Hayao Miyazaki**. [19--?], Disponível em: <https://www.goodreads.com/quotes/374994-the-creation-of-a-single-world-comes-from-a-huge>. Acesso em: 26 out. 2021.

MONTEIRO, Thalyta Botelho; SCHÜTZ-FOERSTE, Gerda Margit. Educação estética e trabalho docente: A animação no processo de socialização da arte. **Revista Atos de Pesquisa em Educação**, Blumenau, v.16, e10194, 2021. DOI: <https://dx.doi.org/10.7867/1809-0354202116e10194>. Disponível em: <https://bu.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/download/10194/5639/> Acesso em: 26 jan. 2022.

MORETTI, Vanessa Dias; MOURA, Manoel Oriosvaldo de. A formação docente na perspectiva histórico-cultural: em busca da superação da competência individual. **Rev. psicol. polít.**, São Paulo, v. 10, n. 20, p. 345-361, dez. 2010.

NEVES, Fátima Maria. Educação e cinema em Desmundo. *In*: GUIMARÃES, Leandro Belinaso; GUIDO, Lúcia de Fátima Estevinho; SCARELI, Giovana (org.). **Cinema, Educação e Ambiente**. Uberlândia: EDUFU, 2013

NEITZEL, Adair de Aguiar; CARVALHO, Carla. A estética na formação de professores. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 13, n. 40, p. 1021-1040, set./dez. 2013.

OCHSNER, Karl. Lights, camera, action research: The effects of didactic digital movie making on students' twenty-first century learning skills and science content in the middle school classroom. **EdD Diss**, Arizona State University, 2010. Disponível em: <https://www.semanticscholar.org/paper/Lights%2C-camera%2C-action-research%3A-The-effects-of-on-Ochsner/7abd1ade5f9a18a000786ab15cd28d44bda8167b>. Acesso em: jan 2022.

OLIVEIRA, Maria Franciane Bezerra. **Vivências e formação estética na pré-escola**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Campus do Pantanal. Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Corumbá, MS. 2021

OLIVEIRA, Maria Franciane Bezerra; ANDRADE, Erika Natacha Fernandes. A qualidade estética da vivência e a organização do trabalho pedagógico. *In*: MARTINS, Bárbara Amaral; RÜCKERT Fabiano Quadros; SANTOS, Fabiano Antônio. (org.) **Temas e práticas em educação social no estado de mato grosso do sul**. Curitiba: CRV, ed. 1, p.135-152. 2020. Acesso em: 3 jan. 2022.

OLIVEIRA, Valeska Fortes de. Isso aqui está virando Brasil... Cinema e produções audiovisuais no espaço da formação de professores. **Revista Digital do LAV**, Santa Maria v. 10, n. 2, mai./ago, 2017. DOI: <https://doi.org/10.5902/1983734828789>. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/28789>. Acesso em: 22 de fev 2022.

OLIVEIRA, Valeska Fortes *et al.* Cinema e educação: experiências estéticas de formação mediadas pela sétima arte. **Formação Docente – Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação de Professores**, v. 7, n. 12, p. 97-108, 30 jun. 2015. Disponível em: <https://revformacaodocente.com.br/index.php/rbfp/article/view/116>. Acesso em: 24 fev 2022.

PAULA, Joaracy Lima de; PAULA, Joseara Lima de; HENRIQUE, Ana Lúcia Sarmiento. O uso do stop-motion como prática pedagógica no ensino de geografia no contexto do EM. **Holos**, a. 33, v. 03. p. 141-149, 2017. DOI: <https://doi.org/10.15628/holos.2017.5774>. Disponível em: <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/5774>. Acesso em: 8 de jan 2022.

PASINI, Juliana Fátima; PAULA, Flávia Anastácio de; DEMENECH, Flaviana. Quando as escolas fecharam! Lugar da docência a partir dos relatos das professoras aos grupos na universidade. **Devir Educação**, p. 363-383, 2021.

PELOSO, Franciele Clara. **Infância e crianças**: Contribuições da teoria Histórico-cultural de Vigotsky para compreender a criança como sujeito histórico e social. XI Congresso Nacional de Educação, Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, p. 24947- 24963, 2013.

PERISSÉ, Gabriel. A formação estética dos professores. *In*: PERISSÉ, Gabriel. **Estética & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

PERINELLI NETO, Humberto.; PAZIANI, Rodrigo Ribeiro. Cinema, prática de ensino de história e geografia e formação docente: Produção de curtas-metragens - experiências e estudos de caso. **Educação em Revista**. Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, v. 31, n. 4, p. 279-304, 2015.

PINNA, Daniel Moreira de Sousa. **Animadas personagens brasileiras: a linguagem visual das personagens do cinema de animação contemporâneo brasileiro**. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Artes e Design, 2006

RECHE, Bruna Donato; SILVA, Maria Cristina da Rosa Fonseca da. Exibir e produzir cinema na escola: considerações sobre a prática na formação de professores. **Revista Aproximação**, v.2, n. 2, jan/fev/mar, 2020. Disponível em: <https://revistas.unicentro.br/index.php/aproximacao/article/view/6366>. Acesso em: 13 de jan 2022.

RODRIGUES, Silvia Adriana.; BORGES, Tammi Flavie Peres.; SILVA, Anamaria Santana da. “Com olhos de criança”: a metodologia de pesquisa com crianças pequenas no cenário brasileiro. **Revista Nuances: estudos sobre Educação, Presidente Prudente**. São Paulo: v.25, n.2, p.270-290, maio/ago. 2014. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/download/3188/2698> Acesso em: 13 de jan 2022.

RUDNIOVA, Eva Izrailevna. As falsas ideias de L. S. Vigotski na pedologia. *In*: VIGOTSKI, Lev Semenovich. **Sete aulas de L.S. Vigotski sobre os fundamentos da pedologia / L. S. Vigotski**. Organização e tradução Zoia Prestes, Elizabeth Tunes. Rio de Janeiro: EPapers, 1. ed 2018b

SCHMIDT, Maria Luisa Sandoval. Pesquisa participante e formação ética do pesquisador na área da saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, p. 391-398, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232008000200014>. Disponível em: <https://revistas.unicentro.br/index.php/aproximacao/article/view/6366>. Acesso em: 13 de jan 2022.

SILVA, Francisco Thiago. Currículo de transição: uma saída para a educação pós-pandemia. **Revista EDUCAmazônia -Educação Sociedade e Meio Ambiente**. Humaitá, v. 24 n. 1, jan-jun. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/educamazonia/article/view/7666>. Acesso em: 23 de jan 2022.

SILVA, José Moisés Nunes da; NUNES, Vandernúbia Gomes Cadete. Formação continuada docente: uma análise a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB/1996) e das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial e Continuada de Professores da Educação Básica (Resolução CNE-CP 2/2015). **Research, Society and Development**, v. 9, n. 8, 2020. Disponível em: https://redib.org/Record/oai_articulo3003667-forma%C3%A7%C3%A3o-continuada-docente-uma-an%C3%A1lise-a-partir-da-lei-de-diretrizes-e-bases-da-educ%C3%A7%C3%A3o-nacional-ldb1996-e-das-diretrizes-curriculares-nacionais-

[para-a-forma%C3%A7%C3%A3o-inicial-e-continuada-de-professores-da-educac%C3%A7%C3%A3o-b%C3%A1sica-resolu%C3%A7%C3%A3o-cne-cp-22015.](#)
Acesso em: 13 de jan 2022.

TALON-HUGON, Carole. Pré-história da estética. In: TALON-HUGON, Carole. **A estética: História e teorias**. Lisboa: Texto & Grafia, 2008.

TOASSA, Gisele. Certa unidade no sincrético: Considerações sobre educação, reeducação e formação de professores na “Psicologia Pedagógica” de L. S. Vygotsky. **Estudos de Psicologia**, v. 18, p.497-505, jul-set, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2013000300010>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epsic/a/M8q3GRw4gJzPrt4FKrYvsDg/?lang=pt>. Acesso em: 27 de dez 2022.

TRINDADE, Lorena Ladico.; REZENDE, Paula Cristina Medeiros. Luz, câmera e educação: o cinema em contextos Educacionais. **Educação**, v. 41, n. 1, jan./abr, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/17378/pdf>. Acesso em: 27 de dez 2022.

TRUSZ, Alice Dubina. **O cruzamento de tradições visuais nos espetáculos de projeções ópticas realizados em Porto Alegre entre 1861 e 1908**. São Paulo: An. mus. paul., v.18, n.1, Jan./June 2010. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-47142010000100005>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/anaismp/a/xgysdhLycBcHDF7HZmvWt6M/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 1 fev de 2022.

TUNES, Elizabeth; TACCA, Maria Carmen V. R.; BARTHOLO JÚNIOR, Roberto dos Santos. O professor e o ato de ensinar. **Cadernos de Pesquisa**. v. 35, n. 126, p. 689-698, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0100-15742005000300008>, Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/5VcSDPXY78pqQYKTVYTD7Fv/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 1 fev de 2022.

VIEIRA, Ana Paula Alves; LEAL, Záira Fátima de Rezende Gonzalez. O Desenvolvimento da Atividade Voluntária. **Psicologia: Ciência e Profissão**. Brasília, v. 38 n. 4, p. 680-695, out/dez, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-3703002052017>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/YSyXcVdmVGCLnMM6qscmFbL/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 3 mar de 2022.

VIGOTSKI, Lev Semenovitch. **A construção do pensamento e da linguagem**. Tradução Paulo Bezerra. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009

VIGOTSKI, Lev Semenovitch. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **A Transformação Socialista do Homem**. Tradução de Roberto Della Santa Barros, e Revisão de Marcelo Dalla Vecchia. 1930.

VIGOTSKI, Lev Semenovitch. **Imaginação e Criação na infância**. São Paulo: Expressão Popular, 2018a.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. O problema da vontade e seu desenvolvimento na infância. *In*: VIGOTSKI, Lev Semenovich. **O desenvolvimento psicológico na infância**. Tradução Cláudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2003a. p. 131-146

VIGOTSKI, Lev Semenovitch. **Psicologia da arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1999a.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **Psicologia Pedagógica**. Tradução Cláudia Schilling. Porto Alegre: Artmed, 2003b.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **Sete aulas de L.S. Vigotski sobre os fundamentos da pedologia / L. S. Vigotski**. Organização e tradução Zoia Prestes, Elizabeth Tunes. Rio de Janeiro: EPapers, 1. ed 2018b

VIGOTSKI, Lev Semenovitch. **The collected works of L. S. Vygotsky: Vol. 6. Scientific legacy**. New York: Kluwer Academic /Plenum,1999b.

WORLDOMETER. **Brazil**. Publicação online. 2022. Disponível em: <https://www.worldometers.info/coronavirus/country/brazil/>. Acesso em: 27 mai. de 2022.

WORLDOMETER. **Total Death**. Publicação online. 2022. Disponível em: <https://www.worldometers.info/coronavirus/worldwide-graphs/#total-deaths>. Acesso em: 27 mai. de 2022.

XAVIER FILHA, Constantina. Produção de filme de animação com e para crianças: os pensamentos podem virar arte. **Perspectiva**, v. 33, p. 1091-1112, 2015. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-795X.2015v33n3p1091>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2015v33n3p1091>. Acesso em 10 de dez 2021.

YASNITSKY, Anton. Lev Vygotsky: Philologist and Defectologist, A Socio-intellectual Biography. *In*: PICKREN, Wade.; DEWSBURY, Donald; WERTHEIMER, Michael (org). **Portraits of Pioneers in Developmental Psychology**. New York: Psychology Press. v. 7, p. 109-134, 2011

YILMAZ, Rabia M.; BAYDAS, Ozlem. Pre-service teachers' behavioral intention to make educational animated movies and their experiences. **Computers in Human Behavior**, v. 63, p. 41-49, out. 2016. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.chb.2016.05.015>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0747563216303399>. Acesso em 10 de dez 2021.

VIDEOGRAFIA

A viagem da Formiguinha Sucupira. CABRAL, Yasmin Oliveira, 2021. 1 vídeo (6 min.). Publicado pelo canal Yasmin C. Disponível em: https://youtu.be/NltHI2_9NXk

Desafios da educação em tempos de pandemia CABRAL, Yasmin Oliveira, 2021a. 1 vídeo (9 min.). Publicado pelo canal Yasmin C. Disponível em: <https://youtu.be/kkJVDu0XnuM>.

Dia de terror: Erros de Gravação. CABRAL, Yasmin Oliveira, 2017b. 1 vídeo (8 min.) Publicado pelo canal Yasmin C. Disponível em: <https://youtu.be/kytHebxufqU>.

Dia de terror: O mistério entre as lendas. CABRAL, Yasmin Oliveira, 2017c. 1 vídeo (19 min.). Publicado pelo canal Yasmin C. Disponível em: <https://youtu.be/-j9AsXDD4AI>.

Molongo, o ET – oficial, OLIVEIRA, Maria Franciane Bezerra. de; CABRAL, Yasmin Oliveira; OLIVEIRA, André Henrique Teixeira Beserra de. 2021. 1 vídeo (2 min.) Publicado pelo canal Yasmin C. Acesso em: <https://youtu.be/ar0CojTTkdE>

O Pequeno Príncipe: Cativar. CABRAL, Yasmin Oliveira, 2016. 1 vídeo (10 min.). Publicado pelo canal Yasmin C. Acesso em: <https://youtu.be/nc7OZdlpWFs>

Professora Cida e os desafios do ensino remoto. CABRAL, Yasmin Oliveira, 2021. 1 vídeo (4 min.). Publicado pelo canal Yasmin C. Acesso em: <https://youtu.be/VH8jA9zgji4>

ANEXOS

ANEXO 1 - Aprovação da Prefeitura Municipal



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



Corumbá, 25 de agosto de 2020.

Solicitação de autorização para realização de pesquisa

Através do presente instrumento, solicitamos autorização para realização da pesquisa **Criação cinematográfica na formação continuada do professor pedagogo**, que será desenvolvida por Yasmim Oliveira Cabral, aluna regularmente matriculada no curso de Mestrado em Educação da UFMS/CPAN, orientada pela profa. Dra. Erika Natacha Fernandes de Andrade, coordenadora do Grupo de Pesquisa *Discursos e Práticas Pedagógicas na Educação* (CNPq-UFMS/CPAN) e docente no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFMS/CPAN. O objetivo da referida. O objetivo da pesquisa é debater o potencial da arte cinematográfica para a formação humanista do professor pedagogo, nesse sentido a pesquisa tem como proposta de realizar uma produção cinematográfica junto ao grupo de 10 professores da Educação Infantil e Ensino Fundamental I através de um curso de formação de criação cinematográfica.

Pedimos autorização para que a pesquisa seja realizada com Rede Municipal de Ensino de Corumbá MS, os encontros do curso de formação serão realizados no período noturno e duas vezes por semana de novembro de 2020 até fevereiro de 2021. O processo de formação ocorrerá inteiramente por via virtual em vista a situação pandêmica atual. Será requerida a autorização de cada participante por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) – o qual será enviada uma cópia digital a cada participante e será requerido a devolução do documento digitalizado e assinado pelo participante - assim como permissão para o uso de imagem e vídeo sem fins lucrativos.

Erika Natacha Fernandes de Andrade

Yasmim Oliveira Cabral

Fui informado(a), por Yasmim Oliveira Cabral, sobre as características e objetivos da pesquisa, bem como das atividades que serão realizadas na instituição a qual represento.

Deferido

Indeferido

Nome do(a) Gestor(a): GENILSON CANAVARRO DE ABREU

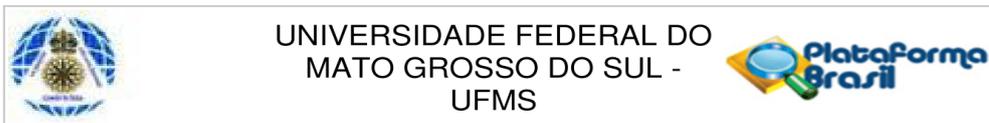
Função na Secretaria Municipal de Educação de Corumbá-MS:

SECRETÁRIO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

Assinatura:

Data: 02/09/2020

ANEXO II - Carta de aceite da pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Criação cinematográfica na formação continuada do professor pedagogo

Pesquisador: YASMIN OLIVEIRA CABRAL

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 38020720.7.0000.0021

Instituição Proponente:

Patrocinador Principal: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.374.933

Apresentação do Projeto:

A pesquisa tem por objetivo debater o potencial da arte cinematográfica para a formação humanista do professor pedagogo.

A metodologia da pesquisa abará duas etapas; a primeira consiste em um estudo bibliográfico para desenvolver as discussões teóricas pretendidas na relação com as proposições de Vygotsky sobre arte, estética e formação humanizada; a segunda diz respeito a um estudo empírico, mais especificamente a uma pesquisa participante, envolvendo o processo de produção cinematográfica com um grupo de professores pedagogos (atuantes na educação infantil e/ou nos anos iniciais do ensino fundamental) através de um curso de formação em criação cinematográfica em sala de aula. A temática a ser tratada na produção cinematográfica será de escolha do grupo de professores, todavia será incentivada a tratativa de temas que, de alguma forma, perpassam a infância. Mantendo-se a necessidade de isolamento social, o processo ocorrerá por via remota. O curso será inteiramente realizado virtualmente em vista a situação pandêmica atual e serão abertas 10 vagas para professores da Rede Municipal de Ensino de Corumbá MS. Os encontros ocorrerão no período noturno e ocorrerão uma vez por semana de outubro até dezembro de 2020. Ao final do processo será emitido um certificado de participação aos professores. Considerando que os sujeitos são adultos será possível – em alguma medida – a promoção de discussões, bem como de

Endereço: Av. Costa e Silva, s/nº - Pioneiros ç Prédio das Pró-Reitorias ç Hércules Maymone ç 1º andar
Bairro: Pioneiros **CEP:** 70.070-900
UF: MS **Município:** CAMPO GRANDE
Telefone: (67)3345-7187 **Fax:** (67)3345-7187 **E-mail:** cepconepp@ufms.br



Continuação do Parecer: 4.374.933

vivências com música, literatura, uso do corpo, desenho, fotografia, gravações, oficinas envolvendo modalidades artísticas do cinema, mesmo que realizadas com os sujeitos em suas residências. Ou seja, de modo geral, é possível organizar momentos de vivências propostas pela pesquisadora e com os participantes conectados; acordar ferramentas e meios remotos para compartilhar o vivido; propor produções individuais e coordenar momentos de decisões e criações conjuntas. Serão realizados registros dos relatos orais dos professores no decorrer do processo de vivência estética de criação cinematográfica; também serão realizadas duas entrevistas semiabertas com cada sujeito: uma no começo do processo – como forma de entender as expectativas e as percepções iniciais dos professores sobre a criação cinematográfica (e sobre a vivência artística em geral) na relação com a formação humana – e outra ao término do processo; estes serão os instrumentos para o levantamento discursivo e das percepções dos professores.

Objetivo da Pesquisa:

São vislumbradas como objetivos específicos: compreender, teoricamente, as relações entre vivência estética, criação cinematográfica e formação de professores; vivenciar a criação de um curta metragem com um grupo de professores pedagogos; analisar o discurso dos professores pedagogos sobre o potencial formativo da vivência com criação cinematográfica, especialmente em um cenário (pós) pandemia

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Segundo o protocolo:

"Riscos:

Por ser em via totalmente online, não oferecerá riscos físicos. Pode ocorrer que algumas temáticas possam causar desconforto emocional, todavia, o processo criativo irá estar sob o controle do grupo de participantes e tais temáticas podem ser vetadas. Pretende-se ser um processo de tomada de decisão coletivo que se adapte ao contexto de todos os participantes.

Benefícios:

Propiciar vivências estético-artísticas e de criação cinematográfica para fomentar sensibilizações e diálogos sobre a vida humana e a vida na escola. Incitar debates, problematizações e reflexões, e, portanto, impulsionar aprendizagens, formações e desenvolvimentos."

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Projeto de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação CPAN/UFMS

Endereço: Av. Costa e Silva, s/nº - Pioneiros ç Prédio das Pró-Reitorias çHércules Maymone ç ç 1º andar
Bairro: Pioneiros **CEP:** 70.070-900
UF: MS **Município:** CAMPO GRANDE
Telefone: (67)3345-7187 **Fax:** (67)3345-7187 **E-mail:** cepconep.propp@ufms.br



Continuação do Parecer: 4.374.933

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Inclui no protocolo: Instrumentos de coleta de dados (roteiro de entrevista com 12 questões abertas).
Autorização institucional assinada pela Secretaria Municipal do município de Corumbá-MS.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Faz-se necessária a apresentação de uma Carta Resposta contendo as conclusões ou pendências e suas respectivas providências, abaixo relacionadas:

- [ATENDIDO] Incluir a pesquisadora Erika Natacha Fernandes de Andrade na equipe (na Plataforma Brasil).
- [ATENDIDO] A pesquisadora menciona que, caso o participante não tenha celular com câmera, haverá empréstimo de um equipamento. Esclarecer como será feita essa entrega (a pesquisadora irá ao local de trabalho? Se esse estiver fechado devido à pandemia, irá à casa do participante? Ou em algum outro local? Se for em outro local para o qual o participante deverá se deslocar exclusivamente para isso, garantir o direito ao ressarcimento dos eventuais gastos do deslocamento).

- [ATENDIDO] TCLE:

- 1) Assinatura: esclarecer como será colhida a assinatura. Se for presencialmente, com assinatura física do participante, então deve haver campo para assinatura/rubrica em todas as páginas do TCLE. Se o TCLE for virtual, então se sugere haver as opções "Concordo" e "Não concordo" para o participante clicar. Se clicar em "Não concordo", garantir que ele não terá acesso à pesquisa. Se clicar em "Concordo", dar a opção de o participante receber a sua 2ª via por download do documento ou por e-mail.
- 2) Endereço da pesquisadora: além dos dados de e-mail e telefone das pesquisadoras, informar um endereço profissional.
- 3) Endereço e contato do CEP: no TCLE consta os dados referentes ao Conselho de Ética, e não ao Comitê de Ética em Pesquisa. Trata-se de órgãos distintos da UFMS. No caso do CEP, informar os seguintes dados de contato: "Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos. Campus da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, prédio das Pró-Reitorias 'Hércules Maymone' – 1º andar, CEP: 79070900. Campo Grande – MS. E-mail: cepconep.propp@ufms.br; telefone: 3345-7187; atendimento ao público: 07:30-11:30 no período matutino e das 13:30 às 17:30 no período vespertino."
- 4) Inserir uma frase que informe ao participante seu direito à indenização/ressarcimento caso ele

Endereço: Av. Costa e Silva, s/nº - Pioneiros ç Prédio das Pró-Reitorias ç Hércules Maymone ç ç 1º andar
Bairro: Pioneiros CEP: 70.070-900
UF: MS Município: CAMPO GRANDE
Telefone: (67)3345-7187 Fax: (67)3345-7187 E-mail: cepconep.propp@ufms.br



Continuação do Parecer: 4.374.933

(a) tenha danos ou gastos decorrentes da pesquisa, respectivamente.

- [ATENDIDO] Cronograma: como a próxima reunião do CEP será no dia 26 de outubro de 2020, adequar o Cronograma da coleta de dados garantindo que o início dessa coleta será somente depois da aprovação do projeto pelo CEP.

Considerações Finais a critério do CEP:

Solicitamos aos pesquisadores que se atentem e obedeçam as medidas de segurança adotadas pelos locais de pesquisa, pelos governos municipais e estaduais, pelo Ministério da Saúde e pelas demais instâncias do governo devido a excepcionalidade da situação para a prevenção do contágio e o enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus (Covid-19).

As medidas de segurança adotadas poderão interferir no processo de realização das pesquisas envolvendo seres humanos. Quer seja no contato do pesquisador com os participantes para coleta de dados e execução da pesquisa ou mesmo no processo de obtenção do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido-TCLE e Termo de Assentimento Livre e Esclarecido-TALE, incidindo sobre o cronograma da pesquisa e outros. Orientamos ao pesquisador na situação em que tenha seu projeto de pesquisa aprovado pelo CEP e em decorrência do contexto necessite alterar seu cronograma de execução, que faça a devida "Notificação" via Plataforma Brasil, informando alterações no cronograma de execução da pesquisa.

É de responsabilidade do pesquisador submeter ao CEP semestralmente o relatório de atividades desenvolvidas no projeto e, se for o caso, comunicar ao CEP a ocorrência de eventos adversos graves esperados ou não esperados. Também, ao término da realização da pesquisa, o pesquisador deve submeter ao CEP o relatório final da pesquisa. Os relatórios devem ser submetidos através da Plataforma Brasil, utilizando-se da ferramenta de NOTIFICAÇÃO.

Endereço: Av. Costa e Silva, s/nº - Pioneiros ç Prédio das Pró-Reitorias ç Hércules Maymone ç 1º andar
Bairro: Pioneiros **CEP:** 70.070-900
UF: MS **Município:** CAMPO GRANDE
Telefone: (67)3345-7187 **Fax:** (67)3345-7187 **E-mail:** cepconep.propp@ufms.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DO
MATO GROSSO DO SUL -
UFMS



Continuação do Parecer: 4.374.933

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1621007.pdf	07/10/2020 15:32:24		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_2020.pdf	07/10/2020 15:28:36	YASMIN OLIVEIRA CABRAL	Aceito
Outros	Respostas_de_Pendencias.doc	07/10/2020 15:28:27	YASMIN OLIVEIRA CABRAL	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Autorizacao_de_pesquisa.pdf	07/10/2020 15:17:25	YASMIN OLIVEIRA CABRAL	Aceito
Cronograma	Cronograma.docx	07/10/2020 14:51:17	YASMIN OLIVEIRA CABRAL	Aceito
Declaração de Pesquisadores	DDP.doc	07/10/2020 14:50:24	YASMIN OLIVEIRA CABRAL	Aceito
Outros	Planejamento_Encontros_Cronograma.docx	10/09/2020 12:00:29	YASMIN OLIVEIRA CABRAL	Aceito
Outros	Roteiro_de_entrevista.docx	10/09/2020 11:26:46	YASMIN OLIVEIRA CABRAL	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto.pdf	10/09/2020 11:07:02	YASMIN OLIVEIRA CABRAL	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_Integra.doc	28/08/2020 21:21:54	YASMIN OLIVEIRA CABRAL	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CAMPO GRANDE, 02 de Novembro de 2020

Assinado por:
Jeandre Augusto dos Santos Jaques
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Costa e Silva, s/nº - Pioneiros ; Prédio das Pró-Reitorias ; Hércules Maymone ; 1º andar
Bairro: Pioneiros **CEP:** 70.070-900
UF: MS **Município:** CAMPO GRANDE
Telefone: (67)3345-7187 **Fax:** (67)3345-7187 **E-mail:** cepconep.propp@ufms.br

APÊNDICE

APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Prezado(a)

Este é um convite para a participação na pesquisa **Criação cinematográfica na formação continuada do professor**. Leia cuidadosamente os itens a seguir antes de tomar uma decisão. Qualquer dúvida pode ser esclarecida diretamente com a pesquisadora responsável Yasmin Oliveira Cabral (contato - e-mail: yasmincoc@gmail.com) - aluna mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Campus do Pantanal (PPGE UFMS/CPAN) e integrante ao grupo de pesquisa Discursos e Práticas Poéticas na Educação (UFMS-CPAN/CNPq). A pesquisa é realizada sob a orientação da Prof^a Dr^a Erika Natacha Fernandes de Andrade do curso de Pós-graduação da Universidade Federal De Mato Grosso Do Sul, CPAN. Esclarece-se que este trabalho não tem fins comerciais e este consentimento é concedido a título gratuito, não havendo custos para o(a) senhor(a) e para as pesquisadoras.

Qual é o objetivo da pesquisa “Criação cinematográfica na formação continuada do professor”?

A pesquisa **Criação cinematográfica na formação continuada do professor** objetiva debater o potencial da arte cinematográfica para a formação humanista do professor.

Qual é a finalidade da pesquisa?

Propiciar vivências estético-artísticas e de criação cinematográfica para fomentar sensibilizações e diálogos sobre a vida humana e a vida na escola.

Quais serão os procedimentos utilizados na pesquisa?

O estudo tem como proposta produzir uma produção cinematográfica junto ao grupo de professores participantes através de um processo de formação de criação cinematográfica. A produção será inteiramente realizada virtualmente em vista a situação pandêmica atual. Os encontros ocorrerão no período noturno e serão realizados uma vez por semana de setembro até dezembro de 2020. Não é necessário ter conhecimento prévio sobre cinema ou produção cinematográfica.

Preciso de que tipo de equipamento para poder participar?

Não é necessário ter câmera digital ou equipamento audiovisual específico, basta ter o aparelho de celular com câmera – caso haja problemas com o aparelho, uma câmera digital irá ser emprestada ao participante. Também irá ser fornecido assistência em relação a configuração do computador/celular/tablet para o participante poder participar dos encontros virtuais sem problemas.

Como será realizado o registro dos dados?

Ao decorrer da pesquisa será realizada a gravação de imagem e som dos encontros e do processo de produção com os participantes afim de recolher os dados. Posteriormente pretende-se transformar a experiência em publicação científica e apresentar o curta metragem em outros meios de comunicação. Nesse sentido, pedimos autorização para gravações dos encontros, afirmando que está não serão publicizadas, pedimos também a autorização da apresentação do curta metragem em eventos e festivais sob a garantia de se utilizar o produto final sem fins comerciais. Indo além, os dados das gravações de falas e imagem serão transcritos e terão o nome do participante alterado. Este documento garante que a identidade dos participantes será mantida em sigilo, a menos que requerido por lei, somente o pesquisador, a orientadora e o Comitê de Ética

terão acesso a informações como nome e dados dos participantes para verificar as informações do estudo.

A participação na pesquisa envolve riscos ou desconfortos?

Por ser em via totalmente online, não oferecerá riscos físicos. Pode ocorrer que algumas temáticas podem causar desconforto emocional, todavia, o processo criativo irá estar sob o controle do grupo de participantes e tais temáticas podem ser vetadas. Pretende-se ser um processo de tomada de decisão coletivo que se adapte ao contexto de todos os participantes.

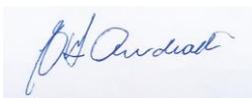
Eu posso recusar, a qualquer momento, a participação minha participação nesta pesquisa?

Esclarece-se que participação nessa pesquisa é voluntária. O participante tem o direito de recusar a participação ou pedir desistência do estudo ao qualquer momento com garantia de que não haverá nenhum dano.

Eu, _____ RG: _____, CPF: _____ manifesto o meu consentimento em participar no projeto “Criação cinematográfica na formação continuada do professor”.

Corumbá, ____ de _____ 2020.

Assinatura do participante



Erika Natacha Fernandes de Andrade



Yasmin Oliveira Cabral

DADOS PARA CONTATO:

Pesquisadora responsável: Yasmin Oliveira Cabral E-mail: yasmincoc@gmail.com Telefone: (67)996513029	Orientadora: Profa. Dra. Erika Natacha F. de Andrade E-mail: erika.andrade@ufms.br Telefone: (67)32346208 / (16) 999610289	Conselho de Ética: Telefone: (67) 3345 – 7015 E-mail: etica@ufms.br
---	---	---

APÊNDICE B - Modelo da entrevista semiestruturada inicial

Roteiro de entrevista – Inicial

- 1 – Qual a sua formação acadêmica (ano, instituição)? Após a graduação, você realizou alguma pós-graduação ou curso (quais – nome, instituição, ano)?
- 2 – Quanto tempo faz que trabalha com a Educação Infantil/Educação Fundamental?
- 3 – O que você pensa sobre a arte, a imaginação, a criação, no trabalho do professor?
- 4- Qual a sua opinião sobre cinema?
- 5- Como você percebe a relação cinema-educação?
- 6- Como você concebe a infância e a criança?
- 7- Você pode falar, por favor, a concepção de infância (e de criança) influencia o trabalho do professor?
- 8- Como você organiza o trabalho pedagógico? Nos dê, por favor, um exemplo de um dia de trabalho pedagógico com a sua turma (incitar o professor a falar sobre o período anterior à pandemia, e o período pandemia).
- 9 – Você utiliza equipamentos audiovisuais, como a televisão, caixa de som, data show, câmera fotográfica e/ou vídeo (mesmo a do celular) entre outros, em suas vivências pessoais ou profissionais? Se sim, quais e como são essas vivências? (Se ele (a) não mencionar dificuldades, inquirir especificamente se encontra dificuldades nesse trabalho).
- 10 – Qual a sua opinião sobre a produção de um filme em situações de formação (formação dos educandos, formação de professores)?
- 11 – Quais as suas expectativas com o processo que será vivenciado?
- 12 – Gostaria fazer alguma colocação a mais? Ou você tem alguma dúvida sobre o processo de formação?

APÊNDICE C - Modelo da entrevista semiestruturada final individual

Roteiro de entrevista final

1 – Qual é sua percepção sobre o processo que vivenciamos junt@s?

- Aspectos positivos
- Aspectos negativos
- Sugestões para melhoria
- Dificuldades
- Facilidades; aspectos favoritos
- Novidades (ou não)?
- Teve aprendido?

2- Quais eram as suas expectativas iniciais? Houve alterações dessas expectativas no processo? Comente.

3 - Gostaria que você comentasse se o processo vivenciado contribui, ou não, para refletir a docência.

- Quais reflexões foram suscitadas.
- Temas provocados (e que gostaria de ter aprofundamento).
- Sensibilidades provocadas (olhares provocados, escutas provocadas...).
- Práticas questionadas (na escola ou na vida de modo geral).
- Há algo que você questionaria, ou modificaria, em seu próprio trabalho, considerando as conversas e reflexões suscitadas no processo?
- Há algo que você questionaria, ou modificaria, na escola, considerando as conversas e reflexões suscitadas no processo?

4 - Você acha que processos de formação continuada - envolvendo conversas e criações na área das artes, a exemplo do que vivenciamos - precisaria ser veiculado com mais constância nas escolas? Por que?

- As escolas (os sistemas) propiciam formações nessa forma?
- Seria importante? Por que?
- Como são as formações continuadas nas escolas? qual a contribuição dessas formações para o professor?
- Qual pode ser a contribuição desse tipo de formação que vivenciamos (envolvendo cinema, ou outra linguagem artística) para o professor?

5 - Comente o curta produzido.

- Quais são as suas percepções; quais sentidos você elabora?
- O que o curta representa para você.
- Você se identifica com o curta?
- Você se sentiu autor(a) no processo?
- E sobre o resultado final (o próprio curta)? Houve diferenças entre o que você imaginou inicialmente e o resultado final?

APÊNDICE D- Categorização das falas dos(as) colaboradores(as) desta pesquisa.

Categorização - Ana

Escola	Dificuldades	<p>“É que eu ainda não sei se vamos chegar a tempo porque do jeito que o rio tá seco” [dificuldade de locomoção para a escola ribeirinha] (Entrevista Inicial)</p> <p>“No momento nós não estamos tendo contato [com alunos], vamos sair em busca agora na quarta-feira. Aí se tudo der certo na quinta-feira nós já estamos de volta. Tem aluninho, assim, que desde que começou essa pandemia, sumiu da escola. Você vai e manda atividade, a atividade volta e não encontra o aluno. Aliás o aluno não vai buscar, então já que ele não tá indo buscar, vamos levar na casa dele” (Entrevista Inicial)</p> <p>“Poucos recursos [escola anterior que trabalhou na região das águas]. E aqui também, por enquanto a escola é só o celular e o computador. E, ainda assim mesmo, é o que você levou no <i>pen drive</i>, porque estávamos sem internet.” [se refere aos recursos disponíveis na escola no começo do ano antes da pandemia começar] (Entrevista Inicial)</p> <p>“E falo para você, Yasmin, em nenhum momento essas minhas idas e vindas, é a primeira vez que eu fico, assim, em uma escola com pouca infraestrutura, entende? A escola que eu comecei a trabalhar na região das águas era top das tops, porém, muito longe. Era uma hora de avião.” (Entrevista Final)</p>
	Rotina de trabalho pedagógico	<p>“Eu fui para lá [escola que trabalha] esse ano, trabalhamos apenas 10 dias por conta da pandemia.” (Entrevista Inicial)</p> <p>“Aí viemos embora, aí já voltei lá depois disso. Da primeira... [pausa] Na segunda vez que fomos entregar o caderno 2 de atividades aí eu fui porque como não pode ter um número elevado de pessoas vai 2 ou 3 professores só.” (Entrevista Inicial)</p> <p>“Como funciona uma turma multisseriada? [Y: Isso] Então, geralmente a multisseriada, você tem 3 na primeira, 2 na segunda, 3 na quarta, 5 no quinto. Esse ano, eu estou com 10 alunos aí o que eu faço: começo com os grandes, com os maiores do 5º ano porque eles já são independentes. E já faço assim: é por fileira, enquanto eu estou explicando para o 5º ano, deixo a primeira série e a segunda série... Geralmente com livrinhos [Y: Entendi]. Tem que manter ocupado [risada]. Aí o terceiro e o quarto ano também, só que o conteúdo entre o quarto e o quinto... Ele é semelhante então dá para você trabalhar junto. Aí depois que passei o conteúdo do quinto ano do quarto, eu pego o 3º ano passo atividade, explicou, aí eu só fico com os menores. Do primeiro ano e do segundo ano, porque eles são mais dependentes de mim. Precisam da minha atenção por mais tempo.” (Entrevista Inicial)</p> <p>“A escola... Eu vou falar no geral, a escola das águas é dividida entre o polo, que é principal, e as extensões que são, digamos, as filiais. E o que que aconteceu? A direção separou as atividades. Língua portuguesa, língua inglesa, artes, educação física, geografia, ciências... do Ensino Fundamental I. E dividir os professores, por exemplo, eu fiquei responsável por atividades de história, do primeiro e segundo ano; e geografia do quarto e quinto ano. Geralmente eles pedem para elaborar 5 atividades de cada. E o meu grupo, ficou com matemática, geografia e história.[...] Aí é dado um prazo para elaborar suas atividades, você elabora as atividades e envia no e-mail da escola, é imprimido e é montado uma pasta. Geralmente são 20 atividades, contendo língua portuguesa, língua inglesa, história, geografia, educação física, todas as matérias” (Entrevista Inicial)</p> <p>“Y: E como você vai normalmente? Se a gente não estivesse em pandemia, você passava a semana lá e voltava, é isso?</p> <p>A: Não, 60 dias.</p> <p>Y: 60 dias direto?</p> <p>A: [risada da entrevistada] 60 dias, e aí volta.” (Entrevista Inicial)</p>

		<p>“A diretora faz a escala, mas só para ir entregar, recolher, e entregar atividades. [...] A Secretária da Educação lançou esse projeto de busca, que é para ir buscar nos alunos, ir atrás dos alunos, que estão fora da escola, E por algum motivo não foram buscar as atividades que foram passadas.” (Entrevista Inicial)</p> <p>“Todas as atividades que eu fiz ao decorrer do ano letivo, eu coloquei tudo no sistema educacional virtual, eu aprendi a mexer em um tal de Small PDF que eu não quero outra coisa agora. Aí, ou seja, os meus alunos mesmo não tendo acesso à internet, eu tive que pôr as atividades lá e marca que ele não era apto e a mesma coisa vai ser com as videoaulas, eu vou ter que gravar para deixar lá (TAGNOS), mesmo que ele não seja apto, entendeu?” (Entrevista Final)</p>
	Dinâmica organizacional	<p>“Porque foi um pouco antes de terminarmos o ano letivo que a coordenadora me pegou primeiro para gravar um vídeo de depoimento para ela. Aí depois foi Fernanda [Ana caiu na risada], aí ela falou "O que que você quer? Ano que vem vai ser assim, vocês vão ter que gravar aula" aí eu fiquei assim... E ainda comentei com pessoal no grupo "Gente, vamos ter que gravar aulas. Só impresso não vai resolver, vamos ter que gravar a aula" aí Fernanda falou "Não esquenta não Ana, até lá a Yasmin nos deixa em ponto de bala" [gargalhada de Ana]” (Entrevista Final)</p> <p>“A proposta é que seja híbrido. Então o dia que esse aluno estiver em sala de aula... A diretora tinha falado de um tablet para os alunos em sala de aula, porque não vai ser todos os dias com a turma inteira. Ou seja, nós professores fizemos a divisão então pode ser um dia da semana os alunos da alta do Rio e no outro dia os alunos da parte de baixo. E uma vez na semana, plantões de dúvidas, porque tem alguns que estão aqui na cidade, sabe? E aqui tem acesso à internet e a plataforma virtual oferece esse recurso, então nem que seja para constar.” (Entrevista Final)</p>
	Reflexão-crítica	<p>“E hoje está acontecendo, Yasmin, quando falam do sistema de educação. Eles falaram que ia ter formação, sabe qual foi a formação? Liga o computador aí e vai mexendo. Essa foi a nossa formação. [...]Que adianta assistir, Fernanda? Não é para gente, não é nossa realidade.” (Encontro 6 – Trocas de Experiências)</p> <p>“Tipo, ou secretário ou a subsecretária chegar em cada escola e falar "Não, essa escola precisa disso". Eu gostaria de uma visita deles em cada escola [Y: Hum... entendi] porque eles só conhecem as escolas de papel e, assim... A vivência ali não conhece. Então já não é uma coisa com professores e sim do administrativo.” (Entrevista Final)</p> <p>“Inclusive, o primeiro seminário que teve do professor do Pantanal em 2019 estava lá o palestrante, só pessoas importantes se explicando, escritores importantes e falando. Tudo da escola Ipê* e eu olhei de lado "Tá! Mas e as outras escolas?", eles não conhecem a realidade de outras escolas, estão falando da escola Ipê, e não tem só a escola Ipê, tem a instituição Finaflora, tem a escola Onça Pintada e isso porque o seminário falava de ser professor no Pantanal.” (Entrevista Final)</p>
Alunos	Turma	<p>“A minha turminha é do 1º ao 5º ano” (Entrevista Inicial)</p> <p>“Tive dois alunos que me marcaram muito. Uma só tem 7 anos de idade e o outro já era um aluninho do terceiro ano e ele tinha muita dificuldade. Ele não era para alfabetizado, chegou para mim já no terceiro bimestre. Eu assustei, confesso que fiquei assustada. [...] Foi na segunda semana do terceiro bimestre do ano passado, ele não sabia ler. Ele só copiava, só que assim, por ser uma turma multisseriada eu não reparei isso na primeira semana, ele simplesmente trazia e eu dava o visto. Aí eu fiz um ditado, foi quando descobri, ele veio até mim e disse “Professora, é que eu não sei escrever muito bem” e eu “Como assim? Como que você não sabe escrever muito bem?”. Foi então que ele me mostrou o caderno e ele ainda estava na fase da garatuja. Eu fiquei “Como assim? Não, não, tem alguma coisa de errado” e escrevi “Fala” e pedi para ler e ele não conseguiu ler. Aí o aluno explicou “Professora, eu não sei ler” e eu fiquei, assim... Foi um espanto para mim, disse para ele “Não, vamos trabalhar isso” e foi assim. Quando chegou no final do terceiro bimestre ele estava lendo. Na cantina onde eles almoçavam, a gente trabalhava na fazenda, tem um cartaz escrito[...] “Faça deste local a sua casa. Mantenha limpo”</p>

		<p>e ele leu e falou “Professora, eu sei o que tá escrito aqui”, eu achei que era por repetição porque ele ouviu os outros falarem, então tampei certas palavras e ele leu. O aluno me disse, então “Professora, quando eu for para a cidade agora no dia da compra com a minha mãe, eu vou ler tudo para ela” porque a mãe também não é letrada. Nossa... Aquilo ali me emocionou muito [Pausa]. E a outra aluninha do segundo ano, ela fazia questão de sentar do meu lado. Ela fala que vai ser veterinária. Aí eu falei “Tá bom” e ela prestava atenção em cada coisa que eu escrevi. Então, um dia depois da aula estavam todos... São 3, 4 crianças aí perguntou se podia celular e eu falei “Pode” e ela muito concentrada em vídeos de animais, e o outro coleguinha dela estava jogando e ele fez uma crítica a ela “Olha só professora, ela só fica aí vendo vídeo de animal”. Aí ela olhou bem para ele, porque todos são filhos de funcionários da fazenda, aí ela olhou para ele e falou assim “Eu estou vendo...”, “Como é que é?”, “Eu estou começando a estudar o que eu quero ser no futuro: veterinária. Agora você? Você vai ser peão, fica aí só jogando” [Entrevistadora exclamou surpresa] Sério, assim mesmo. Com sete anos de idade [Risada]. Eu fiquei muda. [Risada] Eu não sabia o que... Eu falei “Menina... Que isso?” e ela “Mas eu não estou certa, Professora? Eu estou querendo melhorar de vida, agora, ele não” falou assim mesmo.” (Entrevista Inicial)</p> <p>“[Pausa] O que eu mudaria... [Pausa longa] Olha, ouvir eu ouço muito meus alunos. Porque eu acho que minha relação com eles, em qualquer sala que eu passo, acho que o que marca é que eu ouço muito. Muito, muito, muito, muito mesmo. Aí foi até em 2018 que um aluno meu disse assim “Aí professora, mas o que que você quer saber da minha vida” e eu respondi “Não, eu quero saber da vida de todos vocês. Como que é o seu dia a dia, porque é a partir daí que eu vou começar avaliar o seu desenvolvimento em sala de aula”. Então, acho que eu não... [mudaria em relação ao próprio trabalho docente] Eu não acho que iria mudar algo em relação ao professor aluno, até porque... [Pausa pensante] Acho muito importante você ouvir” (Entrevista Final)</p>
	Criança	<p>“Então uma caixinha de surpresa. Porque temos crianças e crianças. Olha, eu, desde que entrei para este ramo da educação, eu já me surpreendi muito, muito, muito, muito. Desde a educação infantil, porque quando eu comecei, trabalhava com aluninhos de um ano e meio a dois. Então aquilo ali, assim... Até hoje! Até hoje, eu tenho lembranças daquela época, da capacidade que eles têm de se expressar. Aí quando, eu contava, as pessoas ficavam “[Ele] Só tinha um aninho e meio? Só tem dois” e eu respondia “Gente só tem dois anos”.” (Entrevista Inicial)</p> <p>“Incrível, incrível...Incrível, eles [crianças] têm em cada uma que vou te contar.” (Entrevista Inicial)</p>
	Infância	<p>“[...] eles se descobrem. Um conceito [infância] casa com outro [criança], então para mim não tem muita... Não tem como falar, assim, são diferentes. Tudo, tudo bem que a idade... As idades são diferentes, mas, assim, o jeito que eles se apresentam, o jeito que eles se desenvolvem durante o ano eu digo que é uma caixinha de surpresa.” (Entrevista Inicial)</p>
Profissional	Formação Acadêmica	<p>“Em 2016, eu sou formada pela instituição X. Pedagogia, [...]. Pós-graduada em letramento e alfabetização” (Entrevista Inicial)</p> <p>“Eu terminei [pós-graduação] agora, agora, no mês de julho” (Entrevista Inicial)</p> <p>“Essa semana agora que passou, eu dei uma faxina no meu quarto, que eu tinha apostilas, livros desde 2011 quando ingressei no ramo da educação. Eu fiz o curso normal médio... O antigo Magistério.” (Entrevista Inicial)</p>
	Experiência como professor	<p>“Desde julho [Trabalha com educação fundamental]. Julho de 2017.” (Entrevista Inicial)</p> <p>“Já trabalhei com educação infantil. E eu comecei na educação infantil como auxiliar foi de 2015 até... Até junho de 2017. Aí eu caí de paraquedas numa sala multisseriada de 1º ao 2º ano.” (Entrevista Inicial)</p> <p>“Eu trabalhava em uma escola que fica próxima de Coxim. Já ouviu falar do Instituto Escola das águas? Então, antes ele tinha outro nome. Aí eu fui para lá.” (Entrevista Inicial)</p>

		<p>“O ano passado caiu na minha grade educação física. Então assim, além da prática tem a teoria... E tem muita coisa, hoje com a tecnologia... Graças à tecnologia, você busca, sabe? Como montar um joguinho para uma criança. [Y: Sim, é bem útil] isso, é muito útil. Ano passado me ajudou muito, muito, muito, muito, muito mesmo.” (Entrevista Inicial)</p> <p>“Eu sei o grau de dificuldade, eu conheço os meus alunos, Yasmin. Eu sei até onde eu posso cobrar deles, eu sei a capacidade deles. Isso, assim, já na primeira semana, eu já sei quem é quem, então, eu sei a capacidade dos meus alunos e sei a minha também.” (Entrevista Final)</p>
	<p>Colegas de profissão</p>	<p>“Então, um professor, ele ficou responsável de primeiro ao quinto de matemática, e nisso professora falou "Ah eu vou ficar com geografia" e a outra falou "Ai vou ficar com história" e eu fiquei "Gente, tem eu ainda" [Risada]. Como que eu vou ficar sem atividade? Eu fiz a proposta "Eu vou fazer o seguinte: posso ficar com primeiro e segundo de história?" Ela concordou e ficou com as outras três, que é terceira, quarta e quinto. Aí eu peguei quarta e quinto da outra professora, e ela ficou com as atividades do primeiro, segundo e terceiro.” (Entrevista Inicial)</p> <p>“Eu lembro de um professor, até um colega com qual trabalhei, ele estava cursando mestrado. Ele saiu de ensino médio, foi para faculdade e depois da faculdade ele fez a pós da pós, e aí ele já pulou para mestrado. Só que aí apareceu uma oportunidade na sala de aula para ele e ele me disse "Gente, eu aprendi tudo errado, minha vida acadêmica toda, será vai para o ralo?" E eu respondi "Não, não vai pelo ralo. A realidade é outra, o que tem no papel uma coisa, mas a realidade é outra" e ele "E como que eu vou aplicar tudo que eu aprendi esses anos?" e eu respondi de novo "Você vai readaptar, tudo que você aprendeu".” (Entrevista Final)</p> <p>“Aí ó para você ter uma ideia, lá na escola Roseiral, onde eu trabalhei, tem instrumentos de fanfarra, porque na época tinha uma pessoa que trabalhou lá e ela era ligada à Associação de Percussionistas daqui de Corumbá. E ela ensinou para as crianças de lá. Só que aí quando foi o 21 de setembro que as crianças desfilaram e tocaram, ela já não estava mais lá. Mas assim, foi gravado e colocaram no Facebook, ela gostou muito e ficou muito orgulhosa, eu disse a ela “É fruto do seu trabalho”.” (Entrevista Final)</p>
	<p>Sentidos e sensibilização o em relação à própria docência</p>	<p>“Olha, eu sempre tenho alunos assim que me marcam, de alguma maneira me marcam. Todos eles deixam uma marca em mim e eu venho trazendo isso comigo. Então... Eu descubro, eu <i>me</i> descubro a cada... A cada ano é uma descoberta nova, por isso que eu digo que é uma caixinha de surpresa.” (Entrevista Inicial)</p> <p>“A gente acaba nós mesmo ficamos surpreendidos com que somos capazes de criar [em ambiente com poucos materiais].” (Entrevista Inicial)</p> <p>“Eu fui descobrindo coisas do meu estágio [Risada] lá em 2011. Pensei "Gente, fui eu mesma que fez isso daqui? Ensinei a fazer?" então, é uma coisa assim que olha... [Pausa]”. [Sobre rever o material de faculdade] (Entrevista Inicial)</p> <p>“O povo aqui em casa, eles não aprovam, esse meu gosto por gostar de trabalhar em regiões inóspitas. Eu gosto. Tem uma amiga minha que fala pra mim [...] “Nossa, Ana, você só trabalhava de salto, agora olha só... Você fica ai embrenhada no meio do mato” e falei gente [risada de Ana], não é assim no meio do mato, não é uma lona não. É uma escola.” (Encontro 6 – Trocas de Experiências)</p> <p>“A: Foi o que eu escolhi fazer.</p> <p>Y: É.</p> <p>A:Foi o que <i>eu</i> escolhi fazer, então...” (Entrevista Final)</p> <p>“[...] eu não me vejo em outra profissão que não seja professor. No meu caso me perguntam “Você quer voltar para educação infantil?” e eu respondo "Não, o meu negócio é alfabetizar” eu gosto, eu sinto prazer nisso. E me emociono a cada vez que um aluno meu aprende a ler,</p>

		<p>pode parecer bobagem [Y: Não, não é bobagem] mas não é bobagem não. Eu gosto.” (Entrevista Final)</p> <p>“Y: E em relação a sua metodologia... Você a repensaria ou o curso só a reforçou?</p> <p>A: Não, o curso só reforçou.” (Entrevista Final)</p> <p>“Os professores também estão sentindo essa falta de contato com os alunos, sei que não é fácil levar o trabalho para dentro de casa. Há algum tempo já haviam falado em educação domiciliar, mas com a pandemia... Muitos pais acharam o método ineficaz, uns por falta de tempo, conhecimento e outros motivos... Vale a pena ressaltar a importância do professor na vida.” (Resposta escrita sobre a percepção dela como telespectadora em relação o curta-documentário que ela e a turma produziram)</p>
	Busca por saberes docentes	<p>“No começo do ano quando eu optei por Letramento e Alfabetização [pós -graduação que ela está terminando] foi justamente por conta disso [experiência na qual aluno que não sabia ler]. Eu falei “Não, eu vou estudar. Eu vou me aprofundar nisso” (Entrevista Inicial)</p> <p>“Olha, eu espero aprender muito. [Risada] Sinceramente eu estou bem assim "Gente, será que vai dar certo?" Porque tudo eu fico no “Será? Será?” mas falei “Não, vamos ver”. A minha avó costumava dizer que o saber não ocupa espaço.”. (Entrevista Inicial)</p> <p>“Esse link da inscrição quem me mandou foi a coordenadora. Ela mandou no grupo dos professores. E aí eu falei “Eu vou... Eu vou fazer a inscrição. Do primeiro ao quinto, falei dá pra trabalhar”.”. (Entrevista Inicial)</p> <p>“É, eu falei que não ia fazer mais nenhum curso esse ano. Eu falei "Chega de curso, vou dar um tempo para minha mente”. Aí, eu olhando o site do MEC ainda tinha vaga para o ABC, que é alfabetização baseada na ciência. “Ah eu vou fazer”, aí eu já me inscrevi.” (Entrevista Final)</p> <p>“Mas assim o meu método de alfabetização que eu utilizo no dia a dia. Tudo leitura. É você buscar fontes que possam te ajudar porque você sai da faculdade com uma cabeça.” (Entrevista Final)</p>
Arte	Arte como metodologia pedagógica	<p>“Professor é mestre na arte de criar. Olha, teve uma vez que em uma formação, teve uma colega que falou, um professor até. Bem antigo ele. Ele falou “Não sei se vocês lembram se é na época de vocês que tinha uma série chamada “Profissão Perigo” [Y:Hum...] E eu só ouvindo, queria ver aonde ele ia chegar. Aí ele falou “O magáver de uma caixinha de fósforo ele fazia um exclusivo e assim é o professor [risada] com o giz na mão, ele fazia acontecer”. Eu respondi “Olha professor, o senhor me surpreendeu” e ele pra mim “Mas e não é professora? Principalmente professor da zona rural” (Entrevista Inicial)</p> <p>“[...] o Mário Sérgio Cortella fala isso “Dar o seu melhor na condição que você tem até que você tenha condições de fazer melhor”.” (Entrevista Inicial)</p>
	Arte como disciplina	<p>“A: Música... Música... Eu acho que foi inserido em projeto da zona ribeirinha em 2018, [Y: Aham] mas isso geralmente, o que que é? É um professor que conhece e toca algum instrumento, aí ele resolve criar com os alunos daquela determinada escola, mas isso é em projeto”</p> <p>Y: Mas nunca para professores em geral?</p> <p>A: Ah não, não, é projetos porque geralmente é um professor que conhece. Daí ele resolve aplicar aquilo em determinada escola.” (Entrevista Final)</p>
Cinema	Percepções e sensibilizações em relação ao cinema	<p>“Cinema é uma arte. [Pausa] Adoro” (Entrevista Inicial)</p>

	Cinema como instrumento de valores morais	<p>“Bom, eu falo com visão de professor das águas, cê entende? Professor de zona rural [Y: Aham] Que vê necessidade de cultura nos alunos. Aí a cada vez tem uma sessão de filminho, nós buscamos aqueles filminhos bem antigos pra passar. Geralmente com alguma mensagem- Geralmente não, todo filme passa uma mensagem. E tem um filme que eu amo, adoro passar para os meus alunos que é o Pássaro Azul. Muito antigo mesmo porque ali ensina valores. [Pausa] [Y: Vou até anotar. Para olhar depois.] Isso, Pássaro Azul. Ensina valores de amizade, de respeito aos pais. Olha, é muito lindo o filme.” (Entrevista Inicial)</p> <p>“[pausa reflexiva] Falam que a ficção imita a vida real, né? [Y: Uhum] mas o cinema também ensina. Ensina muita coisa. Ensina valores para as crianças. Cultura, nesse sentido que eu digo de cultura, trabalha a imaginação.” (Entrevista Inicial)</p>
	Cinema como ferramenta de conteúdo de disciplina	
	Criação cinematográfica na metodologia pedagógica	
	Produção audiovisual em ambiente de formação	<p>“Olha, é... Como eu posso te dizer? É válido. É enriquecedor, sabe? Por quê é uma nova modalidade. É uma outra modalidade e pode contribuir bastante sim.” – Sobre produção audiovisual em formação de alunos ou professores.” (Entrevista Inicial)</p>
Tecnologia	Utilização de equipamento audiovisual	<p>“Bastante, bastante [se utiliza equipamento tecnológico]. Lá no [escola] Roseiral, assim, tem televisão, datashow, tudo isso tinha.” (Entrevista Inicial)</p> <p>“Aí ano passado onde eu estava, era só o meu celular e o meu computador” (Entrevista Inicial)</p>
	Dificuldades	<p>“Daí pensa, passamos [na escola que trabalha] 10 dias sem internet, por que a gente não sabíamos que estava desconfigurado. E olha que a gente ligava, digitava, ligava, mexia e ficava “Não, isso funciona, não, isso funciona. Mas porque não temos a internet?”. Aí até que ele foi, agora no mês de junho, que ele esteve lá, e configurou. Graças a Deus! Daí eu vou testar agora quarta-feira para ver se tá ok mesmo [risada]” (Entrevista Inicial)</p> <p>“Necessito [aprender conhecimentos básicos de filmagem], esses tempinhos atrás, eu tive que gravar um vídeo de 30 segundos. Trinta? É... Trinta ou quarenta segundos. Olha, eu acho que eu passei umas 2 horas tentando fazer isso” (Entrevista Inicial)</p> <p>“Meu Deus como é difícil, <i>como que é difícil</i> [gravar vídeo de si mesmo]. Minha mãe "Calma uma hora sai", e eu falando "Gente, é muito difícil" [risada]” (Entrevista Inicial)</p>
	Internet	<p>Eu estou fazendo parte de um grupo, que eu estou fazendo um curso pelo rotas e redes literárias e é pelo Zoom então, nossa, eu só fico olhando o pessoal “Ó travou parou não consigo voltar” e não sei o quê. É difícil, é complicado.” (Entrevista Inicial)</p> <p>“O ano passado lá, eu tinha internet [a entrevistada se refere a outra escola] então, aí dava para trabalhar.” (Entrevista Inicial)</p>
Formação contínua	Tramas Poéticas	<p>“Então Yasmin, como eu estava te falando, até antes do curso eu era completamente crua em relação a filmagem, foi como Fernanda falou quando nós vimos o link lá no grupo da escola, não precisou ninguém ficar empurrando na prancha, sabe? Ou vai ou pula. Não, eu fiz de livre e espontânea vontade. Claro que teve o conflito de agenda [risada de Ana], toda hora era uma coisa. Assim saiu desse curso não que eu to exper em filmagem, mas já com aprendizado, sabe?</p>

	<p>[...] Agradeço a oportunidade, e pode ter certeza de que se nós precisarmos, vamos procurar a Yasmin” (Encontro 11 – Encerramento)</p> <p>“Olha foi uma experiência nova, sabe? [Y: Aham] Um curso muito interessante, foi aquilo que eu falei para você no encerramento do curso ninguém nos pressionou eu fiz de livre e espontânea vontade. [Pausa de Ana]”. (Entrevista Final)</p> <p>“Eu continuo pensando como a minha avó, que ela falava que o saber não ocupa espaço [Pausa de Ana]. Gostei muito, de tudo que eu aprendi de tudo que você passou para nós nesse tempo.” (Entrevista Final)</p> <p>“[...] com certeza [sobre repetir a formação continuada], porque é aquilo que eu falei para você. Traz informações que... Como Fernanda diz " Com anos em sala de aula e eu não sabia.". A tecnologia está em constante mudança porque não inserir e oferecer isso aos professores com mais frequência?” (Entrevista Final)</p> <p>“No tema abordado sim [diferença da formação realizada com outras formações]. Mas, assim, geralmente os palestrantes buscam passaram máximo o que eles sabem para nós daquele determinado assunto. No seu caso foi filmagem nossa, amei, gostei muito, melhorou muito. Ou seja, são coisa assim que eu vou levar para sala de aula.” (Entrevista Final)</p> <p>“Foi diferente, porque você buscou uma linguagem que nós pudéssemos entender.” (Entrevista Final)</p> <p>“Supriu as minhas expectativas, porque é como eu falei para você entrei leiga. Eu entrei com vontade de aprender mesmo, então... Eu falei “Não, e vou ver qual que é a desse curso.” Ainda mais para professores da educação infantil até o 5º ano que trabalha muito com gravação.” (Entrevista Final)</p>
Sentidos na criação cinematográfica	<p>“Eram coisas assim que eu realmente não conhecia, não que eu esteja expert no assunto, mas assim já não sou tão leiga quanto... Se for comparar no início do curso ao final, nossa, uma bagagem e tanto.” (Entrevista Final)</p> <p>“[Pausa pensante] ...Favoritos... Eu gostei muito da... Daquilo que você falou que para você ter um bom som, tem que filmar com um aparelho e captar o som com outro. Olha, eu acho que isso aí foi uma peça chave.” (Entrevista Final)</p> <p>“Não sabia, cada vez que eu ia fazer filmagem com algum aluno, eu falava "A imagem ficou boa, mas o som, tá esquisito, tá longe, não ficou legal". Aí ó: Yasmin [Risada]” (Entrevista Final)</p> <p>“Entre 3 a 4 vezes por ano sempre tem uma gravação. Sempre tem alguma apresentação, você grava o seu ensaio, você grava a apresentação, então eu fazia seguindo o rumo, tá entendendo? Eu não tinha o norte. Ai no final do ensaio mostrava e explicava "Olha, gente não ficou legal. Olha só o jeito que ficou assim, e assim” aí agora...” (Entrevista Final)</p> <p>“Até o jeito para fotografia, quando terminamos, eu ainda falei para eles "Gente, não é assim, pegar qualquer foto não. Tem que pegar uma que todos estejam bem”. E você tem que fazer uma seleção. Já pensou quem gravasse colocasse o que bem entende lá? Não é bem assim. [Risada da Ana] Aí a Fernanda agora fala “Ai Ana agora ela tá toda tramada” e eu falei “Não, eu ainda não tenho certificado, a hora que eu tiver o certificado aí sim que eu vou estar tramada” [Risada de ambas]. (Entrevista Final)</p> <p>“Olha, “desafio” [sobre definir o processo de criação cinematográfica] porque eu sou uma negação com tecnologia e com vídeo e “reinvenção” justamente porque eu tive que reaprender de uma forma diferente para passar informação para o meu aluno, não só para o aluno, mas a coordenadora e o trabalho também.” (Entrevista Final)</p> <p>“O que ele [curta produzido] representa? Uma vitória [gargalhada de Ana]. De alguma forma, eu venci uma barreira.” (Entrevista Final)</p>

	<p>“[...] eu quero quando tiver pronto poder mostrar para a minha ex-coordenadora o resultado.” (Entrevista Final)</p> <p>“Não é só a teoria, você tem que praticar senão não vai. Senão não flui.” (Entrevista Final)</p> <p>“Sim, por isso que a gente fala que formação é só no papel, só teoria e a prática é outra. Já você não, você nos deu a oportunidade de pôr em prática o vídeo. Você pediu que nós gravássemos.” (Entrevista Final)</p>
Troca de experiências	<p>“Fiquei muda, só ouvindo o que Catarina e Carlos acabaram de falar. Reinventando, o professor se reinventou, no dia dos professores eu recebi essa mensagem. Não só você, mas como também seus colegas professores se reinventaram para poder dar continuidade aos estudos dos alunos, dos seus alunos.” (Encontro 11 – Encerramento)</p> <p>“Uma coisa que você sabe eu não sei. Então a troca de experiência é muito válida. Eu carrego isso comigo, se o professor teve sucesso ou não.” (Entrevista Final)</p> <p>“São [outras realidades], que Catarina falou que os alunos dela antes de ir para escola já molharam a roça, já não sei o quê e... [pausa] Para você ver, são realidades diferentes, são.” (Entrevista Final)</p> <p>“Mas... As formações... Como eu posso dizer? A que vale mesmo é a que nós professores fazemos depois [Risada], que é a troca de experiências.” (Entrevista Final)</p> <p>“É aquilo que eu falei para você: toda troca de experiência Yasmin, é válida [Pausa]. Então uma fala ou outra de um colega ou mesmo sua com certeza guardei, com certeza vou pôr em prática. Isso é válido, isso ajuda.” (Entrevista Final)</p>
O ato de criação	<p>“Foram os meninos [que rejeitaram], foi algo que eles não estavam esperando, querendo ou não, eles ficaram nevosos. [...] Eles não conseguiam falar, ficaram muito emocionados [com os presentes que trouxeram], você tem que ver isso, eu falei “Ah não, eu entendo”.”. (Encontro 10 – Produção)</p> <p>“Tudo que você mostrou desde o início... Daquela historinha [dinâmica de criação de história em conjunto], do guri imaginando, e a gente achando que era tubarão, dragão, que era o raio que o parta. Não era, era só a imaginação do menino [risada]. Esse daí foi, olha... O máximo, gostei muito, muito muito mesmo.” (Entrevista Final)</p> <p>“Y: Por quê? A história em si ou o menino imaginando? A: A história... A imaginação dele, no que levou e a nossa também porque não passou na cabeça de nenhum adulto que aquilo era imaginação da criança.” (Entrevista Final)</p> <p>“[Sobre o curta documentário produzido] Olha, rolou lágrimas eu fiquei emocionada [Risada] foi muito, muito, assim... Eu acho que é o título que define que aquele curta tem realmente a ver com emoções e reinvenções, porque, olha... Assim, você vê o pouquinho de cada um, e você conseguiu montar aquele vídeo maravilhoso. É claro que eu mostrei para o povo aqui de casa [Risada de Ana]. Ficou muito bonito, lindo, lindo, lindo mesmo. Assim, o que mais emociona é aquela parte que acho que foi Catarina que gravou, dos meninos sentadinhos falando da pandemia. No caso das alunas também e, é claro que são realidades diferentes. Nossa... Mas... Eu gostei muito” (Entrevista Final)</p> <p>“Sim, e a gente entregar os presentes correndo e aí aproveitamos que nossa coordenadora estava de saída então ela estava se despedindo também dos pais e aí nesse corre-corre, que Fernanda e eu, ó [movimento rápido com a mão para simular filmagem]. E eles falavam "E vocês duas o que vocês tão fazendo?", a gente “Não, a gente estava gravando”.”. (Entrevista Final)</p>
Empatia	

		<p>“Mas... É aquela coisa: a dor do outro me conforta, que Catarina falou assim "Ana, eu estou com dó de você, cento e poucos planejamentos" [pausa] Pois é... Cento e poucos planejamentos, eu até sonho com o sistema de educação virtual mas tudo bem.” (Entrevista Final)</p> <p>“A: É no mesmo Rio, mas em barcos diferentes.</p> <p>Y: É?</p> <p>A: Alguns barcos tinham camarote, no meu estava entrando água [Ana cai na risada] infelizmente... É porque eu ouvi essa frase e falaram assim “Ai estamos no mesmo barco” foi até numa Live do ser professor no Pantanal e a professora levantou essa questão ela falou “Não, estamos no mesmo Rio, porém em barcos diferentes” e realmente, a realidade de um não é a mesma que o do outro.” (Entrevista Final)</p> <p>“Não é, não é... O aluno do campo querendo ou não ele ainda tem um certo privilégio, sabe? Do que o aluno ribeirinho. [...]Ah, é que eles não precisam acordar tão cedo para ir para escola, o percurso de caminho é mais curto, aluno do campo uma hora ele tá na escola, em. Já os ribeirinhos não, é duas horas ou duas horas e meia para chegar na escola.” (Entrevista Final)</p> <p>“Poxa... Teve, teve [reflexões em relação a docência] [pausa da internet]. Teve uma certa atividade de montar [Pausa reflexiva]. Eu me coloquei no lugar do aluno, me coloquei no lugar dos pais dos meus alunos, porque a secretaria mandou vai fazer isso. Só que, poxa, eu não ia estar na casa do aluno para explicar aquele conteúdo.” (Entrevista Final)</p> <p>“São realidades diferentes, mas ao mesmo tempo iguais.” (Entrevista Final)</p> <p>“Existem famílias e famílias... Ouvi e ouço de várias famílias o porquê? Que os professores não estão trabalhando, famílias estão desenvolvendo o trabalho do professor.” (Resposta escrita sobre a percepção dela como telespectadora em relação o curta-documentário que ela e a turma produziram)</p>
Pandemia	Presencial	<p>“Seria uma questão daquilo que Catarina falou, que faltou mais encontros presenciais.” (Entrevista Final)</p> <p>“Assim creio que se fosse encontros presenciais seria diferente.” (Entrevista Final)</p> <p>“O ano passado [2020], é claro, não deu para pôr em prática, mas esse ano quem sabe. Eu vou ter meus alunos perto de mim.” (Entrevista Final)</p> <p>“Os professores também estão sentindo essa falta de contato com os alunos, sei que não é fácil levar o trabalho para dentro de casa.” (Entrevista Final)</p>
	Trabalho em casa	<p>“Assim, é o que eu falei: você trazer o seu serviço para dentro de casa é complicado porque você consegue silenciar o seu ambiente, mas e o vizinho? E o cachorro que late? Complicado... Uma noite você presenciou que estava uma latição aqui no quintal de casa. Meu Deus do céu, aí meu cachorro ficou quieto e aí começou o do vizinho e assim vai...” (Entrevista Final)</p> <p>“Teve um encontro lá, que você viu que ninguém estava com cabeça para nada, mas assim foi só conflito de agenda, tá entendendo? Só isso por conta do bendito sistema de educação virtual, mas ainda bem que você foi compreensiva, você nos entendeu, viu que não era só eu, e até a Catarina, que é mestra, estava com a corda no pescoço também.” (Entrevista Final)</p> <p>“Como telespectadora, observei e levo em consideração a importância não só da escola... Mas do professor que teve que levar a instituição pra dentro de sua casa. (Entrevista Final)</p> <p>“Como também já ouvi famílias preocupadas com o retorno das aulas presenciais, não se sentem seguros em mandar os filhos para a escola, por conta da aglomeração.</p> <p>Baseado nessas questões... Que eu paro para pensar... Da responsabilidade dos pais em relação aos filhos... Esses que querem a volta as aulas presenciais por não aguentarem mais os</p>

	<p>"próprios" filhos dentro de casa... As crianças sentem falta? Sim, claro que sentem... Mas eles não têm noção do real perigo, mas os pais sim.</p> <p>São fatores importantes que nos faz refletir a respeito disso.</p> <p>Família/ Educação</p> <p>Escola/ professores e alunos.” (Resposta escrita sobre a percepção dela como telespectadora em relação o curta-documentário que ela e a turma produziram)</p>
--	---

Categorização - Carlos

Escola	Dificuldades	<p>“Porque é uma plataforma nova e tem que ser ensinado, tem gente que já sabe, mas tem professores que são já de idade, sabe? Que quase não tem aquele contato com a tecnologia, então a gente tem que dar aquele apoio e suporte para eles. A própria escola a sala de tecnologia, com os computadores. O professor pode ir lá, a gente vai orientando e a coordenação vai orientando, entendeu? Para que possa resolver o seu trabalho.” (Entrevista Inicial)</p>
	Rotina de trabalho pedagógico	<p>“Atualmente eu só estou como professor que orienta os professores na formação dos cursos de tecnologia lá na escola, entendeu?” (Entrevista Inicial)</p> <p>“Y: Uhum, você disse que é professor de tecnologia, certo? Você trabalha mais no sentido de orientação atualmente?</p> <p>C: Isso, de formação para os professores dessa plataforma que está sendo criada pela prefeitura atualmente. A prefeitura, na verdade, ela teve que criar um meio, a onde ela pudesse ter contato com aluno. [Y: Sim] Por exemplo, eu trabalho em uma escola perto da fronteira. [...] Então, temos alunos que vem lá da Bolívia que estudam na nossa escola, e como a fronteira está fechada muitos não puderam nem pegar a atividade... Devido a Fronteira estar fechada, pai não podia passar. Agora que vai abrir novamente, mas mesmo assim graças a alguns contatos, alguns professores conseguiram contato com eles lá, por via da internet então... Então dessa é maneira que eu dou apoio aos professores no trabalho com a plataforma.” (Entrevista Inicial)</p> <p>“[...] ligado a minha área na sala de Tecnologia, nós tivemos várias formações. Pela coordenadora que a responsável pelo núcleo de tecnologia lá na prefeitura, então nós tivemos assim, mas nossa formação foi tudo online também.” (Entrevista Inicial)</p> <p>“Como a gente tá na sala e tem a tecnologia do lado, a gente procura passar sugestões para o professor. Porque, às vezes, o professor tem o conteúdo, mas ele não tem ideia de como trabalhar e às vezes a gente já tem arquivado alguma coisa lá. “Professor, pode fazer assim”, a gente compartilha informação.” (Entrevista Inicial)</p>
	Dinâmica organizacional	<p>“Antes da pandemia, nós temos a questão da coordenação na escola que ela cobra todo o procedimento... Tem, na verdade, as atividades eram tudo escrito também, como documentos, para que se comprove até que se foi feito. Isso tanto da coordenação pedir, como o próprio professor tem em seu próprio caderno de anotações e tudo. Até para você ter um respaldo do que você fez e do que trabalhou.” (Entrevista Inicial)</p> <p>“A prefeitura criou um sistema de educação virtual, não sei se n você já ouviu falar. [Y: Sim] É um sistema de uma plataforma que todos os professores tem que incluir ali, tudo que é feito, entendeu? Mesmo sendo, assim, via WhatsApp, via online com os seus alunos, ou via entrega, porque tem alunos que não têm acesso à internet, e entregam impresso a atividade. Então todo esse</p>

		tipo de documento aí... Tanto você tem a sua parte mesmo do seu caderno de anotações como também você tem que colocar na plataforma da prefeitura é uma maneira de eles verem se o seu trabalho está sendo feito mesmo nessa situação que tá atualmente.” (Entrevista Inicial)
	Reflexão-critica	<p>[Sobre as dificuldades das colaboradoras professoras da escola ribeirinha] “[...] Desculpa falar, mas mostra bem a falta de poder público presente nessas comunidades” (Encontro 7 – Pré-produção)</p> <p>“Às vezes [as formações continuadas envolvendo arte], somente para os profissionais de arte. Não é aberto, é específico, inclusive teve um rolo com o Roni lá da prefeitura, que eu conheço. Ele criou um grupo no caso, até para ele conhecer quem era os professores de artes, justamente para eles montarem cursos e coisas específicas, mas aberto ao público quase não tem. A nossa formação geralmente quando tinha, era uma formação mandada pela prefeitura mas com todos os professores numa sala e falando vários assuntos da Educação, não é um assunto específico. Então para professor de arte é específico geralmente, até para ter no seu currículo também, mas ele não é aberto assim para todo mundo.” (Entrevista Final)</p> <p>“Eu sempre lutei por essa parte da importância de colocar a história da nossa região, nossa cidade também, na parte do currículo. Mesmo que não tenha lá. Porque o que tem lá é em geral, Mato Grosso do Sul, mas não tem específico da cidade. Então, eu sempre batalhei por essa parte, principalmente como historiador.” (Entrevista Final)</p> <p>“Eu acho que deveria sim [haver mais formações que envolvem criação artística]. Porque também faz falta esse daí também. Eu penso assim que que todo tipo de educação de aprendizado que venha de qualquer maneira ela é importante na vida da pessoa, acho que falta muito isso aí.” (Entrevista Final)</p>
Alunos	Turma	“Às vezes ele não tem carinho na casa, mas busca com o professor, com a diretora, então eu me identifico. Faz parte da nossa formação pedagógica e são os nossos alunos que estão ali.” (Entrevista Final)
	Criança	<p>“A gente, como ser humano, vou falar uma coisa para você, a gente modifica, sabe? Que criança que criança modifica o nosso mundo. Você vê de outra maneira o mundo, você vê com mais afetividade, mais emoção. Criança é isso aí. Então o carinho que eles davam pra gente lá na escola, não só para mim, mas para todos os professores lá, né? São bem carentes a criançada.” (Entrevista Inicial)</p> <p>“Eu vejo a criança, assim, sei lá como um ser especial na escola. Minha definição seria isso: um ser especial. Trabalhar com criança é prazeroso, vou falar a verdade. Eles estão naquela transformação de aprender, de querer ver, de fazer, entende?” (Entrevista Inicial)</p> <p>“Que filme que marcou, tenho vários mas é um para mim assim foi “O Menino de Pijama” [listrado]. Como a colega tinha comentado aí, a questão da inocência da criança. Não sei se já assistiram mas achei muito bom. A inocência da criança... A criança tem aquele jeito de querer... Você pode notar, que as crianças fazem amizade rapidamente uma para outra e se juntam, não tem diferença, não tem cor, não tem raça, não coloca todos aqueles... Vamos dizer, assim aquela aqueles pontos que nós, adultos, colocamos em uma relação de amizade, né? É por isso que achei interessante aquele filme. A inocência dele queria brincar. Não entendendo a situação do que estava ocorrendo ali, achei importante, eu gostei desse filme.”. (Encontro 1 – Introdução)</p> <p>“Mas, principalmente perto dos nossos alunos, a gente não pode ficar devido a essa questão. Eu achei o vídeo emocionante, porque foi um momento de transmitir aquele... Aquele carinho que nós temos por eles.” (Entrevista Final)</p>

		“Então, o vídeo mostrou aquilo que faz falta em uma escola que são os alunos, são as crianças. Eu acho que a escola sem eles é uma escola sem vida. Não existe nada além de tijolos, cimento, uma estrutura apenas, porque os alunos que dão vida a escola.” (Entrevista Final)
	Infância	
Profissional	Formação Acadêmica	<p>“Eu formei em 2003 pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Eu sou professor de história[...]”. (Entrevista Inicial)</p> <p>“Na verdade, esse ano eu estou fazendo duas pós-graduações pela IFMS agora.[...] Então, ela é Tecnologia na Educação, entendeu? É um curso novo que surgiu na IFMS e o outro é Análise do sistema também, é na área da tecnologia.” (Entrevista Inicial)</p>
	Experiência como professor	<p>“[...] já desde já de quando eu me formei, estou trabalhando na educação tanto estadual como no município” (Entrevista Inicial)</p> <p>“Sobre trabalhar com Educação Infantil “Há três anos [...] Antes eu trabalhava mais com a área de ensino médio, sabe? Mas aí, a partir do momento que eu fui para o município, o município só lida com o ensino infantil, que é a pré-escola... Faz três anos que eu estou no município. Então, faz três anos que eu estou trabalhando com educação infantil.” (Entrevista Inicial)</p> <p>“Atualmente, eu trabalho... [pausa] Há três anos atrás quando comecei a trabalhar, trabalhava com o infantil e com a EJA, tá entendendo? Só que agora nos últimos dois anos devido a colocação de novos professores. Eu só fiquei com a educação infantil”. (Entrevista Inicial)</p> <p>“Atualmente, agora eu estou na sala de tecnologia, eu passei no processo seletivo da prefeitura e aí eu fui convocado para trabalhar na Sala de Tecnologia, então nos anos anteriores eu os levei para utilizar o computador da escola porque com atividades... [...]”. (Entrevista Inicial)</p>
	Colegas de profissão	<p>“Eu conheço um professor [...] ele fazia muita questão de cinema na escola, aí eu sempre... Eu o seguia no Instagram, via os vídeos dele e eu achava que a parte do cinema também tinha que ser trabalhada na escola, só que não é trabalhado. Você vê pouco... se você for fazer um levantamento de informações aí, você vai ver que poucos professores vão destacar isso aí.” (Entrevista Inicial)</p> <p>“[...] ele produzia, ele fez vários... cinema, ele trabalhou com cinema[Y: Uhum] então não se vê muito esse tipo de trabalho na escola.” (Entrevista Inicial)</p> <p>“Exatamente, porque você sabe, tem profissional também que não quer participar. Principalmente esses que já estão para aposentar, eles já não se empolgam muito com formação continuada. Mas agora os novatos quando estou chegando eles são mais... Tem mais interesse.” (Entrevista Final)</p>
	Sentidos e sensibilização em relação à própria docência	<p>“Então a ideia seria esse mesmo. Você me trouxe mais informações para que, como eu estou na sala de tecnologia, como eu não estou direto com os alunos, <u>eu apenas ajudo</u> o professor utilizar os meios de tecnologia lá na sala e com isso eu posso dar sugestões para ele dessas atividades.” (Entrevista Final)</p> <p>“Acho que me identifico sim, porquê... É como eu falei para você lá naquela vez que eu nunca tinha trabalhado com criança. Eu até falei para minha esposa "Aí será que trabalhar com criança vai ser uma boa?". Hoje não, hoje já tenho outra opinião, hoje eu quero trabalhar com criança, porque... Porque com eles, eu aprendi a ter um carinho maior, uma atenção maior.” (Entrevista Final)</p> <p>“[...] a escola na verdade é uma segunda casa, um segundo lar para eles e a escola não vive sem alunos. A escola, só com aquela parte concreta ali, ela não é nada sem os alunos.” (Entrevista Final)</p>
	Busca por saberes docentes	<p>“... Para mim tudo é novidade, então tudo que é novidade a gente fica sempre com alguma esperança de aprender coisas novas, coisas boas e espero que seja proveitoso para todo mundo.” (Entrevista Inicial)</p> <p>“Todo aprendizado em nossa vida, ela contribui para nossa formação.” (Entrevista Final)</p>

		<p>“Ah eu acho que os pontos positivos são um novo aprendizado. É uma coisa nova que a gente teve, porque você não vê coisa assim [formação continuada com linguagem artística].” (Entrevista Final)</p>
Arte	Arte como metodologia pedagógica	<p>“Vou falar a verdade para você, atualmente, assim quando a gente trabalha com educação infantil, a gente trabalha com livros, com desenhos e desenho uma arte também né? [Y: Sim, é claro] Dessa maneira, desenho, pinturas... As atividades, assim, que eles possam se expressar. Um pouco disso aí, não vou falar aqui que foi totalmente. Porque você sabe que nós temos os conteúdos que também tem que ser seguidos, né? Mas da maneira que é possível seguir esses conteúdos, aí a gente incluiu alguma coisa de pintura, de desenho, filmagem, de apresentações. <u>Eu acho que isso é a arte também</u>” (Entrevista Inicial)</p>
	Arte como disciplina	<p>“Quando eu estava no Estado [...]eu peguei a disciplina de Artes. Então eu gostei muito da disciplina de Artes porque ela favorece muito o aluno na aprendizagem na criação, do talento, do desenho. Eu acho que isso aí é importante para as crianças nos dias de hoje. Eu vejo que tem criança lá na escola, tem uma habilidade, um talento, só que infelizmente não é valorizado. Eu acho que deveria ser mais, sabe? Talvez tenha um talento ali que a gente não perceba no momento, mas ele pode, como o adulto, se destacar na sociedade. Eu acho muito importante, eu gosto do estudo dessa área.” (Entrevista Inicial)</p> <p>“ Y: [...]Qual é o tipo de contribuição que a formação que a gente teve agora, que é um estilo um pouco diferente porque a gente trabalha com arte então cinema ou qualquer outra linguagem artística. Então, como esse tipo de formação que a gente teve pode contribuir para o professor pedagogo?”</p> <p>C: Assim... Específico, seria para a área de artes, né Yasmin? A onde envolveria o cinema porque se você observar pelo currículo, o cinema ele entra em artes né?</p> <p>Y:Mas também pode entrar em outros conteúdos também, Carlos.</p> <p>C: É, sim mas aí é o que eu falei para você que alguns professores poderiam pegar essa parte conteúdo para trabalhar também em Geografia, em História, entendeu? Mas assim para todos, eu acho que, assim, não seria... Como posso dizer? Não sei, dependeria muito do profissional, se ele quisesse pegar.” (Entrevista Final)</p>
Cinema	Percepções e sensibilizações em relação ao cinema	<p>“Cinema... [pausa] Eu acho ela importante a partir do momento que ela... Tem que ser bem trabalhada com ela, porque o cinema modifica muita coisa, sabe? Até mesmo o mesmo fato histórico, às vezes, para enaltecer o ator ou a atriz, eles modificam muito. Então o cinema tem que ser bem trabalhado, tem que ser bem explicado. Não é aquele cinema de passar para o aluno e pronto” (Entrevista Inicial)</p> <p>“Assim como eles, eu também cheguei a pegar cinema em Corumbá. Aos domingos era a tarde inteira, a gente chegava em casa umas 18h ou 19h da noite. E meu primo e amigos da época da escola, a gente se reunia para ir no cinema, passávamos a tarde inteira, era um período bom. Cheguei a pegar o antigo cinema em funcionamento também” (Encontro 1 – Introdução)</p>
	Cinema como instrumento de valores morais	
	Cinema como ferramenta de conteúdo de disciplina	<p>“O cinema, na verdade, é destacado através de um filme que é uma bibliografia que é passada no seu conteúdo para trabalhar com aluno, é só dessa maneira. Não é um trabalhar, falar trabalhando cinema na escola, não se vê muito isso aí.” (Entrevista Inicial)</p> <p>“E o conteúdo [da formação continuada Tramas Poéticas], a importância do conteúdo, achei muito importante aqueles conteúdos que você tem, sabia?” (Entrevista Final)</p>

		<p>“Porque tem pessoas que não sabem, na verdade, da história do cinema, não tem uma noção exata de como funciona a história no Brasil e você viu que a gente levantou informações da origem até do cinema daqui da própria cidade” (Entrevista Final)</p> <p>“Coisas que eu não sabia, que as pessoas não sabem, que essa geração não sabe. Então eu acho importante a transmissão desse conteúdo que você tem aí. Eu achei bem importante.” (Entrevista Final)</p> <p>“[...] eu até printei algumas coisas dali que eu pretendo passar para alguns professores quando começar as aulas, para quando tratar de cinema para passar algumas informações” (Entrevista Final)</p> <p>“Então, eu acho que a história do cinema em Corumbá para ser contada dessa maneira para eles, saber que um dia teve cinema e que foi assim e foi bem divulgado. Eu acho importante divulgar para eles, trazer para eles um pouco de ideia do que é a sensação de tá no cinema. A gente até pode fazer um formato na escola, mas não é a mesma coisa como sentir o cinema, sentir o som.” (Entrevista Final)</p>
	Criação cinematográfica na metodologia pedagógica	
	Produção audiovisual em ambiente de formação	“Acho interessante, acho bom, acho relevante. Eu vi no seu documento que a ideia é que no final a gente faça uma produção com os professores participantes e eu achei interessante isso aí, entendeu? Achei importante isso aí.” (Entrevista Inicial)
Tecnologia	Utilização de equipamento audiovisual	<p>“Sim, o datashow e tudo a gente utiliza lá.” (Entrevista Inicial)</p> <p>“A escola tem todo esse equipamento e a gente vai desenvolvendo com professor.” (Entrevista Inicial)</p> <p>“Eu acho também importante a questão da tecnologia dentro da escola também e a gente ver vários trabalhos.” (Entrevista Inicial)</p>
	Dificuldades	“[...]é como falei para você ter professores que não sabe mexer, não tiveram contato. Então a gente, tem que dar o suporte e orientação porque a gente entende, sabe? Que, na verdade, são professores que já estão quase para aposentar e não tem esse tipo contato. O máximo que eles têm é o neto em casa ou filho, mas tem muita, os professores têm muita dificuldade mesmo.” (Entrevista Inicial)
	Internet	
Formação continuada	Tramas Poéticas	““Eu achei o curso muito bom, eu pequei em não poder participar tanto no começo [se referindo aos problemas de saúde da família que o atrapalharam]. [...] Sobre o curso, é um aprendizado muito, é uma pena que a gente não pode ter encontro para poder trabalhar presencialmente devido a pandemia. A própria gravação, você viu no meu caso, foi a própria mãe que fez e eu queria poder participar, logico que não podia por conta da pandemia e essas coisas. [...] Vamos esperar que no próximo ano, se Deus permitir, a gente possa fazer novos cursos e poder trabalhar melhor essa parte de produção, e estar próximo um do outro, esperamos isso. Eu gostei muito da turma, gostei de você, que é uma profissional dedicada. Fiquei feliz de participar dessa turma, eu conhecia o Drakonarius [ambos são professores de tecnologia], a Catarina também, e a Fernanda, me corrija se eu estive enganado mais acho que você já foi minha aluna [Fernanda rindo: Sim!], só a Ana que não conhecia, mas me contaminei pela alegria dela, uma pessoa fantástica. Então, eu gostei de fazer parte dessa turma e esperamos que ano que vem possamos estar em novos cursos e com a mesma turma, e com você também participando.” (Encontro 11 – Encerramento)

		<p>“Eu achei interessante, na criação lá... Eu achei interessante mesmo. São coisas novas que a gente tem que aprender, né? Acho legal isso aí.” (Entrevista Final)</p> <p>“Acho que em qualquer trabalho, o conteúdo tem papel primordial. [...] Eu estava lá, eu estava lendo todo dia, estava vendo lá. Para mim, o que mais me marcou no curso foi conteúdo mesmo.” (Entrevista Final)</p> <p>“Quando eu fiz a inscrição eu fiz assim bem assim "Ah eu vou fazer", porque a gente precisa fazer alguma coisa na pandemia, para não ficar parado. E aí assim eu não tinha essa perspectiva que tinha, mas no decorrer, depois que eu comecei a participar, eu vi assim... Sabe quando você se empolga? Quando você gosta da coisa?” (Entrevista Final)</p> <p>“Então eu acho que o destaque é o conteúdo da história de Corumbá mesmo. Tinha coisas que eu não sabia.” (Entrevista Final)</p>
	Sentidos na criação cinematográfica	<p>“É o meu modo de ver, o modo repensar a vida”, e que “[...] basicamente, temos que tirar algo positivo disso para como ser humano melhorar. Sentimos falta dos nossos alunos, com certeza, até estava comentando outro dia na escola de quando o sinal do recreio batia e eles gritavam de alegria. [...]” (Encontro 11 – Encerramento)</p> <p>“[...] De como trabalhar na filmagem, tem coisa que a gente não sabe, mas você passou algumas dicas importantes de luz, localização de câmera. Eu achei legal.” (Entrevista Final)</p> <p>“A perspectiva foi do conteúdo que eu gostei, e pensei “Não, vou continuar sim” E eu encontrei dificuldade porque tinha que sair esse horário, que eu tinha que levar meu neto, aí falava "Não, espera um pouco, eu vou assistir à aula e depois te levo". Então foi o conteúdo que me prendeu na verdade. depois que eu vi, falei “Não, o assunto é bom, o curso é bom, vou terminar sim". Poderia ter desistido, poderia ter outra opinião, mas não desisti. E o que me prendeu foi o conteúdo. Achei riquíssimo mesmo.” (Entrevista Final)</p> <p>“Mas se a pandemia diminuir e a gente puder tá mais perto um do outro, eu vou sugerir ao professor fazer esse tipo de trabalho de vídeo, com a participação dos alunos. Eu achei legal isso daí.” (Entrevista Final)</p> <p>“Pegar os conteúdos, e quem sabe lá no final fazer uma... Um longa, também, com eles, dependendo de como vai tá funcionando a escola na verdade” (Entrevista Final)</p>
	Troca de experiências	<p>“Eu penso assim, será que quando você começou esse curso você imaginava que ia viver todas essas situações com a gente? Toda essa história com Ana e Fernanda, a gente só fica imaginando a situação” (Encontro 10 – Produção)</p> <p>“Então o novo aprendizado e com o aprendizado você vai adquirir experiência, que você pode utilizar, sabe?” (Entrevista Final)</p>
	O ato de criação	<p>“Por isso que eu falei "A ideia é essa para quando começar as aulas, eu colocar também, quem sabe lá na frente, quem sabe fazer um curta também com as crianças e também com professores". Quero trabalhar essa ideia também.” (Entrevista Final)</p> <p>“Ah me sinto [autor] sim, por que contribuir com ele né? Através daquelas crianças lá. A mãe mesmo ficou toda feliz quando eu mandei para ela. Daí eu me sinto sim como autor.” (Entrevista Final)</p> <p>“Foi o que eu esperava, a participação das crianças. Nessa situação de isolamento, falando, eles mesmo falando... Eu acho que o que fez mesmo vídeo foi as questões, as perguntas para elas. Isso aí que, na verdade, criou, que montou o vídeo. Foi dali que elas responderam o que elas queriam, o que elas iam fazer.” (Entrevista Final)</p>

	Empatia	<p>“[...] eles [estudantes] se dedicaram, a simplicidade que deixou o vídeo mais bonito” (Encontro 7 – Pré-produção)</p> <p>“Você viu as três crianças como elas são, participando, e os outros colegas também, e dos alunos. Você vê que há uma vontade deles de querer apresentar. Então, você imagina que se a gente está ansioso para voltar, imagina eles?” (Entrevista Final)</p> <p>“Você vê até para ela se locomover, chegar lá o barco, ou a lancha, sei lá o que tinha, para chegar rápido e já sair. Eu pensei "Essas meninas não vão conseguir, vão ter muita dificuldade". Mas mesmo com as dificuldades, você vê que... Foi uma superação para elas, na verdade. Para nós não foi tanto porque estamos na cidade.” (Entrevista Final)</p> <p>“Eu me baseio mais nelas [Fernanda e Ana, professoras da escola das águas] pelas dificuldades que elas falaram. Elas superaram nesse momento, foi uma superação. Para todos nós também, para todo o grupo, mas principalmente para elas, que eu achei que, para mim, elas superaram. Tantos problemas que elas falaram e eu ficava só escutando, pensei "Nós aqui na cidade não temos esses problemas assim”, mas elas... Teve até para descer da lancha, era uma dificuldade.” (Entrevista Final)</p>
Pandemia	Presencial	<p>“Esse ano a gente tinha vários trabalhos. É aquela coisa, como falo sempre para minha esposa, nós planejamos várias coisas esse ano, mas Deus falou “Não, não é, isso aí vai ser de outra maneira”. Então tudo aquilo que a gente tinha planejado, tá na fila de espera e se Deus quiser para o ano que vem, então a gente trabalha com tudo isso aí” (Entrevista Final)</p> <p>“[...]você sabe que a pandemia que atrapalhou porque se não tivesse a pandemia a gente... O trabalho ia ser bem melhor, <i>bem melhor</i>.” (Entrevista Final)</p> <p>“[...] As coisas estão mudando aqui naturalmente, e a gente tá planejando “assim, assim e assado” mas aí vem a pandemia e a gente não sabe com essa vacina vai diminuir, então tá um futuro incerto na verdade né?” (Entrevista Final)</p> <p>“Foi uma superação para todos nós ali nesse momento de pandemia.” (Entrevista Final)</p>
	Trabalho em casa	

Categorização - Catarina

Escola	Dificuldades	
	Rotina de trabalho pedagógico	<p>“[...] por ser uma escola do campo, por mais que a maioria não trabalhe a realidade do campo, que deveria ser trabalhado, mas aí você tenta sempre fazendo trabalhos que são os projetos. Esses projetos tinham horta, minhocário, o meu projeto com as crianças que era sempre do 4º ano e 5º ano, era com criação de codornas” (Entrevista Inicial)</p> <p>“E hoje, como coordenadora antes da pandemia, então sai de casa as 7 horas da manhã, na mesma rotina, só que agora eu não entrava mais em sala de aula, agora dou assistência ao professor.” (Entrevista Inicial)</p> <p>“É o você chamar falando para fazer leitura, chamar o aluno para fazer... O diagnóstico! Fazer o diagnóstico de cada criança, de cada sala, você conversar com professor, ver planejamento e</p>

		<p>atividades. Esse é o trabalho de coordenador, ou seja, trabalho de corpo a corpo com o professor.” (Entrevista Inicial)</p> <p>“Dividimos quatro diretores mais quatro coordenadores, nesse caso, três coordenadores porque o quarto é do grupo de risco e tem mais de 60 anos. Então nós levamos as atividades de casa em casa para que possamos atingir 100% das crianças na escola.” (Entrevista Inicial)</p> <p>“E no meu trabalho lá na escola a gente está pegando essas atividades levando, pedindo professor ir lá buscar, para corrigir e repassarmos de novo para o aluno. Ou seja, poucos alunos tem condições de fazer uma atividade remota, pelo celular ou pelo computador, a maioria é atividade impressa e algumas vão até escola para pegar e outros você precisa levar.” (Entrevista Inicial)</p> <p>“Enfim, a gente trabalha com projetos.” (Entrevista Inicial)</p>
	Dinâmica organizacional	
	Reflexão-crítica	<p>“Nós, profissionais, temos a tendência de separar, sendo que seria assim.... Até porque é assim que aprendemos, a universidade não nos ensina a trabalhar global, afinal o ser humano é global.” (Entrevista Inicial)</p> <p>“Tem professores que se sentem sem orientação nenhuma de coordenador, tem professor que se sente sozinho na prática pedagógica. E como eu fui de sala de aula, acho interessante você dá suporte, eu cobro, mas tem que dar suporte também para essas cobranças.” (Entrevista Inicial)</p> <p>“Porque vamos dizer assim, é nossa função, e aí a gente vai pegar lá para o lado da lei, é nossa função... A escola hoje tem uma função social que é tentar amenizar essa diferença, essa é essa distorção, é tentar amenizar... [pausa] A situação que a criança passa hoje, entendeu? Então essa é a visão que eu tenho de criança: proteção.” (Entrevista Inicial)</p> <p>“Assim, quando você não tem uma família que desperte isso, o outro lugar seria a escola.” (Entrevista Inicial)</p> <p>“Ou seja, nós [escola] matamos esse lado criativo da criança. Quando chega na alfabetização... E eu falo isso porque já cometi essas gafes. Chega na alfabetização e diz “Acabou a hora da brincadeira, vocês estão aqui para ler e escrever” e sendo que tu fica mais gostoso quando você tem a brincadeira” (Encontro 7 – Pré-produção)</p> <p>“E aí você se inspira no professor que vê você não como aluno, mas como humano” (Encontro 7 – Pré-produção)</p>

		<p>“O modelo pedagógico que a gente tem tá ultrapassado. Esse modelo pedagógico que temos precisa de mudanças, desde da formação.[...] nosso ensino é uma barca furada, tá? Só que isso ninguém vê, porque é mais cômodo você continuar com o sistema do jeito que tá. Dá trabalho mudança... Muito trabalho.” (Entrevista Final)</p> <p>“[...] o nosso ensino não quer mudar, ainda mais escolas do campo Yasmin. Toda aprendizagem que você passa não é significativa para o aluno, porque para ele, tudo que você ensina tem que estar vinculado com a realidade que ele vive. Isso é bonito, na prática também. Só que fica ali no discurso, pelo discurso feito só, apenas pela fala.” (Entrevista Final)</p> <p>“[...] a criança tem o prazer de querer aprender, tem o gostar de querer aprender, porque eu sempre digo que o aprendizado pode ser dolorida ou pode ser prazerosa. Para aqueles alunos que repetem dois anos, três anos, é um processo doloroso.” (Entrevista Final)</p> <p>“E aí entra outra coisa do professor, ele não tem só um aluno que só ouve, mas um aluno que busca conhecimento.” (Entrevista Final)</p> <p>“Ou seja, teve uma formação que preparou o professor para planejar suas aulas em cima do conteúdo e preparara os nossos alunos. Por isso que eu falo que é extremamente importante essa questão da formação continuada, principalmente professor de 10, 20 anos, ele já matou em cinco a oito anos quantas crianças?” (Entrevista Final)</p> <p>“Aprendemos na prática, perguntando um ao outro, basicamente foi tudo descoberta, agora a formação online ninguém teve.” (Entrevista Final)</p>
Alunos	Turma	
	Criança	<p>“[...]criança é pureza, criança é... [pausa] Que o adulto tá ali para proteger a criança, mas a criança é expressão de.... [pausa] Algo puro.” (Entrevista Inicial)</p> <p>“[...] muitos alunos se despertaram através do desenho, tem dois em particular, que tem essa habilidade... Assim, nato que aflorou através do desenho.” (Entrevista Inicial)</p>
	Infância	<p>“Bom, a gente sabe que a infância vem da palavra infante, que é um ser vazio [pausa para pensar]. Vamos dizer que não tem... Que você não tem nada a acrescentar sabe?” (Entrevista Inicial)</p> <p>“E quando a gente fala de Infância, e um pensamento que eu tive e me fez voltar para terapia também... Quando a gente fala na infância, nem toda criança tem uma infância de brincar. Nem todas as crianças têm uma infância de infância realmente. Às vezes a infância da criança é ser um mini adulto” (Encontro 6 – Trocas de experiências)</p>

Profissional	Formação Acadêmica	<p>“A minha formação acadêmica é licenciatura em geografia, eu formei em 1996 pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, UFMS.” (Entrevista Inicial)</p> <p>“Então por isso que eu fiz o curso de psicopedagogia, para ver se de alguma maneira contribuía com a minha prática pedagógica, porque naquela época eu trabalhava em duas escolas. E percebia que a mesma coisa, a mesma prática que eu tinha, em uma fazia efeito e na outra era como se a coisa não andasse, sabe? Aí agora mês que vem eu tô terminando o curso de Educação do Campo por estar trabalhando numa escola do campo.” (Entrevista Inicial)</p> <p>“E aí hoje eu estou terminando o curso de Educação no Campo.” (Entrevista Inicial)</p>
	Experiência como professor	<p>“Sim, eu trabalhei com a educação infantil, educação fundamental, ensino médio, ensino superior” (Entrevista Inicial)</p> <p>“Então, assim que eu sai do magistério e fui para a escola... Deixa-me encostar a porta aqui. Na época que eu me formei no magistério, comecei a substituir dando química na escola onde me formei mesmo. Depois passei no concurso em Ladário que eu trabalhei com alfabetização aí fiquei cinco anos em Ladário, passei no concurso em Corumbá, após isso tomei posse na educação do campo, no assentamento e lá trabalhei com alfabetização também. Depois disso... Como eu fiquei grávida, eu não podia andar de kombi para assentamento então eu vim para escola da cidade novamente. Foi então que passei em outro concurso e saí de Ladário, comecei a trabalhar em duas escolas, foi aí que houve essa problemática, na qual a clientela em uma escola havia uma dificuldade em aprender e na outra turma não, entendeu” (Entrevista Inicial)</p> <p>“Atualmente eu estou na coordenação do ensino fundamental do 1º ao 5º ano em uma escola do assentamento” (Entrevista Inicial)</p>
	Colegas de profissão	<p>“O professor de artes, ele sempre trabalha com a com essas atividades. Primeiro evento que a gente trabalhou foi desenho! [...]Depois partimos para fotografia, então os alunos saiam com seu celular e fotografava alguma coisa chamasse atenção e aí explicaria porque aquilo chamou atenção.”</p> <p>(Entrevista Inicial)</p> <p>“Depois nós entramos num projeto, na verdade é um concurso, que era para você escrever a letra de uma música e cantar essa música, tudo com professor de arte.” (Entrevista Inicial)</p> <p>“Mas vendo a Ana e a Fernanda... Eu tiro o chapéu para elas. Então diante de todas as dificuldades que a gente enfrenta [...]”. (Entrevista Final)</p>
	Sentidos e sensibilização em relação à própria docência	<p>“[...] o trabalho pedagógico, mas também vamos dizer assim, Yasmin, eu posso ser coordenadora, mas a sala de aula nunca sai de dentro de mim, entendeu?” (Entrevista Inicial)</p>

		<p>“Seja da faculdade, seja da alfabetização, seja de Ensino Médio, seja do Fundamental, sempre temos um professor que te marca, porque ele te faz despertar o potencial que você tem para uma determinada coisa [...]”(Entrevista Inicial)</p> <p>“Meus pensamentos eram arcaicos, e hoje eles estão mudando” (Encontro 6 – Trocas de experiências)</p> <p>“[...] autoafirmação é aquela coisa assim... Ah sempre vemos o lado, como eu disse para você, sempre o lado negativo e autoafirmação para mim é aquilo de me auto afirmar, ou seja, é aquilo que eu quero realmente?” (Entrevista Final)</p> <p>“Então esse ano de 2020, foi um ano de superação, de criação, de autoafirmação. Da criação de todos nós, e assim eu não tô falando por todos apenas o meu pensamento, todos nós mudamos nossa ação pedagógica que antes era papel, giz e saliva.” (Entrevista Final)</p> <p>“Diante de tudo isso, Yasmin, dá uma vontade assim: “Se você não quer ser professora...” chuta o pau da barraca e fala assim: “Não é pra mim”. Eu me vejo no assentamento, mas ouvir Fernanda e Ana... É por amor, tem que ser por amor, por que essas meninas saírem, só para dar contexto, as meninas saírem em um dia e voltar só no final de semana...”. (Entrevista Final)</p> <p>“Então você pode ensinar sim a criança utilizando outros recursos. Só que para isso o professor tem que aprender a utilizar esses recursos, por que a gente não tem isso na sala de aula? Porque o professor não sabe e não tem formação para isso. Por isso que eu falo que formação continuada para o professor deveria ser imprescindível.” (Entrevista Final)</p>
	<p>Busca por saberes docentes</p>	<p>“A gente tem essa necessidade de querer aprender, e tudo que você aprende é para estar contribuindo para parte pedagógica do dia a dia na escola, Yasmin.” (Entrevista Inicial)</p> <p>“Não, eu quero aprender porque aí posso compartilhar, posso estar contribuindo e posso estar mudando.” (Entrevista Inicial)</p> <p>“Então, acredito que deve se mudar nossa formação em pedagogia, no meu caso, professor que já tá 15 anos, 20 anos de magistério tem que ter sim uma formação constante. Sabe porquê? O curso de pedagogia não te forma, você se molda no dia a dia do seu trabalho, com as experiências como professor, quando se entra numa sala de aula você não tem experiência nenhum mesmo, você aprende com a experiência do outro professor e na prática.”. (Entrevista Final)</p> <p>“E aí entra outra coisa do professor, ele não tem só um aluno que só ouve, mas um aluno que busca conhecimento. [...] É por isso que eu aposto muito na formação continuada. Queria estudar muito”. (Entrevista Final)</p>

		<p>“Primeiro, você tem que se capacitar para capacitar o outro. Você tem que estudar e o outro também tem que estudar.”. (Entrevista Final)</p>
A arte no trabalho em escola	Arte como metodologia pedagógica	<p>“Por exemplo, professor de matemática dando artes, para complementação de carga horária, ele vai dar geometria. Já o professor de ciências, pode puxar para o lado dele também, através do desenho!” (Entrevista Inicial)</p> <p>“[...] como eu te disse a aula se torna mais prazerosa e significativa também quando se trabalha com música, filme, cinema, pintura, quando você pega uma obra seja decolagem ou seja pintura até com lápis você consegue dar uma aula.” (Entrevista Inicial)</p> <p>“A partir do momento que eu ensino algo com música, algo com cinema, do jeito que foi com o seu projeto... É riquíssimo! E aí mais uma vez eu volto na palavrinha que você gostou: dar o significado da criança.” (Entrevista Final)</p>
	Arte como disciplina	<p>“É que já tem o profissional de artes e alguns lugares tem um professor formado em pedagogia dando a disciplina de artes. Mas na nossa escola já é o profissional de artes que já tá trabalhando.”. (Entrevista Inicial)</p> <p>“O professor que tá formado na área ele tem subsídios para trabalhar... Assim, ele tem o conteúdo entendeu? Já o pedagogo ele tem estratégias. Por exemplo, eu posso estar formada em geografia e não ter aquela metodologia de levar esse conhecimento ao aluno. Diferente do pedagogo que tem essa estratégia, essa metodologia, ele sabe por quais caminhos tem que percorrer, mas ele não domina a disciplina.”. (Entrevista Inicial)</p> <p>“É a mesma coisa que eu falo para você em relação a Artes, até alguns anos atrás o professor era um profissional capacitado para dar Artes também. Só que há lacunas, e hoje, o professor de artes se você for olhar no planejamento nada mais é do que você trabalhar com as datas comemorativa; conteúdo é o trabalho com a com as cores primárias, cores secundárias e formação de outras cores; trabalhar com simetria e cada profissional vai puxar para sua área.” (Entrevista Inicial)</p>
Cinema	Percepções e sensibilizações em relação ao cinema	<p>“Eu não vou mentir para você, eu sinto falta disso, eu sinto falta na nossa cidade teatro, cinema, dança, música, e isso está envolvido em artes também.” (Entrevista Inicial)</p> <p>“E vamos dizer que cinema é criatividade; cinema é você colocar no papel, quando faz um roteiro, quando produz o cinema, é você colocar um pouco tipo do seu eu naquilo.”. (Entrevista Inicial)</p> <p>“Eu amava ir ao cinema. Eu ficava esperando chegar o domingo para poder ir ao cinema. E naquela época passava mais filmes de Kung Fu, de artes marciais [...] E as musiquinhas do balão mágico no intervalo! Naquela época eu não ia pra namorar, só pra assistir os filmes mesmo.” (Encontro 1 – Introdução)</p>

		<p>“Abriu os olhos também para que tipo de criança tenho na minha sala de aula. Isso não é retratado também. Como isso pode ser retratada em filmes? Como isso é retratado em curtas? Ainda há pouco sobre como a violência na infância” (Entrevista Final)</p>
	Cinema como instrumento de valores morais	
	Cinema como ferramenta de conteúdo de disciplina	<p>“O que eu percebo de cinema é você contar uma história, viajar, usar aquela história, tocar no ser humano, então cinema... Eu vou puxar lá da minha sardinha, cinema nada mais é do que um recurso que você pode estar usando em sala de aula.” (Entrevista Inicial)</p> <p>“Isso [filme] se torna mais significativo para criança, para o adulto, para adolescente, porque querendo ou não você tá em contato com as artes, você tá em contato com tudo mas infelizmente nós separamos tudo.” (Entrevista Inicial)</p>
	Criação cinematográfica na metodologia pedagógica	
	Produção audiovisual em ambiente de formação	<p>“Então eles filmaram, criaram roteiro, criaram figura, o professor só fez o trabalho de explicar e corrigir as falhas, para depois ensinar editar o filme.” (Entrevista Inicial)</p> <p>“Costumo dizer que a semente que foi plantada com essa turma foi... O amor pela leitura. É o você criar o gosto pela leitura e a partir do momento que você cria o gosto pela leitura, você começa a ler outras coisas. Você começa a ler fotografia, a ler imagem, começa a interpretar filmes, você começa a escrever. Daí se dá corpo a um poeta, a um cineasta, ao ator, a um escritor e tudo parte...” (Entrevista Inicial)</p>
Tecnologia	Utilização de equipamento audiovisual	<p>“O celular, para todas as pessoas, é câmera de filmar, gravador de voz, tudo! [...] se eu quiser gravar alguma coisa pego o gravador, se quiser tirar foto pego uma máquina fotográfica, se eu quiser fazer tal coisa então eu utilizo tal coisa, sabe? Já hoje, eu não consigo, até conversa que a gente tá tendo agora, hoje eu não me vejo sem meu celular.” (Entrevista Inicial)</p> <p>“É uma ferramenta de trabalho, eu não me vejo sem meu celular. Para eu digitar, entrar no sistema... Me refiro ao sistema da prefeitura, que é lançar nota, fazer planejamento, tudo! Então, tudo que eu faço mais pelo celular do que pelo computador.” (Entrevista Inicial)</p> <p>“Depois essa pandemia, eu acho que nada vai voltar do que era antes, os recursos tecnológicos estão aí, você tem que fazer o uso, tem que aprender e tem que disponibilizar isso em sala de aula.” (Entrevista Inicial)</p> <p>“Agora chegou o ponto da gente usar recursos tecnológicos ou seja houve uma renovação, houve uma reaprendizagem, toda uma mudança.” (Entrevista Final)</p>

	Dificuldades	“[...] dificuldade era muito grande, mas a necessidade me fez aprender, como eu sempre falo para os professores “Eu tô igual a vocês, eu estou aprendendo para poder auxilia-los”.” (Entrevista Final)
	Internet	“[...] as a única coisa é a internet, como fazer isso no campo? Quem tem recursos, já paga um chip para ter internet em casa, mas para quem não tem?” (Entrevista Inicial)
Formação continuada	Tramas Poéticas	<p>“O curso foi valido, tivemos um encontro presencial, que eu gostei muito. Tava faltando esse lado humano, de ver, de conversa, de colocar as fofocas pedagógicas em dia. [...] Participei de livre e espontânea vontade e com aquela vontade de querer aprender mais.” (Encontro 11 – Encerramento)</p> <p>“[...] é uma pouco mais de leitura para os participantes, ler, ter essa noção de conhecimento, fazer análises de... Não precisa ser um filme que dura 1h ou meia-hora, aqueles filmezinhos de quinze minutos, um curta para a gente assistir e fazer análises. Algo como vocês observaram a cor que foi utilizado? Observaram o jeito como foi feito? Observaram a câmera focando mais no rosto ou na pessoa... E dali para que as pessoas vejam isso” (Entrevista Final)</p> <p>“Em alguns momentos eu tive dificuldade, porque eu sou de sala de aula, e não quando você entra na história do cinema e conta sobre a parte teórica, eu senti um pouco de dificuldade já que não é algo que eu esteja vivenciando. Mas eu aprendi muito, pois colaborou com meu trabalho. E outra coisa, eu pude ver com outros olhos um curta. Isso foi... Não só trouxe para a parte de escola, mas também contribuiu para a minha parte pessoal.” (Entrevista Final)</p> <p>“Foi como a gente fala na escola “Deu pra gente fazer uma aprendizagem significativa” (Entrevista Final)</p> <p>“Não teríamos tempo para fazer uma produção sozinhos, e outra coisa, não estaríamos em condições, por que a nossa cabeça... Quer dizer, a minha cabeça estava na correria do dia a dia. [...] Mas eu iria ficar triste com aquilo que eu pensei que ia fazer e não consegui, entendeu?” (Entrevista Final)</p> <p>“Isso também é bom para mostrar as nossas crianças que não é o conto de fada, que a mãe trata com amor e carinho, temos também crianças que são assediadas, violentadas... Temos vários tipos de infância. E a gente só acredita naquela infância que toda criança feliz, que toda criança tem um lar.” (Entrevista Final)</p> <p>“Mas a Yasmim também vai poder me ajudar, na formação já tem até uma boa ideia. Vou convidar a Yasmim para falar no cinema, como que poderia ser um recurso para estar utilizando em sala de aula, já vai pensando nisso aí tá Yasmin? Que daqui dois ou três meses já vou te chamar.” (Entrevista Final)</p>
	Sentidos na criação cinematográfica	[Sobre o curta produzido pelo coletivo] “Eu gostei, foi uma coisa muito boa. Fotografia, filmar, foi muito bom. Mas sempre fica aquela duvida qual é o melhor ângulo a se pegar? [...] E ai a

		<p>curiosidade de mexer no celular e descobrir novas coisas, foi uma experiência muito boa, eu gostei” (Encontro 11 – Encerramento)</p> <p>“Eu ia aprender a fazer um filme, a elaborar um roteiro, eu iria fazer... Ou seja, eu iria criar! Durante o curso, o que eu percebi? <u>Não foi totalmente minha criação</u>, eu colaborei para a criação.” (Entrevista Final)</p> <p>“Então eu estava fazendo o curso, e eles falaram muito sobre infância, você falou sobre infância para atividade deu um piripaque na minha cabeça. “O que eu vou mostrar de infância?”. Mostrar a infância que eu tive? Hm... Ai mexeu com a cabeça, mas graças a Deus eu consegui superar, enfrentei o problema de frente” (Entrevista Final)</p> <p>“A minha infância que eu brincava com brinquedos, os meus brinquedos eram todos doados, mas eu tive brinquedo, eu tinha para panelinha, eu fui uma pessoa super criativa” (Entrevista Final)</p> <p>“Ela [lata de leite em pó] vinha com uma colherzinha de metal, e eu usava aquilo lá como panelinha. O arroz era... Tinha uma árvore lá perto... É que eu morei no morro sabe? Lá tinha uma árvore que tinha folhinhas miudinhas, que eu fazia de arroz, aí fazia comidinha de pedra, terra e folha. Aí percebi que passei minha infância muito criativa, fui uma criança criativa. E isso me ajudou também.” (Entrevista Final)</p> <p>“Então, o curta para mim, é o resultado de tudo aquilo que a gente vivenciou. Foi tudo diferente esse ano, você não tocar na pessoa, não poder falar de frente... Então, o curta passa uma mensagem de quê... Assim, por mais que estivéssemos separados e cada um tivesse feito uma parte, o resultado foi esse, o resultado de superação. É isso que o vídeo mostra, foi uma superação, de você se reinventar novamente, de você fazer as coisas diferente.” (Entrevista Final)</p> <p>“Se eu me identifiquei? Sim! Porque eu fiz parte também, eu fiz parte dele... Eu fiz parte dele, eu me identifiquei sim.” (Entrevista Final)</p> <p>“Eu me senti mãe, por que foi o filho que nasceu, né? Por mais que seja filho de todo mundo. Foi um filho compartilhado.” (Entrevista Final)</p>
	Troca de experiências	<p>“[em tom de brincadeira] Só de pensar em Ana trabalhando mais, já me alivia” [Risada de Ana em resposta] (Encontro 6 – Trocas de Experiências)</p> <p>“Fernanda, agora eu to... Sabe aqueles professores que escrevem na alma dos alunos? É aquela coisa de passar adiante, que você também possa ser um profissional que escreva na alma dos seus alunos [...] O grande X da questão é você se colocar no lugar do outro. Eu costumo dizer você cobra, mas você também tem que dar meios” (Encontro 6 – Trocas de Experiências)</p>

		<p>“E eu continuo querendo fazer infância, é uma coisa que mexeu muito comigo, mas foi muito bom e agora estou olhando para o lado positivo da infância.” (Encontro 6 – Trocas de experiências)</p> <p>“E eu continuo querendo fazer infância, é uma coisa que mexeu muito comigo, mas foi muito bom e agora estou olhando para o lado positivo da infância.” (Encontro 6 – Trocas de experiências)</p> <p>“Depois que reprovei no quarto ano, eu aprendi a ler o mundo, aprendi a ler, aprendi a ser crítica [...] Então quando você olha a criança diferente, você escreve na vida dela” (Encontro 7 – Pré-produção)</p> <p>“É o que meu marido sempre para mim, nós tivemos que nos reinventar, tivemos de reaprender tudo, a mexer, a participar de reuniões online, colocar atividades no sistema. Tivemos que nos reinventar, e pensamos – assim eu – a gente não tinha ideia do quanto a Covid 19 transformou a vida de todos. E em alguns casos perdemos, lá na escola, perdemos uma aluna para a covid, e infelizmente ela tinha 10 anos. São perdas que perdemos família, entes queridos, perdemos amigos, e transformo a nossa vida de um dia para o outro.” (Encontro 11 – Encerramento)</p> <p>“[Sobre estender o encontro para além da duração combinada]Mas é bom. Yasmin, é o nosso último encontro” (Encontro 11 – Encerramento)</p> <p>“O mais engraçado que o vínculo que tivemos foi muito bom” (Encontro 11 – Encerramento)</p> <p>“Mas o curso... Foi uma válvula de escape, porque você não pode sair, você não pode ter conto, e o curso fez com que cinco pessoa, por mais que passasse o conhecimento, foi também a maneira de uma conversa com o outro, e ser ouvido pelo o outro.” (Entrevista Final)</p> <p>“[...] você pegou cinco pessoas que não são paradas no tempo, que não são acomodadas. você pegou pessoas que querem fazer a diferença, que querem mudar aonde está, fazer seu melhor. Tanto que cada um deles “Sim” para o seu curso, porque era mais fácil dizer “Não” para você e continuar no seu dia a dia. [...] É a gente querer mudar o que a gente tem, entendeu? E quando você entrar no curso a primeira coisa que vem na sua cabeça <u>“Eu quero fazer diferente.... É... Eu quero aprender para poder ensinar e fazer melhor para os alunos”.</u>” (Entrevista Final)</p>
	<p>O ato de criação</p>	<p>“Não vejo a hora de botar a mão na massa. O primeiro de muitos” (Encontro 7 – Pré-produção)</p> <p>[Sobre as filmagens do curta e efeitos de foco na foto com o aparelho] “Não sabia que meu celular fazia isso, descobri na hora” (Encontro 10 – Produção)</p>

		<p>“Porque foi assim, foi fotos que cada um tirou e uma filmagem para fazer um todo, mas assim faltou cada um produzir o seu. Eu acredito que cada um fazer o seu, teria que ter tempo para poder fazer isso e tem uma coisa que a gente quase não tem.” (Entrevista Final)</p> <p>“Eu gostei da produção. Assim foi muito bom porque foi um trabalho de todos. E foi aquela realidade que a gente vivenciou.” (Entrevista Final)</p>
	Empatia	<p>“Eu acredito que Catarina e Fernanda tem ótimas experiências também, eu fico triste de não ter ouvido as duas porque você compartilhar a vivência... [...] É tudo imaginação Catarina Fernanda e Ana? Mas vocês em um barco, passando eu não sei quantas horas ou dias, chegar na escola, você ser a merendeira, você cuidar das crianças, eu não sei a realidade delas [crianças]. Não sei se é isso também, cuidar das crianças, é você ser um pouco mãe, você ser professora, você ser enfermeira, você ser merendeira, eu não sei como que é a realidade de lá. Mas só a viagem de barco é uma experiência fantástica né?” (Encontro 6 – Trocas de experiências)</p> <p>“[...] você tem que fazer todo um trabalho por de trás para conseguir fazer 1 ou 2 minutos. E eu vejo o tempo que ele gasta para editar o vídeo. É um trabalho... Vamos dizer que é um trabalho que dá trabalho, mas o resultado fica muito bom.” (Encontro 7 – Pré-produção)</p> <p>“Você passava as atividades para tal dia, e na correria não conseguimos entregar. Isso foi muito bom, esse olhar que você teve de “Podemos ir até aqui e isso aqui deixamos para depois porque não vai dar com a turma”, você teve sensibilidade, e esse é o outro ponto positivo” (Entrevista Final)</p> <p>“[...] como eu disse, você contribuiu também para que eu voltasse para a terapia.” (Entrevista Final)</p> <p>“[...] eu vejo do curso é essa... Não é humildade... Mas esse olhar que você tem de “Se você não consegue fazer de uma maneira, vamos fazer de outra” e colocar a criança para... Como que é a palavra? É deixar a criança falar, por que quando você pede para ela desenhar, ou fazer alguma coisa, ela vai responder, vai falando as coisas para você de uma maneira, mas verdadeira possível.” (Entrevista Final)</p> <p>“Acredito que outras pessoas que vão assistir esse vídeo, no caso curta, vai se sentir parte do processo sem fazer parte do processo, entendeu?” (Entrevista Final)</p>
Pandemia	Presencial	<p>“O que faltou no curso, para os nossos encontros, e que faltou na maioria de 2020 foi esse contato humano. Eu acho que todos nós somos movidos a toque, a olhar, a percepção, então isso foi um pouquinho complicado porque aquele encontro que a gente se encontrou... Assim, deu um ânimo, deu alegria, entendeu?” (Entrevista Final)</p>

	Trabalho em casa	“Eu costumo dizer, Fernanda, que nós estamos trabalhando mais do que do se a gente estivesse em sala de aula” (Encontro 6 – Trocas de experiências)
--	------------------	---

Categorização - Drakonarius

Escola	Dificuldades	<p>“Agora que voltei a mudar esses conteúdos [...] eu não tô mais só na parte técnica, eu também estou trabalhando no desenvolvimento do projeto, nas falas em como vamos aplicar isso.”. (Entrevista Inicial)</p> <p>“Realmente, e esse ano é interessante porque eu saí da escola que eu estava, eu fui para outra. [...] E agora eu vou tentar realmente desenvolver projetos na nova escola, é diferente já que eu não conheço ninguém, até mesmo os professores, e o grupo de lá.”. (Entrevista Final)</p> <p>“[...] eu trabalhei nessa na escola anterior desde que eu cheguei em Corumbá em 2013. Então são sete anos que eu estava lá dentro. Houve uma série de situações, eu senti como se fosse uma planta em um solo que não está adubado para poder crescer”. (Entrevista Final)</p>
	Rotina de trabalho pedagógico	<p>“Então, geralmente as aulas são agendadas de uma a duas vezes por semana com as turmas. e daí trabalhamos com a informática pedagógica.” (Entrevista Inicial)</p> <p>“Eu sou muito da parte que você mencionou antes de quebrar as regras... Nós temos que ter um trabalho organizado, só que não é organizado com rigidez. Eu me organizo a partir das necessidades do professor, porque como nós somos apoio, não é só você ir lá, ligar o computador e achar o site, é você ajudar ele a planejar a sua aula. Nós temos algumas coisas que devemos fazer, relatórios, registros das ações” (Entrevista Inicial)</p> <p>“[...]a função do professor de informática.... Ele não assume tudo [a sala de aula], ele trabalha como professor de apoio.” (Entrevista Inicial)</p>
	Dinâmica organizacional	<p>“Eu pensava um projeto, mas não fazia, eu fazia o projeto levava para o professor adequar a realidade dele e se ele concordar se a partir daí a gente trabalhava. Ou se o professor tinha um projeto já, ele me inseriria dentro do projeto. Eu sempre defendi nas reuniões núcleo dos professores tecnologia que professor de informática, professor de apoio, não tem que fazer o projeto dele, mas sim, ele fazer o projeto com o professor” (Entrevista Inicial)</p> <p>“Isso porque nosso sistema criou uma coisa de ficar fazendo só o básico mesmo, sabe? Passando tarefa, principalmente ficar seguindo o que a prefeitura determinava no caso instalar plataforma de estudo. E eu mudei o conteúdo de informática pedagógica para informática técnica.” (Entrevista Inicial)</p> <p>“De ver que o sistema não funciona, e ainda assim ver outros colegas professor dizerem que funciona. Às vezes o que funciona em uma escola na outra já não funciona [...]”(Entrevista Final)</p> <p>“E a gestão do núcleo de tecnologia de uns três anos pra cá tem focado muito nisso. Porque ela que promove os cursos, tipo assim, tem os encontros da prefeitura, tem o pessoal de matemática, de geografia, todo mundo tinha um local, e o pessoal de tecnologia onde que vai? Mandavam irmos, “Ah tem que repassar a informação”. Então chegamos lá, falavam um monte de coisa do que estavam vivenciando, tipo o que você fez, e como estamos fora de sala de aula. No meu caso isso pegava muito pois não tenho essa experiência nem como regente ou professor de área, eu ficava meio perdido. Depois que veio as formações específicas, conseguimos que a gestão atendesse isso. E hoje nós temos a nossa própria formação, e formação continuada é necessária, muito mesmo. Ainda tem a questão pós-pandemia, tomara que seja após pandemia mesmo. Ela tem essa nova equação de trabalhar com sistema híbrido, ao mesmo tempo online e ao mesmo tempo presencial, e tem professor que não tá nem aí e está despreocupado... Bem, não é despreocupado, é empurrando com a barriga. vai fazendo, sabe?” (Entrevista Final)</p>

	Reflexão-crítica	<p>“Mas a escola que eu trabalho não é a mesma que o Carlos trabalha, tão pouco que os demais trabalham. As vezes tem sucesso em uma escola com 200 alunos, mas em uma escola com 1,500 alunos a realidade é totalmente diferente. E o que isso causa nos alunos?” (Encontro 7 – Pré-produção)</p> <p>“[...]ano passado me afetou pessoalmente e no trabalho, deixei de fazer coisas que eu fazia por conta de... Eu vou ser bem sincero, foram atitudes de algumas pessoas, sabe? Mas no núcleo de tecnologia da cidade, tinha algumas coisas... Para mim, os mundos da escola são os alunos, os professores, os coordenadores, os diretores, tem que ver toda a escola e as vezes não consegue ver nós. Tem situações que você fala e não sai do lugar e acaba sofrendo.” (Entrevista Final)</p> <p>“Às vezes é a ponta que sofre muito, a ponta que fica recebendo as fechadas sofre muito e elas acham que o resto tá toa.” (Entrevista Final)</p> <p>“Então que faltou foi, no meu ponto de vista, uma integração em quê quando você se formasse em arte você conseguisse entender todo ângulo, todo setor. Tudo falando a mesma linguagem de acordo com a perspectiva daquele assunto. Se eu não me engano, teve uma época que tinha professor de arte e a gente estava trabalhando com o registro de linguagem de históricas da cidade, ponto turístico da cidade, eu não sei o quê se deu porque não tive acesso. Mas a formação que teve nas escolas era só para o pessoal da área.” (Entrevista Final)</p> <p>“É que às vezes, nós já tivemos curso de interpretação, uso de filme, só que daí eu não sei o que acontece com as pessoas, há uma tendência de fazer somente o que o curso mostrou e não o que curso propôs. [...] Então é ter essa visão holística do filme e o que ele está apresentando” (Entrevista Final)</p>
Alunos	Turma	<p>“Agora a criança, é como eu falo, trabalho como uma mãe educando, e é uma coisa que eu deixo bem claro, até mesmo para as criancinhas da pré-escola, eu trato eles como se fossem meus filhos, e brinco com eles como se fossem criança., mas em todas as situações devemos ter respeito...” (Entrevista Inicial)</p>
	Criança	<p>“Então, hoje em dia você tem que analisar bem essa criança e como ela vive sua infância e se ela realmente tem sua infância, né? Por exemplo, a minha infância foi totalmente diferenciada da infância que se vive hoje.” (Entrevista Inicial)</p>
	Infância	<p>“Infância é uma fase que você vive, é o tempo.” (Entrevista Inicial)</p>
Profissional	Formação Acadêmica	<p>“Em 2004, eu me formei matemática. Em 2010, eu me formei tecnologia em agroecologia. Em 2020, me graduei em ciências contábeis.” (Entrevista Inicial)</p> <p>“Tenho uma pós [graduação] em Gestão e Educação ambiental” (Entrevista Inicial)</p> <p>“Na verdade, eu trabalho com todos de educação infantil até o EJA. Já que eu sou professor de apoio.” (Entrevista Inicial)</p> <p>“D: [participante conta os anos em voz alta] Desde 2006. Y: Então 14 anos, certo? D: Mais ou menos isso, é o tempo que eu trabalho como professor de informática.” (Entrevista Inicial)</p>
	Experiência como professor	<p>“E olha que interessante, na escola estamos desenvolvendo um projeto também que vamos fazer uma pequena filmagem sobre lendas urbanas local.” (Entrevista Inicial)</p> <p>“Da minha parte. Então, sempre manter o respeito, essa é sempre minha filosofia de trabalho. Então, “eu sei que você não é mais criança” é uma coisa muito fria enquanto você pode viver como criança responsável o tempo todo.” (Entrevista Inicial)</p> <p>“Eu levei a proposto, porque eu sempre trabalhei com horta, e a escola já tinha um histórico de trabalhar com horta. Só que era assim: chegava uma empresa, “Vamos fazer uma horta? Vamos!” fazia uma palestra, daí pegava os alunos, pegava um técnico especializado que ia lá e montava a</p>

	<p>horta, mas o aluno mesmo não botava a mão. Então quando eu propus, eu tinha a ideia na minha cabeça levei para professora, nós pensamos o que trabalhar, como trabalhar, com quem trabalhar e por quê trabalhar.” (Entrevista Inicial)</p> <p>“[...] é projeto que venho desde de 2010, daí esse ano vamos tentar recuperar todo o trabalho que temos feito, no final do ano passado ouvir a seca antes e quando começamos a fazer o plantio ver o excesso de chuva.” (Entrevista Final)</p>
Colegas de profissão	<p>“Vieram mesmo, alguns não quiseram saber [de fazer uso de equipamento tecnológico], não queriam trabalhar de jeito nenhum. Agora, realmente a procura foi bastante.” (Entrevista Inicial)</p> <p>“Ah com certeza [ter uma formação continuada que envolva linguagem artística] só que essa não seria só para alguns professores, seria bom se todos tivessem essa noção, estivessem abertos essa nova mudança.” (Entrevista Final)</p>
Sentidos e sensibilização em relação à própria docência	<p>“A minha função na escola é trabalhar com apoio aos professores” (Entrevista Inicial)</p> <p>“[...] seria um processo totalmente diferenciado para quem não utiliza isso. E para sua profissão, quando você passa a usar a imaginação você, passa a descobrir outros... Outros horizontes. Vai influenciar não só sua relação com o aluno mas em sua própria vida diária” – Sobre utilizar imaginação e arte no ensino” (Entrevista Inicial)</p> <p>“Y: Você é diretor do projeto. D: [Risada de Drakonarius] Quem dera... Y: É o seu cargo! D: Não, eu só to no apoio mesmo. Y: Não, já to te falando, você é o diretor. Você vai planejar tudo? A fala, o roteiro e a edição? Você é o diretor. D: Ah é?” (Entrevista Inicial)</p> <p>Drakonarius: “Foi o estágio que me fez querer ser professor”</p> <p>Ana: “É o meu caso! Foi o meu caso!” (Encontro 6 – Trocas de experiências)</p> <p>“Professor não é gente, professor é superhomem, super-herói. Ele faz muito mais que o normal.” (Encontro 6 – Trocas de experiências)</p> <p>[sobre a dificuldade de participar de certas discussões durante a formação continuada] “Acho que só quando os professores começaram a discutir sobre sala de aula, daí infelizmente... Eu estou na educação há mais de 15 anos e desse tempo todo eu fiquei em sala de aula por cerca de nove meses...” (Entrevista Final)</p> <p>“Porque eu não sei ser o professor. Eu falo para todo mundo que professor não é gente, [Risada de Drakonarius] professor é um super-herói. Ele é um ser acima do normal e eu não sei ser isso, tanto por causa da educação dos alunos quanto entrar no sistema.” (Entrevista Final)</p> <p>“Eu não conseguiria... Eu não consigo... Eu sempre falo, sou um pouco saliente em algumas coisas em relação a criticar o sistema com o professor e aí sempre acabo levando martelada. Então não serviria para tá lá dentro.” (Entrevista Final)</p> <p>“A novidade, aquele hall de possibilidades é muito melhor do que algo que vem pronto, como se você fosse somar dois mais dois ou multiplicar 2 vezes 2. Esses cursos são mais rígidos assim, e muitos professores seguem o que eles aprendem e aplicam em sala de aula, muitas vezes sem mudar ou adequar a sua realidade.” (Entrevista Final)</p>
Busca por saberes docentes	<p>“Eu sei algumas coisas. E sobre o projeto, eu o achei interessante porque eu gosto de edição, só que nunca fiz um curso específico. Tudo o que eu aprendi foi fazendo.” (Entrevista Inicial)</p>

		<p>“Então realmente é para aprender aos poucos sobre o trabalho cinematográfico, de como fazer filmes, de como fazer gravações. Eu sei que não é só filmar e colocar efeitos, tem toda uma história por dentro e por trás do processo de como fazer e é justamente essas coisas que eu não tenho domínio.” (Entrevista Inicial)</p> <p>“[...] eu estava falando que agora que temos vacina, você pode promover momentos formativos presenciais, tipo assim uma semana só fazendo o passo a passo conosco.” (Entrevista Final)</p>
A arte no trabalho em escola	Arte como metodologia pedagógica	“Quando é com professor e o aluno trabalhar, arte e imaginação, eu acredito que fortalece bastante aprendizagem do aluno e o professor tem um diferencial em seu ensino.” (Entrevista Inicial)
	Arte como disciplina	
Cinema	Percepções e sensibilizações em relação ao cinema	“O cinema enquanto arte né? Ele te transforma, ele leva você a sonhar, principalmente em determinados filmes, leva você a refletir e a sonhar.” (Entrevista Inicial)
	Cinema como instrumento de valores morais	“Quando bem trabalhado, os conteúdos podem ser usados para vida, é aquela velha máxima, né? A vida que imita a arte ou a arte imita a vida.” (Entrevista Inicial)
	Cinema como ferramenta de conteúdo de disciplina	<p>“Eu e uma professora implantamos um projeto de horta na escola e eu queria trabalhar com eles a parte de irrigação, fazer o irrigamento automatizado. Só que a nossa realidade é diferenciada [...] Daí um dos filmes que eu utilizei foi “O Menino que Descobriu o Vento” (Entrevista Inicial)</p> <p>“O filme que me marcou e utilizei como instrumento de trabalho... O menino que inventou o vento, [...] porque ele me marcou, ele conta três aspectos: a parte da tecnologia, que eu gosto de trabalhar com ela; a parte agricultura, que também é uma paixão; a parte de você transformar sua realidade, que eu acho que é uma coisa muito importante. Quando você tem essa possibilidade, a partir de algo pequeno poder fazer grandes transformações.”(Encontro 1 – Introdução)</p>
	Criação cinematográfica na metodologia pedagógica	<p>“[...] eu desenvolvi um projeto para escola, no qual os filmes me ajudaram a passar para os alunos a mensagem que eu queria. Basicamente, não é assistir o filme por assistir, mas fazer a interpretação e análise desse filme. É porque algumas pessoas costumam cortar, e utilizar só determinada parte do filme que os interessa, eu gosto de passar do filme porque bem ou mal, no filme tem todo o enredo que se conta, então é até mais fácil para você vivenciar e entender a história e liga-la a sua realidade.” (Entrevista Inicial)</p> <p>“[...] é um tipo de saber... Fala muito de filmes, que é uma coisa que professora lida muito é muito com a nossa realidade e poder trabalhar um filme não só porque ele fala do negro, porque ele fala sobre algum tipo de síndrome, é poder trabalhar todo o conteúdo do filme. E poder trabalhar com aluno, isso é uma pauta que não é só a nível de escola de ensino superior. Mas o que ocorre e que só veem a pontinha daquele fazer, tipo não passam um documentário e analisam todo o seu contexto geral e conteúdo. Seria uma forma boa de se trabalhar, de fato, conseguisse ter essa abrangência” (Entrevista Inicial)</p>
	Produção audiovisual em ambiente de formação	<p>“O fazer filme é muito interessante, é muito satisfatório para o aluno e para o professor que se envolve por quê principalmente você envolve o aluno, para ele criar, se envolver em todo processo. Parece até aquele aluno que supostamente é aquele aluno mais atrasado ele nos surpreende de uma forma muito.... [Pausa rápida] É bem gratificante e é importante trabalhar com isso” (Entrevista Inicial)</p> <p>“Só que às vezes quando você pensa nos filmes e você imagina que tem que ter uma estrutura grande, para fazer tem que ter câmera, mas hoje em dia o celular já faz isso [Y: Uhum] com coisinhas simples você consegue fazer esse tipo de trabalho.” (Entrevista Inicial)</p>
Tecnologia	Utilização de equipamento audiovisual	“Eu não aprendi a mexer com as partes de cinematografia. Eu aprendi a mexer em vídeos, comecei a aprender a mexer em programa de edição como Vegas.” (Entrevista Inicial)

		<p>“Usar o celular. Porque assim, se eu tivesse que editar um vídeo, montar uma apresentação com fotos e tudo mais, eu peguei aquelas fotos e essas fotos serão tiradas com máquina e aí todas as edições eu fazia no computador. Daí esse ano eu tive que mudar e passei a usar o celular por conta de toda a pandemia. Não sei se você percebeu, mas muitos recursos e programas deixar de sair para o computador esse, agora sai, mas eles são pagos, daí acabamos recorrendo ao celular e os aplicativos.” (Entrevista Inicial)</p>
	Dificuldades	<p>“Então, eu tive que aprender... [pausa] Y: A usar de novo [o equipamento tecnológico]. D:Sim.” (Entrevista Inicial)</p> <p>“E até mesmo essa forma de trabalhar dentro da escola não seja intrusiva, porque nós temos medo de gravar e de ser gravado. Eu mesmo sou assim, eu sou bom para mexer... bom não, eu mexo há bastante tempo com fotos e registros na escola mas quando me deparei com eu ter que fazer entrevista...”(Entrevista Final)</p>
	Internet	
Formação continuada	Tramas Poéticas	<p>“Você falou que bom vamos fazer a filmagem que as aulas vão ser todos <i>online</i> não vamos ser presenciais, então eu tô curioso para saber como é que vai ser esse esquema.” (Entrevista Inicial)</p> <p>“Mas Yasmin, era isso que eu ia falar, para ano que vem você fazer uma continuação desse curso ou algo similar” (Encontro 11 – Encerramento)</p> <p>“[...] realmente foi um aprendizado, coisa que achávamos que sabíamos, podemos fazer melhor e coisas que não sabíamos, aprendemos. [...] Gostei muito da experiência, achei que ia ser uma coisa chata, mas foi bem motivante.” (Encontro 11 – Encerramento)</p> <p>“Foi um curso que veio bem a calhar no nosso momento. Praticamente... Para mim, ele ajudou a romper algumas barreiras que eu tinha, por exemplo, eu trabalho com tecnologia trabalhar com o celular para mim foi o minha inovação em todos os aspectos. Eu ainda sou... como eu posso dizer? Arredio com o celular para algumas coisas.” (Entrevista Final)</p> <p>“Na verdade, não tinha expectativa do tipo “Ah vamos fazer isso!” porque, talvez tenha sido assim, um trabalho voltado para os alunos. Essa foi expectativa, e como a filmagem e se chama tramas poéticas, eu pensei “Pô, vamos falar de poesia” e eu não sou uma pessoa muito poética, sou de exatas e eu fui pensando “Bom, vamos ver no que vai dar, ao menos vou ganhar 50 horas de certificado”, quanto mais curso tiver melhor para mim. Mas realmente foi bom, me modificou bastante porque eu comecei a perceber a forma de trabalhar melhor, executar a função que ocupa hoje, também fortaleceu muito mais meu laço de amizade com outros professores e conhecer outras realidades.” (Entrevista Final)</p> <p>“[...] é justamente eu fiquei “Será que eu vou ter que ler livro de poesia?” Eu não sou de poesia, não sou poeta então que eu vou fazer? Mas vamos lá. Mas aí você começou a falar de filmagem, de gravação de vídeo, aí eu pensei “Ah eu vou participar!”. E esse foi o diferencial, eu acredito que se você tivesse fechado só para professores de arte seria meio monótono por quê quando você fala só do seu umbigo, você esquece do corpo todo.” (Entrevista Final)</p> <p>“Eu não sei se foi também pela forma que foi feita que a distância e trabalhar com pessoas à distância é complicado... Porque nós somos preguiçosos [Risada de Yasmin]. Acho que seria bom trabalhar nos encontros mais a edição, ainda que seja com aplicativo de edição, aplicativos que se possa utilizar sem pagar alguma coisa” (Entrevista Final)</p> <p>“Normalmente, você vem com o roteiro pronto, certo? E ao decorrer desse processo todo ele foi se adequando a realidade que estávamos vivenciando. E isso ocorreu justamente a partir do diálogo, da conversa, da realidade de cada um. É isso aí, que tira daquele modelo que estamos acostumados a cursar, dando uma outra visão para a gente poder ver outras formas de trabalhar.” (Entrevista Final)</p>

Sentidos na criação cinematográfica	<p>“Drakonarius: Eu quero ser astro de cinema Yasmin [rindo]: Para isso você vai ter que se gravar Drakonarius [rindo]: Não, eu vou fazer parte da direção, não vou?” (Encontro 10 – Produção)</p> <p>“Assim, ela [professora que participou curta-documentário] estava de máscara, mas ela fala com emoção tão grande. [...] Você percebe que ela quase chora no vídeo” (Encontro 11 – Encerramento)</p> <p>“Eu gostei porque achei que ia ficar ruim a gravação, já que não segui roteiro previsto, mas a edição soube colocar a imagem de acordo com o contexto. Parabéns pela edição” (Encontro 11 – Encerramento)</p> <p>“Por mais que você ache que sabe fazer as coisas. A questão de luzes, como fazer correta a posição da câmera, passar a emoção certa. Apesar de que não conseguir fazer tudo que você quer fazer, eu diria que houve 50 a 100% a mais de aprendizado. Pode ter certeza de que quando eu entrei no curso, eu saí outra pessoa. Houve uma mudança.” (Entrevista Final)</p> <p>“Porque no dia que eu fiz entrevista com uma das professoras, eu não sei se errei no pegar da imagem dela... Quando eu conversei com ela assim, eu não sei se você percebeu, mas algumas filmagens os olhos dela até lacrimejaram” (Entrevista Final)</p> <p>“Então, quando eu estava com ela na escola percebi isso, foi uma emoção que ela passou para mim, mas eu não sei se consegui transmitir isso também no vídeo quando eu gravei. Mas quando você fez a ligação das cenas, das imagens, dos fatos, você transmitiu de um jeito bem... A impressão "O que que eu vou fazer?", mas no final vai dar certo [...]”(Entrevista Final)</p> <p>“[...] quando eu te mandei aquela filmagem do porto da cidade, você a colocou em transição com as imagens da escola das águas. Ficou uma coisa.... Bem legal, muito interessante, porque você pega imagem daqui da cidade joga para lá... Elas se encontraram em uma realidade diferentes mas no mesmo local. Eu, particularmente, gostei da filmagem si, como você disse... Você fez melhorias nele, então talvez para quem não vivenciou ele, não fez o processo de filmagem, vai ver já pronto, vai ter muito mais... Sentimentos [Y: Emoções?] Mais emoções, isso!” (Entrevista Final)</p> <p>“Uma realização, sabe? Porque a gente não tinha noção de que isso [o curta] ia acontecer, de que poderíamos fazer filmes... Que poderíamos fazer um trabalho desse nível.” (Entrevista Final)</p> <p>“Não quer dizer que eu achei que curta não seria uma coisa boa, só que foi muito melhor do que imaginei. É como se tivesse com uma venda nos olhos e de repente me clareasse a visão.” (Entrevista Final)</p> <p>“Y: Você falou que clareou sua visão, né? Minha pergunta é se clareou em relação ao processo de gravar um curta ou em relação ao tema que foi debatido no vídeo?</p> <p>D:Os dois, tanto o processo de gravação quanto o tema porque às vezes você ver um vídeo ele não se transmite o que ele tinha intenção de transmitir. O nosso vídeo ele ficou com essa transmissão de.... [Pausa]</p> <p>Y: Emoção?</p> <p>D: De emoção, foi bem interessante. Você lembra que teve a professora que não queria colocar o rosto e eu falei “Não, tá tudo bem, mas antes veja como está ficando” e no fim ela ficou emocionada e gostou muito, nos dando permissão para usar a imagem dela. E naquela versão ainda estava bruto, não estava totalmente editado ainda.” (Entrevista Final)</p>
Troca de experiências	<p>“Pra mim, eu estou em vários grupos de amigos, de família, da escola, da faculdade só que a gente não conversa. E ali no grupo quando a gente tinha os encontros, foi bem interessante, no começo... Eu sou muito fechado e depois eu consegui me abrir, conversar, fazer piada, falar mais do que o comum. Não ficar somente como um espectador de uma aula chata.” (Entrevista Final)</p>

		<p>“As pessoas que ficaram no grupo, eu não sei bem, pode ser porque eu conhecia alguns, E ficou assim, uma química bem legal, né? Então eu acho que quando a gente se encontrava, fica entrosado, porque ali a gente falava das nossas dificuldades, dos nossos problemas de uma maneira... Assim, sabe? Então quinta-feira, já tinha um pouco do estresse da semana e acabava aliviando assim, por mais que a gente não fizesse as tarefas de jeito nenhum, e daí acabou ficando desse jeito.” (Entrevista Final)</p> <p>“[...] sou um pouco saliente às vezes e eu percebi que não é só eu que fica com essas angústias também.” (Entrevista Final)</p>
	O ato de criação	<p>“Eu até queria editar ele [o curta] e não deu” (Encontro 11 – Encerramento)</p> <p>“Quando eu tive que fazer entrevista com professora eu travei literalmente.” (Entrevista Final)</p> <p>“Ajudou que eu já tinha intimidade com as duas professoras, tinha uma amizade. Eu vi pouco a gravação do que eu fiz e como eu tenho problema de dicção, eu não sei se a minha voz ficou dentro do padrão. Porque eu tinha planejado levar pedestal, microfone, e tudo aquilo, e aí de repente “Ah não vai mais ter aula” e aí enrolou todo o negócio.” (Entrevista Final)</p> <p>“Tipo assim, eu sabia que essas meninas tinham experiência com filmagens, mas para quem não sabia e fez... Por exemplo, a que filmou as mãozinhas foi bem legal.” (Entrevista Final)</p> <p>“Só que eu queria ter feito, mas não é fui eu que fiz, queria ter feito não, eu queria ter editado. [Risada de Drakonarius]. Eu queria ter editado ele dessa forma.” (Entrevista Final)</p>
	Empatia	<p>“[...] porque cada quinta-feira era uma realidade diferente, compartilhávamos nossas angústias. Eu, de fato, não sofria tanto... Não sofro tanto, por conta desse esse distanciamento da ponta, porque quem tá na ponta com aluno sofre mais. Mas o que a gente falava aqui, que o Carlos falava, e ele também é mais professor de sala de aula, mais regente, vamos dizer assim, fala professor é estranho porque ele é professor também. O que eu quero dizer é que ele tem mais experiência de área, então tem mais conversa com os alunos enquanto eu sou professor de apoio mesmo. Eu via situações que falavam aqui e refleti lá nos meus colegas de escola quando eu estava presente nos dias que eu tinha que estar na escola” (Entrevista Final)</p> <p>“Me vi... Me vi... Me senti representado por ele por assim dizer. Porque criou-se coisa e transmitiu o que estávamos sentido, acho que isso foi primordial.” (Entrevista Final)</p>
Pandemia	Presencial	<p>“Eu acho que não é nem aquilo que a gente vivenciou, mas aquilo que a gente não vivenciou. Acredito que se tivesse tido mais momentos presenciais teria sido mais frutífero.” (Entrevista Final)</p>
	Trabalho em casa	<p>“Vou falar para você que mesmo sendo da área de informática, eu me senti bem preocupado e como fazer, porque eu dependia do professor para dar aula. Depende do professor para fazer o meu trabalho. E só agora nos últimos dois meses, depois de ler um pouco, assistir e me situar que eu consegui me organizar para trabalhar e incentivar os professores na forma deles darem aula.” (Entrevista Final)</p>

Categorização - Fernanda

Escola	Dificuldades	<p>“Você trabalhar na região das águas com criança pequena, da educação infantil, é surreal. O seu mundo é diferente do deles, não adianta eu querer trabalhar os animais do mar se eles não têm a vivência, e eles não vão ter nem televisão, nem nada porque eles não têm. Trabalhando na região das águas, você aprende que tem que trabalhar com a vivência da criança, com o que elas vivem ali.” (Entrevista Inicial)</p> <p>“Olha, para mim é o primeiro ano, eu nunca... Assim, eu já tinha feito passeio de barco, mas é totalmente diferente de você conviver com as crianças. Conviver com a comunidade, conviver com a realidade deles, realidade água, de água para beber, de água para tomar banho, de como lavar roupa, da energia, de você não tem energia. [...] assim, a maioria dos nossos alunos são bem humildes mesmo. Para mim, foi um choque total, eu já trabalhei com criança carente, na</p>
--------	--------------	---

		<p>cidade da escola era uma realidade bem dura. [...] Então, essa realidade da pobreza eu já vivia, mas essa da região das águas, foi pra mim... Fiquei bem, eu acho que não só eu mas como todos nós que fomos, eu me senti meio que de mãos amarradas. Você quer fazer... Cara, teve um dia, a gente levou muita coisa de comer porque achamos que íamos ficar um bom tempo lá, e tipo assim, um biscoito é 6, 7 reais, entendeu? [...] É surreal, é aquilo de você dar um pirulito e o olho da criança brilhar porque não é normal para ela.” (Encontro 6 – Troca de experiências)</p> <p>“[...] para quem trabalha na cidade e pega uma realidade dessa... Para mim foi um grande choque” (Encontro 6 – Troca de experiências)</p> <p>“Quem que te ajuda com as atividades?”: “É a nossa maior dificuldade lá, porque os pais são analfabetos, e os irmãos que são de sexto ano, sétimo ano, eles saem pra caçado siri e pesca para os pais. E as meninas mocinhas vão trabalhar nas pousadas perto, ajudando a mãe a cozinhar, ou ajudando a irmã que faz a comida [...] Realmente, eles ficam entre eles e juntos, só os pequenos. É difícil você achar um irmão maior que consegue ajudar o outro [...]. Aí eu falei para Ana que não ia fazer aquela pergunta, porque eles vão falar que ninguém, ninguém ajuda eles” (Encontro 9 – Produção)</p>
	<p>Rotina de trabalho pedagógico</p>	<p>“A gente volta lá uma vez ao mês para levar as atividades remotas de casa em casa.” (Entrevista Inicial)</p> <p>“[...] trabalho com jogos, o lúdico, brinquedos e jogos. Para mim, o que mudou mesmo foi a ausência dos alunos, no caso a minha ausência lá para direcionar os alunos nos jogos, mas assim todos os jogos eu mando, todos os jogos eu monto.” (Entrevista Inicial)</p> <p>“Todo mês, porque a gente vai por mês, né? Eu imprimo tudo colorido, tudo que eu quero, tipo o alfabeto móvel [aponta para o kit]. É como eu te falei, a organização o que mudou foi mudou que na escola os jogos ficavam comigo[...] E o que mudou agora é que eu tenho que levar para eles na casa só que eles moram em uma casa no campo, lá eles estão se mexendo com terra e isca constantemente, não adianta mandar uma folhinha que vai sujar toda. Então que eu faço, imprimo tudo colo no papel cartão e aí comprei aquela fita grossa e cubro tudo com fita. Porquê das primeiras as vezes que eu fiz com papel contacto saiu muito caro para mim e precisa de um protetor, sabe?” (Entrevista Inicial)</p> <p>“[...] antes eu poderia direciona-los com os jogos e agora não consigo faze-lo, eu deixo lá mostro e tudo como deve ser, mas eles são pequenos, né? Eu peço muito para as mães, porque a maioria são alfabetizadas, já que são mãe novas e eu peço muito para elas “Aqui está o alfabeto móvel, brinca com ele” (Entrevista Inicial)</p>
	<p>Dinâmica organizacional</p>	<p>“O planejamento é sempre em conjunto, eu nunca fiz um planejamento sozinha, sempre coloco os professores da base junto do meu planejamento. Porque educação infantil é isso, a gente trabalha junto [...]”(Entrevista Inicial)</p> <p>“E daí quando tínhamos as formações da prefeitura, a gente sempre pedia coisas diferentes, eles colocam o negócio de sugestão, mas é tudo mentira.” (Entrevista Inicial)</p> <p>“[...] como é meu primeiro ano na escola das águas, a minha diretora até me chamou para conversar, ela falou que não precisava mandar o kit todo mês, porque fica caro e tal. Mas eu falei que não consigo ficar em paz se não mandar, porque eu quero que eles desenvolvam alguma coisa, sabe? Alguma coisa eles vão devolver e aqui, eles queriam mandar os cadernos só impressos.” (Entrevista Inicial)</p> <p>“Assim, para ser bem sincera, eu achei que ia ser um curso chato [Risada surpresa de Yasmin] [...] porque assim, Yasmin, a gente faz muito curso da prefeitura, muita formação chata, sabe? Que é só falação, falação, não aprendemos nada, inclusive você acompanhou o nosso desespero com esse sistema educacional virtual novo, no qual eles só jogaram pra gente sem explicação, sem ajudar, sem nada, sabe? E depois temos que nos virar, tem um prazo para cumprir e se vira! E na maioria dos cursos deles é assim, ninguém gosta, e a mesmice, sempre uma mesmice, uma falação e você não abstrai dali você não tira nada de bom. E daí você nem quer fazer, quando vê um curso que nem é obrigatório fazer...” (Entrevista Final)</p>

		<p>“Olha sendo sincera a única escola que eu trabalhei que eu tive formação da própria escola foi uma escola na qual a diretora sempre promovia. Tem datas do mês que normalmente deixa tipo sábado letivo, pode ser com alunos ou pode ser uma formação dos professores. [...] E aí nessa escola eles promoviam só que era texto, junta todo mundo na sala de tecnologia e soca filme na gente e ai 15 minutos do lanche e volta.” (Entrevista Final)</p>
	<p>Reflexão-critica</p>	<p>“[...] o sistema não quer saber muito se o aluno está aprendendo com cinema, com arte. Ele quer ver a nota na estatística, só isso que ele quer, o sistema quer as provas, as notas no diário, não importa a forma como você está trabalhando. Às vezes, eles chegam na sua sala para uma visita, e está aquela bagunça e você sabe que não é uma bagunça, mas para eles é. Para eles, tem que entrar na sala e tem que estar silêncio total e um atrás do outro.” (Entrevista Inicial)</p> <p>“Eles não ouvem nada das nossas sugestões, a gente sempre coloca formações diferentes porque, poxa, a gente chega na formação e é a mesma coisa! É um bando de texto para lermos, uma pessoa na frente de pé lendo para a gente, como se não soubéssemos ler, e é só isso. Não tem temas novos, sabe? Eu acho que a mudança tem que começar lá dentro da organização, porque lá eles vêm na sala da gente e nos enxergam como um número, não enxergam os alunos com potencial para coisas diferenciadas.” (Entrevista Inicial)</p> <p>“E sempre quando vem um negócio para gente participar é desenho, desenho e não sei o que, a criança já enjoada desenhar.” (Entrevista Inicial)</p> <p>“Isso, isso mesmo, uma formação sobre, por exemplo, essa sua experiência de editar vídeo. De como fazer um vídeo, de como atrair as crianças, uma formação assim com essas coisas, seria maravilhoso para gente perder o medo. Eu perdi o medo porque fui obrigada [risada de Fernanda], quando eu vi.” (Entrevista Inicial)</p> <p>“Eu vi que algumas turmas que tiveram professores que trabalhavam mais o lúdico, mais jogos, mais dança, mais teatros, vídeos, apresentações... Lá no quinto ano elas se tornaram crianças mais desenvoltas.” (Entrevista Inicial)</p> <p>“[...] então eu brigo muito quando eu tô numa escola e vejo isso, eu brigo muito nessa questão “Ai fulano já está escrevendo em letra cursiva maravilhosa” que diferença isso faz? Às vezes ela tem uma facilidade maior com a letra cursiva, mas a leitura é péssima. Que é o principal! Que adianta a criança escrever bonito e não conseguir ler? Não consegui interpretar?” (Entrevista Inicial)</p> <p>[Sobre uma escola que visitou para colocar a filha]“A coordenadora também me explicou que eles têm um quadro de melhores alunos, lá eles colocam os cinco melhores alunos em destaque para todo mundo ver. “Ah então o melhor tem não sei quantas estrelas”, cara, eu não avalio a criança, eu não avalio meus alunos por isso. Imagina colocar um quadro... Imagina aquele que não ficou entre cinco? O que que ele vai pensar? Que ele não é capaz! Porque ele não está ali no meio dos cinco. Ah não. Esse método aí não me agradou mesmo”. (Entrevista Inicial)</p> <p>“Eles [SEMED] não se atentam ao conteúdo em si. Eu até falei para a menina “Eu vou colocar o meu conteúdo, eu vou digitar o meu conteúdo, não vou colocar conteúdo de lá, porque tem umas coisas nada a ver, fora da realidade.” (Encontro 6 – Trocas de experiências)</p> <p>“Às vezes a gente só precisa de alguém que olhe para a gente que converse e que entenda. Porque às vezes a pessoa vai pra direção ou coordenação e parece que esquece que já foi professora, ela age de uma de outra forma, não são todos, mas muitos são assim. Parece que esquece que já foi da sala de aula e aí como ela [Ana] falou só sabe cobrar, cobra e cobra, muitas vezes gente escuta “Se vira” ou cansei de escutar também “Ai o sistema funciona bem de madrugada”, tipo assim, como se eu fosse obrigada a entrar no sistema de madrugada para fazer, só para cobrir um prazo louco que ficou atrasado não por culpa minha. Então, o que eu acho que falta... Eles fazem muita formação, formação disso e formação daquilo, mas na realidade não tenho nada de novo e é difícil esse olhar para o professor. Para saber as angústias, os anseios,</p>

		<p>o que a gente tá passando, se a gente tá conseguindo dar conta, se tá conseguindo fazer.” (Encontro 6 – Troca de experiências)</p> <p>“Ele não sabia, menina, e ele estava na sala de tecnologia e daí você vê que não existe um critério para entrar na sala de tecnologia, simplesmente eles vão e joga a pessoa lá sem uma formação, sem um curso, sem nada, porque eles acham que a gente vai lá só para fazer diário. Eles acham que a sala de tecnologia é só para o professor fazer diário na hora atividade ou passar filme para os alunos, essa que é a realidade. Eles não esperam que a gente vá querer utilizar programas ou que vai querer fazer um vídeo ou fazer fotografia ou alguma coisa assim. Não passa na cabeça deles isso, então acho que seria muito interessante ter esse tipo de formação.” (Entrevista Final)</p> <p>“[...] teve uma escola que eu trabalhei que teve formações bem interessantes, tipo em relação a bncc. Foi a última escola que trabalhei antes da atual, mas eu acredito que isso tenha ocorrido por causa da coordenadora. Ela já trabalhou com o sindicato, e ela é especialista em educação especial. Então ela passava muita formação sobre educação especial, maravilhosa. [...] E com questionário e brincadeira no meio, de repente tá lendo e de repente tá em pé fazendo uma dinâmica.” (Entrevista Final)</p>
Alunos	Turma	<p>“É a incrível né? Como eles vão se soltando o que você acha que todas as crianças são iguais, todas elas pega o celular e já começa a se filmar, mas não, tem criança que não tem celular, tem criança que é tímida, tem criança que não consegue se soltar, e tudo isso a gente foi trabalhando. no final eles viam os pedacinhos e comentavam "Ah professora ficou legal!" e tal.” (Entrevista Inicial)</p>
	Criança	<p>“Assim, o pouco que eu leio, eu não sou experiente, nem nada, mas o pouco que eu leio e vejo, eu acho que as crianças da educação infantil têm um potencial gigantesco para coisas novas, não precisa ser só caderno, letra cursiva.” (Entrevista Inicial)</p> <p>“A criança, a infância é brincar, ele vai aprender brincando, ele aprende brincando, aprende até mais, ele aprende com gosto, participa de tudo, das rodas, se entrega para mim educação infantil é isso: é aprender brincando” (Entrevista Inicial)</p> <p>“[...] porque para mim até o fim o quinto ainda é criança, e trago atividades para a faixa etária. Eu os enxergo como criança, então joguinho, jogos de montar isso e aquilo, e eu acho que essa fase até mesmo no público tá se perdendo muito.” (Entrevista Inicial)</p>
	Infância	<p>“Tudo que você trouxe de novo eles vão fazer, eles não têm vergonha, eles participam, eles brincam, eles levam para brincadeira, né? Para eles tudo é uma brincadeira, então acho que a infância é isso: é brincar.” (Entrevista Inicial)</p>
Profissional	Formação Acadêmica	<p>“[...] eu sou formada em pedagogia licenciatura plena pela Uniderp anhanguera no ano de 2011.” (Entrevista Inicial)</p> <p>“Eu fiz pós de Educação Especial, porque desde que eu comecei já caí na educação infantil, não foi nenhuma escolha, sabe? Porque eu posso pegar da Educação Infantil até 5º ano mas desde que iniciei, foi pela educação infantil... Assim, toda vez tem uma turminha que era premiada com aluninho especial e a gente tava perdido, sem saber como trabalhar, sem saber o que fazer, precisando de ajuda. Aí eu decidi fazer para me auxiliar.” (Entrevista Inicial)</p> <p>“Desde 2012... Só no ano de 2019 que eu não peguei educação infantil, que peguei o terceiro ano.” (Entrevista Inicial)</p>
	Experiência como professor	<p>“Y: Ah então essa sua primeira experiência em uma escola das águas?</p> <p>F: É, sim, aham, foi a primeira experiência. Assim, para a maioria do grupo foi primeira vez trabalhando lá, mas a gente só ficou só março, e quando começou a pandemia, dia 18 ou 20 de março, viemos embora” (Entrevista Inicial)</p> <p>“Teve um ano que eu optei por não usar caderno, a coordenadora queria me matar. [Y: Eu imagino...]. Eu falei “Esse ano não vou usar caderno, eu vou usar sulfite e eu quero que os pais ao invés de me dar caderno me dê jogos. Eu vou fazer uma lista de jogos e vou pedir”, ela queria me matar, menina! [Y: Revolução!], daí ela me levou para a diretora, eu conversei e expliquei para a diretora o que eu queria e a diretora falou “Não, tranquilo, vamos conversar com os pais.</p>

		<p>Tranquilo.” teve pai que falou assim “Professor, melhor coisa porque o caderno ela nem mexe, chega em casa e fica lá jogado e pelo menos com a senhora pedindo os jogos ela vai usar os jogos aqui na sala” (Entrevista Inicial)</p> <p>“Então você tem que dançar conforme a música infelizmente algumas vezes. Foi por isso que eu saí daquela escola porque quando você não se identifica mais, quando você tá indo trabalhar por obrigação, não é legal, daí sai lá em cima e desci para outra escola, nessa escola nova que tive essa experiência maravilhosa com esse projeto. Após conversar com uma amiga eu pensei, ela me contando sobre a região das águas, eu pensei comigo mesmo “Porque não?” eu acho que preciso andar tudo para poder sentar com alguém, conversar e dizer “Não, eu vivenciei isso que falei para você” eu não tô falando da boca para fora, eu vivi, sei como é.” (Entrevista Inicial)</p> <p>“Como eu nunca trabalhar, eu achava que toda escola que eu chegasse ia ter a diretora que nem ela. E aí quando comecei a trabalhar em 2013, tipo assim, meu mundo desabou porque encontrei o oposto da Catarina, totalmente arrogante, e ignorante para falar. Então... Aí meu mundo caiu, sabe? Eu não queria nem ficar mais na escola, não queria mais trabalhar, não queria mais sair, porque você não fica bem.” (Entrevista Final)</p>
	<p>Colegas de profissão</p>	<p>“Aqui em Corumbá, a gente tem um professor da secretária que é formado em artes e todo ano que tinha uma formação, e poderíamos optar, a maioria optava para a dele e é muito interessante. Ele ensina através de várias oficinas, como a gente pode trabalhar arte na sala com a criança” (Entrevista Inicial)</p> <p>“Mas, assim, eu trabalhei por sete anos em uma escola da cidade, e lá eu presenciei o trabalho de alguns professores de artes, que trabalhavam com teatro, filmagem, uma coisa assim bem interessante” (Entrevista Inicial)</p> <p>“Mas tem professor que trabalha aquilo, e eu acho que anos vão passando e eles vão se aprimorando, os professores mais novos que vem chegando, estão vendo uma coisa diferente para artes.” (Entrevista Inicial)</p> <p>“É, mas aí no ano passado, esse professor me trouxe a ideia de trazer um teatro filmado. [...] E era em cima do meu aluno especial [Y: Oh!]. Trabalhar histórias infantis adaptadas, ele achou um autor do Rio Grande Sul que fez chapeuzinho na cadeira de rodas.” (Entrevista Inicial)</p> <p>“O único projeto que eu vi de diferente foi aquele do quinto ano, que eu não sei muito bem o nome porque eu não participo [...] Esse sim tem gravação e tem filmagem, os alunos tem que fazer um filme para mostrar no final, e o melhor filme ganha primeiro, segundo e terceiro lugar.” (Entrevista Inicial)</p> <p>“Porque, infelizmente é assim, mas às vezes quando você quer fazer alguma coisa você é muito criticado. Por exemplo, todo mundo decidiu fazer um projetinho de caixa na leitura, aí não sei o que, e aí você quer fazer um projeto diferente e todo mundo fica te olhando torto. E aí já começa nos próprios colegas, entende? Tem muitos que apoiam, que ajudam, que trabalham junto com você, mas tem uns que não, tem uns que criticam e aí você fica com aquele medo “E se não der certo? E se der errado?”, vai todo mundo fica falando, então temos muita essa trava.” (Entrevista Inicial)</p> <p>“Uma professora fez um projeto falando disso, dos peixes dos Pantanal, porque os próprios habitantes e alunos não conheciam! E ela ganhou a premiação do projeto do ano, eu vi muita gente falando “Ah esse prêmio foi roubado, porque nada a ver peixes do Pantanal”. Mas gente é verdade muitos não conhecem os peixes daqui, no máximo que eles conhecem e pintado e piranha. [...] Não sabem! Quando eu tava na escola das águas, às vezes eu escuto e vejo, e ficam muito na minha cabeça! Eu sempre tento reproduzir com minhas crianças quando fica na minha cabeça, que nem aquela história que eu te falei sobre os envelopes com sorriso que vi na internet e quis reproduzir, e daí lá na escola imprimir umas atividades que tinha os animais como pinguim, baleia, tinha polvo e os aluninhos de lá não conheciam e não conseguiram identificar, o máximo que conseguiram identificar foi a baleia. [...] Fiquei olhando, sabe? Porque não é a realidade deles, agora se você falar da onça, eles fazem o barulho da onça pra gente! [...] Eles</p>

		sabem fazer o barulho da onça, da ariranha, de todos os animais de lá.” (Encontro 6 – Trocas de experiências)
	Sentidos e sensibilização em relação à própria docência	<p>“Eu queria que minha filha visse a professora do pré com amor e carinho, que lembrasse da professora dela e não... Sinceramente as pessoas que tão só caderno, quadro, caderno, quadro, olha... A criança não tem afeto por elas, não guarda na memória. Eu guardo a professora na memória, [...] Quando eu cresci e quis ser professora foi por causa dela, e eu trabalho muito igual a ela com jogos, com caixa de letras, com caixa de sílaba, com desenho, disso e aquilo. Eu enxergo assim, educação infantil e a infância, [...] Eu acho que eles têm que vivenciar isso, essa alfabetização” (Entrevista Inicial)</p> <p>“[...] as vezes, é muito triste pois quando nós vamos querendo ou não, tem comparação de materiais. O meu aluno do pré tem um irmão na primeira, tem irmão na segunda e teu irmão na terceira e o que acontece? Uma mãe, ontem mesmo, falou “Professora, esse alfabeto que a senhora mandou, está todo mundo usando. Porque o irmão dele tá na segunda série e já estava esquecendo alfabeto, mas aí eles ficam colocando aqui e ficam brincando! Eles tão usando o joguinho que a senhora mandando, tá?”. E aí pegaram e me mostraram na caixinha tudo guardado e, sabe, isso acalenta o coração, tu fica pensando assim “Cara, não tô ajudando só o meu” [aluno].” (Entrevista Inicial)</p> <p>“Ai menina, eu dou risada até hoje. Hoje em dia eu tiro como aprendizado, eu tiro assim não quero ser uma pessoa desse tipo, nunca quis. Então, tudo o que eu puder ajudar, se chega alguém novo e eu posso ajudar, posso ensinar a colar figura, ou mexer no computador, a fazer tinta, etc, eu to ajudando.” (Entrevista Final)</p>
	Busca por saberes docentes	<p>“Então nos interessa muito aprender coisas novas, agora quando é formação com tema que gente já viu e às vezes até já conhece quem deu o curso [...] Já sabe que é chato, que é só falação” (Entrevista Final)</p> <p>“Ao mesmo tempo que ele dá formação, você faz a prática ali com ele na hora, ai é muito relaxante. Você vai e aprende a fazer uma coisa nova, sabe? Você até sai de lá com os objetos na mão, é muito legal esse tipo de curso. É interessante para nós aprendemos a fazer com as crianças” (Entrevista Final)</p>
A arte no trabalho em escola	Arte como metodologia pedagógica	“Então, a gente faz muito quando vai ter a exposição pedagógica, e aí fazemos uma coisa diferente. Gravamos vídeos, ensaiamos uma peça, uma coisa assim, para não ficar só caderno, sabe?” (Entrevista Inicial)
	Arte como disciplina	<p>“Então, por se pedagoga as vezes a gente pega disciplina de arte, né? Mas assim, eu nunca peguei e, inclusive, eu sempre tive medo de pegar, porque eu não tive nada de artes.” (Entrevista Inicial)</p> <p>“Às vezes, se pensa que arte é desenhar uma data comemorativa no quadro e mandar pintar, ou só decorar a escola [Risada de Fernanda] [...] Ou ensaiar uma dança, ou coisa assim e não é isso.” (Entrevista Inicial)</p>
Cinema	Percepções e sensibilizações em relação ao cinema	“Ai eu adoro filme [Risada de Fernanda], adoro ver um filme.” (Entrevista Inicial)
	Cinema como instrumento de valores morais	
	Cinema como ferramenta de	

	conteúdo de disciplina	
	Criação cinematográfica na metodologia pedagógica	<p>“[...] ano passado eu trabalhei em uma escola ano passado onde os alunos do sexto ao nono desenvolvem muita coisa diferente. Ficava boba de ver, eram trabalhos sobre empreendedorismo... Na exposição pedagógica teve filme que eles fizeram, os próprios alunos fizeram e editaram o vídeo, e com uma facilidade total [...]”(Entrevista Inicial)</p> <p>“F: Deu muito trabalho, porque as salas são de trinta a trinta e dois alunos, mais o especial. Y:Ah! F:E era figurino, e era gravação, e era silencio, tinha que ter silencio. [Risada de ambas]. Assim, eu não vou mentir para você, tinha dia que eu chegava em casa e ficava assim “Gente, porque eu inventei de fazer isso?” (Entrevista Inicial)</p> <p>“É muito bom essa questão de o cinema entrar na escola, porque, as vezes eu falo para você “Não é que o aluno não quer” é lógico que muitas vezes você vai ter barreira de aluno tímido, aluno que vai demorar para se soltar, mas a maior barreira é o professor. O professor que não quer trabalhar, ele não traz para dentro da sala de aula, porque não sabe, por que não entende!” (Entrevista Inicial)</p>
	Produção audiovisual em ambiente de formação	<p>“[...] a gente se questiona bastante, né? Porque, tipo assim, você vê colegas... Não é falando mal, mas você vê colegas que tão ali naquele tradicionalzão, né? É prova, é trabalho no sulfite, é caderno, caderno, caderno. E você fica se vendo “Gente, que trabalheira” não existe hora atividade quando você decide participar de um projeto desse” (Entrevista Inicial)</p> <p>“F: [...] mas no dia da apresentação, foi jornal, teve filmagem, e todo mundo fico boquiaberto com as crianças, porque eles gravaram... Sabe o roteiro? A gente fez o roteiro!” (Entrevista Inicial) Y:Sei, sei. F:Eles levaram para casa e eles vinham com o roteiro na ponta da língua. Menina, quando um errava o outro falava “Sua fala não é essa! Você tem que fala isso, isso e isso” [Risada de ambas]. Foi uma experiencia surreal, por isso que quando eu vi o link do seu projeto, eu logo cliquei, porque quero aprender algumas coisas. Já que ano passado vivenciei isso!” (Entrevista Inicial)</p> <p>“E realmente, é muito trabalhoso, mas é incrível como as crianças participam, e os pais, eles veem e é uma coisa diferente, sabe? Falávamos para os pais que precisava de figurino, mas se não tivessem então a gente se virava. Porque a gente se vira, né?” (Entrevista Inicial)</p> <p>“Moveu a escola, e foi... Todo mundo só falava disso. E as crianças assim... A leitura deles, ali eu trabalhei a leitura, a interpretação de texto, dicção. Tudo ali naquele roteiro.” (Entrevista Inicial)</p> <p>“Você já perde o medo, porque é um medo do novo, sabe? Muito professores não conhecem, não sabem, aí fica com medo de arriscar.” (Entrevista Inicial)</p> <p>“Eu acho essencial atualmente, para mim a palavra essencial. Porque, como te falei, eu vi a mudança nos meus alunos de terceiro ano enquanto trabalhavam com isso.” (Entrevista Inicial)</p>
Tecnologia	Utilização de equipamento audiovisual	<p>“[...] o máximo que usava era computador e a caixa de som, como eu falei antes, eu não tinha muita experiência com essas coisas de filmagem e de gravar. Foi mais no ano passado na escola no qual participei do projeto, inclusive comprei um celular melhor por causa da câmera” (Entrevista Inicial)</p> <p>“Atualmente eu uso mais, assim, única coisa que não tinha como usar onde eu to era televisão porque não tem. Mas caixa de som, computador e celular, foi tudo que eu levei em fevereiro para lá.” (Entrevista Inicial)</p>

	Dificuldades	<p>“[...] eu confesso que eu tinha bastante dificuldade, principalmente nessa questão de celular, de gravar, de filmar, de editar.” (Entrevista Inicial)</p> <p>“Eu sempre pedia bastante ajuda, e geralmente, o regente nunca trabalha sozinho. Sempre trabalhamos com outras áreas, então sempre tive bastante ajuda dos professores.” (Entrevista Inicial)</p>
	Internet	<p>“[...] nossa internet ruim, né? Que atrapalhou a gente um pouco.” (Entrevista Final)</p> <p>“E no ano de 2019, para fazer o vídeo na escola anterior eu não sabia nada, e ninguém sabia nada, foi tudo pesquisado no youtube. Eu lembro até que foi muito engraçado porque a gente pediu ajuda para professor de tecnologia, e ele ficou em pânico porque era a primeira vez dele também na sala de tecnologia.” (Entrevista Final)</p>
Formação continuada	Tramas Poéticas	<p>“Eu gostei de participar, se tiver de novo vou participar e gostaria que fosse presencial. Fale agora, Ana” [A brincadeira no final se refere ao fato de que Fernanda caiu do encontro, e Ana começou a falar, para então Fernanda entrar novamente rindo e a interrompendo] (Encontro 11 – Encerramento)</p> <p>“Gostei do vínculo da turma também, que começamos juntos e não desistiu foi até o fim aos trancos e barrancos. [...] A gente conseguiu, aos trancos e barrancos com Ana mandando mensagem “Entre, Fernanda, já começou e não sei o que” [risada de Fernanda]. Às vezes, batia um desânimo, mas enfim, você foi super maravilhosa com a gente, viu? Parabéns!” (Encontro 11 – Encerramento)</p> <p>“[...] por conta do Classroom, eu nunca tinha utilizado [Risada Fernanda]. Trouxe benefícios, a gente aprendeu a utilizar, a enviar vídeos, a enviar atividades, a editar lá mesmo. Eu nunca usado nenhuma dessas ferramentas, menina, eu só usei por conta do curso mesmo. Eu gostei das atividades, achei bem interessante, a do questionário achei legal, porque eu assisti e respondi direitinho.” (Entrevista Final)</p> <p>“E eu achei que ia ser chato sinceramente, até então nunca teve nada parecido, assim de formação para aprendermos a fazer vídeo, sobre filmagem, essas coisas assim nunca tiveram. É a primeira vez. Por isso que quando eu vi o nome, me inscrevi, falei pra Ana “Vou testar! Se for chato eu saio”, mas não foi chato, foi ótimo, me surpreendeu nessa questão. E foi totalmente diferente, você usou as suas dinâmicas nas aulas, foram totalmente diferentes das formações que estamos acostumados a ter.” (Entrevista Final)</p> <p>“[...] ajudaria muito a gente, como eu te falei aprendi bastante coisa no curso, agora sei identificar as coisas.” (Entrevista Final)</p> <p>“[...] eu e a Ana falamos bastante do curso para outras pessoas e os outros colegas nossos ficaram triste porque eles não se inscreveram já que eles são de área, um era matemática, a outra era educação física [...]” (Entrevista Final)</p> <p>“É, eu não imaginei nada, porque como te falei, eu não tava com muita expectativa, achei que ia ser mais falação... Assim, não acreditei que ia ter mão na massa, sendo bem sincera. Eu achei que você ia dar o curso, você iria produzir alguma coisa lá, e mostrar pra gente. Sendo bem sincera, foi o que passou pela minha cabeça, porque é o que eu já to acostumada, sabe? É só falação e já entrega tudo pronto. [...] O bom foi que me surpreendi” (Entrevista Final)</p>
	Sentidos na criação cinematográfica	<p>“Ai eu achei lindo, menina, eu coloquei aqui na tv de casa, chorei, mandei pra minha mãe, irmã, vizinha.” (Entrevista Final)</p> <p>“Eu achei que ao mesmo tempo que ele ficou bonito e interessante, as questões foram bem interessantes. Você pegou desde do início da pandemia, que parecia uma notícia de Fantástico, achei muito interessante. Até quando eu coloquei na tv, o meu marido falou “O que é essa reportagem?” e eu falei “É do curso, querido” (Entrevista Final)</p> <p>“Olha, a palavra-chave seria desafio, porque se eu tivesse lá na escola, seria totalmente diferente, porque eu teria tempo, teria as crianças ali, eu acompanharia o dia todo e as vezes</p>

	acompanhamos até em casa, e poderia entrevistar até os pais, sabe? Porque eles amam conversa.” (Entrevista Final)
	<p>“[...] como eu te falei, só de ter gravado aqueles pedacinhos com a Ana... Só que de pedacinho meu e pedacinho de Catarina acabou formando um vídeo lindo. Na hora que eu recebi, mandei para as meninas que trabalham com a gente na escola das águas, elas também acharam lindo! Mandei para minha mãe, para minha irmã e eu ia explicando “Eu gravei essa parte ai! Eu e a Ana” [Risada de Fernanda]” (Entrevista Final)</p> <p>“Com certeza me sinto autor, é aquilo que eu te falei, você sente que participou daquilo. Você participou do curso, você fez, você tava ali.” (Entrevista Final)</p>
Troca de experiências	<p>“Yasmin: É uma demanda que eu vi, e eu acho, que mesmo que não seja objetivo deste curso, acho que vocês vão acabar criando um grupo de apoio de certa forma. Tipo “Olha, você está fazendo eu também consigo fazer”, nesse sentido, sabe? Fernanda: Eu consegui, né? Você também consegue. Eu acho que é bem isso mesmo, muito interessante.” (Entrevista Inicial)</p> <p>“[...] a minha expectativa maior é trocar. Eu quero... Eu acredito muito na troca, eu acho que de repente tem aquele colega que já fez uma coisa maior que a minha, pode me ajudar, me ensinar, me inspirar.” (Entrevista Inicial)</p> <p>“Fala agora um pouco, Ana” (Encontro 6 – Trocas de experiências)</p> <p>“Mas sabe, Yasmin, esse tempinho para a gente falar e desabafar, é bom. Ajuda, alivia a gente” (Encontro 6 – Troca de experiências)</p>
O ato de criação	<p>“Foi tudo muito rápido, e no meio dessa doideira, ainda tivemos que parar, pegar um aluno ali, explicar rapidinho para ele o que ia acontecer e colocar o celular na cara dele, ele que não tem telefone, e lá mal vem celular.” (Entrevista Final)</p> <p>“Era um desespero, e quando eu gravei aquele outro vídeo, foi o dia que o tempo virou. Saímos da cidade em um sol de rachar, de repente de tarde o tempo fechou, parecia um mar, era umas ondas que subia lá em cima e descia.” (Entrevista Final)</p> <p>“Eu e Ana tentamos fazer os vídeos nesse meio tempo [Risada de Fernanda] Foi um desespero total, foi um desafio mesmo. Um desafio grande mesmo.” (Entrevista Final)</p> <p>“Em aprender a gravar, em conseguir gravar, em utilizar a questão que tu falou do celular, no qual a gente grava com um aparelho e com o outro grava a voz perto da boca para gravar o áudio. Eu ficava toda hora “Ana, liga o seu celular põe na boca da criança”.” (Entrevista Final)</p> <p>“Foi um desafio, menina, depois a gente fica rindo, mas dá um nervoso de conseguir fazer, sabe?” (Entrevista Final)</p> <p>“Eu senti até dificuldade e aí a gente teve que falar... Por exemplo, Ana fazia a pergunta e eu filmava, a menina olhava para Ana e ficava “O que é para fazer?”. [Risada de ambas]. Aí eu parava de filmar, falava “Meu Deus Ana” e aí a Ana explicava de novo, eu ligava de novo e gravava de novo. Eu achei que a dificuldade deles foi essa: vergonha. Ficaram tímidos.” (Entrevista Final)</p> <p>“Eu achei que ia ser uma gravação qualquer, íamos mandar, e pronto. Eu não achei que ia me preocupar, que eu ia me pegar virando o celular, angulando... [Risada de Fernanda]” (Entrevista Final)</p> <p>“E eu fazendo com a Ana, a questão do telefone dela para ficar perto da boca. Não esperava nada disso. Eu achei ia gravar o negocinho, te mandar, e só!” (Entrevista Final)</p>
Empatia	

		<p>“Como eu falo com as minhas amigas e eu também já falei bastante com a Ana também pro meu outro amigo... Eu não sei se sou eu que sou assim, mas aonde estou, tento fazer tudo que posso, sabe? Tudo, faço máximo tudo, o que eu puder fazer pela criança eu faço, mas as vezes vejo colega que não mexe no coração, sabe? Não toca no coração, e na realidade da criança, e não tem vontade de fazer a mudança e fazer a diferença. Eu fico triste com isso. Quando a gente chegou lá e a Yasmim os pais nem olharam para nossa cara eles estavam acostumado com outro tipo de grupo de professores que estavam lá a muitos anos, né Ana?” (Encontro 6 – Trocas de experiências)</p> <p>“Gente, eu quase chorei. Eu só não chorei porque ficou travando a internet” (Encontro 11 – Encerramento)</p> <p>“Por isso que eu acho que se tivesse sido com o adolescente teria sido mais fácil, mesmo que não tenha internet, eles têm um telefone para joguinho, ou tirar foto, alguns tem. Ou mesmo que não tenha, eles já são mais familiarizados com tecnologia e celular. Agora os pequenos não, se você coloca um telefone com flash na cara deles e faz pergunta, eles ficam acuado. Até você explicar que é pra isso e aquilo, tinha que ajudar eles.” (Entrevista Final)</p> <p>“[...] foram situações totalmente diferentes, cada grupo teve uma situação totalmente diferente para fazer o vídeo. Mas que, e é o que eu acho, quando junto em um todo, ficou muito lindo! Aquela parte que o Carlos gravou a escola dele vazia e aquela escola normalmente é lotada de criança. Ali normalmente fica cheio de criança correndo e deu uma angústia, sabe? E a parte que o outro professor gravou, todas emocionadas, falando da situação delas” (Entrevista Final)</p> <p>“[...] é lógico que como em toda profissão, a nossa não é diferente. Tem professores que deixam a desejar de fato mas assim a maioria é muito dedicada, a maioria não quer está em casa, a maioria quer estar ali com seu aluno. e falarem “Ai o professor deve estar amando a pandemia”, é mentira! É desesperador, Yasmin, ver que foi um ano perdido para a gente e eles, principalmente para eles” (Entrevista Final)</p> <p>“[...] o vídeo em um todo, eu me identifiquei muito com todas as falas, com as crianças falando, das professoras angustiadas, das crianças falando que estavam com saudade. Aí! É assim, eu acho que todo professor que assiste se identifica na retrospectiva do Fantástico e aí também teve... Um lindo que falou sobre a educação na pandemia, assim também nossa, por isso que você vê que a gente passou por tudo isso, ainda está passando, e ainda vai passar!” (Entrevista Final)</p> <p>“[...] eu me identifiquei muito com o vídeo, com todas as filmagens, com todas as partes, eu achei que cada fez uma coisa diferente, não ficou na mesmice.” (Entrevista Final)</p>
Pandemia	Presencial	“[...] como eu falei, aliais como todo mundo falo: se tivesse sido presencial, teria sido bem melhor [Risada de Fernanda]” (Entrevista Final)
	Trabalho em casa	

Categorização - Izabella

Escola	Dificuldades	<p>“Então, depois que veio essa pandemia nós ficamos assim totalmente ligados na internet, porém meus alunos não tem acesso a internet para mim ainda continua sendo atividades impressa, a gente trabalha até da mesma forma. Porém, não temos aquele retorno dos alunos como mandar, postar atividade em plataforma, trabalhar pelo WhatsApp como está sendo trabalhado agora.” (Entrevista Inicial)</p> <p>“[...] eles [os alunos] não têm acesso à internet, a gente faz trabalho fazendo as atividades impressas que é entregue para eles fazerem e aí eles entregam novamente para a gente.”</p>
	Rotina de trabalho pedagógico	<p>“Bom o nosso trabalho agora é assim... É um lugar totalmente diferente. É um lugar que a gente tem hora para entrar e hora para sair, porém, é uma sala aonde a gente não tem o contato com eles, físico, quer dizer, a gente não pode encostar a gente passa a evitar está de costa ao máximo. E a maioria tem que ser prático, por que você está de frente com eles. Manusear, tipo, falar, tem que ser distante a gente não pode encostar dentro lá do masculino. E... quanto a questão da internet, também era tudo pela internet antes da pandemia, porém, a gente não entra com muita coisa lá. Você já sabe disso, disso a gente não entra com muita coisa, é o lápis, a caneta do quadro, o livro, um caderno e uma borracha. É bem assim, a gente não pode entrar com muita coisa e quando entra tem que ter autorização tanto da nossa coordenação quanto da equipe do no presídio para informar que está entrando com algumas coisas para dar aula prática, tipo, tesoura tem que ser sem ponta, cola...” (Entrevista Inicial)</p> <p>“[...] atividades continuam sendo com aulas remotas, faz o planejamento, faz atividades. Todo mês tem, a cada 15 dias as atividades, aí é entregue na coordenação, a coordenação leva e depois na semana ela pega para a gente corrigir as atividades é dessa forma que a gente está trabalhando.” (Entrevista Inicial)</p> <p>“[...] a gente é pedagogo normal, porém, em vez de dar aula só para uma série eu tenho que dar para todos. Lá os conteúdos são diferenciados devido ao grau de aprendizagem de cada aluno.” (Entrevista Inicial)</p> <p>“A gente trabalha no EJA, que vamos supor, a gente trabalha do primeiro ao quinto ano, eu não tenho como... Eu, Izabella, eu não tenho como tipo trabalhar numa sala com 25 alunos e falar, olha, eu tenho alunos do 1º ao 3º ano do módulo 1 e o do quarto ao quinto ano módulo 2. Só que são todos juntos dentro da mesma sala e eu não tenho como tipo assim, é uma hora de aula vamos supor. E eu entrar e “Ah eu vou trabalhar meia hora que eu módulo 1, e o módulo 2 fica lá esperando e aí eu vou lá e dou conteúdo para o módulo 2 e aí o módulo 1 fica esperando”. Eu não tenho como fazer isso que eles tão me pedindo, estou numa sala onde todo mundo tá aprendendo de tudo, o que tá no primeiro vai aprender o conteúdo que está no quinto e o que está no quinto vai aprender do primeiro. E eles querem que a gente tem que fazer essa divisão e não existe isso, então é umas coisas assim que eles vêm cobrando da gente que... E a pessoa que cai de paraquedas...” (Entrevista Final)</p> <p>“Como eu falei para você, eu trabalho no presídio, então eu não estou vivendo esse momento de internet como todos eles estão fazendo gravação de aula, gravando vídeo, fazendo tudo por plataforma. Não é a minha realidade hoje, pelo fato de os alunos serem presos e não terem acesso à internet, não vivo essa realidade.” (Entrevista Final)</p>

	Dinâmica organizacional	<p>“Você tem que seguir uma ordem do que está sendo feito e todo mês é assim.” (Entrevista Inicial)</p> <p>“A única diferença é que a gente não grava como eu falei para você, mas a gente fica doido também. Porque o povo às vezes fala para gente "Ah eu quero isso para ontem". Então, você tem que se desdobrar em menos de 24 horas para dar conta de tudo aqui dali que tão pedindo entendeu?” (Entrevista Final)</p> <p>“É tipo assim, em questão da prova eles querem que a gente faça uma prova do Inicial 1 e uma prova do Inicial 2. Aí você pensa quem da sexta sétima oitava e nona intermediário 1 2 3 e 4, eles querem uma prova do intermediário 1 e 1 prova do 2,3, e uma prova do 4. uma prova para cada módulo, porém, só que você tá no EJA... O EJA é tudo junto. O que um faz é a prova que todos os outros vão fazer.” (Entrevista Final)</p> <p>“I: Sim, nós tivemos.</p> <p>Y: Presencial? Nossa.</p> <p>I: Sim, nós tivemos, quando a gente se apresentou, no dia 3 fevereiro e foi na escola, nós tivemos que ir todos os dias. Durou uma semana.” (Entrevista Final)</p> <p>“Isso eu que entrei no ano passado [2020], ano passado não teve [formação continuada], e isso é uma coisa que a gente cobrou. Porque às vezes eles cobram algo da gente, que não sabemos. E é aquilo que eu falei para você que pedem coisas que às vezes a gente não entende, mas mesmo com a formação que a gente teve em fevereiro... Ela não foi específica para a gente, ela foi de modo geral.” (Entrevista Final)</p>
	Reflexão-crítica	<p>“Tem escola que te dá a liberdade de você trabalhar e ai tem escola que você tem que seguir o que eles determinam pra você. Aqui na cidade é muito assim, eles têm um método e aí você tem que seguir aquilo lá, porém na zona rural a gente tem, eles se norteiam, porém você tem a liberdade de você trabalhar do que você quer fazer dentro de sala de aula.” (Entrevista Inicial)</p> <p>“A criança tem que conhecer, tem que saber a realidade nossa não é só dentro de sala de aula, a nossa realidade é fora, se você ficar muito assim só teoria, quadro, quadro, quadro, fica uma coisa muito monótona e criança nenhuma aguenta, até a gente mesmo não aguenta, sabe?” (Entrevista Inicial)</p>

		<p>“E o pior de tudo, tipo assim, vamos supor no caso quem dá na escola regular a gente não sabe se a criança realmente tá fazendo atividade e a gente não sabe se é o pai se é uma mãe ou irmão. Tudo isso a gente não sabe” (Entrevista Final)</p> <p>“Nem quando eu entrei, eles não chegaram a explicar para gente tipo "O sistema prisional é assim, assim e assado e dessa forma e assim. E esses são os leques de opções para dialogar e tal". Não, nós não tivemos isso. Nós tivemos agora, em fevereiro, mas foi um modo geral, de acordo com as escolas do Estado e não referente ao nosso sistema.” (Entrevista Final)</p> <p>“Então é assim, era um filmezinho que era para a gente se identificar. Se o que a gente tá vivendo era de acordo com aquilo ou identificar se aquilo ali era o correto, ou se o aquele outro momento dentro do filme era correto ou não, o que faltava para melhorar aquilo ali. Então, a nossa formação ela já foi com vídeo, mesmo que tenha sido curta, teve com áudio e sem áudio” (Entrevista Final)</p>
Alunos	Turma	<p>“Só que assim é como se você trabalhasse com criança, o fato de você passar os conhecimentos pra eles. Porque por que tem muitos que não sabe ler, não sabe pegar no lápis direito, sabe?” (Entrevista Inicial)</p> <p>“E o adulto não, e o adulto porque a bagagem que ele já tem aquilo ali e pronto.” (Entrevista Inicial)</p>
	Criança	<p>“[...] porque a criança, ela vem com uma bagagem de casa e não sabemos o que vai enfrentar. Porém, através dessa bagagem dela a gente usa pra transformar através do aprendizado que vamos passa.” (Entrevista Inicial)</p> <p>“A criança é... Ela... como posso dizer? Ixi Jesus [risada], a criança eu acho que é um aprendizado constante. Porque quando a criança vem pra gente, ela vem só com aquela bagagem de casa.” (Entrevista Inicial)</p> <p>“É como eu falo, é o moldar da criança, porque você vai trabalhando de acordo com cada série e eles vão adquirindo esse conhecimento” (Entrevista Inicial)</p> <p>“Lá no nosso caso da área rural a infância das crianças, como eu já falei são criança diferentes da cidade, ela é uma criança mais carente, você vê uma outra realidade da infância delas.” (Entrevista Inicial)</p> <p>“[...] tem criança que realmente é complicado porque a gente não sabe a realidade dentro de casa. A gente sabe aquele convívio dentro da escola, entendeu? Ali a gente sabe daquelas 8 horas que vivem lá dentro, tipo, tem criança que não tem o que comer em casa, só come na escola. Tem criança que vai embora tipo, que come o lanche da tarde da tarde 2 e meia da tarde vai embora e só vem no outro dia para comer o café da manhã. É a realidade da zona rural que é mais complicado sabe então tem crianças na escola que não querem ir embora. Porque tem o que comer, as pessoas a conquistam então tem aquele carinho” (Entrevista Inicial)</p>

	Infância	“Vivências na área escola, a vivência do seu ambiente familiar, são momentos diferentes onde a criança vai assimilando.” (Entrevista Inicial)
Profissional	Formação Acadêmica	<p>“Eu trabalhei durante quase 5 anos num hotel, já tinha formado em 2015, mas aí como eu tive bebê, eu não comecei dar aula.[...] E aí eu decidi sair em 2018 pra dar aula.” (Entrevista Inicial)</p> <p>“Eu consegui no presídio, não sei se você viu ali que eu coloquei, e lá é EJA.” (Entrevista Inicial)</p> <p>“Eu sou formada em pedagogia, eu fiz na Instituição Y, e também sou formada em turismo pela na instituição U.” (Entrevista Inicial)</p>
	Experiência como professor	<p>“Assim é uma nova fase que eu estou vivendo mas que a gente ainda encontra assim uma dificuldade pelo fato de serem adultos, porém não tem aquela base de conhecimento do inicial” (Entrevista Inicial)</p> <p>“Eu falei “Nossa Senhora, é outra realidade”, é diferente, muito diferente.” (Entrevista Inicial)</p> <p>“Eu entrei na creche durante um semestre e aí depois me mudaram pro primeiro ano quando eu troquei de escola em 2018, e em 2019 eu trabalhei no quarto ano na escola rural. E esse ano como eu te falei, estou no EJA, no sistema penal.” (Entrevista Inicial)</p> <p>“São crianças bem carente é uma outra realidade que a gente vive diferente da realidade da cidade.” – Decidi colocar nessa categoria pois ela se refere a uma realidade que viveu ao invés de ser apenas um ponto de vista criado de um senso comum.” (Entrevista Inicial)</p> <p>“Isso aí é muito gratificante para a gente, uma coisa que você conquista criança, faz a criança ter gosto por aquela atividade. Pra mim foi muito bom trabalhar na área rural e é um conhecimento a mais para eles.” (Entrevista Inicial)</p>
	Colegas de profissão	<p>“[...] por que nós tínhamos um professor lá de educação física que ele filmava tudo o que ele fazia e as crianças, ele as vezes colocava as crianças para fazerem isso entendeu? Ele dava aula e sempre tinha um aluno que filmava, aí quando ele fazia campeonato lá, tudo ele filmava. Ele fez uns curtas metragens lá na escola, nos anos anteriores e é bacana porque quando vai passando os anos você vai vendo o crescimento e desenvolvimento das crianças.” (Entrevista Inicial)</p> <p>“A Cida ficou louca, entendeu? A Cida ficou muito doida durante o ano passado e eu não fiquei tanto assim, mas a gente teve os momentos cabeludos, sabe? Porque tudo era muito novo e isso tudo foi muito difícil, mas eu acho que a gente venceu isso aí e tá vencendo.” (Entrevista Final)</p> <p>“Sim, porque Yasmin, tem professor que não sabe mexer em um celular, tem professor que não sabe mexer em um computador. E tudo isso a gente vem adquirindo de aprendizado.” (Entrevista Final)</p>

	<p>Sentidos e sensibilização em relação à própria docência</p>	<p>“Por mais que eles não tenham uma direção naquilo que a gente tá pedindo, mas só o fato de você já vê os olhinhos das crianças o que eles estão tentando fazer de alguma forma, já é bem gratificante pra gente.” (Entrevista Inicial)</p> <p>“Então é assim, eu falo porque é uma coisa que eu me apaixonei muito dar aula na zona rural. [...] O trabalhar com as crianças é totalmente diferente.” (Entrevista Inicial)</p> <p>“Mas eu gosto de passar muita coisa prática, ou seja, além de inovar a gente tem que estar conquistando as crianças pra não desanimarem do estudo.” (Entrevista Inicial)</p> <p>“Sim, me fez pensar pelo fato de eu estar vivendo essa realidade diferente, mas eu acho que... Não muda muito em termos de tipo... A minha realidade a gente corre atrás do mesmo jeito, corre atrás atividade, elabore atividade, tem que sair para escola quase todos os dias, então não deixa a gente está trabalhando, eu só fiquei um pouquinho menos louca do que... [Risada]” (Entrevista Final)</p>
	<p>Busca por saberes docentes</p>	<p>“[...] eu achei interessante, porque um momento que a gente está vivendo é a gente está a base de vídeo, de internet. É uma coisa que veio para mudar a vida da gente, né?” (Entrevista Inicial)</p> <p>“Aí eu achei interessante o tema Tramas Poéticas, falei “Nossa, eu quero aprender!” (Entrevista Inicial)</p> <p>“Então eu já acho que é um conhecimento mais que eu tive, só que eu não vou viver essa realidade lá infelizmente. Mas contribuiu para mim como um aprendizado a mais entendeu?” (Entrevista Final)</p> <p>“Algumas <i>lives</i> que eu assisti de professores renomados fora que vem falando muito dos programas, do Canvas e de outros programas lá que você usa para editar, para você produzir vídeos pequenos, né? É coisa que se eu não assistisse a <i>live</i> eu nunca ia saber que existe. É uma algo assim, que só de você assistindo, de você ouvindo que a pessoa tá falando para você saber o que é.” (Entrevista Final)</p> <p>“Eu só quero agradecer você pela oportunidade, que venha muito mais curtas, que vem outras pessoas empenhadas em aprender sempre, porque vale muito a pena.” (Entrevista Final)</p>

A arte no trabalho em escola	Arte como metodologia pedagógica	<p>“Seja ela através da leitura ou um livro de história, ou vídeo e imagem. Então são coisas que a gente faz pra conquistar a criança durante o seu aprendizado. Ou uma historinha também.” (Entrevista Inicial)</p> <p>“Então mostrar vídeos, levar as crianças para a internet ou fazer muita aula prática tanto com português, matemática, história, ciências, então, é uma área em que a gente pode trabalhar muito lá. E é uma coisa que conquista, você ver o entusiasmo das crianças assim como uma coisa gratificante para você e influência muito quando você vê que criança tá afim de aprender.” (Entrevista Inicial)</p>
	Arte como disciplina	
Cinema	Percepções e sensibilizações em relação ao cinema	
	Cinema como instrumento de valores morais	
	Cinema como ferramenta de conteúdo de disciplina	<p>“No meu no meu pensamento, como eu trabalhei na escola na zona rural, essa área de cinematografia pra gente conquistar a criança a utilizar o celular, ou através de um vídeo é uma coisa que cativa muita criança e chama muita atenção porque tem muitas crianças que não tem celular.” (Entrevista Inicial)</p>
	Criação cinematográfica na metodologia pedagógica	
	Produção audiovisual em ambiente de formação	<p>“Então quando levamos um celular, vamos supor que a gente tenha uma aula prática no campo e a gente pede pra uma criança filmar, eles ficam assim bem empolgados [...]”(Entrevista Inicial)</p> <p>“Porque eu fiz com as crianças, no ano passado, algumas atividades que eles faziam e tinha alguns momentos que eu colocava as crianças pra filmar o coleguinha fazendo atividades, sabe? E com isso eles aprendiam a manusear. Mas assim, eu não fiz em um trabalho de edição não, era mais o fato deles terem o contato de estar filmando, segurando na posição correta e a animação deles.” (Entrevista Inicial)</p>

Tecnologia	Utilização de equipamento audiovisual	<p>“[...] eu já utilizei, datashow, TV, caixa de som, já na escola normal. Mas aonde eu estou não, eu não entro com nada, lá a gente não pode entrar nem com brinco ou relógio.” (Entrevista Inicial)</p> <p>“Eu não lembro do nome dos outros programas, mas tem muitos programas mesmo que você faz para editar, para gravar. Se você quer com o áudio, sem áudio, se quer escrever, é uma coisa assim nem me passava pela cabeça. Eu achava que era você pegar o celular sair gravando e era aquilo ali [risada]. Não é bem assim” (Entrevista Final)</p>
	Dificuldades	
	Internet	<p>“Y: Ta desanimada, Iza?”</p> <p>I: É essa internet que estressa” (Encontro 4 – Artes visuais)</p>
Formação continuada	Tramas Poéticas	<p>“Para mim foi bem interessante o curso, como eu falei para você, pra mim foi novidade no começo porque nunca tinha participado de nada assim. Em questão de filmar, mesmo com o processo de pandemia que tivemos, eu não gravei nenhum vídeo, porque a minha realidade e dos meus alunos é outra. [...] Então para eu gravar, que eu fiquei rindo o tempo todo, foi uma novidade para mim [risada de Izabella]. Foi bom, eu aprendi bastante coisa. Você também foi bem atenciosa com a gente, dedicada, espero que você tenha conseguido a atingir seu objetivo em relação ao nosso vídeo.[...] Até a história do casaco esquecido no parquinho foi dez [referência a dinâmica do encontro de feedback]. Foi super tranquilo, eu gostei, pena que está acabando.” (Encontro 11 – Encerramento)</p> <p>“Foi algo que eu aprendi muito. Aonde que eu ia pensar que eu ia gravar? [Risada] Que eu iria ser a protagonista do curta é um lado onde a gente vai deixando os nossos medos de lado, vai usando a imaginação, usando a criatividade, e eu acho que valeu a pena sim, entendeu?” (Entrevista Final)</p> <p>“A vida da gente, então o curso teve muito aprendizado, eu tive e a Maria Helena também, foi super tranquilo, eu acho que foi uma barreira que a gente tinha.” (Entrevista Final)</p>
	Sentidos na criação cinematográfica	<p>[Observação sobreo curta exibido] “[...] tem criança ali que tem vergonha, tem criança ali que é bem desinibido, bem interessante. [...] Eu to aqui para aprender” (Encontro 6 – Pré-produção)</p> <p>“Eu acho que vou ser a estrela de cinema. [risada nervosa] E ai Maria Helena?” (Encontro 6 – Pré-produção)</p>

		<p>“[...] vamos fazer [a filmagem do curta], é que dá frio na barriga, né? Mas, vamos fazer! Ah! Eu to com a luz na minha cabeça agora! [indicando a luz atrás de si, fazendo sobra na câmera] Eu já to ajeitando para ver como é que vou fazer aqui na minha cozinha!” (Encontro 9 – Produção)</p> <p>“[rindo]Eu tava tão nervosa, que você nem imagina.” (Encontro 11 – Encerramento)</p> <p>[Sobre a maior dificuldade de fazer o curta] “O começo, né? Mas depois que começa a gente vai embora! E o nervosismo também. A gente fica bem assim tenso.” (Encontro 11 – Encerramento)</p> <p>“Ah eu não olhei por esse olhar [de audiência], você sabe porque? Eu me vejo no vídeo e eu acho que foi muito engraçado [Risada]. E eu nunca filmei, foi minha primeira vez, então para mim foi... [risada de alegria da Izabella] .” (Encontro 11 – Encerramento)</p> <p>“Eu acho que a melhor parte foi quando eu gravei, porque... Eu fiz aquilo ali, foi uma realidade que eu vivi ali entende? Eu acho que foi a minha melhor parte. A onde eu pude viver a realidade do curso, do que tinha que ser feito. Eu fiz aquilo ali e eu acho que foi a melhor parte: gravar [Risada].” (Entrevista Final)</p> <p>“Nunca fiz isso [risada] Então eu acho que valeu a pena e que foi realmente o que a gente esperava. Agora eu quero gravar mais [Risada]” (Entrevista Final)</p> <p>“Sim, eu acho que eu cresci muito nessa parte, sabe? Em termos dos meus pensamentos e a forma de agir, eu já quero comprar até outro celular para eu sair gravando [risada], mas eu falo “eu quero ter essa oportunidade de gravar” novamente. eu aprendi e agora eu tenho que executar né? Eu só fiz um curta, então quero fazer mais.” (Entrevista Final)</p> <p>“Mas você sabe que seria uma coisa bem legal você ir na escola para a gente trabalhar com as crianças? É bom porque você sentiu a criança a gravar, a aprender a ser protagonista da sua própria história, que é o que a gente vem tentando fazer né? E eu acho que em termos de gravação assim, fazendo vídeo- curta é uma coisa bem interessante. Imagina as crianças do assentamento que não têm acesso ao celular, não tem acesso a nada, gravando vídeo? Algo que vai ser postado na internet todo mundo vai ver.” (Entrevista Final)</p> <p>“Olha, eu quero gravar de novo. Eu quero mesmo gravar de novo.” (Entrevista Final)</p>
	Troca de experiências	<p>“É para a gente responder?” (Encontro 4 – Artes Visuais)</p> <p>““Ah porque eu acho que ela é música que deixa a gente bem tranquilo. Eu acho que a gente quando tá no momento bem assim... Tumultuado. Quando gente está muito apreensivo, tem</p>

	<p>problemas, é uma música que transmite uma tranquilidade uma paz, né?” (Encontro 5 – Artes Sonoras)</p> <p>[Sobre o encontro ter duração menor] “É que você foi direto ao ponto. Não nos deixou papear” (Encontro 10 – Produção)</p> <p>“Eu acho que a melhor parte, além dos encontros que a gente tinha toda sexta-feira. Aquele horário marcado que a gente tinha lá, às vezes a gente ficava ansioso esperando que vai acontecer na sexta-feira, né?” (Entrevista Final)</p>
<p>O ato de criação</p>	<p>“Izabella: Maria Helena, o que você decidir ai, eu to fechando junto.</p> <p>Maria Helena: Não põe na minha mãe, mulher, é difícil</p> <p>Izabella: Eu confio em você,</p> <p>Yasmin: Nananina não, Iza</p> <p>Izabella: Meus neurônios não estão pensando muito hoje, estão cansados” (Encontro 6 – Pré-produção)</p> <p>“Eu to concordando [com as sugestões de Maria Helena para o roteiro] porque é a realidade que a gente vive. Ainda mais quem tem criança, né Maria?” (Encontro 6 – Pré-produção)</p> <p>“Maria Helena: Ela é mãe solteira, as crianças estavam na creche e agora tá sem creche então tem que ficar com elas em casa. Não tem ninguém para olhar as crianças.</p> <p>Izabella [rindo]: Mas tem que ter um marido para encher o saco também, né? Porque haja paciência!”</p> <p>Maria Helena: Mas quem que vai ser o marido?</p> <p>Izabella: E o marido precisa aparecer?” (Encontro 7 – Pré-produção)</p> <p>“Izabella: É que eu to falando aqui de lado, oh, a luz minha está aqui em cima, olha lá. [aponta câmera para o teto e volta para si] Agora assim fica de frente.</p> <p>Maria Helena: Assim, fica melhor.</p> <p>Izabella: Mas eu vou filmar de dia? No caso não vai ter muita luz para usar de lado.” (Encontro 9 – Produção)</p> <p>“Foi divertido gravar para a gente. Por mais que tenha partes que tenha sido... [Risada de Izabella] loucura, foi bem divertido. E foi louco porque as crianças [filhos delas] corriam para lá e pra cá, e eu tentava desviar a câmera para não pegar as crianças. Ai na hora que ela fazia</p>

		<p>a cena boa, as crianças queriam aparecer bem na frente e daí regrava de novo.” (Encontro 11 – Encerramento)</p> <p>“Eu acho que quando voltar ao normal, você deveria fazer um vídeo com a gente” (Encontro 11 – Encerramento)</p> <p>“Mesmo vivendo esse momento da pandemia, eu e a Maria Helena nos encontramos para gravar, eu fui para casa dela e foi válido, foi muito mais que 10 [risada].” (Entrevista Final)</p> <p>“Tirando o meu nervosismo, foi de boa.” (Entrevista Final)</p> <p>“Então, no vídeo eu faço a maioria das coisas rindo, eu não consigo ficar séria ponto eu falei para Maria Helena "Maria Helena, a gente precisa de uma cena comigo séria" e eu não conseguia ficar séria. Aí você viu que eu saí dando uns pulinhos no vídeo, porque você fica meio assim... Meio... Meio com vergonha e aí você tem que fazer aquilo, eu pensava "Não, vamos fazer", na hora que eu fiquei na frente da câmera, realmente, fiquei nervosa. Mas foi de boa depois [risada]” (Entrevista Final)</p> <p>“Mas as gravações trouxeram muito isso para mim de vencer essa barreira, de perder esse medo, de poder gravar. [...] Vencer essa barreira, esse medo que eu tinha. Acho que eu consegui [Risada].” (Entrevista Final)</p> <p>“Foi um barato [Risada]. Eu achei que foi algo sensacional, eu achei que foi algo fora do meu comum [Gargalhada]. Eu achei que foi uma experiência nova, maravilhosa, eu ri muito, aproveitei muito [Risada].” (Entrevista Final)</p> <p>“Ai eu me senti protagonista do curta e de tudo [Risada]” (Entrevista Final)</p> <p>“Olha, quando a gente fez eu não tinha nem noção de como ia sair. A gente não tinha ideia de como seria aquilo ali, mas o resultado final foi impressionante foi 10, foi top. Foi lindo de ver, de rir, sensacional Yasmin.” (Entrevista Final)</p> <p>“Então eu falei para você, a Maria Helena falou e ela deu a visão dela e aí eu disse que não consigo ver por outra forma. Porque eu estava me vendo ali. Então eu ainda não sei, depois eu vou rever para ver se eu consigo ter essa visão por fora, sem ser eu. Eu não consigo desvincular eu do personagem, para ver como plateia.” (Entrevista Final)</p>
	Empatia	<p>“Sim, me fez pensar pelo fato de eu estar vivendo essa realidade diferente, mas eu acho que... Não muda muito em termos de tipo... A minha realidade a gente corre atrás do mesmo jeito, corre atrás atividade, elabore atividade, tem que sair para escola quase todos os dias, então não deixa a gente está trabalhando, eu só fiquei um pouquinho menos louca do que... Ela [Risada]” (Entrevista Final)</p>

		<p>“Em parte sim, nos momentos de desespero, eu acho que a gente fica desse jeito mesmo e é uma realidade que a gente está vivenciando em casa então eu acho que eu me identifico sim. Claro. Eu vou para escola, eu trabalho em casa, e a gente fica louca e não encontra tempo para fazer as coisas, sabe? (Entrevista Final)</p>
Pandemia	Presencial	<p>“[...] e nós não podemos nos encontrar, então eu acho que isso dificulta um pouquinho o nosso papo.” (Entrevista Final)</p> <p>“Olha, eu acho que um ponto de melhoria seriam os encontros presenciais, mas isso não é uma culpa sua [...]” (Entrevista Final)</p>
	Trabalho em casa	<p>“Olha, uma coisa que eu falo é que a gente está trabalhando mais agora do que a gente trabalhava em sala de aula, porque em casa não tem hora. Você trabalha de manhã, de tarde e de noite, aí pedem isso, tem que fazer aquilo.” (Entrevista Inicial)</p> <p>“[...] o trabalho é o mesmo, sabe? Porque o que a gente faz, fazia antes, o trabalho na internet na hora atividade, você ia dar aula, mas você só não tem o acesso de ir lá. É isso que a gente não tem, sabe, mas continua trabalhando do mesmo jeito.” (Entrevista Inicial)</p>

Categorização – Maria Helena

Escola	Dificuldades	<p>“[...] sim, é pelo WhatsApp [a comunicação com os pais no ensino remoto], além do sistema de educação virtual da prefeitura o qual agente está alimentando com atividades. Assim, a gente já tem uma dificuldade dos pais de acessarem a internet, muitos pais ainda vão buscar a atividade impressa na escola por mais que a gente mande pelo WhatsApp para evitar este contato. Tem casos no qual não tem internet que suporte, tem aparelho [celular] que apaga os arquivos. Há também pais que conseguem acessar o sistema de educação virtual da prefeitura, mas tem dificuldade de navegar na plataforma, é bem complicado a gente vai se virando e praticamente a gente tá fazendo as atividades em cinco ferramentas diferentes: WhatsApp, o impresso ver o sistema educacional da prefeitura, vídeo e YouTube, então a gente tá colocando atividades aonde a gente consegue colocar.” (Entrevista Inicial)</p> <p>“Assim, eu não tô me matando porque realmente todo mundo ta adoecendo, passando mal e eu to deixando, sabe? O dia que eu pude lançar, faço um pouco e no dia que não deu, tava cansada... Ontem mesmo eu dormir com o computador ligado porque eu tô muito cansada e é o jeito eu vou lançar o que der.” (Encontro 4 – Artes Visuais)</p>
	Rotina de trabalho pedagógico	<p>Então, em sala de aula a gente faz o nosso planejamento com base na experiência, montamos com a criança a experiência. Nós fazemos, por exemplo como eu citei o caso da massinha, ou com recorte. A gente planeja isso para sala de aula, porém agora na pandemia a gente tem que planejar uma atividade pensando não só na criança, mas também no pai que vai ajudar a realizar. Às vezes o pai... Nossa! Brincadeira de cantiga, sente com seu filho e cante “Corre contigo”, dramatize a parlenda, só que o pai pensa que é brincadeira como que eu vou fazer isso com meu filho? Então a gente tem que pensar não só na criança, mas também na atividade junto com o pai, já que é ele que vai ajudar a criança a fazer atividade. (Entrevista Inicial)</p>

	Dinâmica organizacional	
	Reflexão-critica	<p>“[...] porque não é só esse momento de pandemia, quando a gente voltar vamos estar tão inteirados desse assunto de vídeo que é capaz da gente ainda continuar com esse tipo de atividade.” (Entrevista Inicial)</p> <p>“Eu acho que mais ou menos estamos na mesma situação, porém a minha opinião é assim: Não me matar mais pelo sistema educacional virtual. Tentar antecipar o máximo, mas que ele não... Por exemplo, no caso ele foi o maior vilão.” (Entrevista Final)</p> <p>“Eu acho que no geral, a escola tenta passar alguma coisa. Só que é como a gente fala, tá tudo sendo maquiado, tanto no passado quanto esse ano, que está mais maquiada ainda com outras situações que vieram acontecendo e percebemos a questão da cobrança dos pais porque ano passado eles ainda estavam compreensivos “Ah é um ano atípico. Ano que vem ele vai voltar para sala de aula e vai recuperar”. Quando se teve a notícia que de novo ia ser remoto os pais começaram a surtar “Ah não, que meu filho não está aprendendo, tem que voltar às aulas logo” e “Ai eu não consigo ensinar meus filhos, tenho dificuldade” e essas coisas, e acabou pesando mais para o lado do professor. [...] Pesou para professor, que tipo assim, o professor não está dando aula! Não basta só vídeo, vídeo chamada, vídeo explicativo ou atividade com orientações, não basta isso! Tem que ter professor junto com o aluno, eles estão praticamente quase buscando o professor para levar para casa. E “N” situações ocorrendo na escola, mas a gente sabe que é um ano atípico, mais uma vez e a gente vai tentando seguir em frente da melhor maneira possível.” (Entrevista Final)</p> <p>“Vamos dizer que era para ter uma formação como essa em cada semestre com temas variados. [...]Então, seria interessante se tivesse mais formações e oficinas dentro desse tema [arte cinematográfica].” (Entrevista Final)</p>
Alunos	Turma	
	Criança	<p>“Criança é a idade cronológica e todo o desenvolvimento dela.” (Entrevista Inicial)</p> <p>“Tem certas coisas que a gente vê a criança e fica “Ah mas ele não vai saber” se você não ensinar, ele não vai saber. Tem criança que não precisa nem ensinar, ele só de olhando você fazendo ali consegue aprender, tem facilidade para aprender certas coisas. Eu acho que as crianças são capazes sim. É claro que é como eu falei, é uma questão de evolução” (Entrevista Inicial)</p>
	Infância	<p>“[...] infância, ela pode desenvolver essa fase de criança através do lúdico, através das brincadeiras, através de atividades para aquele tipo de idade e... Porque tem todo um processo,</p>

		<p>às vezes a criança que é, vamos dizer assim, privada dessa infância, mais para frente isso vai causar algum tipo de dificuldade para ela mesma, entendeu?” (Entrevista Inicial)</p> <p>“E eu acho que infância é muito importante e tem que vivenciá-la. Bastante.” (Entrevista Inicial)</p> <p>Um tema muitíssimo interessante e amplo. Podemos falar da infância antiga, infância atual, conceito de infância pelo adulto e o conceito de infância pelo olhar da criança. A falta da infância e o trabalho infantil que mesmo nos dias de hoje não foi erradicado” (Encontro 1 – Introdução)</p>
Profissional	Formação Acadêmica	<p>“Pedagogia, em 2015 na universidade da Uniderp/Anhanguera.” (Entrevista Inicial)</p> <p>“[Incompleto] Educação Especial, eu também não terminei uma de psicopedagogia institucional e clínica, essa eu não terminei mas eu pretendo retomar.” (Entrevista Inicial)</p>
	Experiência como professor	<p>“[...] eu trabalhava com fundamental I. E eu sempre fui apaixonada... [educação infantil], antes de me formar eu trabalhava como auxiliar da educação infantil e eu sempre fui apaixonada pela educação infantil. Daí quando eu comecei trabalhar na rede eu trabalhei com fundamental I e agora eu tive oportunidade de trabalhar com educação infantil” (Entrevista Inicial)</p> <p>“Y: E você chegou dar aula?</p> <p>MH: Eu acho que foi os 15 dias no máximo. Deu pra conhecer a turma porque teve o recesso do carnaval também e aí veio a pandemia então...” (Entrevista Inicial)</p>
	Colegas de profissão	<p>“Poucas pessoas acho que aceitaram a formação pela questão da gente já estar saturado de coisas para fazer, aí mais uma formação mais alguma coisa para fazer.” (Entrevista Final)</p>
	Sentidos e sensibilização em relação à própria docência	<p>“Eu acho que é uma contribuição bastante positiva porque na verdade o pedagogo é mil e uma utilidades. Ele não é só o professor ali para dar aula, ele é o artista, se envolve com teatro, se envolve com dança, tem as atividades lúdicas principalmente para os professores da educação infantil. Não basta só você cantar a musiquinha para criança da Dona Aranha, você tem que dramatizar as musiquinhas, saber a entonação da voz, saber atuar, esse tipo de coisa” (Entrevista Final)</p> <p>“O curta representa... Representa... A insanidade do professor em tempos de pandemia, eu acho que foi isso, porque foi o que a gente passou. Nós, como professores, não éramos nós. Professor sempre foi aquele que tem paciência, é aquele que aguenta tudo “Não, tudo bem, da próxima vez vai ser melhor”, a gente dá um jeitinho, então de modo geral, e acho que não só eu, porque eu também dei uns surtos mas acho que representou bastante a vida do professor, as expectativas as frustrações, aquele vontade de larga tudo, larga a profissão, viver pedindo esmola na rua. As vezes parece ser a melhor opção do que passar por uma situação desgastante emocionalmente, não só profissionalmente, mas emocionalmente (acredito que ela quis dizer pessoalmente).” (Entrevista Final)</p>
	Busca por saberes docentes	<p>“Minha expectativa seria absorver mais conhecimento referente a arte cinematográfica, conteúdos que você falou que vai ser dado no curso. O que a gente puder aprender estamos aí.” (Entrevista Inicial)</p>

		<p>“Capacitação para melhorar nosso trabalho em tempos de pandemia. Quem sabe lá na frente envolver os alunos nessa “trama de cinematografia”” (Encontro 1 – Introdução)</p> <p>“Eu tinha, na verdade duas expectativas: absorver tudo o que o curso poderia oferecer. Minha maior expectativa é que ele fosse o mais breve possível [risada sem graça de Maria Helena]. Por questão de tempo, o meu problema é tempo, quando resolvi aceitar pensei “Ah deve ser pouquinho, são poucas horas online. Deve ser rapidinho, vai acabar em um segundo”.” (Entrevista Final)</p> <p>“Esse tipo de formação é bastante importante para os pedagogos” (Entrevista Final)</p>
A arte no trabalho em escola	Arte como metodologia pedagógica	<p>“É essencial [sobre arte, imaginação e criação no trabalho do professor pedagogo], principalmente para quem trabalha com educação infantil. Eles têm que ter este requisito” (Entrevista Inicial)</p>
	Arte como disciplina	<p>“Tem toda atividade que eu procuro aplicar para as crianças você tem que propor atividades lúdicas, por exemplo “Ah vamos falar sobre textura”. Eu vou lá pego uma receita de massinha, a gente brincar junto, vai montando, criança adora bagunça, adoro esse tipo de coisa. Fazemos a massinha, fazemos o bonequinho da massinha, faz a cor que eles querem. [...]Quando tiverem 30 ou 40 anos, eles vão lembrar “eu fiz massinha caseira em sala de aula quando eu estava estudando no prézinho”. Então isso é bastante importante mesmo.” (Entrevista Inicial)</p>
Cinema	Percepções e sensibilizações em relação ao cinema	
	Cinema como instrumento de valores morais	<p>“E eles também estavam em um período de volta carnaval, então a gente fez um projeto de cinema. Uma vez por semana tinha um dia de cinema, eles assistiram ao filme que estava em cartaz no cinema e aí a gente combinava para eles assistirem e trazer pipoca e refri. E eles estavam curtindo para c*****”(Entrevista Inicial)</p> <p>“Sim eles amavam. Por exemplo Malévola por mais que a classificação seja maior eles amaram assistir. Isso ocorreu porque cada turma tinha um filme é um projeto que foi feito com educação infantil e educação fundamental. Daí colocaram o poster de Malévola e o outro filme lá que eu não lembro o nome, e aí eles viram cartaz de Malévola e ficaram loucos para assistir.” (Entrevista Inicial)</p> <p>“Y: E é uma parte importante dos filmes né? Esse debate que se inicia entre as crianças...</p> <p>MH: Sim aí depois voltamos para sala de aula e um começa lembra um detalhe que o outro não viu e aí tem aqueles comentários de "Não, isso é assim". Então eles abrem o diálogo, até aquele que não falava no começo do ano começou a falar por causa do filme, foi bastante interessante.” (Entrevista Inicial)</p>

	Cinema como ferramenta de conteúdo de disciplina	<p>“Ah eu adoro, mas assim... Eu tinha muita dificuldade de me filmar em fazer por exemplo atividades me filmando. Por exemplo, uma atividade filmando as crianças tudo bem, tranquilo, a gente vai aprendendo aos poucos e tal, mas a questão de me filmar era nisso que eu mais tinha dificuldade. Agora com a pandemia e com tudo, agora necessário” (Entrevista Inicial)</p> <p>“Eu acho o casamento [do cinema e educação] é importante, por exemplo exibir alguns vídeos alguns filmes dentro do contexto da atividade, principal criança, com esses vídeos lúdicos e tudo mais. Eles estimulam ainda mais a aprendizagem das crianças, estimula mais o interesse pelo assunto.” (Entrevista Inicial)</p>
	Criação cinematográfica na metodologia pedagógica	[Sobre integrar o aluno ao processo de criação cinematográfica]“Ser protagonista de suas escolhas” (Encontro 1 – Introdução)
	Produção audiovisual em ambiente de formação	<p>[Sobre produção audiovisual com alunos] “Ah... Interessante [Risada de Maria Helena] é interessante, mas... É um pouco complicado né? Porque envolve outras pessoas, tem que formular o roteiro, esse tipo de coisa introdução de vídeo. Porém se for necessário a gente tem que se reinventar e correr atrás” (Entrevista Inicial)</p> <p>“Acho, mas aí tem todo um processo. Eu acho que seria um trabalho de encerramento do final do ano, mas que fosse trabalhado o ano inteiro, entendeu? Porque os pequenos não tem tanta noção assim, então é necessário trabalhinho de formiguinha” (Entrevista Final)</p>
Tecnologia	Utilização de equipamento audiovisual	“Agora eu uso tudo [Risada de ambas], uso tudo mesmo. Porém, não na sala de aula, a gente os levava para sala de multimídia que tem o datashow. E aí colocava materiais referentes aos conteúdos que estava sondando-os, principalmente sobre o “eu”, a "autonomia", o conhecimento sobre si mesmo, aí a gente pegava uns videozinhos curtos e colocava para eles assistirem.” (Entrevista Inicial)
	Dificuldades	“Fora a edição de vídeo. A gente quer fazer um trabalho bom. Não só gravar o vídeo e mandar, tem a estrutura, tem o cenário, a edição do áudio às vezes não sai um bom... Por exemplo você tá gravando e aí tem um som externo, vamos dizer um trem passando, porque eu moro bem perto de um trem, meu cachorro latindo, carro buzinando. Então a gente tenta disfarçar esse tipo de som colocando outras coisas sabe? Cortando parte do vídeo encaixando com outro. Ah sim, é só isso mesmo que eu tenho essa dificuldade, no entanto o restante a gente vai se virando. Temos vários recursos, o celular é uma ferramenta importantíssima, mais do que tudo atualmente, tem vários aplicativos, tem várias ferramentas que podemos editar o vídeo você não consegue com um você vai lá e baixa outro até você achar sua mão certa.” (Entrevista Inicial)
	Internet	E a inconstância da internet, tem dia que a gente estava bem e aí caía no meio da conversa, ou encontro adiado porque não tinha sinal e só isso mesmo mais ou menos. (Entrevista Final)

Formação continuada	Tramas Poéticas	<p>“Eu gostei bastante do curso, ele foi bem tranquilo, bem sucinto. Resumi bem, a questão das técnicas, claro que não nos tornamos profissionais em fazer ou editar vídeos, mas adquirimos um pouco de aprendizado. E a questão de flexibilidade, ele foi flexível as nossas necessidades, tanto na questão de planejamento quanto com “Ah vamos deixar para enviar as atividades outro dia” ou “Ah vamos terminar mais cedo a reunião” ou “Ah tem a questão familiar” [...] então foi bem flexível, e ajudou bastante a gente não desistir do curso, porque as vezes nos inscrevemos no curso achando que tem tempo, mas ai vai acontecendo situações que acaba até desgostando do processo em si. Mas esse curso foi muito bom, é uma pena que está acabando, deveria ter parte 2. Pensa aí em fazer uma parte 2” (Encontro 11 – Encerramento)</p> <p>“E o lado bom é que a formação foi boa, sabe? É claro, como eu falei, não deixou a gente profissional da área, mas abriu nosso olhar para uma perspectiva diferente. Um modo de enxergar, por exemplo, a questão da luz, ao foco, a questão dos efeitos sonoros entre outros.” (Entrevista Final)</p> <p>“Eu acho que foi ótimo, absorvi bastante conhecimento que eu já comecei a colocar em prática nos vídeos que estou produzindo na escola também.” (Entrevista Final)</p> <p>“A maioria das formações como a que eu participei agora, do workshop da Literatura Infantil, é uma <i>live</i>, [...] É entre eles conversando e às vezes a gente manda algumas coisas no chat mas não é tão participativa assim. É diferente desse encontro que a gente tem, que podemos nos falar, porque e às vezes mandamos uma dúvida ou elogio ali nos comentários, e passa despercebido por eles, [...] então eu acho que dessa maneira como você faz, eu acho mais dinâmico, mais participativo.” (Entrevista Final)</p>
	Sentidos na criação cinematográfica	<p>[Sobre a maior dificuldade em gravar] “Acho que a primeira [cena], né? A gente não sabia o que fazer, os posicionamentos, sabíamos mais ou menos, mas nada concreto.” (Encontro 11 – Encerramento)</p> <p>“Porque a emoção é você fazer rapidinho ali, e eu fazendo a mímica para avisar que as crianças [filhos das duas participantes] estavam vindo e ela acelerar, e mexia assim com a mão para cima “Olha para lá” e fala para ela “Fica mais animada”. Por isso que eu tirei o som também, porque ela falava assim “ E como que eu vou fazer?” aí ela começava a escrever eu falava “Faz cara de animada”, “Fala o que você tá pensando”, “Imagina os alunos”, “Arruma o material”, “Guarda agora” e tal, “Levanta”, “Mexe com o computador”, “Digita”, “Atende o celular”. Então foi uma coisa bem agitada, rápida, louca, mas ao mesmo tempo eu acho que se a gente tivesse mais tempo... É como eu te falo “Eu sou chata”, quanto mais tempo mais perfeccionista eu quero ser e nessa questão da perfeição ia até ficar sem graça.” – (Entrevista Final)</p> <p>“A parte que eu mais amei, foi a dela ficando louca, porque eu me vi assim com o sistema educacional virtual. E eu falava assim para ela “Digita”, “Ai a internet está oscilando”. Ficava assim “Fica desesperada” aí ela colocava a mão na cabeça, “Ah! O celular ta tocando, atende o celular”, ai falava “Ai meu Deus! A internet caiu!” e ela “Aaaaaaaah”. Deu certo, é como se ela tivesse sentido, porque ela exatamente não sentiu essa emoção que o sistema educacional virtual proporcionou. [...] então acho que eu quis pegar um pouquinho dessas</p>

		<p>emoções das meninas relataram eu tentei passar para Izabella porque ela não vivenciou isso, mas ela conseguiu fazer, conseguiu atuar essa parte” (Entrevista Final)</p> <p>“Sim, eu me senti [autora], por isso falei “Ah pode colocar meu nome, para eu falar contribui para esse vídeo aí”, entendeu? [Risada de Maria Helena] Não tem como a gente não ficar orgulhosa da produção.” (Entrevista Final)</p> <p>“Y: [...]Vocês fizeram tudo.</p> <p>MH: Na verdade, foi um trabalho em conjunto sim, cada um colaborou um pouco.” (Entrevista Final)</p>
	Troca de experiências	<p>“Na verdade, o professor precisa disso né? Precisa desse contato com outras pessoas, comunicação, sabe?” (Encontro 4 – Artes Visuais)</p> <p>“Complementa aí, Izabella” (Encontro 6 – Pré-produção)</p> <p>“[...] vontade de desligar o celular e dormir. Mas é um compromisso que a gente fez, e fica “Não, vamos participar” e daí as vezes até desestressa também, e alivia um pouco” (Encontro 6 – Pré-produção)</p> <p>“Por que as vezes você tá ali, meio que estressada com certas situações, e fica “Ai meu Deus! Tem o curso”. Aí chega na hora e aquilo ali você vai falando aquele assunto e meio que desvia um pouquinho, aproveita e desabafa e já fala mais ou menos o contexto que o outro está passando, o que acaba rolando uma empatia no grupo inteiro. No fim, você acaba dizendo “É disso que eu precisava”. Eu ia deixar de participar do grupo... Não, como fala? Do encontro, no caso, mas com esse encontro acabei me sentindo bem.” (Entrevista Final)</p> <p>“Foi bem legal. Foi bem dinâmico, parte dos slides que é meio assim chatinha, mas é a formação, então é necessária. Mas o restante, as nossas conversas foi uma delícia, a gente meio que saía do foco às vezes com papos mais descontraídos, porém, dando continuidade ao curso.” (Entrevista Final)</p> <p>“Sim, de fato foi um processo de aprendizagem para todas nós. Foi pra você, pra mim, pra Iza, para os outros do grupo cada uma absorveu um pouco do conhecimento compartilhado e é isso.” (Entrevista Final)</p>
	O ato de criação	<p>“Eu faço isso quando eu vou gravar algum vídeo, eu primeiro deixo uns segundinhos gravando e gesticulando para eu ver [...] se encaixa direitinho, se está tendo focando, se vai aparecer uma coisa além e aí depois eu desligo a câmera e confiro a posição certinho da câmera e aí não ficou</p>

boa, daí muda a posição e deixa gravando, rodando um pouquinho e vejo se é isso que eu quero.” (Encontro 4 – Artes Visuais)

[Sobre a escolha do som para a dinâmica] “Eu pensei, daí falei “Mas todo mundo mandaria essa”, vou procurar uma coisa que assim, acho que talvez ninguém pensaria, mas que realmente, ao menos eu acredito, que é bem a cara do deboche. Eu sou muito fã desse cara, eu já assisti todos os episódios dele e todo episódio ele tem que ter nem que seja um trechinho de deboche.” (Encontro 5 – Artes Sonoras)

[Para Izabella] “Eu vou filmar você, querida” (Encontro 6 – Pré-produção)

“Eu gostei, ficou bem cômico, do jeito que a gente queria!” (Encontro 11 – Encerramento)

“Lembra da técnica que você falou que o personagem tem que ficar bem no centro da... Sabe aquela primeira cena que ela ta na mesa? Eu estava tentando centralizar, mas eu vi que as crianças estavam ali então eu dei uma cortada nas costas dela” (Encontro 11 – Encerramento)

“Izabella [rindo]: “Aí eu ria, cara, depois que passa a gente fica lembrando, né? Vamos gravar mais Maria Helena!!!”

Maria Helena: “Ah é só você vir que a gente grava!” (Encontro 11 – Encerramento)

“Durante a edição eu já tentei ter esse olhar: Como as pessoas vão reagir ao vídeo? O que que dar para mudar? É por isso que eu fiquei pensando na questão de mudar aquele final [se referindo as alterações que ela pediu para serem feitas], porque eu já via como telespectador. Se eu visse, ia falar “Ah dezembro de 2020? Essa professora então não encerrou o ano letivo só foi até dezembro e já abandono tudo. São coisas assim pequeninhas que vemos e crítica. [...] por isso que eu já fui tentando arrumar essas coisinhas do vídeo já pensando como telespectador, como a pessoa que vai ver. De forma crítica, né? Mas ficou bem legal, [Izabella bate palmas silenciosamente pelo vídeo] assim, é uma coisa de fato, por mais que a gente passe raiva naquele momento com o sistema, e chore de raiva, como as outras, hoje em dia a gente ri. Principalmente quando contamos para as outras que nos descabelamos e caímos na gargalhada, então essa parte do vídeo é a que mais relata o nosso estresse, que foi o lançamento das coisas no sistema. [...] Mas mesmo assim demos um jeito [...] porque somos mulheres e temos que dar conta de tudo. Aquela coisa do caos e da loucura, foi o que mais representou todas que passaram por esse momento” (Encontro 11 – Encerramento)

“[...] Hoje em dia eu gravo vídeos e presto atenção na luz, no fundo, e aí sempre quando escuto... Eu não consigo enviar o vídeo só gravando a voz e enviar, eu tenho que mexer, botar um áudio bem baixinho para tentar abafar os ruídos.” (Encontro 11 – Encerramento)

“Não só a questão da gravação, mas também a atuação também. Como a Izabella falou tem momentos que ela fica olhando e rindo, e ela acha que não atuou muito bem. Então seria uma parte com isso incluso na formação, enfim.” (Entrevista Final)

		<p>“Eu já tive contato, então eu já tinha uma noção mais ou menos de como... Por isso que a Izabella sempre falava “Maria Helena que se vira. Maria Helena que faz” porque querendo ou não desde a época de escola, sempre me envolvi em aulas de teatro e “Ah não vou fazer nada”. Aí sempre acabava fazendo roteiro, fazendo cenário, e aí atuava, colocava os efeitos especiais e essas coisinhas, acabava “metendo a mão na massa”.” (Entrevista Final)</p> <p>“Que nem com esse ensino remoto que veio, eu já havia mandado alguns vídeos para os alunos então meio que aprendi a editar na marra. [...]A cada projeto que vai fazendo a gente vai desenvolvendo uma habilidade a mais e vai se aperfeiçoando. Então, sempre é bom ter o conhecimento novo, adquirir, absorver e aí botar em prática para não esquecer” (Entrevista Final)</p> <p>[Sobre o curta-metragem produzido]“[...]eu só imaginei, por exemplo, é claro que cada um tem um tipo de imaginação, eu acho que só a música, que se eu fosse colocar, seria diferente.” (Entrevista Final)</p> <p>“Fiquei [surpresa em relação ao produto final]... É porque a gente não sabia mais ou menos o que fazer, mesmo tendo o roteiro ali... Será que fica bom?” (Entrevista Final)</p>
	Empatia	<p>“Maria Helena: Linda, eu quase chorei aqui. Realmente estamos precisando, esse momento que estamos passando é muito tumultuado. Tá muito pesado, e tem hora que a gente pensa que não vai dar tudo certo mas acaba escutando a mensagem da musica “Calma, espera mais um pouco, relaxa, vai dar tudo certo, você vai conseguir”, e aí já tranquiliza mais a gente também. Às vezes você tá aí com um plano, planejando a um bom tempo uma coisa e aí chega na hora e não dá certo. Bate aquele desânimo e como a musica falou “Calma, ainda não chegou a hora, quando chegar a hora vai dar certo.</p> <p>Izabella: Tudo acontece no momento certo” (Encontro 5 – Artes Sonoras)</p> <p>“Sim, por exemplo, no caso dela por ter certas questões, [...] Você entra na produção com intuito de ensinar e com essa pandemia e com certas situações... Aí desculpa perdi a palavra [pausa]. Incapaz, vamos dizer assim, de promover o ensino de verdade para aquela pessoa ou para aquela criança então.... São situações diferentes, mas é o mesmo sentimento, entendeu? De não poder conseguir transmitir o conhecimento da forma como deve ser.” (Entrevista Final)</p> <p>“De fato, foi muito importante, como eu te falei é a questão da empatia, a gente acaba absorvendo um pouco do sentimento do outro e compartilhando... É a empatia. Se fosse algo “Ah eu preciso terminar meu mestrado e não sei o que. Irei forçar ela, nem que seja qualquer coisa para ela me mandar.”. De fato, você iria ser prejudicada, eu iria ser prejudicada, a Izabella iria ser prejudicada, todas nós seríamos prejudicadas. Mas pela questão da empatia, da paciência, tivemos uma produção que eu amei e não tem como não dizer que não foi lindo.” (Entrevista Final)</p>

Pandemia	Presencial	“Assim, o lado negativo foi só a internet mesmo que nós, como professores, estamos acostumados com o corpo a corpo e o presencial, com os encontros e dinâmicas... Coisas que são difíceis de se realizar no modo online, modo remoto.” (Entrevista Final)
	Trabalho em casa	“Ai vem a pessoa e fala: “Ah que o professor quer demais, tão ganhando para ficar em casa sem trabalhar e ainda fica só postando foto de férias no face.” Falam bem assim, fiquei, “Gente como tem pessoas tão ignorante assim”. É porque não conhecem nossa realidade”. (Encontro 5 – Arte Sonoras)